



FELIPE GABRIELE



AS FI  
LHAS  
DE CI

EDIÇÃO ESPECIAL

TEXTO E REVISÃO

Felipe Gabriele

EBOOK

Felipe Gabriele

Livro auto publicado pelo sistema *Kindle Direct Publishing*  
**versão de distribuição gratuita**

Copyright 2019 © Felipe Gabriele

*Todos os direitos reservados.*

G118f      Gabriele, Felipe.

As filhas de Ci. / Felipe Gabriele. – Recife, PE: O autor, 2019.

234 p.

ASIN B07X3PVN43

1. Ficção Brasileira. 2. Fantasia. 3. Romance. II. Título.

CDD (22 Ed.)    869.3

*Para as mulheres da minha vida.*

## NOTA DO AUTOR

Esta é uma obra de ficção baseada em fatos. Alguns personagens, lugares e situações realmente existem ou existiram, enquanto outros foram criados. Deixo à curiosidade do leitor o discernimento de cada um.

# Sumário

PRÓLOGO

01: A PIOR TRISTEZA

02: A DIFÍCIL NEGOCIAÇÃO

03: A VIAGEM

04: INFERNO VERDE

05: A PONTE

06: A GRUTA

07: A PANTERA E O CURUPIRA

08: O MUIRAQUITÃ

09: A ALDEIA GUACARI

10: IARA

11: A TRISTE NOITE ESPECIAL DE CHER

12: O ADEUS AO CACIQUE

13: O PODER DENTRO DE NÓS

14: A CIDADE DO SOL

15: BOITATÁ

16: O REENCONTRO

17: O CARANAÍ DA ÁGUA

18: FULA

19: DESPERTADA

20: O JULGAMENTO

21: O PODER

22: A PROFECIA

23: TOM E JUSSARA

24: REVELAÇÕES

25: O COMEÇO DO FIM

EPÍLOGO

## PRÓLOGO

*Grande floresta sem fim. 1º dia da Nova Era*

Era a sua última chance. O suor do medo e do calor empapava-lhe o corpo, misturando-se com o urucum e com a água da chuva; mas ele mal se atrevia a respirar. Qualquer movimentação fora do compasso poderia colocar tudo a perder.

O gigantesco animal esticava-se novamente, tentando alcançar as mais altas folhas e ramos. Ele fedia, exalando aquele cheiro peculiar que os animais molhados exalam. Suas patas e garras eram maiores que a cabeça do garoto. Se errasse, não iria sobreviver para ser enxotado da tribo como um fracassado. Era matar ou morrer. Simples assim.

Gûatá fechou os olhos e pediu que Nmerê, o espírito guerreiro, o guiasse. Soltou o ar que estava preso em seus pulmões e sugou-o novamente como se fosse a primeira vez que fazia isso na vida. Ou a última.

Correu desembestado entre as árvores, e gritou todo aquele ar de uma só vez, sem nem se preocupar em poupar algo para depois. O aigue retesou o corpo, procurando equilibrar-se enquanto

buscava a origem daquele barulho. Seu olfato captou, tarde demais, o cheiro inconfundível do humano.

O garoto impulsionou sua lança com toda a força que conseguiu reunir, sem parar de correr, como seu pai o instruíra. A besta rugiu ao ser atingida em seu torso, tentando fugir do ataque. Apesar de imenso, o aigue tinha medo do bicho homem, principalmente quando não conseguia enxergar de onde o ataque vinha, ou com quantos daqueles minúsculos macacos ele precisaria lidar. Mas fugir dentro da mata fechada era um problema bem maior para quem tinha mais de 4 metros de altura.

O bicho ainda não tinha conhecimento, mas os outros caçadores o aguardavam exatamente na direção para onde fugia. Estavam com a rede e as lanças a postos. Gûatá precisou apenas corrigir um pouco a trajetória do animal, de modo que passasse exatamente entre as duas imensas árvores onde os outros estavam escondidos. Como seu pai o havia ensinado, lançou sua outra lança no flanco direito do animal. A lança espetou em uma árvore, mas o aigue conseguiu visualizá-la e virou na direção oposta, como o garoto queria.

Ele corria e gritava, mas agora estava sorrindo. No momento seguinte a besta passaria entre as duas árvores, e o seu teste estaria



concluído. Mas foi naquele instante que eles ouviram o corno. E aquele som nunca significava coisa boa.

O aigue viu, de onde estava, a movimentação acima da árvore, e sem cerimônia jogou todo o peso do seu corpo nela. A árvore oscilou muito mais do que julgava ser capaz, derrubando dois garotos magricelas que seguravam redes e lanças. O primeiro deles caiu em um tronco, quebrando o pescoço. Bateu no solo da floresta já sem vida. O outro conseguiu cair em pé, quebrando as duas pernas no impacto. O aigue quebrou a lança que ainda espetava seu braço e sumiu dentro da floresta. Correria algumas centenas de metros antes de se sentir seguro, derrubando as árvores menores no caminho.

Gûatá correu de encontro aos seus irmãos, sem entender o que estava acontecendo. Aquela substância vermelha que aparece quando alguém se fere jorrava da cabeça do mais velho, que o olhava com olhos vidrados de terror. Seu irmão mais novo chorava ao lado, gritando em agonia. Perguntou se ele estava bem, recebendo um grito em resposta.

O corno foi ouvido de novo. Provavelmente o pai deles estaria correndo até lá para buscá-los, então Gûatá achou melhor ficar ali e esperar. Tentou calar a boca do seu irmão mais novo. Jaraguás poderiam ouvir aquele barulho. Também tentou fazer parar o

líquido vermelho, e até tentou acordar o seu irmão mais velho, mas ele não se mexia. Gûatá achou que o machucado deve ter sido muito forte. O irmão talvez fosse precisar do líquido vermelho de volta, então ele tentou colocá-lo pela boca, mas isso também não ajudou. Ele parou de tentar dar o sangue de volta ao seu irmão quando sentiu a presença, que ouriçou todos os pelos de sua nuca. Sabia que havia um animal o observando, e lentamente virou o rosto para encará-lo.

Já ouvira muitas histórias a respeito do demônio Nhengatu. Das suas imensas presas, que de tão grandes nem cabiam dentro da boca, ou do seu tamanho, duas vezes maior que uma jaraguá adulta. As velhas da tribo contavam do tempo que os demônios viviam aos montes na floresta, caçando os grandes animais. Até as jaraguás tinham medo deles. Eram imensos e ferozes e atacavam tudo. Não tinham medo do homem. Mas aquele tempo, diziam, já havia passado. Fazia muito tempo desde que avistaram um Nhengatu. As velhas disseram que nem as avós das avós de suas avós haviam visto essas bestas, o que para Gûatá era um tempo extremamente grande, e o deixava pouco preocupado sempre que ouvia as histórias do seu pai ou do seu irmão mais velho, ou até as histórias das velhas da tribo, que eram sempre as mais assustadoras.

Sua surpresa estava brigando com o seu horror para saber quem tinha mais espaço dentro da cabeça. O demônio, alheio a toda aquela discussão mental, observava em cima de uma grande pedra. Estava parcialmente submerso em sombras, e seus olhos refletiam a pouca luz, dando o aspecto fantasmagórico que Gûatá sempre temera. Seu olhar era fixo no garoto, mas ele parecia farejar o seu irmão, caído ao lado. O outro, o irmão mais novo, também deve tê-lo visto, pois estava calado.

Os dois estavam tão aterrorizados que não perceberam o pai chegando para salvá-los. O demônio rugiu mais alto que qualquer outra coisa que Gûatá ouviu ou ouviria na sua vida. Pareceu olhar diretamente em seus olhos antes de saltar para a escuridão.

## 01: A PIOR TRISTEZA

*Era aquele pesadelo. Outra vez.*

*Estava só, no meio da floresta. Corria, desesperada. Fugia de algo. Algo que me atormentara a vida inteira; que queria me destruir.*

*Estava muito escuro e frio. Enquanto ofegava, fumaça saía da minha boca, e nem a pouca roupa esfarrapada que vestia nem o exercício frenético da corrida me aqueciam. Fui tomada pelo desespero enquanto entendia que não adiantava fugir. Quanto mais corria, mais aquilo se aproximava.*

*Tropecei em uma pedra; a mesma de sempre. Caí seca no chão. As folhas pareciam lâminas de vidro, quebradiças e congeladas.*

*Ao olhar em volta, percebi que estava em um local diferente. O frio ainda existia, mas a escuridão já não era completa. O luar cheio clareava um grande lago, banhado por uma cachoeira que devia ter seus vinte metros de altura e se esparramava por quase toda a extensão da parede rochosa que desviava o rio de seu destino. Aquele cenário, mesmo à noite, era magnífico. Por um breve instante, esqueci de tudo e me permiti contemplá-lo.*

*A cachoeira, por sua vez, resolveu chamar minha atenção. O rio pareceu secar e ela sumiu. Percebi que por trás da cortina de*

*água havia um imenso corte na rocha. Uma fenda. A entrada de alguma gruta escondida no coração da floresta.*

*As águas do lago se tornaram vítreas, refletindo a lua cheia, que parecia ainda mais próxima naquela noite gelada. E aquela sensação de ser observada voltou. A angústia, a ansiedade e o medo foram jogados de uma só vez na minha mente, que maquinava e operava à toda, buscando como louca pelo meu observador.*

*Uma luz dourada, inicialmente fraca, mas que rapidamente ofuscou toda a minha visão, saiu pelo buraco da cachoeira. Eu tentava enxergar alguma coisa, mas aquela luz era forte demais. No meio dela surgiu uma silhueta, e uma voz doce e melodiosa chamava pelo meu nome.*

*Eu sempre reconheceria aquela voz. Mesmo sem nunca ter conhecido a sua dona. Era ela de novo, me chamando de dentro daquela luz incandescente e dourada. E, novamente, como numa perversa ironia, minha expectativa por vê-la era substituída pelo terror. Um monstro surgia de dentro d'água, e seus olhos de fogo me hipnotizavam e a fazia desaparecer nos ecos da minha mente. Assim como nunca esqueceria aquela voz, eu nunca esqueceria daquele olhar.*

*Era a morte, me encarando.*

Cher acordou sentada em sua cama. O grito, sufocado pelo despertar abrupto, ainda buscava uma saída da garganta. Suava pela testa e pelo pescoço, enquanto lágrimas caíam nas bochechas. Sentiu-se envergonhada por chorar. Desvencilhou-se do edredom, indo ao banheiro. Lavou seu rosto na água morna da pia e respirou fundo algumas vezes antes de se observar no espelho.

— Maldito pesadelo. — resmungou, para si, enquanto se enxugava. Já era a quarta vez naquela semana que tinha o mesmo sonho. Encarava seu reflexo, provocando-se a entender o que aquilo tudo significava. Sempre passava esses primeiros minutos com este único pensamento.

Depois, as preocupações comuns à garotas que ficam mais velhas apareceram quase que sem querer.

— Se isso for um cabelo branco eu vou ter uma conversa muito séria com Claire por me deixar andar por aí assim. — comentou para si mesma, guardando esta nota mental enquanto arrancava o dito cujo da sua lisa e negra cabeleira desgrenhada.

Arrependeu-se por não ter calçado as pantufas. Mesmo no curto trajeto, o chão estava horrivelmente frio. Voltou aos pulos para sua cama e cobriu-se novamente. Abraçou-se com suas pernas por baixo do edredom observando, da janela, o céu clareando aos

poucos através da densa neblina. Cenas do pesadelo voltavam à sua cabeça e depois iam aos poucos para o subconsciente, deixando sua mente livre para os novos pensamentos do dia.

Nem adiantava voltar a dormir. Olhara em seu celular que já eram quase sete horas, e havia muita coisa a ser resolvida e decidida naquele dia tão importante. Não era todo dia que se completava dezoito anos. E não era todo dia que se faziam dezoito anos desde a morte da sua mãe.

---

Claire estava pensativa. Havia acabado de chegar em casa e a encontrou na mais verdadeira paz. Aquele era o seu horário preferido. A calma geral de um dia que ainda não começara direito, onde as pessoas ainda se acordavam, mansas e preguiçosas, e o cheirinho de pão quentinho e café escapava em uma casa ou outra. Quando era verão os pássaros cantavam aqui e ali, e ela podia ver o sol nascendo por detrás do bosque do fim da rua. No inverno isso não era possível, mas a paz era a mesma. Quando saía, preferia chegar em casa nessa hora. Deixava para

dormir depois. Aproveitou que aquele era um dia importante para preparar o café-da-manhã. Gostava de fazer isso no aniversário. Manter-se ocupada ajudava a tirar da cabeça o que aquele dia lhe lembrava.

Mas nesse aniversário, especificamente, ela estava diferente. Não sabia se era porque já era oficialmente uma adulta ou por causa do que aconteceria mais tarde, mas ela estava com um pouquinho de frio na barriga.

— Dessa vez você não escapa, *Billy Boy*. Dessa vez não... — disse, para si. Ela costumava pensar alto.

Cher encontrou sua irmã na cozinha. Estava descabelada e com uma caneca fumegante nas mãos, que a seguravam em prece.

— Teve o pesadelo, de novo?! — foi a primeira coisa que Claire perguntou, vendo as olheiras na irmã. O estranho sonho era algo que vinha atormentando as duas.

— De novo. — respondeu, de saco cheio. Pareceu não ter dormido nada. Seu pescoço e costas doíam. — Você? — perguntou. A irmã partilhava das suas olheiras de cansaço. Seus olhos ainda estavam com a maquiagem da noite anterior.

— Na verdade não dormi. Nem consegui. Cheguei faz pouco tempo. — respondeu, dando uma mordida na torrada que



descansava no prato à frente. A torradeira cuspiu mais duas logo em seguida.

Cher levantou a sobrancelha de um jeito que ela conhecia bem, enquanto sentava e se servia de uma banda de papaia.

— Não, não! — respondeu, com um sorriso debochado. — Aquele garoto é passado, Cher. Estava com os meninos do primeiro ano, os da banda, naquele *pub* que abriu aqui perto. Eles tocaram ontem. Tom e Cindy também estavam lá. Perguntaram por você.

— Eles sabem que não estou no clima nesses dias. — disse, rabugenta, como se já tivessem discutido isso enésimas vezes.

— Cher, é o nosso aniversário. E agora que podemos pedir uma cerveja sem medo de ser feliz você não quer sequer aproveitar?!

— Como se fosse preciso. — respondeu, rindo. As duas ainda sorriam quando o pai entrou na cozinha.

— Fico feliz que estejam de bom humor! — disse às filhas, enquanto se sentava e se servia de um pouco de café feito por Claire. Que os vizinhos nem desconfiassem que ele preferia café ao tradicional chá.

— Tomara que o senhor esteja também... — resmungou Claire, e só sua irmã ouviu.

— Então, onde vamos jantar esta noite? — William perguntou, tentando parecer natural, mas suas filhas tinham plena consciência de como ele estava se sentindo.

— Aqui mesmo, pai. — Cher resolveu responder. Era a mais velha, mesmo que por apenas trinta e dois segundos. — Nós duas precisamos conversar um assunto sério com o senhor.

— Nossa... Tão sério assim? — a máscara de despreocupação caiu sem nenhum esforço.

— É. Mas vamos deixar isso para mais tarde. Eu faço a pizza, e Claire faz questão de ir comprar o vinho sozinha. A lei diz que agora ela pode...

Claire sorriu, triunfante, enquanto Bill anuía com o que as filhas diziam. O olhar vagando longe da mesa. Elas deixaram em suspenso, mas ele sabia exatamente qual seria o assunto daquele jantar. Tinha plena consciência de que elas tinham o direito de saber de tudo, mas ainda doía falar. Mesmo depois de dezoito anos, ainda doía demais.

---

*Georgetown, 25 anos atrás*

*“Chorando se foi, quem um dia só me fez chorar  
Chorando estará, ao lembrar de um amor  
Que um dia não soube cuidar...”*

O ritmo da lambada brasileira sacudia os corpos colados, misturando suor, álcool, fumaça e desejo com as luzes multicoloridas no apertado espaço destinado à dança. William assistia fascinado aos movimentos fluidos dos latinos — na sua concepção, dançarinos natos. Ele achava extremamente difícil conseguir coordenar os seus braços, pernas e quadril para balançarem daquela forma, ainda tendo que levar em consideração o ritmo e o tempo da música. Era mais fácil ser professor.

Bebia sua cerveja, tentando amenizar o calor que fazia no recinto. Ainda trajava a roupa social que usara na palestra. O paletó e a gravata ficaram no carro. As costas já estavam molhadas sem nem mesmo se mexer. Os trópicos costumavam castigar os corpos europeus.

Mas ele nem percebia isso. Estava entretido demais para se incomodar com o calor. Na sua frente uma cabocla dava um show na pista de dança. Usava uma saia de chita vermelha que rodava

leve ao som da música, e rebolava com naturalidade, como se fosse simples. Dançava, sorridente, com um dos dançarinos profissionais da casa, e chamava cada vez mais atenção à medida em que a música chegava ao seu clímax.

*“Chorando estará, ao lembrar de um amor  
Que um dia não soube cuidar...”*

Desfez-se do seu parceiro antes do final da música, rindo, faceira, e se juntou às amigas, que a esperavam com *shots* de tequila e bandas de limão. Bill não tirou os olhos dela durante toda a música.

— Encarando desse jeito ela vai achar que você é algum maníaco. — disse-lhe Rud. Seu amigo/irmão já morava nos trópicos a algum tempo. Era historiador e pesquisador da vida dos índios. Foi ele quem conseguiu ao carrancudo cientista político a chance de dar uma palestra na principal universidade daquele país.

Bill, por sua vez, limitou-se a dar um sorriso amarelo.

— Uma garota como ela nunca iria reparar em um cara como eu, de toda forma. — confidenciou. — Aqui estou totalmente fora d’água. — finalizou, enquanto pedia ao *barman* outra *longneck*. Não percebeu, mas ela o observava quando ele finalmente tinha

tirado sua atenção dela. Suas amigas já a incitavam a chamar o inglês para dançar. Não era muito do seu feitio abordar estranhos nos bares, principalmente estrangeiros. Mas a tequila estava forte e o pouco de água no seu corpo ia embora com a evaporação. Assim o álcool agia cada vez mais rápido, e com ele o pudor ia caindo a níveis alarmantes. O lubrificante social fazia mais uma vítima.

— Você dança, inglês? — perguntou. Falava na língua dele, como se acostumara a fazer desde que foi fazer faculdade na Guiana. Era longe de casa, mas seria uma experiência imperdível, e ela não pensou duas vezes quando a oportunidade surgiu.

— Não no meu estado normal. — respondeu , ficando rosa nas bochechas. Um pouco pelo álcool e muito pela timidez. Levara um susto ao vê-la aproximando-se dele com o olhar fixo nos seus. Parecia uma leoa hipnotizando a presa. Uma onça, melhor dizer. Era mais condizente com a fauna local.

— E você está? — perguntou ela, de repente séria.

— No meu estado normal? Não. Ele foi embora há duas cervejas. — disse, sorrindo. Ela sorriu de volta, percebendo que ele não era tão fechado assim. Mas devia ser culpa da cerveja mesmo.

— Então você não tem nenhuma desculpa para não dançar comigo. Ou tem? — perguntou, pondo as mãos na cintura e levantando a sobrancelha de um jeito que ele nunca esqueceria.

— Desculpa não, realmente. — concordou. — Tenho um fato. Sou péssimo dançarino.

— Não existe essa coisa de péssimo dançarino. Existe péssimo par! — disse-lhe, enquanto o puxava sem cerimônia. Ele deixou a garrafa na mão do seu amigo, implorando silenciosamente por ajuda. Rud limitou-se a levantar os ombros, se acabando de rir. Logo uma das amigas da cabocla também o chamou. Ele, muito mais solto, de pronto aceitou.

O resto da noite passou numa rapidez tremenda. Ele só lembrava de alguns *flashes*. Arriscou alguns passos. Era tremendamente duro, mas ela fez jus ao que lhe disse. O que existiam eram péssimos pares. Ele nunca se sentira tão à vontade dançando com alguém. A música fluía do corpo dela como se estivessem conectados de alguma maneira sobrenatural. Seu quadril acompanhava as batucadas e a guitarra como se tivesse vida própria. E ele seguia junto. Não com a graça e a leveza dela, é verdade; mas não se lembrava de ter se divertido tanto assim na sua vida até aquela noite. Rud foi embora, as amigas dela foram embora, e mais um monte de gente. Os dois continuaram

dançando até que a banda parou. Foi quando finalmente se conheceram. Mas a sensação era a de serem íntimos. De já se conhecerem por séculos.

— Se o pessoal da faculdade me visse hoje iriam dizer que eu estava delirando! — disse, quase gritando. Esqueceram que já não estavam mais em um ambiente barulhento, e sim cambaleando pelas ruas desertas do centro de Georgetown, no meio da madrugada.

— Nossa, você sempre foi tão fechado assim?! O que há com vocês, ingleses?! — perguntou ela, extremamente concentrada em não tropeçar nos paralelepípedos da rua.

— Somos frios. Vivemos no frio. Acho que é isso... — respondeu, com naturalidade, levantando os ombros. — Aqui é quente. Não acredito que alguém consiga ficar parado nesse calor! — e, como se tivesse lembrado de algo importante, continuou: — Precisamos de um táxi. A gente não pode sair andando por aí desse jeito...

Continuaram tropeçando até uma praça próxima, onde alguns taxistas jogavam dominó. Bill fez questão de levá-la até a república onde morava. Eles deram um selinho quando se despediram e começaram a rir depois. O táxi já estava saindo quando parou bruscamente. Bill saiu correndo do carro atrás dela, que subia as

escadas para alcançar a porta. Puxou-a pela cintura e deu-lhe um beijo decente. Esse não teve nenhum riso. Foi intenso.

— Só volto para Londres amanhã. Preciso ver você de novo antes disso.

— Você vai. — respondeu-lhe com naturalidade, enquanto sorria. Ele pareceu ficar sóbrio naquele momento. Sorriu de volta, entregando-lhe um cartão do hotel onde estava.

— Por favor, me ligue... — pediu, enquanto anotava seu nome e o seu quarto no verso. — ...Depois de descansar. A gente poderia almoçar, ou jantar. Ou qualquer coisa. Só queria te ver de novo.

— Eu ligo sim. Mas com algumas condições.

O coração de Bill gelou.

— Como assim? Condições? — perguntou, confuso.

— Que você não volte amanhã para Londres, que a gente tenha pelo menos mais um dia além desse. E que você me prometa não sumir nesse mundo. — ela pareceu extremamente sincera e séria ao terminar aquela frase, e ele perdeu totalmente suas defesas. Não sabia como aquela cabocla que só conhecia há algumas horas havia conseguido isso, mas ele estava irremediavelmente apaixonado por ela. Teve certeza ao ouvi-la falar aquilo. Ao ver seus olhos pedindo aquilo.



Bill só voltou para Londres na outra semana. E mesmo assim foi às pressas. Precisava arrumar sua bagagem e assinar toda a documentação necessária. Estava de mudança para Georgetown.

### *Sete anos depois*

Certa vez, alguém lhe disse que o único momento em que a realidade supera qualquer expectativa é quando seu filho nasce. E só quem se torna pai ou mãe consegue entender esse sentimento. Não se sabe ou se consegue explicar, apenas sentir. E Bill sentia, como nunca. Amor transbordava dele, que parecia embriagado. Nunca na vida sentira tamanha emoção.

— São lindas, não são? — uma parede de vidro insistia em separar aquele pai orgulhoso das suas filhas. Parecia em transe, maravilhado com aqueles dois pedacinhos de gente. As duas nasceram com saúde, embora prematuras. Vieram ao mundo com sete meses de gestação, e por isso passariam algumas noites na incubadora.

Mas naquele dia de extrema felicidade, Bill sofreu o maior trauma da sua vida. Enquanto ria e se maravilhava, compartilhando sua alegria com Rud, uma enfermeira nervosa

cochichou algo em seu ouvido que o deixou atordoado. Suas feições se alteraram visivelmente. Ele avançou pelos corredores do hospital até onde Cecília descansava. Percebeu, já entrando no quarto, alguém saindo pela porta de emergência no final do corredor. Seus olhos encontraram-se por meio segundo, mas a sua atenção voltou-se para sua amada. Ela morria.

A enfermeira o avisou: achava que havia visto uma pessoa no quarto com sua esposa, embora tenha ficado um pouco confusa quanto a isso. Era como se não se lembrasse bem. Bill logo ligou este fato ao vulto escapando pela escada. E antes mesmo que ele perguntasse quem era, Cecília respondeu-lhe, com a voz sumindo.

— Isso não importa.

Desespero tomou conta dele ao ouvi-la falando daquela maneira. Pressentia que algo muito ruim estava para acontecer. Apertou sua mão.

— Amor, preciso que você me ouça com muita atenção. — ela tossiu ao terminar a frase. Ele percebeu algumas gotas de sangue escapando de sua boca.

— O que está acontecen...

— Por favor, deixe-me falar, Bill. Você precisa ser forte.

— O que você quer dizer?! — seu coração pareceu parar por meio segundo, gelando todo o peito e apertando o estômago. Foi

aquela mesma sensação que teve e nunca esqueceu quando lhe contaram que seus pais haviam sofrido um acidente. Olhou suplicante para a enfermeira, que balançou negativamente a cabeça.

— O médico dela já está descendo, Sr. William. Temo que só ele possa dizer.

— Não há tempo para médicos. Bill, preciso que você preste atenção. — sua voz, já rouca, perdia a força a cada palavra, mas ela parecia determinada. — As meninas, meu amor. Nossas filhas, elas são a chave para tudo. — tossiu novamente, ainda pior.

— Do que você está falando, Ce...

— Confie nas suas filhas. — disse, interrompendo-o. — Elas saberão o que fazer. Na hora certa, elas vão saber... — ela o olhou fixamente nos olhos, e ele percebeu o quanto suas pupilas estavam dilatadas, e o quanto estavam secos. Não havia lágrimas a serem derramadas. Sua boca também estava. Percebeu que a pele em suas mãos estava quebradiça. — Entregue a elas o amuleto que a minha mãe me deixou. — disse, segurando a pedrinha com a outra mão. — Parta ao meio, para que cada uma possa ter um pedaço. Lembre-se. É muito impor... (tossidas) ...É muito importante que elas o usem sempre. William, é vital que elas usem a p-p-pedra.

— apertou sua mão ao terminar a frase, como que para enfatizar suas palavras.

Ele não conseguia segurar as lágrimas e amaldiçoou o médico que não chegava logo, a misteriosa pessoa que havia saído do quarto, a enfermeira que olhava desesperada para a cena dos dois juntos. Amaldiçoou Deus com a sua imensa injustiça por estar levando uma mãe que mal teve tempo de estar junto de suas filhas.

— Chame a segurança! Faça alguma coisa ao invés de ficar aí parada! — gritou para a enfermeira, que saiu correndo do quarto.

Ela olhou em seus olhos pela última vez. Eles estavam com uma coloração amarelada onde deviam ser brancos. O verde estava cinza e quase tomado pelas pupilas. Tentou dar um sorriso. Ele não sabia, mas ela se lembrava daquela noite quando se conheceram. Da música, dos cheiros. Do beijo... *Pareceu ter sido ontem. Vou sentir sua falta. E das meninas. Das minhas lindas filhinhas que não vou conhecer*, pensou. Seus lábios, já rachados e brancos pronunciaram silenciosamente suas últimas palavras: "Eu te amo".

Sua cabeça pendeu desfalecida para o lado ao mesmo tempo em que o médico entrava correndo no quarto e empurrava Bill, em choque, para a poltrona ao lado.

Enquanto a enfermeira, já de volta, gritava a plenos pulmões "código azul!" para avisar sobre uma emergência de parada cardiorrespiratória, o médico fazia massagem cardíaca. A equipe de emergência entrou a toda trazendo vários aparelhos. O médico usou um desfibrilador, mas não deu nenhum resultado. Repetiu, aumentando a carga, e nada. Injetou também alguma coisa em uma imensa agulha direto em seu coração, mas ela não esboçou nenhuma reação.

O último som que Bill ouviu antes de desmaiar foi o *bip* contínuo da máquina que mostrava os batimentos cardíacos. O som da morte. Em sua mente, só a imagem do olhar da sua amada, perdendo a vida e a luz intensa que sempre teve. Ele achava que nunca mais veria essa luz de novo.

## 02: A DIFÍCIL NEGOCIAÇÃO

Já passava das nove quando Claire finalmente chegou. Trazia duas garrafas de um tinto português que elas gostavam e que combinava perfeitamente com a pizza *margherita* que Cher preparara. Ia pedir em domicílio, mas decidiu que a noite merecia algo mais caprichado. Segundo ela, o manjeriço já estava para criar raízes, de tanto que a pizza esperou para finalmente entrar no forno.

— Custava ter ligado e avisado que ia demorar?! — perguntou, bufando.

— Que drama, garota! Atrasei um pouco, mas foi por uma boa causa! — respondeu, tirando da sacola da *delicatessen* um pequeno pacote embrulhado em papel pardo. — Parabéns, estressada!

Claire era a única que a fazia rir quando estava daquele jeito. Ela tinha esse poder de ser altamente desprovida de compromisso e ao mesmo tempo encantadoramente sedutora. Era muito difícil ficar brava com ela. Cher ficou um pouco vermelha enquanto abria o presente. Murmurou um "obrigado" entre risos que tentava segurar. O embrulho escondia uma caixinha, que por sua vez guardava um belo *cupcake* de nozes e chocolate com cobertura

de damasco caramelizado. Uma iguaria que só era vendida em uma pequena loja no centro. O preferido dela.

Cher, por sua vez, entregou-lhe um embrulho feito em papel guardanapo com vários motivos abstratos e preso por uma fita verde. Claire retirou de lá uma caixinha de isopor que guardava um bolinho também, mas de baunilha com gotas de chocolate e uma extremamente farta camada de pasta americana formando um "Claire" manuscrito de maneira precisa em verde e dourado. Cher sempre trazia uma cobertura diferente no seu presente. Ela adorava.

A tradição dos bolinhos começou quando as duas fizeram 13 anos. Pensaram no mesmo presente, já que seu pai nunca fazia bolos de aniversário. Ambas compraram *cupcakes* e colocaram velinhas em cima, cantando parabéns escondidas para elas mesmas. Quando o pai chegou, saíram para comer hambúrgueres e conversar sobre o que elas gostariam de ganhar. Naquele ano, quase pediram o que iam pedir agora, mas desistiram de última hora, receosas do que ele poderia pensar. Ao invés disso, ganharam uma viagem à Disney. Desde então, Claire sempre comprava o de nozes com chocolate, enquanto Cher tentava fazer algo diferente. Ano passado ela tentou uma cobertura que trazia a foto das duas. O resultado ficou hilário.

Acenderam pequenas velinhas coloridas, cantando parabéns uma para outra na mesa da cozinha, enquanto lágrimas brotavam. Apagaram-nas e se abraçaram. Tentavam não chorar mais quando ouviram a porta da frente se abrindo. Bill chegava em casa. Enxugaram as bochechas e guardaram os bolinhos para mais tarde. Claire colocava a mesa e Cher a pizza no forno quando o pai entrou na cozinha.

— Não vamos comer na sala? — perguntou à filha.

— Aqui na cozinha é mais aconchegante. — respondeu, pondo as taças nos seus devidos lugares.

— E então, animadas? Já sabem o que querem esse ano? — perguntou, fingindo a excitação como fazia todos os anos.

— Nós iremos discutir isso no jantar. — Cher respondeu, obstinada. — Agora vamos nos arrumar. — disse, enquanto puxava Claire junto e subiam as escadas, deixando Bill sozinho na cozinha. Ele olhou para a foto das duas abraçadas na Disney, na viagem daquele ano. Usavam chapéus com orelhas do Mickey. O mesmo sorriso. Os mesmos olhos. Como não lembrar? Passou quase quinze minutos encarando a imagem, até perceber o cheiro de pizza queimando.

Quando as meninas desceram, estavam prontas para sair. *Mas é claro. Agora são adultas. Pelo menos esse aniversário elas devem*



*sair e comemorar*, pensou. Os três sentaram à mesa e começaram a comer. As meninas se olharam, criando coragem para falar.

— Nós já sabemos o que queremos. — começou Claire.

— Uma viagem. — disse, Cher, completando.

— Ah, que ótimo. — respondeu Bill, sentindo que a tensão aumentava. — Poderíamos finalmente ir para a Tailândia? Ou Bali?! Claire pode inaugurar aquela prancha de surfe!

— É, essas viagens com certeza são muito legais, pai. Mas é que, na realidade...

— A gente quer ir à Guiana. — disse Claire, cortando a irmã. Ela nunca foi muito paciente. — Nós entendemos como você se sente em relação a tudo isso, pai. Realmente entendemos. Mas já fazem dezoito anos.

— E nós queremos conhecer o lugar de onde viemos. E queremos entender o que aconteceu. — completou Cher.

Bill ficou sem ação. O pedaço de pizza que estava preso no garfo lá ficou. No fundo, ele imaginava que seria exatamente isso que elas iriam pedir. *E elas tem todo o direito*, pensou, *mas isso não torna as coisas mais fáceis*. Não sabia o que responder, e um longo minuto se passou até que Cher quebrasse o silêncio.

— Nós já organizamos tudo. — disse. — E já compramos as passagens.

— E também montamos um roteiro turístico bem legal. — completou Claire. — Tem trilhas, cachoeiras, rapel! Será ótimo!

— Rapel?! — foi o que ele finalmente conseguiu falar. Olhou por cima dos seus óculos de leitura (que ele sempre esquecia de tirar), como fazia ao não acreditar em algo que elas diziam.

— Bom, Claire quis tornar as coisas mais radicais. — tentou explicar Cher.

— E precisa? — perguntou, tentando soar irônico. Ela deixou aquilo passar.

— E tem outra coisa. Nós não iremos sozinhos. Sabendo o quanto isso é importante para a gente, nossos amigos também quiseram ir.

— E Rud. — completou Claire. — Ele morou por dois anos na aldeia indígena que vamos visitar, e nos ajudou a montar um roteiro legal. Será um excelente guia.

— Claro que ajudou. — respondeu Bill, sentindo-se traído. As viagens de aniversário eram uma coisa deles. Ainda mais uma viagem para *aquela* lugar. — Meninas, isso é muito para uma noite. — disse, por fim. — Eu preciso pensar.

— Pai, me desculpe pelo abuso, mas não há o que pensar. — respondeu-lhe Claire. — A viagem está marcada, e será no domingo.

— Mas como vocês marcaram uma viagem para este domingo?! Eu terei dois dias para me organizar?! Como ficam as aulas, a faculdade, o...

— Pai, calma. Antes de mais nada, já está *tudo* organizado. O que você precisa fazer é a sua mala, e só isso. — disse-lhe Cher, tentando não perder a paciência como Claire já pareceu ter perdido. — Nós já conversamos com o seu departamento, e suas férias começam amanhã. Eles adoraram saber que você finalmente entrará de férias de novo. Todo mundo que vai já está pronto. Os pais já autorizaram. Tio Rud nos ajudou a fazer as malas com o que iríamos precisar para fazer tudo que propomos no nosso roteiro. Ele, inclusive, está em cima da sua cama, com o que precisa ser colocado na mala também. O que você precisa fazer é escolher que roupas quer levar.

— E, pai, sendo muito sincera: nós iremos. Com ou sem o senhor. — finalizou Claire, de cara fechada com toda aquela reação já esperada.

Bill fechou os olhos e respirou fundo algumas vezes, tentando segurar qualquer sentimento que pudesse escapar naquele

momento. O principal deles era medo. *Elas tem todo o direito do mundo de me exigir isso. Não torne isso mais difícil do que já está sendo. Mantenha a calma*, pensava, enquanto contava até dez.

— Parece que vocês realmente pensaram em tudo. — finalmente falou. *Não posso negar isso a elas. Não isso.* — Posso saber, ao menos, quem vai conosco?

— Quem importa. — respondeu-lhe Claire. Cher olhou para ela e revirou os olhos. As duas discutiram bastante até entrarem no acordo de que só seus dois melhores amigos deveriam ir com elas. — Além de Rud, vão Cindy e Tom.

— Hmm. — murmurou, em concordância automática. — Os pais deles...

— Já estão cientes e muito felizes que os filhos farão uma viagem diferente e instrutiva.

— Instrutiva?!

— Bom, eles acharam que, por dois professores irem conosco, a viagem seria mais pedagógica. — sugeriu Claire, sorrindo de um jeito sarcástico.

— Claire...

— Pai, eles estão cientes que não tem nada a ver com o colégio. E sabem que você e tio Rud cuidarão bem de todos nós. Sabem também que os dois já moraram lá. — explicou-lhe Cher.

— Posso saber, ao menos, a quanto tempo vocês estão planejando tudo isso?

— Cerca de dois meses. — respondeu Cher.

— E como compraram as passagens e reservaram seja lá o que precisaram reservar?

— Pai, sério, você precisa fazer uma senha melhor para o seu cartão de crédito. — disse Claire, já se levantando. Bill ficou com a sua incredulidade. — Maninha, vamos nessa que o pessoal está esperando. Temos uma notícia boa para contar.

Cher acompanhou sua irmã, e ambas abraçaram o pai, agradecendo. Claire gritou antes de sair que havia bolo na geladeira, caso ele quisesse comer.

Ele passou alguns minutos sentado olhando para o nada. *Minhas meninas já são adultas. Não posso mais pará-las. Não posso mais privá-las.* Lembrou-se também, pela enésima vez, das palavras ditas por Cecília em seu leito de morte. " *As meninas, meu amor. Nossas filhas, elas são a chave para tudo.* " *O que ela queria dizer com aquilo?* Depois que realmente ficou sozinho, permitiu-se chorar.

— Parabéns, meus amores. — falou ao vento. Nunca chegou a dizer isso às suas filhas.

---

— E aí? — foi a primeira pergunta que ele fez. Parecia sinceramente preocupado. E estava mesmo. Tom era o melhor amigo das meninas desde que se entendiam por gente.

— Ele teve que aceitar. — respondeu-lhe Cher, enquanto o abraçava. O garoto estava quente, e ela sentiu-se grata pelo abraço. Não precisou falar mais nada; ele entendeu. Sabia como aquela data era peculiar para eles.

— E aí, babão? — falou Claire, dando um soco no seu braço.

— Au! — disse, fazendo cara fingida de dor. — Fala, fedorenta. — respondeu, puxando-a para um abraço. Cher sorriu de canto de boca. — Já ia me esquecendo! Parabéns às duas! — anunciou, dando uma sacola a cada uma. Na de Claire havia um canivete suíço. A de Cher trazia uma bússola.

— Para a viagem! — disse. — Não vejo a hora de encontrarmos algumas onças por lá!

Ambas agradeceram, enquanto Cindy corria e dava um abraço apertado nas duas. — Que demora! — reclamou. — Achei que não viriam mais.

— Foi difícil. Mas dobramos o velho. — disse Claire, triunfante.

— Então domingo embarcamos para a floresta! — respondeu, maravilhada. — Finalmente posso estrear minhas botas novas.

— Cindy, eu não acredito que você quer levar aquelas maravilhas para andar em trilhas na floresta! Tá louca?! — enquanto ela e Claire submergiam em uma longa discussão sobre as botas, Cher chegava junto de Tom na bancada do *pub* onde se reuniam. Pediu o chocolate quente de sempre. Hanna, a *bartender* húngara, ficou nervosa ao ver quem estava lhe pedindo algo. Ela era afim de Cher desde que viera trabalhar no *pub*, ano passado. Chegaram a ir ao cinema há algumas semanas, mas Cher ficou confusa quando se beijaram. Percebeu que não gostava de meninas, e acabou pedindo desculpas, saindo mais cedo da sessão. Hanna ficou estranha com ela desde então, embora Cher tentasse levar na esportiva.

— Ei, agora você já pode pedir cerveja. — lembrou-lhe Tom, indicando seu próprio copo já quase vazio.

— Não estou no clima. E nesse frio eu beberia uísque.

— Puro?

— E duplo! — completou, brincando. Os dois riram. — Hanna mal olhou na minha cara desde que entrei. — comentou, observando-a atendendo outro cliente.

— Relaxa quanto a isso. Ela deve ter entendido que você não curte garotas. Provavelmente ainda gosta de você e fica nervosa na sua presença. Não é fácil levar um fora da menina mais gata do bairro. Isso meio que mexe com você.

Cher revirou os olhos, mas sorriu com o elogio. Embora soubesse para quem ele realmente se destinava. E parou para pensar naquele dia. Será que foi insensível com Hanna? Ela quase saiu correndo do cinema.

Ultimamente andava meio indecisa quanto ao que sentia. Achava Hanna linda, e topou sair com ela. Mas percebeu que não era sua praia. *Não seria justo com ela continuar fingindo que estava gostando do programa. Ou seria melhor pelo menos terminar o filme, comer algo depois e conversar?* Ela era péssima na arte do flerte. Claire fazia parecer tão fácil...

— Então, eu estava pensando. — cortou Tom, fazendo-a voltar dos seus devaneios. E fez uma cara comicamente séria enquanto isso. — Quando estivermos perdidos no meio da floresta e uma onça aparecer, eu poderia domá-la no momento exato em que ela fosse atacar Claire. Isso seria o suficiente, não?!



— Se isso não for, não sei mais o que seria. — respondeu, tentando também parecer séria. Tom deveria ser ainda mais complicado que ela nessa área.

Ele era perdidamente apaixonado por Claire. Quando eram pequenos, aproximou-se de Cher para tentar ficar junto da irmã, e depois de algum tempo acabaram tornando-se grandes amigos. Quando confessou isso, Cher deu-lhe um murro na barriga e um chute lá embaixo. Tinham dez anos na época. Era o preço por ser sincero.

Brindaram e deram um longo gole. Cher agradeceu pelo calor doce do chocolate. Já dava para tirar o casaco. *Dois dias*, pensou. *Dois dias e voltarei para o lugar onde nasci. Para o lugar onde meus pais se conheceram, viveram, se amaram...* Olhou para Claire, rindo por alguma piada que Tom fazia. *Será que ela também está nervosa como eu?* A irmã devolveu seu olhar, sorrindo e afirmando com a cabeça. Às vezes Cher se assustava. Parecia que podiam ler os pensamentos uma da outra. Devia ser uma coisa de gêmeos.

Algumas horas se passaram e a madrugada avançava quando Cher anunciou que já era hora de ir.

— Relaxa um pouco, garota! — disse-lhe Claire, com os olhos já um pouco fechados e brilhantes. — É nosso aniversário!

— gritou, e o Pub inteiro fez um levante, erguendo copos e derrubando bebidas a esmo.

— Já está tarde. E chega de cerveja. — disse, emburrada. Não era muito fã de ficar bêbada, mas sua irmã adorava.

— Agora não, por favor! Vamos fazer assim, daqui a meia hora eu vou. Ok? — perguntou, um pouco tonta. Cindy ria ao seu lado, mas estava melhor que ela. — Cher, não se preocupe. Eu a deixo em casa em segurança.

Cher assentiu. *Cindy* era uma pessoa responsável.

— Ei, Tom, eu vou cobrar aqueles brincos, ouviu? Quero brincos de índia! — gritou Claire, tentando falar mais alto que a música.

— Eu voei agora. — disse-lhe Cher.

— Prometi a ela brincos da aldeia que vamos visitar. — explicou-lhe, enquanto saíam para a fria madrugada. Parou ainda com as portas abertas e olhou para trás, um pouco pensativo. — Eu adoro aquele sorriso...

— Ai, Tom. Me poupe da melação. Seja homem e a chame para sair de uma vez por todas!

— Mas ela vai rir e me bater! — respondeu, com uma cara que parecia ser de choro, mas era por causa do álcool.

— Provavelmente. Mas você nunca vai saber se não tentar. — finalizou Cher, sabiamente. — Agora chega. CLAIRE! Olha a hora!

— TÁ BOM! — respondeu, também gritando, ao aviso da irmã.

— Tentei. — disse. — Tom, me acompanha até em casa?

— Podemos levar Claire à força?

— Você quer tentar fazer isso? — perguntou, séria.

— Melhor não. — respondeu, cético.

— Achei que fosse responder isso.

Tom a acompanhou até a sua casa, e a abraçou quando chegaram. Trocou um boa noite e seguiu até a sua, que ficava a duas quadras de distância. A noite estava fria, mas o céu estava limpo e a lua brilhava, quase cheia. Ele caminhou devagar, pensando seriamente em voltar até o *pub*, puxar Claire pelo braço e lhe dar um beijo de cinema. Suspirou resignado, ao lembrar que era bastante provável que levasse um murro, mas desta vez da outra irmã, e no nariz.

### 03: A VIAGEM

*Quito, Equador. Inverno de 1541.*

A expectativa pela viagem sobrepunha qualquer cansaço, pensava Orellana, enquanto passava mais uma noite em claro no bordel da *villa*. Na pequena taberna escura e úmida, mulheres corpulentas com seios à mostra riam alto e cantavam junto aos homens, todos apinhados e bêbados, enquanto sentavam em seus colos, lhes beijavam e permitiam que eles passassem a mão onde quisessem. A música acompanhava os cantos errados e as risadas, no ambiente que cheirava a mijo, suor, tabaco e cerveja.

Um pequeno grupo, um pouco mais comportado, estava separado dos demais. Sentavam em algumas mesas de madeira mais afastadas, nos recuos feitos nas pedras que formavam as paredes. Nele estavam os fidalgos que faziam parte da grande expedição que sairia na manhã seguinte. Vieram a pedido de Francisco de Orellana, nomeado capitão pelo governador de Quito, Gonzalo Pizarro, e discutiam com ele os últimos detalhes da expedição. Sua Majestade, o imperador Carlos I de Espanha, autorizou pessoalmente a empreitada que visava conquistar em seu nome as terras da canela, à leste, entrando pela grande floresta.

Quem sentia-se deslocado naquele ambiente de luxúria e perdição era o frei Gaspar de Carvajal. Ele também fora escolhido por Pizarro, e convocado de Lima, no Peru, para ser o cronista da expedição. Insistira para ir dormir cedo e preparar-se para a viagem, mas o capitão exigiu a sua presença na última reunião.

— Relaxe um pouco, frei. O senhor deveria beber. Ei, garota, — continuou, gritando para uma das meninas que serviam as mesas. — outra caneca para o frei!

— Este é um ambiente de perdição, *Don Francisco*. Eu não posso ficar aqui! — vira momentos antes a porta se abrir, e mais algumas mulheres entrarem no recinto. Eram escravas índias que tornaram-se prostitutas. Justamente o que o frei precisava evitar. Os selvagens eram bárbaros, mas precisavam da evangelização para tornarem-se bons cristãos, e não da escravidão.

— Tudo bem. — ponderou o capitão. — O senhor já está a par de toda a movimentação. Amanhã, aos primeiros raios do sol, desceremos as montanhas.

Carvajal assentiu, aliviado, e saiu daquele lugar o mais rápido que conseguiu, ao som dos risos de todos que estavam na mesa. Alguém gritou “*Maricón!*” para o frei, que tropeçou ao sair da taberna, o que só fez a risadaria aumentar ainda mais.

A noite estava fria e silenciosa nas ruas da pequena *villa* que se tornaria a capital do Equador. O suor no rosto do frei logo tornou-se gelado, mas ele agradeceu pela brisa. Sabia perfeitamente que ela faria muita falta na viagem. Foi pensando nela que andou vagarosamente pelas ruas escuras, observando quatro cachorros que corriam atrás de uma cadela no cio. *É só nisso que eles pensam?*, perguntou a si mesmo.

Recebera ordens claras dos seus superiores quanto à catequização dos povos indígenas. Deveria agir com fervor, fazendo o que fosse necessário para converter o máximo possível de almas. A expedição do conquistador Orellana seria o momento perfeito para conseguir entrar naquele ambiente hostil e inexplorado de floresta fechada. Ele sabia das verdadeiras intenções da coroa espanhola, mas a sua motivação pessoal era o conhecimento que poderia adquirir nessa viagem. Se o objetivo fosse alcançado, ele nem podia imaginar o que encontraria.

---

O vento assolava naquela região. O sol nascera, mas não era visto por conta das pesadas nuvens de tempestade que se aproximavam. A lama formada durante a madrugada dificultava o passo. Protegiam-se do frio e dos ventos como podiam. Alguns usavam um sobretudo feito em pele de pequenos roedores, outros o tinham de pele de lhama. Os blusões de algodão doados pela coroa espanhola estavam surrados e de quase nada serviam.

Já houve as primeiras mortes no grupo, depois de apenas uma semana de viagem. Duas sentinelas morreram por causa de um leão-da-montanha durante a madrugada, há dois dias. Sua pele agora adornava os ombros de Orellana.

Seguiam em marcha lenta, mas constante, e desciam as cordilheiras pelas sinuosas estradas abertas na rocha. Pelas previsões, em três dias chegariam ao sopé, e parte do grupo poderia continuar a viagem pelo rio, onde um bergantim os esperava.

Vários animais acompanhavam a expedição, servindo de montaria, carga ou comida. Os cavalos levavam coisas mais leves e os seus senhores. Alguns cachorros também vieram para ajudar em caçadas. Pequenos animais, como porcos e galinhas, seguiam presos nos lombos dos jumentos. Quatro bois de tração puxavam o carro que trazia dois barcos à remo de pequeno porte, que

serviriam de apoio. Os homens de Orellana somavam trinta, dentre nobres, cavaleiros e servos. Além deles, cerca de cinquenta homens do governador seguiam, como apoio.

Havia vários relatos de expedições que tentaram atravessar o que foi chamado de “inferno verde”. Nenhuma delas conseguia voltar inteira. Em algumas, nenhum homem voltou. A floresta era um ambiente hostil a ser desvendado e conquistado, e era essa a missão dada pela coroa espanhola ao conquistador. Ou, pelo menos, a versão oficial.

Corriam lendas pelos marinheiros espanhóis. Lendas trazidas do Novo Mundo, que falavam de cidades perdidas e povos que viviam isolados. Uma delas chamou a atenção do imperador: a lenda do *El dorado*.

Segundo contavam, no meio da floresta, a muitas léguas de distância do rio, havia uma grandiosa tribo que venerava o deus-sol. Nas manhãs, antes do deus aparecer, o soberano desse povo realizava um ritual. Todo o seu corpo era coberto de ouro em pó, e o rei era levado em um barco para o meio de um grande lago, onde o sol, ao nascer, refletia nele todo o seu esplendor. Deus e homem se fundiam em uma coisa só. Todos os súditos podiam



assistir o espetáculo, e tinham a certeza de que o seu rei era a representação do deus na terra. E, como tal, era venerado e temido.

Mas a parte que chamava a atenção nas muitas histórias que ouvia a respeito do estranho *El dorado* era que ele, além de cobrir-se em ouro, também parecia oferecer ao deus peças feitas no material dourado e pedras preciosas. Não foi difícil imaginar o quanto os homens passaram a cobiçar aquelas terras.

Alguns comentários que chegaram aos ouvidos do imperador foram decisivos para que ele agisse com a maior rapidez. Ouviu-se de fontes imprecisas dos informantes da coroa que aquela tribo do rei dourado morava em uma cidade bastante desenvolvida, ainda mais do que os astecas ao norte.

Carlos I logo percebeu que este povo era uma espécie de elo perdido. Que eles poderiam ter conhecimentos e, principalmente, riquezas nunca antes vistas. Se o rei cobria-se de ouro toda manhã, imaginava-se o que mais eles possuiriam.

---

— Sério?! Sem chance! Quer dizer que ela vai ao aeroporto para se despedir?! — Claire conversava animadamente pelo celular, enquanto Cher e o seu pai discutiam sobre a viagem.

— Ansioso?

— Você me conhece bem, filha. — era uma constatação, não uma pergunta. — Um pouco, sim. E um pouco preocupado.

— As últimas a tornarem-se maiores de idade na nossa turma fomos eu e Claire. Os meninos são responsáveis e livres para fazerem o que querem, pai.

— Eu sei, mas não deixo de me sentir responsável por todos.

— Acho que só Claire já lhe dará preocupações suficientes.

— Ei, eu posso te ouvir! — respondeu Claire, sem tirar o telefone do ouvido. — Não, não *you*, Cindy! Eu sei que você sabe que eu posso te ouvir...

— Veremos, filha. Veremos... — Bill olhou pela janela o imenso aeroporto de Heathrow chegando cada vez mais perto, lembrando da penúltima vez que saiu dali para a Guiana. *Estava indo fazer uma palestra. Nem imaginava o quanto aquela viagem afetaria minha vida.* Nunca mais voltou lá. Após a morte de Cecília, ficou tempo suficiente para resolver toda a burocracia e partiu de volta a Londres. *Sequer olhei para trás,* lembrou. *Só espero que as lembranças não me derrubem de vez.*

Cher, por sua vez, voltava seus pensamentos para o sonho. Ela e sua irmã o tiveram várias vezes durante os últimos dias. Era um sonho que se passava na floresta e que parecia muito real, embora a maior porção de floresta que elas já conheceram tenha sido um parque escocês. Como poderiam ter tantos detalhes, tantas sensações? E o que tudo aquilo deveria significar? Deixou de pensar em tudo isso quando chegaram.

Ao passarem pelo portão de entrada, foram saudados por Cindy, que já estava à espera.

— E a gata, cadê? — perguntou Claire, conferindo tudo à sua volta.

— Já foi, amiga! Passou rapidinho. Começam hoje uma turnê de duas semanas pelo interior.

— Algum amigo?!

— Ela veio sozinha. — respondeu, levantando os ombros.

— Saco... — Claire limitou-se a dizer.

Tom apareceu correndo, desesperado. Mal deu um beijo na bochecha de sua mãe, que acenava do carro.

— Não me atrasei, né? — perguntou, bufando. Parou um pouco para respirar. — O carro demorou para ligar. Eu falei para a minha mãe não deixar ele tanto tempo sem uso.

— Não se preocupe, temos tempo. — disse-lhe Cher, abraçando-o.

— Pensei que tivesse desistido de viajar com a gente. — comentou Claire, enquanto dava um murro em seu braço. — E aí, babão!

— Fala, fedorenta! — respondeu, puxando-a para um abraço. Enquanto ela tentava se desvencilhar, os dois começaram a bater um no outro e Cher revirou os olhos. *Crianças...*

Rud voltava da livraria com um exemplar de *Fauna e flora amazônica* na mão. Seu modo de ser denunciava que ele já passou por muitas aventuras. O rosto branco vivia corado de sol, escondendo as sardas; os cabelos estavam sempre desgrenhados, e possuía o balançar suave ao caminhar de quem tinha sempre uma música tocando na cabeça.

— E aí! Como vai? — disse, meio desconfiado, dando um abraço em Bill.

— Um pouco ansioso. — respondeu, sincero. Olhou bem nos olhos dele, fazendo a mesma expressão que costumava fazer antes de brigar com aquele que mais parecia seu irmão.

— Ei, relaxe um pouco, ok? A viagem será ótima! Que tal um café?

— É, precisamos mesmo de um café...

Ao se afastarem dos meninos, que conversavam animadamente sobre a viagem, Bill só faltou puxá-lo pelas orelhas.

— Como pôde me deixar nessa situação?!

— Bill, calma. As meninas que me procuraram. E eu deixei bem claro que você iria ficar exatamente desse jeito. Parece até que não conhece suas filhas, ou não sabe a quem elas puxaram!

Ele fez uma careta só pela menção a Cecília.

— Pelo amor de Deus, Bill. É por isso mesmo que ajudei as meninas. — disse, enquanto se sentavam numa mesinha tipo bistrô no café mais próximo. — Já fazem dezoito anos, cara. Já passou da hora de você resolver isso. Essa viagem foi mais um presente para você do que para elas. Vá por mim. Você precisa disso.

— Disse o cara que também saiu fugido de lá.

— Não é a mesma coisa, e você sabe.

— Claro que não é. Pelo menos *eu* não desisti do meu amor.

— Nossa, Bill. Essa doeu. — disse Rud, ofendido.

Ele o encarou pela primeira vez sem o olhar reprovador.

— Desculpa. Não tive a intenção. — disse, baixando a cabeça entre suas mãos. — Toda essa perspectiva de voltar pra lá está me deixando doido.

— Tudo bem. Acredite, eu sei como está sendo. Só não deixe suas filhas perceberem isso. Elas precisam dessa viagem tanto

quanto você. Você pelo menos conviveu com Cecília. Elas nem isso tiveram.

— Eu sei. Eu devo isso a elas.

— Deve mesmo. — finalizou, dando um soco de leve em seu ombro.

— E quanto à você? O que pretende fazer voltando para a aldeia?

— Sinceramente? Não sei. Não sei nem se ela estará lá. Acho que também estou precisando de um fechamento na minha história. Fora que eu não posso negar um pedido das minhas afilhadas...

Bill sorriu pela primeira vez naquele dia. — Mimamos demais aquelas duas.

— Hey, não venha botar a culpa em mim. Fiz meu papel de padrinho e fiz todas as vontades delas. O papel do carrasco era seu. — respondeu, também rindo.

Depois que se olharam bem, Rud continuou: — Ninguém teria criado as duas melhor do que você, meu irmão. Pode ter certeza que ela está orgulhosa das adultas que as filhas se tornaram, e graças a você.

Bill abraçou o amigo, tentando não chorar. Suas emoções pareciam estar em uma montanha russa naqueles dias.

Com a última chamada para o voo, os professores voltaram com copos de café fumegante na mão.

— Bom, estamos todos aqui. Vamos? — Bill continuava nervoso, mas tentava não transparecer. O grupo seguiu todos os procedimentos de praxe do aeroporto e embarcou. Os meninos ficaram em uma fileira e as meninas em outra, à frente. O voo levaria cerca de 8 horas para chegar na América, então cada um ocupou-se de algo para passar o tempo. Bill e Rud conversavam animadamente sobre coisas da faculdade, onde Rud também era professor. Cindy, Cher e Claire também conversavam e fofocavam, enquanto Tom tentava prestar atenção em um livro, já que a conversa dos seus vizinhos estava de dar sono.

Depois de uma hora, Claire e Cindy cochilavam mansamente. O tocadour de músicas que as duas escutavam continuava ligado e às alturas. Cher tentava ler, nervosa com o voo. Ela morria de medo de altura.

— Ei. — chamou Tom, da poltrona de trás. — Está tudo bem?

A garota sorriu. Apesar de destrambelhado, Tom era um bom amigo.

— Acho que sim.

— Tomou aquele remédio?

A garota assentiu. Na verdade, o dramin começava a fazer efeito. Ela sentiu uma leve vontade de acompanhar sua amiga e sua irmã no sono e resolveu acatá-lo. Tom a acompanhou, desistindo da leitura.

Fizeram ainda uma conexão em Brasília, onde trocaram de avião para Georgetown. A noite inteira de viagem e a troca de aviões deixou a todos cansados.

— Então, Rud. Quer dizer que você realmente, *realmente* passou dois anos na tribo? — Tom perguntara, novamente.

— Dois anos, Tom. Como já falei outras trezentas vezes.

— E o que achou? — o garoto parecia sinceramente curioso, ou estava apenas entediado? Rud não soube responder.

— Um paraíso. Acho que meu irmão Billy aqui pode concordar comigo.

— D-de fato. — concordou Bill, quando estava quase cochilando. Precisou enxugar um pouco de baba.

— E as mulheres? Como são as índias? Bonitas? — dessa vez o professor percebeu a sua ansiedade. *De repente muito interessado nas índias, hein? Será que Claire ainda não se tocou que tudo aquilo não é só uma linda amizade?* Sim, todos já haviam percebido. Menos ela.



— As índias são lindas; com a sua beleza, claro. E não estou falando apenas de cor da pele ou do formato do rosto e do corpo. Elas são fortes, determinadas. Tem uma estrutura cultural e uma forma de ver a vida totalmente diferentes. Quando você as conhece, são apaixonantes.

Bill e Tom se pegaram concordando com o professor em silêncio.

O sol estava para nascer, naquela hora onde não se sabe se é dia ou noite. O avião mergulhava em um profundo "silêncio", quando você já não percebe mais o constante barulho das turbinas. Cher apoiava o queixo em seus braços, que estavam abraçando as pernas. Claire conhecia bem aquela posição.

— É a mãe, não é?

— É... — respondeu, baixinho, a pergunta da irmã.

— Eu também não paro de pensar nela desde que chegamos.

— Às vezes eu sinto tanta falta de uma mãe. — falou, também baixinho, para o seu pai não ouvir.

— Eu também, mana. Sei lá, amo o papai, mas não é a mesma coisa.

— É... — sempre que o assunto era Cecília, Cher ficava absorta em seus pensamentos. A garota pôs os fones de ouvido do

tocador de músicas da irmã, observando da janelinha o azul escuro que tomava conta do céu e que clareava aos poucos.

Não perceberam, mas sobrevoavam a floresta há algum tempo. Não viram também um estranho fecho de luz amarelada, que percorria velozmente a mata por entre as árvores. Como um fantasma.

---

Em algum lugar das profundezas nunca exploradas da floresta, ela sentiu novamente uma presença há muito esquecida. Forte o suficiente para despertá-la.

Estava cada vez maior. Sim, podia sentir o poder, cada vez mais forte. Vinha em sua direção.

A pedra voltava ao seu lugar, e ela não a deixaria escapar. Não desta vez.

## 04: INFERNO VERDE

— *Atenção, senhores passageiros. Dentro de alguns instantes pousaremos no Aeroporto Internacional Cheddi Jagan, em Georgetown. Por favor, voltem para os seus lugares, apertem os cintos, e mantenham as poltronas na posição vertical. São 7 horas, horário local. Fazem 29 graus Celsius. Hoje teremos um dia quente!* — dizia a voz metálica saída das caixas de som do avião.

— E põe quente nisso! — exclamou Rud, entusiasmado. A movimentação dos passageiros despertou Cher e seu pai, que ainda cochilavam.

Rud aproveitou as lojas do aeroporto para comprar algumas garrafas de água e lanches para as trilhas que fariam na floresta. Imaginava que os meninos, que não estavam acostumados com caminhadas por lá, pudessem precisar. Saindo do saguão, todos sentiram na pele o que o comandante do avião quis dizer com “um dia quente”.

— Ele deve ter errado quando disse vinte e nove. Aqui devem estar uns 40 graus!

— É a sensação térmica, Cindy. Por conta da umidade. Não se preocupe, com o tempo nos acostumamos. — disse o professor.

— Acho meio difícil isso acontecer. — respondera a garota, abanando-se com a revista que pegara no avião. O suor já brotava. Lá fora encontraram o guia da viagem, um índio baixo e corpulento que sorriu ao ver o professor.

— Meu grande amigo Rudolph! Quanto tempo!

— Nem me fale, Ubiratã! Nem me fale! — os dois amigos deram um efusivo e demorado abraço.

— Como vai a vida naquela terra horrivelmente fria? — perguntou o índio, que falava um inglês carregado de sotaque.

— Como sempre, louco para voltar!

Os dois riram juntos. Ubiratã era o filho mais velho do cacique da tribo Guacari, mas morava em Boa Vista, onde trabalhava como representante na Funai – Fundação Nacional do Índio – órgão do governo brasileiro que trata das questões indígenas. Conheceram-se quando o professor veio morar um tempo na floresta, como parte de uma pesquisa antropológica. Logo tornaram-se amigos, e Ubiratã o levou para sua aldeia, onde Rud viveu por quase dois anos. Ao saber que Rud voltaria para aqueles lados, fez questão de vir até Georgetown buscá-lo. Poderiam voar direto de lá para a aldeia. Pelo roteiro que as meninas fizeram com o professor, passariam uma semana na aldeia Guacari, onde tinham várias atividades programadas, inclusive a principal

festividade da aldeia. Na volta conheceriam Georgetown com calma.

Uma mistura de sentimentos bagunçava a cabeça de Bill. O clima, o aeroporto... Mesmo sem ver a cidade, que ficava longe, só em estar ali sua mente ficou inundada de lembranças, na grande maioria boas. Mas a única ruim era a maior de todas. O trauma ainda era imenso. Cher olhava de soslaio para ele de tempos em tempos, esperando alguma coisa, mas Bill manteve-se fechado.

Saindo do aeroporto, o grupo rumou para a área dos hangares particulares. Haviam fechado o transporte até a tribo guacari com um piloto já conhecido de Ubiratã e Rud. Chegando no hangar, um velho bimotor Douglas DC-3 os aguardava.

— Sério que vamos nisso aí?! — perguntou Tom, incrédulo. Olhava com espanto para um imenso remendo que cobria um pedaço da asa esquerda do avião. Parecia preso com fita isolante.

— Ué, cadê o grande espírito aventureiro?! — perguntou Claire, irônica.

— Deve tá dormindo ainda... — respondeu, aflito.

— Tio, você tem certeza que isso é seguro? — Cher parecia a mais nervosa de todos.

— Calma, Cher. Viajei com Firmino e seu avião inúmeras vezes quando morei aqui. Ele sempre nos ajudou nas travessias e nunca tivemos problema com a velha Eleonora.

— Eleonora?!

— O velho Firmino é um cara sentimental. — respondeu o professor, encolhendo os ombros.

Depois de alguma hesitação, todos concordaram em subir. Os motores de Eleonora ligaram, depois de estancarem nas cinco primeiras tentativas; e o velho Firmino brigou com o manche, mas eles decolaram.

A viagem em si demoraria umas duas horas, e foi inesquecível. Em todos os sentidos da palavra.

Enquanto voavam pela floresta de dia, puderam presenciar sua imensidão.

— Ela não tem fim! — comentou Cindy, admirada.

Cher e Claire estavam um pouco caladas. Sentaram juntas, lado a lado.

— Esses sonhos me dão arrepios. — Claire quebrara o silêncio, falando baixo para que só sua irmã a escutasse. Continuavam a discussão que tiveram mais cedo, quando conversavam sobre o pesadelo com Cindy. — O que será que querem dizer?

— Não sei, mana. Mas estou assustada com tudo isso. E desde que decidimos vir, eles estão se repetindo.

— É. Quase todos os dias.

— É. — Cher ficara monossilábica de novo, o que era uma deixa para Claire deixá-la pensando sozinha. Ela, por sua vez, tirou o seu celular da mochila e, enquanto ouvia suas bandas favoritas, observava a floresta pela janela. Aquele mar de árvores sem fim a fizera cochilar no voo. Mal percebeu uma nuvem negra se aproximando com assustadora rapidez.

Ao acordar, presenciou o caos. Depois, tudo apagou.

---

Um zumbido insistente comprimia seus ouvidos. Muito lentamente, sua audição voltava. Os olhos doíam demais para abrir. Sua visão era embaçada e escura, com alguns traços de vermelho. Vermelho sangue.

Ao tentar mover as pernas, uma desagradável surpresa. Sentiu algo. Uma dor lancinante, que subiu do calcanhar até o cérebro. E, apesar da dor, aquela sensação a ajudou a despertar mais

rápido. Olhos e ouvidos conseguiram trabalhar melhor. E o olfato entrou em ação. Parecia borracha queimada, ou algo do tipo. Metal retorcido, fogo. Ela não sabia que cheiro era aquele que se confundia com um, inconscientemente conhecido. O cheiro da terra, molhada e cheia de vida.

Claire estava de cara no chão. Ao raciocinar, o seu cérebro dava-lhe algumas dicas. Dor e cheiro de terra. Toda aquela confusão ao acordar. Aquele som de água caindo, e sentindo-a em pingos em todo o seu corpo. Ela não estava mais no avião. Eles caíram.

— P-pai. — tentou falar o mais alto que pôde, o que não passou de um sussurro rouco. Tossiu e sentiu o gosto de fumaça e sangue na boca. Percebeu que mordera a língua, e cuspiu vermelho. Lágrimas caíam involuntariamente.

— Calma, meu bem. Estou aqui. Estou aqui... — ouviu uma conhecida voz falar com ela. Parecia um pouco longe e abafada. Mas ela sentia os braços envolventes do seu pai, e acalmou-se um pouco. Eram apenas os seus ouvidos pregando-lhe uma peça. O abraço era tremido e um pouco ansioso. Seu pai também parecia soluçar.

— O-o que aconteceu? — sua voz saiu um pouco mais forte, e ela sentiu-se mais aliviada com isso.



— Nós caímos. Estamos todos vivos, exceto pelo piloto. Tente não se mover, está bem? Sua perna está presa.

A garota tentou olhar para cima, mas grossos pingos chegavam a machucar-lhe. As árvores seguravam a maior parte da chuva, mas ainda tinha muita água caindo no chão da mata.

Ouviu uma trovoadá um pouco longe, e seu pai chamando alguém. Parecia Tom. Era difícil ver naquele ângulo em que ficou presa. Os dois empurraram com bastante força o pedaço de fuselagem que prendia a perna esquerda da garota. Ela mal se moveu. Rud e Ubiratã apareceram, e puxaram do outro lado. Conseguiram mover o pesado metal o suficiente para a perna de Claire se soltar. A garota também soltou um grito mal contido de dor, quando isso aconteceu. Bill voltou até a filha.

— Você consegue mexer a perna? — perguntou, parecendo aflito.

— Dói. Muito. — choramingou, sentando-se com dificuldade. Até a respiração estava dolorosa e chiada. Ela achou que deve ter batido com muita força em algo. Bill ficou mais aliviado, percebendo que a perna dela se movia. Ajudou-a a se encostar em uma árvore.

Totalmente desperta, a garota olhou em volta. Na sua frente, Rud cobria um ferimento na cabeça de Tom com gaze. À sua

esquerda viu Ubiratã. Ele parecia estar bem, apenas com muitos machucados e arranhões, como todos. Deparou-se também com a fuselagem do avião, presa entre algumas árvores a alguns metros de altura. Pelo visto ela foi arremessada para o chão. A cabine praticamente não existia mais. O avião pareceu ter caído de bico. O pobre piloto não tinha como sobreviver.

— Se não fossem as árvores para amortecer a queda, talvez não tivéssemos sobrevivido. — confidenciou Cindy, baixinho, enquanto a entregava dois analgésicos. Sua amiga tinha o rosto sujo de lama. Deve ter caído de cabeça no chão, como ela. Seu braço estava enfaixado e com um pedaço de galho formando uma tala. Ela deve tê-lo torcido, ou então estava quebrado. O cabelo ruivo estava ainda mais vermelho com o sangue que pareceu ter saído de alguma ferida na cabeça, já tratada.

Claire tentava lembrar-se dos derradeiros momentos antes da queda. Alguns *flashes* lhe vinham à cabeça, mas tudo parecia tão confuso! O rosto em pânico da sua irmã, a sacudindo para lhe acordar. Seu pai, na cadeira do outro lado do estreito corredor, berrando coisas que ela não entendia. Muito barulho misturado ao tirar os fones de ouvido. Gritos, alarmes, choros, vento, água. A última sensação que se lembra é de rodar muito. Depois ela apagou. E, pensando na irmã, percebeu que não a vira.

— Cher? Onde ela está? Está bem?!

— Mais ou menos. — ao perceber os olhos da amiga arregalando-se, Cindy tratou de completar logo. — Calma, ela não se machucou muito. Mas ainda está em choque. — explicou-lhe. Apontou com a cabeça para o outro lado, um pouco atrás da sua linha de visão, e Claire se virou para ver a irmã encolhida, encostada em uma árvore, naquela mesma posição dos braços segurando as pernas contra o peito. Cher encontrou o olhar da irmã, e percebeu a sua preocupação. Respirou fundo algumas vezes e tentou acalmar-se, embora ainda tremesse muito. Estava viva, bem como todos os seus entes queridos, e era isso que importava. Mas o piloto morrerá. Se ninguém mais o acompanhou foi porque o destino não quis.

Bill voltou para o lado dela, falando algo baixinho que só ela ouviu. Assentiu, enxugando as lágrimas que continuavam caindo, e levantou-se, indo de encontro à irmã.

— Ainda não sabemos o que aconteceu. — disse-lhe, tentando falar calmamente. — Chovia muito, h-houve um clarão e um dos motores começou a pegar fogo. Depois disso, p-pareceu que caímos em parafuso. Acordei você, enquanto c-caíamos e... — sua tentativa de parecer calma estava prestes a desmoronar, quando sua irmã interveio.

— Calma, mana. Está tudo bem. O que importa é que estamos todos bem. — disse, puxando-a para um abraço acalentador. Cher aproveitou o ombro para chorar novamente. Claire, ao prestar atenção na irmã, viu que ela também estava arranhada. Tinha um corte que ainda estava vermelho na testa. Seus cabelos estavam emaranhados e sujos de terra e gravetos. As bochechas estavam com um caminho limpo, que as lágrimas fizeram ao cair. Parecia maquiagem borrada.

— Eu também estou tão feia assim? — perguntou, fazendo sua irmã rir. Como sempre, Claire era a única a conseguir isso nessas horas.

— Está pior, idiota! — ela respondeu, parando para respirar mais um pouco, enquanto o sorriso levava o choro embora. Sua presença a acalmava.

— Alguém sabe onde estamos? — perguntou Tom, sentando do outro lado de Cher e dando-lhe uma garrafa de água.

— Caímos próximo à pista de pouso, creio, pelo tempo da viagem. — disse Ubiratã. — Infelizmente, parece que nenhum aparelho eletrônico está funcionando.

Claire procurou esperançosa pelo seu celular, que possuía GPS, mas o achou estilhaçado no seu bolso.

— Claire, você está bem? — perguntou Tom, ansioso.

— Parece que sim. Obrigada. — a garota respondeu, com um sorriso sincero. Tom esqueceu por alguns instantes de todas as dores do seu corpo e sorriu de volta. Ambos deram sorrisos vermelhos de sangue e riram depois por isso.

— Bom, precisamos descansar um pouco, mas não podemos demorar. Tentarei descobrir onde estamos pelo mapa de navegação do avião. Se eu conseguir achá-lo. — Resolveu Ubiratã. — Rud, procura algum riacho, ou então tenta encher nossos cantis com a água da chuva.

— Algo que eu possa fazer, Ubiratã?

— Tente encontrar uma bússola, Bill. Com a chuva, fica difícil nos orientarmos pelo sol.

Cher lembrou do seu presente.

— Não precisamos procurar! Tom me deu uma de presente. Está na minha mochila. Cindy?

— Estou chegando. — respondeu a garota, que já pegara a bolsa da amiga e procurava dentro dela. — Aqui está. — disse, quando a achou. Entregou à Ubiratã.

— Ótimo. Uma preocupação a menos. — respondeu o índio.

Cindy ajudou Bill a organizar toda a bagagem que não foi destruída no centro do local onde se encontravam. Apesar do braço imobilizado, parecia a menos machucada. Retirou de uma

das malas algumas garrafas de água que Rud lembrara de comprar no aeroporto em Georgetown e alguns pacotes de biscoito e doces. Todos sentaram-se e comeram algo.

— Lembrem-se, ainda não sabemos onde estamos. Talvez nem consigamos encontrar a aldeia ainda hoje. É melhor guardarmos o que pudermos. — lembrou Cher, já voltando ao normal. — E, Claire, essa água não é para lavar o rosto! — disse, repreendendo a irmã, que usava a água mineral para se limpar.

— Pelo que eu vi, estamos realmente a uns quinze ou vinte quilômetros da aldeia, que fica... À oeste daqui. — disse Ubiratã, observando a bússola. — Vê? Devemos estar mais ou menos por aqui, enquanto a aldeia fica aqui, e a pista de pouso onde deveríamos descer fica aqui. — finalizou, apontando o mapa para Bill. Ele o havia estendido em um pedaço de fuselagem no chão. Alguns pingos o molhavam sem pedir licença.

— É melhor começarmos a caminhada, não? — perguntou o pai das garotas, já voltando a si. Depois da queda estava começando a ter uma crise de pânico, mas suas filhas estavam bem. Ficou repetindo isso mentalmente para se acalmar.

— Com certeza. — respondera Ubiratã. — É, Bill? Quando chegarmos na aldeia vamos tratar decentemente de todos os ferimentos. Vamos ficar todos bem.

Bill olhou para o índio e sorriu. — Obrigado, Ubiratã. — disse-lhe, sincero.

Rud voltava com as garrafas vazias. — Bom, não encontrei água. E nada para comer. — a irônia do que ele disse era o seu corpo molhado e os pingos que caíam em volta.

— Tentaremos encher aqui mesmo e racionaremos. — decidiu Ubiratã. Se tudo der certo, antes do anoitecer chegaremos à aldeia.

— Anoitecer?! — perguntou Cindy, espantada.

— Bom, em condições normais deveríamos demorar umas quatro horas, mas a caminhada na mata é difícil, e temos feridos. Por isso acho que vamos demorar bem mais do que isso. — tentou se explicar Ubiratã.

— Cadê o espírito aventureiro, pessoal?! Nós iríamos fazer uma trilha de qualquer maneira. A diferença é que fomos obrigados, e estamos feridos e uma pessoa morreu... — Tom deixou a conversa morrer quando percebeu que, definitivamente, não era a mesma coisa. Mas de qualquer forma pôs o seu chapéu de Indiana Jones, deslizando os dedos pela aba. Não sabia qual era a finalidade desse gesto, mas fazia assim mesmo.

A caminhada foi mais lenta do que Ubiratã esperava. Claire estava com dificuldades: a garota tinha uma luxação no tornozelo que a impedia de andar numa velocidade razoável. Além disso,

havia o óbvio fato de que estavam dentro de mata fechada e precisavam abrir o caminho. Haviam troncos baixos e raízes altas que dificultavam a passagem, buracos escondidos pelas folhas caídas e os milhares de animais que deveriam ser temidos. Enfim, estavam na selva.

Em uma hora, Claire caiu.

— Eu não aguento mais. — disse, com uma careta. Tom a ajudou a se levantar.

— Au, au, au... — gemeu a garota. O garoto, que já levava as coisas dela, agora lhe ajudava a andar. Bill fez menção de ir até a filha, mas Cher segurou seu braço. Fez que não com a cabeça enquanto dava um risinho.

O grupo até tentou usar repelente por todo o corpo descoberto, mas perceberam que aquilo não estava adiantando muito. Pouco depois do meio-dia, não havia ninguém que não estivesse se coçando da cabeça aos pés.

— Ok, pessoal. Acho que precisamos parar para descansar um pouco e comer. Dez minutos, pelo menos. — avisou Rud, para alívio geral. Embora tentassem guardar, não conseguiram. Quase todos os pacotes de biscoitos e barras de cereais que trouxeram nas mochilas foram devorados. Cindy e Tom quase saíram no tapa



por conta de um pacote de batatas fritas. Depois da confusão, retomaram a caminhada.

— Sabe, eu sempre quis morar na Austrália. — comentou Tom, esfregando o pescoço onde um pernilongo acabara de picar. Estava triunfante com o saco de batatas nas mãos. — Sempre achei fascinante toda a vida selvagem do lugar. Mas, uma vez que você *está* na selva, sua perspectiva meio que muda.

— Deixa eu adivinhar: você daria um braço por uma banheira agora. — disse-lhe Claire, sonhando ela mesma com um banho espumado.

— Veja, não que eu esteja reclamando e tal. Sempre quis conhecer a Amazônia. Toda a aventura e essas coisas. Mas é que, sem a estrutura, a coisa fica meio que...

— Chata? — cortou Claire.

— Bem... é. — afirmou o garoto, como que se desculpasse.

— Não precisa fazer rodeios. Não era bem assim que eu estava planejando a viagem. Muito menos torcer o tornozelo logo no primeiro dia. — disse, emburrada.

— Eu não queria dizer “eu avisei”, mas...

— Mas não precisa dizer mesmo, pai. — respondeu, de cara fechada, revirando os olhos.

— Só estou dizendo...

— Pessoal, vamos fazer silêncio?! — disse Cher, parando.

— *Wow!* Calma, garota! Não precisa ficar toda irritada!

— Não, Claire. Não estou repreendendo! Faça silêncio!  
— disse, ainda mais ríspida, levando o dedo à boca. — Ubiratã, isto é...

— Água! Sim! — respondeu o índio, sorrindo.

Depois de mais alguns minutos de caminhada estressante e cansativa, eles chegaram em um pequeno igarapé, um riacho de pouca profundidade que alimenta os rios, como milhares existentes na Amazônia. O alívio foi geral.

Seguindo o curso das águas, Bill encheu todas as garrafas de água, já vazias, enquanto mais adiante todos se lavavam nas margens, espantando o calor, a sujeira e aliviando um pouco as coceiras provocadas pelas picadas de insetos.

Ao atravessarem, Ubiratã percebeu algumas sanguessugas na perna. Provavelmente entraram pelos rasgos. Ele pediu a todos que verificassem toda a área que foi submersa. As meninas seguiram para trás de uma árvore, onde puderam realizar a “inspeção”. Os homens procederam ali mesmo. Tom e Rud foram contemplados. Cada um possuía sanguessugas grudadas na perna. Algumas grudaram na calça mesmo, e essas foram mais fáceis de sair.

— Muito bem, foi uma parada refrescante e instrutiva, mas vamos continuar caminhando que as horas estão passando. — disse Rud. O professor paralisou na meia-volta ao perceber Ubiratã encostar-se em uma árvore e fazer o sinal de silêncio. Ouvira passos por perto. Tom desequilibrou-se enquanto tentava recolocar sua calça, fazendo barulho ao cair em cima das folhas secas do chão da floresta. Ubiratã revirou os olhos, mas ao ouvir um conhecido assobio, soltou o ar dos pulmões em alívio. Assobiou em resposta, sorrindo. E levou um susto ao ouvir Cher gritar.

## 05: A PONTE

A garota estava de frente a uma cobra. O animal estava pendurado em um galho baixo da árvore onde se encostava. Tinha a cor do tronco, então ela não percebeu sua aproximação. A cobra envergava seu corpo, pronta para dar o bote, e no meio do caminho uma flecha a trespassou. O animal pendeu morto na árvore, pendurado pela flecha que ainda balançava com o impacto. Cher gritou ainda mais com a flechada, tão próxima à sua cabeça.

Atrás deles, três índios apareceram.

— Essa foi perto... — comentou Cauã, aliviado, enquanto arrancava a flecha da árvore. Observou a garota que acabara de salvar. Ela estava com os olhos arregalados, e ele nunca vira olhos tão bonitos em toda a sua vida. Eram de um verde que parecia vivo, como as folhas novas de uma planta. Estava toda desgrenhada e com alguns cortes e arranhões, mas Cauã só conseguia prestar atenção em seu olhar. Pareceu ser hipnotizado por ele.

— Rud... — Jussara correu até o professor e o abraçou com tanta força que ele chegou a sufocar por uns instantes.

— O-oi... — tentou cumprimentá-la, sem muito sucesso. Ela estava com os olhos vermelhos.

— Vimos fumaça negra subindo, enquanto íamos até lá buscá-los. — disse. — Achávamos que vocês estavam... — ela não conseguiu terminar, e abraçou novamente o professor.

— Calma, Ju. Calma... — envergonhado por pensar isso, Rud chegou a ficar feliz pela queda. Pensou que a recepção seria bem pior.

Enquanto todos se emocionavam com a cena e Cindy e Claire trocavam olhares cúmplices, Cher mal prestava atenção no resto. A garota também parecia hipnotizada. Quem percebeu foi a sua irmã. E ao ver quem ela encarava, entendeu.

Abraçando Ubiratã, um índio parecia destacar-se. Alto para os padrões do seu povo, ele media 1,80 metro, e tinha o porte de um atleta. Seus ombros largos embasavam um rosto de linhas bem definidas. Seus olhos eram cor de amêndoa, e uma faixa vermelha os atravessava, realçando a cor e o formato um pouco puxado, como dos orientais. Nos seus braços argolas trançadas prendiam contas e penas, e no peito pinturas em vermelho e preto com motivos geométricos avisavam: aquele era um guerreiro. Um belo guerreiro que deixou Cher com falta de ar.

— É bom vê-lo bem, meu irmão. — disse Cauã, abraçando Ubiratã. — Estávamos preocupados.

— Eu sei. Também é muito bom vê-lo. Aliás, belo tiro este. E você, Itagi! Parece que cresceu desde a última vez que te vi! — respondeu o índio, dando um abraço em um garoto que devia ter seus doze anos. Parecia uma versão mirim de Cauã. Mas ainda não era adulto, então não poderia se pintar como um guerreiro.

— Fui eu que achei vocês! — disse, com orgulho.

— Muito bem, garoto! Seu tio o está treinando bem! — parabenizou, assanhando seus cabelos lisos. Cauã era seu irmão mais novo, e o menino o sobrinho dos dois.

— Cher, vê se fecha a boca pelo menos. — sussurrou Claire no ouvido da irmã, se controlando para não cair na gargalhada. Nunca a viu daquele jeito com um garoto. Aliás, com um homem. *E, realmente, esse é lindo*, pensou.

Rud apresentou a todos os três índios. Tom encantou-se com Jussara. Ela também era alta para os padrões indígenas. Tinha pouco menos de 1,70 metro, e sua pele tinha cor de jambo. Os olhos eram duas amêndoas, como os dos primos, e tinha as maçãs do rosto delineadas. Seus cabelos grandes e lisos eram pretos e formavam uma franja que cobria sua testa. Tinha um corpo mais

africano que indígena, esbelto e delineado de suaves curvas, acentuadas pela roupa justa.

Tradicionalmente os guacaris andavam nus, mas por terem se tornado uma tribo mais aberta à cultura dos ocidentais, eles se acostumaram a usarem roupas. Os homens geralmente usavam bermudas. No caso de Jussara, ela usava um vestido vermelho de algodão, feito pela própria tribo. E também usava algumas pinturas circulares pelo braço, além de várias bijuterias feitas de cascas de frutos e sementes como pulseiras, colares e brincos. Mas usava uma bota impermeável, daquelas de caminhada. Cresceu na cidade, afinal de contas.

Cauã, ao conhecer as garotas, foi um pouco tímido e apenas saudou a todas de uma vez, com um aceno de cabeça. Ele não conseguia encarar Cher, e ambos ficaram disfarçando os olhares furtivos que davam um ao outro. O índio pareceu ter notado a cabocla mais do que as outras. E não tinha como não notar.

Seus olhos eram puxados como os dele, e tinham aquela cor... Ela tinha a pele mais clara que o comum de um índio. Tinha um nariz fino e delicado, e sua boca tinha o formato de um coração. Cauã percebera que sua irmã era idêntica, mas ela tinha algo de diferente, que ele não soube identificar.

O grupo, mais descansado e tranquilo — afinal de contas, Cauã e Itagi estavam armados — continuou a caminhada. Com a ajuda deles, chegariam na aldeia em algumas horas. A chuva, que dera uma trégua por volta do meio-dia, voltou a cair com ainda mais intensidade.

Depois de mais algum tempo dentro da mata fechada, o grupo avistou uma clareira mais à frente.

— Bom, já estamos chegando. — disse Ubiratã, confiante. — Pessoal, antes de continuar, gostaria de dizer que iremos passar por um local um pouco perigoso.

Rud lembrara do que o amigo quis dizer. Realmente, com aquela chuva, a passagem seria mais complicada que o normal.

— O que isso significa? — perguntou Bill, desconfiado.

— E qual a sua definição de *pouco perigoso*?! — perguntou Tom, irônico.

— Bom, no caminho para a aldeia temos que passar por uma ponte, armada em cima de um pequeno desfiladeiro.

— Por favor não diga o que eu estou pensando...

— E a ponte é um pouco antiga. Feita de madeira e cordas.

— Eu sabia! — choramingou Tom. Ele, fã de filmes de aventura, imaginou a cena de uma ponte gigante caindo aos pedaços em cima de um gigantesco cânion.



— Mas não se preocupem. Até hoje nunca houve um acidente. É só termos cuidado e passarmos devagar. Com a chuva a madeira fica escorregadia.

Ao chegarem na clareira eles viram que a ponte, de fato, não era grande. Possuía em torno de dez metros de comprimento. O problema foi chegar perto do desfiladeiro. Cerca de cinquenta metros abaixo deles um violento rio cortava a rocha em duas, batendo com força nos paredões.

— Essa é uma falha formada há milhões de anos. A alguns quilômetros rio acima temos uma bonita cachoeira, que é o começo dela. Se não atravessarmos a ponte, temos que dar a volta e atravessar o rio depois da cachoeira.

— É tão longe assim? — perguntou Cher. A perspectiva da iminente travessia a fazia tremer.

— É, sim. Mas não se preocupe. O segredo é não olhar para baixo. — tranquilizou-a Rud. — Eu mesmo já atravessei essa ponte inúmeras vezes.

A trovoada ouvida assim que Rud falou serviu para atizar o medo em todos. Relâmpagos cruzaram as nuvens negras e Bill ficou preocupado.

— Não deveríamos estar embaixo de árvores *nem* em campo aberto com essa tempestade.

— Vamos, precisamos apressar o passo. Depois da ponte podemos chegar na aldeia em menos de duas horas. — disse Ubiratã. — Eu atravesso primeiro para mostrar a vocês que não tem problema.

Aos primeiros passos, a ponte inteira pareceu ranger. Era o barulho das cordas, encharcadas pela chuva. O vento também só atrapalhava, e balançava a ponte de vez em quando. O índio atravessou sem problemas.

Cher resolveu que ela atravessaria depois com a sua irmã. Pediu para Claire acompanhá-la. Ubiratã disse que não teria nenhum problema. A ponte aguentava até carroças cheias de mantimentos.

Ela travou no último passo em terra firme, segurando com força os dois tocos que serviam de apoio para as cordas do corrimão. Encharcada, seu corpo inteiro tremia de medo e de frio. O medo embrulhava seu estômago para presente.

— Está tudo bem, mana. Estou bem atrás de você. — tranquilizou-a Claire. Ela tinha perfeita noção do pânico que sua irmã estava sentindo. Bill, um pouco atrás, sentia que algo não estava certo, mas não queria assustar sua filha ainda mais. Sabia da sua fobia.

Claire pousou a mão em seu ombro, dando-lhe um pouco de coragem. — Vamos acabar logo com isso.

Cher assentiu. Pisou na primeira tábua, sentindo-a ranger. Respirou fundo, fechou os olhos e disse mentalmente que conseguiria. Sua perna estava bamba e ela precisou ordená-la a se mexer. O vento batia com força na ponte, fazendo-a balançar assustadoramente. Os pingos pesados da chuva forte a atingiam sem cerimônia.

— Você consegue, mana. Vamos. — disse-lhe Claire. Pensando que sua irmã iria atravessar mancando e que Ubiratã passou sem nenhum problema deu-lhe um pouco mais de coragem.

Segurou com firmeza na corda esfarrapada e cheia de lodo que servia de corrimão enquanto transferia seu peso para a segunda tábua e abriu os olhos.

Aquela não foi tão firme quanto a primeira.

A ponte cedeu no local onde ela pisara, partindo-se em duas e desequilibrando a garota. Enquanto os pedaços de madeira podre caíam vertiginosamente no leito do rio, Cher salvou-se por conta da corda que ainda segurava. Sua irmã, por instinto e reflexo, jogou-se atrás dela, tentando agarrá-la. O peso excessivo naquele lado da ponte fez a corda que sustentava o piso arrebentar. Claire

foi arremessada por cima da irmã, conseguindo salvar-se segurando em suas pernas.

— NÃÃÃO! — todos paralisaram em terror. Bill tentou se jogar atrás das filhas, mas Rud o segurou. Mais peso naquelas cordas poderia causar um estrago ainda maior. Cauã ordenou que seu irmão segurasse a corda ainda presa do outro lado da ponte, enquanto Jussara fazia o mesmo deste lado, e com uma agilidade fora do normal, pendurou-se nos corrimãos, tentando alcançar os braços de Cher.

A garota, por sua vez, chorava de dor. A corda rasgava-lhe as mãos, e seus músculos não aguentavam sustentá-la junto com sua irmã. Claire também chorava em desespero. Ao olhar para baixo, viu o rio bater com violência nas pedras, dezenas de metros abaixo dela, e pensou logo em sua mãe. Iria encontrá-la em breve. Esse pensamento da morte iminente pareceu clarear a cabeça da garota e acalmá-la, por mais estranho que isso parecesse em uma situação dessas. Pareceu que tudo se desenrolava em câmera lenta. Tentando manter a voz firme e alta, por conta do barulho da chuva, ela gritou:

— Cher, eu preciso soltar, se não nós duas morreremos! — ao falar com sua irmã, ela percebeu de relance que seus olhos

pareciam, de alguma forma, acesos. Claire achou que já começara a ter ilusões.

— Cala essa boca e se segura, Claire! E-eu vou aguentar! — mentira. Ela não aguentava mais. O sangue que escorria de suas mãos já caía em seu rosto, mas ela não soltaria. Nem que morresse no lugar da irmã, ela nunca soltaria aquela corda. Estranhamente, Cher sentia-se mais calma também. Olhou para Claire, e a irmã retribuiu seu olhar. A garota percebera que ela estava com um brilho nos olhos. Ambas, observando seus olhos acesos e um estranho brilho esverdeado que parecia vir de dentro da blusa, pareceram entrar em sintonia. Sem lhe pedir, Cher vira sua irmã subindo pelas suas pernas, apoiando-se nos bolsos da calça *jeans* que usava.

Enquanto isso, Cauã chegara perto o suficiente das duas, pendurando-se na corda que restara para estender o braço e alcançá-las.

— Pegue a minha irmã! — dissera-lhe Cher. Ela sabia que ele não a entenderia, mas pareceu compreender o que a garota quis dizer. Claire, que já estava em sua cintura, estendeu seu braço ao índio, e este lhe puxou para suas costas em um só impulso. Rud, que estava logo atrás, segurado por Tom, conseguiu alcançar a

garota e a puxou. Percebera de relance que seus olhos pareciam brilhar, mas esqueceu isso logo em seguida.

Cauã segurou o braço de Cher e a colocou em suas costas, bem como fizera com sua irmã. A garota agarrou-se em seu pescoço, e Bill veio lhe acudir. Conseguiu segurá-la e a trouxe nos braços até onde Claire estava.

A garota desmaiara. Usara as forças que tinha e que não tinha para conseguir salvar a si mesma e a irmã. Suas mãos, que ainda sangravam, foram enfaixadas com o que sobrou das gazes.

A ponte continuou estendida só de um lado, imprópria para a travessia. Cindy chorava em desespero, mesmo sabendo que suas amigas estavam salvas. Tom agradecia aos céus por elas estarem bem e abraçava Claire, que também chorava.

Ubiratã estava desolado do outro lado.

— Levem os cari e deem a volta no desfiladeiro. Eu irei até a aldeia para buscar ajuda e vamos atrás de vocês. — disse Ubiratã, em tupi. Cari é como chamam o homem ocidental.

— Não, primo! Fique na aldeia! Vamos até a Gruta das Águas passar a noite. É perigoso andar pela floresta com essa chuva, e não vamos chegar antes do anoitecer! Aos primeiros raios de sol retomaremos a caminhada. — resolvera Jussara. Era o mais sensato a ser feito.

---

Já fazia quase um mês que a expedição saíra de Quito. Carvajal tentava manter a lucidez, mas era difícil. Comiam apenas no final do dia, quando montavam acampamento para descansar. Passavam o dia inteiro no bergantim. Cerca de trinta servos remavam, enquanto os enfermos tentavam descansar no porão, junto aos animais e às provisões. A embarcação que entregaram ao capitão não possuía uma cabine, então os nobres também se protegiam do sol escaldante por lá. Os remadores diminuíaam a cada dia que passava, perecendo. Apenas uma dúzia de galinhas sobraram, assim como alguns poucos sacos de milho e farinha. Barris de vinho e rum eram os mais bem guardados. Poderiam morrer de fome, mas iriam bêbados.

— Não sei se conseguiremos, *Don* Francisco. — o frei devorava uma coxa de frango assada e bebia com vontade do vinho servido pelo conquistador.

— Não se acanhe pelos percalços do caminho, frei. O senhor pode não ter experiência em expedições ao desconhecido, mas eu

tenho. É comum que os fracos pereçam. — disse Orellana, com naturalidade. Ele esvaziava sua quarta caneca de vinho, sem parecer se importar em racionar.

— Não devíamos perder tantas vidas! — O frei contabilizara dez mortos até então, além dos dois que morreram na descida das cordilheiras. Todos eles pereceram de doenças contraídas na floresta.

— Mas é exatamente por isso que viemos em tão grande número! É a lei da selva, frei! Apenas os fortes sobrevivem. E são exatamente eles os eleitos para dividirem conosco a glória de encontrar Eldorado!

Um tiro cortou o silêncio com o estrondo da pólvora, fazendo o frei derrubar o resto do vinho em suas vestimentas. Praticamente o acampamento inteiro acordou com o barulho, e todos foram entender o que houve.

— Uma onça, *Don Francisco*! Dirija-se às galinhas! — disse um dos encarregados pela vigília.

— Bom, veremos se onças possuem uma carne macia. — disse, guardando sua arma.

— Você, — disse, puxando o primeiro que apareceu. — eu quero a pele deste animal. Façam a festa com o resto.



— Esse tiro não poderá ter chamado atenção para nós, capitão? — perguntou o frei, já de volta à tenda.

— É possível. Passamos o dia viajando, e ainda sem nenhum sinal de selvagens. Mas nunca se sabe onde poderemos encontrá-los. Dobrarei a vigília desta noite.

## 06: A GRUTA

A dura caminhada recomeçou. Ninguém mais tinha forças, mas era preciso chegar logo ao abrigo. A chuva não dera trégua, e as roupas pesadas e encharcadas só pioravam a situação. Cher ainda não acordara, e Cauã a carregava nos braços.

Nenhuma palavra era trocada. Nenhum comentário ou brincadeira. Apenas a vontade de sair daquela floresta era o combustível para todos continuarem.

Chegaram à Gruta das Águas quase duas horas depois. Uma imensa caverna onde, nos fundos, um lago de águas transparentes e mornas borbulhava de vida. Inúmeras espécies de animais e plantas que pareciam brilhar no escuro deixavam-no magnífico.

A temperatura dentro da gruta era amena e estável, e o barulho da chuva não chegava a incomodar. Por servir algumas vezes como abrigo para diversos índios, dentre caçadores ou andarilhos, havia muita lenha guardada no seu interior. A maior parte estava úmida, mas Itagi encontrou uma quantidade razoável de madeira seca para acender uma fogueira. Com a luz, perceberam que milhares de morcegos repousavam no teto, um pouco mais para dentro.

— Não precisam se preocupar com eles. Quando a chuva passar, sairão para comer e provavelmente só voltam um pouco

antes do nascer do sol. — afirmou Ubiratã, falando baixo para não assustá-los. Também avisou a todos para fazer o mesmo.

Tiraram as pesadas roupas encharcadas e as estenderam na pedra próxima à fogueira. Encontraram poucas ainda secas nas mochilas. Tom possuía uma impermeável, então suas roupas serviram tanto para ele quanto para Bill e Rud, que tinham mochilas pesadas de água.

As garotas conseguiram roupas limpas nas suas mochilas também, que eram impermeáveis como a de Tom. Itagi e Cauã não fizeram questão de roupas e, depois que todos encheram os cantis com a água do lago, eles deram um mergulho para se limparem da terra e da lama. Tom os seguiu, constatando que a água estava morna. Foi o suficiente para que Cindy e Claire também mergulhassem, e aquele banho foi um relaxamento providencial. Bill trocava a roupa de Cher, que continuava desacordada, sem acreditar que quase perdeu sua filha. Secava seus cabelos quando Jussara se aproximou.

— Não se preocupe. Ela ficará bem.

— Eu sei, Jussara. Obrigado. — respondeu. Era a segunda vez que quase perdia as suas filhas naquele dia. Sabia que aquela viagem era um erro, mas não podia descontar esse sentimento nelas. Precisava aguentar até que elas mesmas percebessem isso.

— É... Bill?

— Sim?

Jussara ficara um pouco apreensiva sobre a sua próxima pergunta.

— Se me permite, onde as suas filhas conseguiram esse colar?  
— ela percebera pelo semblante dele que realmente tocou em um assunto delicado. Falava baixo. Só ele a ouvira.

— Com a mãe delas. Era uma cabocla, e me pediu que desse esse amuleto para elas quando... Quando ela se foi. — Sempre educado, respondeu; mas com muito custo.

— Sinto muito. — ela já estava arrependida de ter tocado no assunto.

— Não tem problema. Sério. — pesou um pouco suas próprias palavras, como se quisesse acreditar no que dizia. — Desde a morte de Cecília eu não consigo nem tocar nesse assunto com minhas próprias filhas. Foi uma das razões de ter aceitado fazer essa viagem.

— E como você está se sentindo?

— Em frangalhos, para ser sincero. Nós não devíamos ter vindo. Desculpe-me, Jussara. Eu sei que esta é a sua casa, mas ela só me traz a pior lembrança que tenho.

— Foi aqui que a mãe das garotas...

— Foi. Em Georgetown, para ser mais exato. Pouco depois do parto.

— Sinto muito.

— Obrigado. — sorriu-lhe, sendo sincero. Era bom poder conversar sobre isso com alguém, depois de tanto tempo. Ajudava um pouco. — Mas, eu poderia saber o porquê da curiosidade? Esse amuleto é um *muiraquitã*, correto?

— É sim. É considerado um amuleto sagrado por muitas tribos na Amazônia. Fiquei curiosa porque este em particular não parece um *souvenir* comprado em qualquer lugar.

— É, ele é muito bonito. — admitiu, segurando o de Cher entre os dedos. — Cecília disse que foi a mãe dela que o deixou.

— E a mãe dela que era índia?

— Exato. Nós nunca a conhecemos. Cecília foi criada pelo pai. A única coisa conhecida sobre sua mãe era este amuleto e... — Bill parou de falar. Em sua mente aquela trágica noite voltou com força e ele ficou um pouco tonto. Lembrou-se da estranha conversa.

— Bill, você está bem?

— Sim, sim. Foi apenas uma tontura. — respondeu, meio desorientado. —Lembrei de uma coisa estranha que ela me disse antes de...

— Uma coisa estranha? — Jussara queria muito não continuar aquela conversa, pois via que fazia mal a ele. Mas precisava ter certeza das suas suspeitas antes de conversar com seus primos e com o cacique.

Bill olhou nos olhos da índia, e percebeu que ela estava séria e concentrada. Não queria aquela conversa, mas ela parecia muito interessada em entender de onde viera aquela pedra. Antes de pensar no que fazer, ele se viu falando.

— Ela me pediu para confiar nas minhas filhas. Elas seriam muito importantes para o seu povo. — disse, mecanicamente. Seu olhar estava perdido em algum ponto da gruta atrás de Jussara.

A índia por sua vez, custara a acreditar no que acabara de ouvir. Seu coração pareceu ter tomado um choque de adrenalina, enquanto seu corpo inteiro se arrepiava. Seria possível? Aquelas duas meninas, vindas de tão longe, tendo alguma coisa haver com *elas*?

— Desculpe-me por tê-lo feito falar coisas que não queria. — disse-lhe, estranhamente formal.

— Espere, Jussara. O que você queria saber? O que tem esse amuleto?! — Bill segurara a índia pelo braço e parecia um pouco transtornado.

— E-eu preciso pensar um pouco a respeito. Desculpe, Bill. Assim que chegar a uma conclusão, você será o primeiro a saber. — nervosa, desvencilhou-se da mão dele e foi até a beira do lago. Sentou-se e pôs seus pés na água morna, observando as brincadeiras dos garotos e das garotas. Precisava pensar bem antes de agir.

---

Em pouco tempo Ubiratã chegou à aldeia. O índio ficou aliviado e foi recebido com alegria pelo povo, que nunca mais o tinha visto. Mas uma notícia o deixou angustiado. Alguém lhe contara que o seu pai, o cacique, estava muito doente.

Entrando na oca grande, Ubiratã foi direto aos aposentos do seu pai, e o viu deitado numa esteira com os olhos fechados. Um incenso estava aceso, deixando o local com cheiro de ervas. O pajé o rezava com um chocalho numa mão e um estranho objeto feito com ossos na outra. Aquela fumaça, aliada ao canto do pajé, fizeram Ubiratã ficar um pouco tonto.

— Meu pai, cacique dos guacaris. Estou de volta ao nosso lar.  
— ele se anunciou, fazendo seu pai abrir os olhos e lhe dar um sorriso cansado.

— É bom vê-lo, filho. Vejo que está bem e forte. — disse, tossindo. O pajé deixou os dois a sós por um momento.

— O que aconteceu? — perguntou, ajoelhando-se e segurando a sua mão.

— Seu pai está sentindo a idade avançar, meu filho. Os grandes deuses pedem a minha ida para junto deles.

— Pai, eu posso trazer um curandeiro cari para vê-lo. Permita-me...

— Meu filho, eu sei que você tem letras e conhece a cultura cari, mas eu tenho plena confiança na medicina do meu povo. Se nossos ancestrais querem que eu me junte a eles, nada podemos fazer. É a lei da vida e da morte.

— Mas, pai, podemos salvar sua vida. Pode ser uma coisa simples...

— Chega, Ubiratã. Já tenho dito o que precisava ser dito! Só quero que você não deixe a aldeia nesses dias. Preciso de você aqui, comigo. Tenho um mal pressentimento.

— S-sim, cacique. Claro. — Ubiratã ficou um pouco encucado com o que o pai disse, mas fez uma pequena reverência e o deixou



com o pajé, que estava de volta. Queria tentar ajudar, mas a sua palavra é lei. Só o pajé, o curandeiro e sacerdote da tribo, poderia salvá-lo.

O filho do pajé, seu aprendiz, aplicava nas feridas de Ubiratã um unguento verde e pastoso que cheirava mal e que ardia muito.

— Você precisa de pelo menos um dia de repouso absoluto para os emplastos fazerem efeito. — disse, saindo logo em seguida.

Ubiratã passou um tempo rezando, pedindo proteção ao grupo que estava no meio da floresta. Exausto, adormeceu em uma rede quase instantaneamente.

---

O barulho da chuva vinha ao longe. Abriu um pouco seus olhos, percebendo um clarão ao seu lado. Ouviu algumas vozes indistintas. Pareceu reconhecer a da sua irmã. Ela parecia feliz. Ria. Por um momento, achou que estava em casa, ao lado da lareira em uma noite chuvosa de outono. Podia jurar que ouvira

seu pai chamá-la para o jantar. Lembrou-se do sonho que teve. Sua mãe estava nele. Elas brincavam em um parquinho. Sua irmã caíra do balanço, e ela ria muito com isso. Resolveu voltar ao seu sonho, mas o parquinho virara a floresta, sua mãe uma sereia horrenda e seu pai uma cobra gigante, com os olhos de fogo. Sentiu um puxão muito forte, e ao virar-se, viu uma criatura vermelha e escamosa lhe sacudindo os braços e gritando seu nome.

Cher acordou. Suava muito e se debatia, enquanto Rud tentava lhe acordar.

— CLAIREEE! — sentou-se em um pulo, gritando o nome da irmã.

— Calma, mana. Estou bem aqui! Calma... — dizia, enquanto a abraçava.

— O-onde estou? Eu, eu... — uma forte dor de cabeça a fez gemer.

— Deite-se novamente, está bem? Fique quieta. Você desmaiou depois do episódio da ponte. Fez muita força lá e não aguentou. — explicou Rud, enquanto a ajudava se deitar. Bill correu até a filha para certificar-se que ela estava bem. Com o grito, algumas centenas de morcegos se assustaram e voaram pela caverna, já que não poderiam sair com a forte chuva. O agito destes provocou os outros, e milhares de morcegos voaram feito loucos acima das

cabeças de todos. Tom acabou contemplado com as necessidades fisiológicas de um deles.

— É claro que tinha que cair em mim. Muito obrigado! — respondeu a esmo. As risadas que o seguiram não ajudaram em nada a situação. Depois de algum tempo, os morcegos se assentaram novamente, desta vez ainda mais longe da fogueira e dos humanos intrusos.

— Estou fazendo um chá com algumas sementes que Itagi me trouxe. Sementes de Sucupira. Ajuda a baixar a febre. Tenho certeza que você se sentirá melhor. — disse Jussara, sorrindo para Cher.

— Onde estamos? — perguntou, percebendo que estava mesmo um pouco febril.

— Em uma gruta. Conseguimos acender uma fogueira com a lenha que tinha aqui dentro. Tome, coma alguma coisa. Não sobraram muitos biscoitos, então tivemos que dividir. — disse Claire, entregando à sua irmã quatro rosquinhas amanteigadas molhadas. — É tudo o que temos. — explicou, quando Cher olhou, triste, para o biscoito.

— A não ser que você aprecie comer insetos. — comentou Cindy, enjoada, vendo Itagi comer algumas larvas que retirou das cascas das árvores próximas.

— Na verdade, elas têm gosto de manteiga. — disse Jussara. — É uma boa maneira de conseguir gordura e sobreviver na floresta.

— Hei, Cauã conseguiu pegar alguns peixes! — avisou Claire, olhando com devoção para seis peixes que o índio trazia nas mãos, saindo da escuridão do fundo da gruta.

— Não são grande coisa, mas dá para matar a fome. — disse o índio, percebendo os olhares desejosos de todos os presentes na sua pesca. Jussara o ajudou a limpá-los, e Tom e Itagi fizeram alguns espetos com pedaços de madeira e machadinhas.

A noite finalmente surgiu e, após o jantar e de banho tomado, todos desabaram exaustos. Cauã falou com Bill e Rud, e os três decidiram revezar a vigília noturna. Rud foi o primeiro, enquanto Bill deitou-se junto às suas filhas e Cauã encostou-se do lado de Itagi. Tom deitara ao lado de Cindy, e Jussara ficara com Rud mais para a entrada da gruta. Os dois, sentados, observavam a chuva, que não parecia querer parar.

— Achei que fosse perder você hoje. — revelou ela, mirando a entrada da gruta.

— Eu achei que não chegaria a vê-la. — confessou. — Olha, Ju, eu...

— *Shhh*. Esquece, ok? O que importa agora é que você está aqui, e vivo. O que aconteceu ficou no passado. — disse, encarando-o.

Rud não conseguiu entender porque não teve coragem de largar tudo e ficar com aquela mulher espetacular. Olhou fundo nos olhos dela e a beijou.

## 07: A PANTERA E O CURUPIRA

A madrugada avançava, lenta e chuvosa. A fogueira no interior da gruta queimava o resto de lenha que ainda não virara cinzas. O barulho constante e hipnotizante da água ajudou sua mestra a embalar os dois vigilantes da vez, Cauã e Itagi, num sono acolhedor.

Agora que todos dormiam, ela poderia terminar seu trabalho. Desde que o grupo chegara na gruta ela esperava, ansiosa, por aquele momento.

Permanecia em cima da árvore, deitada no seu galho mais firme, observando. Sentia o cheiro inconfundível de carne e sangue saindo daquele lugar. Sua boca sempre salivava com aquele cheiro. Enquanto lambia os lábios, saltou ao chão. O barulho da sua queda foi engolido pelo da chuva.

Caminhava em direção à entrada da gruta. Já sentia o calor emanando do fogo. Sentia, inclusive, a pulsação dos corações das suas presas, ritmados com o som dos seus passos. Sim, podia sentir o coração das herdeiras, batendo, juntos. No compasso da morte.

Saciaria sua sede de sangue. Acabaria com a dinastia de Ci, naquela noite. Sua mestra ficaria orgulhosa.

Entrou na gruta, tão silenciosa quanto um fantasma. Seu negro pelo anil, todo molhado, brilhava com a luz fraca da fogueira. Seus olhos também brilhavam. Eles estavam cinzas, totalmente opacos.

A imensa onça negra reconheceu a pedra, dependurada em duas partes, no pescoço das herdeiras. A jade e o ouro também brilhavam.

Deixou seus dentes à mostra, fixando no local onde os enterraria. Precisava ser rápida e eficaz, sem deixar tempo para gritos. Enquanto retesava seu corpo, preparando o bote, a fogueira pareceu cuspir uma criatura que bloqueou a sua visão.

Ele tinha o corpo similar ao de um chimpanzé, com tronco meio curvado e braços enormes, que encostavam no chão. Sua altura era a de uma criança em seus dez anos, e sua pele era escamosa, como a de uma cobra. Inteiramente vermelha, ela brilhava e reluzia o fogo que vinha tanto da fogueira quanto da sua cabeça. Seus cabelos, se é que se poderia chamar aquilo de cabelo, eram vermelhos e intensos, e pareciam chamas vivas. Seus imensos olhos, completamente negros, fitaram a pantera; desafiando-a.

— Nesses humanos você não encosta. — sua voz, saída por uma boca pequena, sem lábios ou dentes, era rouca e grossa, e um pouco metálica. Falava em uma linguagem muito antiga, quase

gutural. Enquanto encarava o felino, seu corpo ficava arqueado. Algumas protuberâncias, que mais pareciam espinhos, eriçaram nas suas costas.

— A Dama da Noite me obrigou a fazer o serviço, deus do fogo. Não posso parar até terminá-lo.

— As herdeiras estão com o muiraquitã, seu idiota. Você morrerá assim que encostar nelas. Porque acha que a medjia, pessoalmente, não já o fez?! — Medjia significava bruxa na língua icamiaba.

— Você não entende! Eu não tenho vontade própria! — enquanto o felino saltava, já com as presas à mostra, o curupira saltou em sua direção, abatendo-lhe com uma pequena lança em punho, bem no seu coração.

Tudo aconteceu em uma fração de segundo. A pantera, que uivou de dor ao ser ferida, acordou a todos no susto.

O curupira deu um imenso salto, apagando a fogueira e sumindo na escuridão da gruta. Morcegos voavam como loucos para todos os lados.

A primeira providência foi sacrificá-la, uma vez que ela ainda agonizava ao lado de Cher e Claire. As garotas, horrorizadas, haviam gritado muito mais alto que o animal. Cauã se encarregara



de matá-la de uma vez. Com a ajuda de Rud, a levou para o fundo da gruta, onde ninguém podia ver.

Enquanto todos tentavam entender o que houve, Jussara parecia em choque. Ela só conseguia lembrar do maior medo que já tivera, quando tinha oito anos.

Estava passando as férias na aldeia, e decidiu explorar a floresta. Conseguiu se perder, e não encontrava o caminho de volta. Acabou escurecendo, e ela subiu em uma árvore para tentar se proteger. Enquanto soluçava, não percebeu a aproximação de uma onça. Quando seria tarde demais, um vulto avermelhado, que mais parecia uma tocha acesa voou na sua frente, fazendo a onça pular da árvore e sumir dali. O mesmo vulto que vislumbrou agora.

— Pessoal, me desculpem. Não sei o que aconteceu, eu e Itagi caímos no sono, e nós nunca fizemos isso e...

— Calma, primo. A culpa não foi de vocês. — disse-lhe Jussara.

— O que essa onça fazia do nosso lado?! — perguntara Claire, horrorizada. Alguns pingos do sangue do felino sujavam seu rosto e blusa. Ela estava louca para ver uma pantera negra, mas com certeza não naquelas circunstâncias.

— Não sei, minha filha. Não sei. — respondeu Bill, abraçando-as. Será que não teriam sossego naquela viagem? — Pelo amor de Deus, alguém pode me dizer o que está acontecendo?! Essa maldita floresta quer matar as minhas filhas, é isso?! — perguntou ao vento, quando conseguiu recuperar as forças que não achava que tinha. Parecia desnortado, até um pouco louco. Ver o animal ao lado das filhas piorou e muito sua situação.

— Calma, Bill. O que importa é que ninguém se machucou. — tentou dizer-lhe Rud.

— Não foram suas filhas que quase morreram três vezes em menos de 24 horas! — disse-lhe, encostando seu dedo indicador no peito do professor. Morcegos assustaram-se novamente.

Jussara ficou na frente de Rud, que ficou sem reação. Quando Bill olhou em seus olhos, baixou a guarda. A gruta inteira pareceu ficar em silêncio naquele momento.

— Desculpem-me, eu, eu... — estava prestes a chorar.

— Está tudo bem, pai. Está tudo bem... — disse Cher, tomando seu pai em um abraço. Nunca o vira perder a cabeça daquela forma em toda a sua vida. — Eu sei o que essa viagem representa.

Bill desvencilhou do abraço da filha, olhando novamente para Rud.

— Rud, perdão, eu...

— Não precisa falar nada, meu irmão. Para ser sincero, eu também não sei o que está acontecendo. Mas tem algo rolando aqui. Eu passei dois anos morando nessas redondezas e nunca vi algo parecido. — Aliás, — perguntou, em tupi. — alguém viu alguma coisa além da onça, ou estou ficando maluco?!

Jussara receou contar que também vira algo. Não sabia qual seria a reação de Rud ao saber que ela realmente acreditava naquelas lendas que lhe ensinara quando moravam juntos.

— Existe algo mais preocupante do que saber se havia ou não mais alguma coisa. Porque a pantera passou direto até as caboclas? — perguntou Cauã.

— Isso é realmente intrigante. Ela poderia atacar você, ou até mesmo nós dois, que estávamos logo atrás — disse o professor, referindo-se a ele e Jussara —, mas passou direto até Cheryl e Claire. Os três olharam de relance para as duas, que estavam ao lado do pai.

— Eu não queria descansar mesmo... — disse Claire, sarcástica, enquanto bocejava de novo. A adrenalina ainda corria solta em suas veias. Com certeza ela não conseguiria dormir. Nenhum deles.

Com o raiar do deus-sol Nhandear, que finalmente tornara a aparecer, os índios e os ingleses despertaram do seu estado de letargia. O cansaço e a apreensão eram tão grandes, que nem dormiram nem ficaram acordados.

Cauã foi o primeiro a sair da gruta úmida e sentir o calor do astro. Sentia sua força devolver-lhe as energias perdidas no dia anterior. Rezou a seu pai, rogando-lhe que o guiasse até sua casa. A aldeia estava bastante longe. Ele dera uma volta pelos arredores e trouxe algumas frutinhas de guaraná para todos comerem. É um eficiente energético que poderia ajudar.

— Tô com fome... — resmungou Claire, enquanto bocejava e coçava os olhos.

Cher já havia levantado, e estava observando Cauã subir em uma árvore, para tentar ver melhor para onde deveriam ir. Claire aproximou-se por trás, em silêncio.

— Você está realmente afim do índio bonitão, não é? — sussurrou em seu ouvido. A irmã teve um sobressalto de susto. Não a percebera.

— Primeiro: não faça mais isso. E, segundo: sim, estou realmente afim dele... — confidenciou.

— Eu sabia! Vai até lá subir na árvore com ele!

— Você enlouqueceu?! Eu nunca subi em uma árvore na vida!

— Temos sangue de índio nas veias, garota. Isso deve ser moleza.

— Não estou afim de ficar sem andar, como você. E por falar nisso, como vai o pé?

— Meu tornozelo ainda está meio inchado, mas está melhor que ontem. Não dói tanto. Acho que os anti-inflamatórios fizeram seu trabalho.

— Ainda bem. — As duas entraram na gruta para ajudar a arrumar tudo e partir.

---

O curupira seguia o grupo desde a misteriosa ruptura da ponte. Ele sabia o quanto ela era frágil e estava velha, mas não quebrou-se por conta do peso das pessoas, ou por conta da tempestade. Já existiram situações climáticas piores naquele local, e aquela ponte já fora usada nestas situações. O mamaé sentira a presença da medjia no local. Percebeu que ela, de alguma maneira, fizera a ponte partir-se. Mamaé é a designação dada aos espíritos protetores da floresta.

E ele percebera facilmente o motivo daquele ataque. Ao ver que as caboclas iguais estavam com o muiraquitã sagrado, logo lembrou-se da velha profecia icamiaba. Sentiu a força que emanava da pedra quase instantaneamente. O poderoso amuleto que a Akh'Mé — como é chamada a soberana daquele povo — sempre usava havia sumido desde que dois cari e um bebê fugiram com ele, há algum tempo.

A grande Akh'Ar, a Cidade-do-Sol, capital do imenso território icamiaba, tornou-se uma lenda dentre os cari, desde que Colombo descobriu a América. Hernán Cortez, conquistador espanhol que veio ao Novo Mundo atrás do ouro que os navegadores tanto comentavam, soube da lenda do *El Dorado* — o imperador que se cobria de ouro — através dos astecas, enquanto saqueava e destruía seu povo. Descobriu que o imperador em questão governava uma cidade inteiramente feita do metal dourado. Nas suas muralhas, seus pilares, e até nos muros das casas mais simples. A cobiça era muito grande, mas os estoques da sua frota naval estavam abarrotados com a pedra retirada dos astecas. Com o retorno à Europa, a lenda logo espalhou-se. Gonzalo Pizarro, recém nomeado governador da província de Quito, foi encarregado pelo rei da Espanha para encontrar a

cidade de ouro. Pizarro colocou o capitão Francisco de Orellana, grande conquistador, comandando uma expedição para encontrar as terras do *El Dorado*.

Orellana, que chegou ao rio Grande por volta de 1542, teve a sua expedição narrada em detalhes pelo frei Gaspar de Carvajal. Conseguiram chegar muito próximo do local onde, acreditavam, ser o reino dos icamiabas. Mas os espanhóis não foram páreos para as guerreiras daquele povo e nem para as surpresas da floresta. O frei, avistando-as, chamou-lhes de Amazonas, comparando-as com as mitológicas guerreiras gregas. Segundo relatos do frei, tais guerreiras eram “muito alvas e altas, com o cabelo muito comprido, entrançado e enrolado na cabeça. São muito membrudas e andam nuas a pêlo, tapadas em suas vergonhas; com os seus arcos e flechas na mão fazem tanta guerra como dez índios.” (Gaspar de Carvajal: Descobrimento do rio de Orellana, 1941).

O frei foi o único que chegou ao oceano atlântico, parada final, quase um ano depois do início da expedição. Sozinho e praticamente morto, foi encontrado por uma embarcação francesa boiando à deriva em uma canoa de índios. Foi ele também quem batizou o então rio Grande de *rio de las Amazonas*, para demarcar

o local onde conheceu tão exóticas e perigosas guerreiras. Nunca mais, desde então, ouviu-se falar no capitão Orellana e nem nos poucos sobreviventes da expedição.

O mistério em torno de Eldorado vislumbra a mente dos cari até hoje.

---

Encontraram uma trilha, e Cauã acreditou que ela fosse levar até a travessia do rio. Enquanto caminhavam, ele pensava muito a respeito da noite anterior. A pantera queria atacar as caboclas. Não conseguia pensar em algum motivo para esse estranho fato.

— Cauã? — Jussara parecia aflita.

— Oi, prima. O que houve?

— Preciso lhe dizer uma coisa. — disse-lhe, com a voz baixa.  
— Você reparou nas duas caboclas? Viu o que elas carregam no pescoço?

— Para falar a verdade, não. — Cauã iria dizer que não conseguiu prestar atenção exatamente no pescoço de Cher ao invés do seu rosto ou das suas curvas, mas ficou calado. — Porquê?



— Elas estão carregando um muiraquitã. Mais precisamente, metade com cada uma.

— Certo, mas...

— Um muiraquitã que foi deixado às duas pela mãe, minutos antes de morrer. Mãe esta que era cabocla, e que o herdara da sua própria mãe.

— Certo, isto é estranho. — admitiu o índio, após meditar por meio segundo aquela nova informação.

— Isso não é tudo. Eu vi de perto a pedra no pescoço de Cher. Ela parece ser feita em jade, e tem detalhes dourados.

Cauã tropeçou e quase caiu. Olhou nos olhos da prima, vendo que ela não estava brincando.

— Mas, por Tupã, como o pai delas poderia ter conhecido a mãe?! Você sabe como *elas* são, Jussara.

— Do que tanto vocês falam aí? — perguntou Rud, interrompendo a discussão. Ficara curioso com aquela conversa rápida, a qual ele não entendera muita coisa.

— De um assunto do seu interesse, Rud. Aliás de todos nós.

— Espere, Cauã. Não temos certeza! — interrompeu-o Jussara. Os três pararam de andar, deixando a todos curiosos.

— O que você quer dizer? — perguntou Rud, menos curioso e mais alarmado.

A índia fechou os olhos e respirou fundo, antes de revelar:

— Acho que descobrimos o porquê de tanto azar nessas últimas vinte e quatro horas.

## 08: O MUIRAQUITÃ

Enquanto Jussara falava em tupi para Rud sobre suas suspeitas, ele lembrou-se de quando estudou as civilizações Pré-Colombianas. Estudara sobre as expedições espanholas e ouvira muito falar das amazonas, que o frei Carvajal encontrara naquela região. Mas nunca deu bola a essa história, pois acreditava, assim como a grande maioria dos estudiosos, que o frei estava apenas romantizando os feitos da expedição, como era comum naquela época. Convicção essa que só aumentou quando visitou a floresta e ali morou, uma vez que nunca ouvira falar, dentre os próprios indígenas, sobre tais mulheres guerreiras.

— O grande problema, meu amor, é que nenhum índio jamais lhe contou nada sobre elas porque são proibidos disso.

— Todas as tribos da floresta temem muito as icamiabas. — completou Cauã. A tribo icamiaba seria, segundo os estudos, a das mulheres guerreiras.

— Temem? Tipo, no presente? — ele achou que poderia ter entendido errado o verbo em tupi.

— Sim, Rud. Os icamiabas sempre existiram, e ainda existem. Eles são a tribo mais poderosa da floresta.

— Mas, isso é impossível! Como, se não existe nenhum vestígio dessa tribo?! — o professor parou um pouco, talvez pensando em outras coisas. — Espera, espera um pouco. Se eles realmente existem...

— Sim, Rud. *Toda* a história é verdadeira. Inclusive a cidade coberta de ouro. Não pronuncie o nome. Eles podem ouvir! — o advertiu Jussara, quando o professor já abria a boca para falar “Eldorado”. — As tribos mais próximas, como a nossa, são guardiãs deste segredo milenar. No passado, praticamente metade da floresta amazônica, o que é um território *muito* grande, era dominado pelos icamiabas. Nossas terras, inclusive. Com o tempo e com a expansão da civilização ocidental, eles perderam seus territórios e nos deram o direito pelo nosso lar, em troca do nosso silêncio. Nenhum índio que conhece o segredo é louco o suficiente para dar com a língua nos dentes. Seria um atestado de morte.

— Elas são muito poderosas. — completou Cauã. — E você só está ouvindo essa história, Rud, por conta das suas afilhadas.

— Era isso que eu ia perguntar. O que isso tem a ver... — Rud finalmente entendera. Lembrara do muiraquitã preso no pescoço de Cher e Claire, e virou-se para encará-las. Toda a história que aprendera viera à tona de uma só vez.

O muiraquitã era a pedra sagrada das Amazonas. Diziam as lendas que as índias mergulhavam no lago Ya’Ci-uaruá, o lago sagrado da deusa-lua, e das suas profundezas enlameadas retiravam a pedra da lua, como também era chamado o amuleto. Quando a índia saía das águas, a pedra endurecia em sua mão, tomando a forma de algum animal. Sempre soube que as meninas carregavam um muiraquitã no pescoço, que era de Cecília. Sabia que o muiraquitã pertencia à mãe dela, mas sempre achou que fosse um amuleto comum em muitas tribos da Amazônia. Nunca tinha dado a devida atenção ao amuleto, e nunca teve a curiosidade de procurar saber mais sobre ele porque, bom, nem mesmo Cecília sabia.

— Oh! — foi a única coisa que o professor conseguiu dizer. Ele parecia sem ar. Seus olhos estavam arregalados.

— Tio, o senhor está bem?! — Cher ficara preocupada. Rud a olhara nos olhos, e na mesma hora passou mal.

— Sim, sim. Estou bem, Cher. Foi só uma tontura. — desconversou, em inglês. Ele não conseguia acreditar. — Será possível, Ju? Quer dizer, é muito comum encontrar um muiraquitã nos artesanatos indígenas, e...

— Eu sei, Rud. — disse, interrompendo-o. — Mas o das meninas foi dado pela mãe, antes de morrer. Bill me confirmou

isso. As icamiabas possuem esse costume de passarem o amuleto de mãe para filha. Fora que o das meninas, especificamente, é muito bem trabalhado e, acredito, feito de pedras preciosas.

Realmente, o amuleto era feito em jade e ouro, lembrava Rud. Ele fora com Bill em um ourives para dividí-lo, a pedido da própria Cecília.

Enquanto os dois discutiam sobre os amuletos, Cauã seguia na frente até empacar. Jussara chegou a trombar com o seu primo, pois não percebera a súbita parada. Quando olhou para frente, deixou seu queixo cair. Rud acompanhou seu olhar, e teve a mesma reação. Logo, todos do grupo seguiram seus olhares para o que o índio encarava. Os ingleses ficaram confusos, mas os índios, e agora Rud, não acreditavam no que viam.

Na frente de todos, bem no meio da trilha, estava um objeto dourado. Cilíndrico, de pouco mais de um metro de altura e cerca de cinquenta centímetros de diâmetro. Sua superfície estava cheia de símbolos cravados, formando vários desenhos geométricos e similares a animais e plantas, que ninguém entendia o que eram. Sua base superior era inteiramente lisa, maculada apenas por uma série de símbolos.

— “Área de caça. Setor 05 - Sul”. — disse Cauã. Assim como Ubiratã, ele aprendera o básico da língua icamiaba quando

criança. Os filhos dominantes das tribos guardiãs do segredo costumavam aprender.

— Área de caça? Quer dizer que...

— Que aqui é território icamiaba? Sim. — respondeu à sua prima. O índio estava pálido e com os olhos esbugalhados. — Quer dizer, a gruta fica dentro da área de influência delas, mas eu achei que estivéssemos andando para oeste. Aliás, estávamos andando para oeste! O sol e... — parou e percebeu que o sol não estava onde deveria. Ou ao menos onde ele esperava que estivesse. Não entendeu como aquilo aconteceu.

— É... Tio? — Claire interrompeu o monólogo de Cauã, curiosa. — O que é esse totem dourado aí na frente?

— E-eu não sei, Claire. — disse Rud, ansioso. Não sabia da dimensão do perigo, mas ficou apreensivo com a troca de olhares entre Jussara e Cauã.

— Rud, o que está havendo aqui? — Bill parecia nervoso também. Não entendera nada da discussão e tampouco sabia o que significava aquele objeto. Mas percebia, assim como todos, o nervosismo latente em Cauã e Jussara.

— Precisamos sair daqui o mais rápido possível, Jussara. — disse Cauã, urgente, ignorando a pergunta que não entendera do pai das garotas.

— Mas vamos sair da trilha! Como iremos encontrar o caminho de casa?

— Pensamos nisso depois, quando sairmos daqui. Vamos, à oeste. Agora!

— Mas, Cauã, é a única trilha daqui!

— Eu sei! Mas não podemos ser vistos por aqui, você sabe! Andem, vamos. Precisamos sair daqui o mais rápido possível. Rud, diga aos seus para não falarem, e nos seguirem o mais rápido que puderem. — Cauã mal terminou de falar e já seguiu por dentro da floresta, sendo acompanhado por Jussara e todos os outros.

---

— E-eu não aguento mais, frei! — o moribundo estava praticamente morto. Suas pernas estavam infestadas de feridas abertas, e, nestas feridas, vários insetos já depositaram seus ovos. Agora, o que se via eram larvas comendo a carne que apodrecia com uma rapidez horrenda. Ele ardia em febre, e estava amarelo. Sua aparência era pior que a de um leproso, pensava Carvajal. Seu rosto estava inchado, cheio de picadas. As larvas pareciam entrar



cada vez mais no restante do corpo, pois já se viam algumas feridas abertas no tórax.

— Não há nada que possa ser feito, frei. — disse Orellana. O conquistador parecia cansado. Tão magro quanto os demais, já não usava as roupas e a armadura de capitão. Seu próprio rosto já estava tão ferido quanto os dos seus subordinados. Ele só não desfalecera porque tinha muita fé na sua missão. Fé esta que seus homens já não partilhavam mais. Depois de três meses de viagem, eles ainda não encontraram nada, a não ser uma floresta interminável, dor e sofrimento.

Todos os animais já morreram. Dos oitenta homens, sobraram menos de quinze. E destes, mais da metade já estava doente e morrendo.

— É mais um que deixaremos para trás, *Don Francisco!* — o frei, que insistia em continuar usando suas vestes católicas, também estava magro e com uma barba imensa e suja. Ajudava a proteger o rosto.

— Como eu disse, não há nada que possa ser feito. A não ser isto. — sem cerimônia, Orellana desembainhou sua espada e deu uma investida certeira no coração do pobre homem, que morreu quase instantaneamente.

Ninguém reagira àquele ataque. Os sacrifícios tornaram-se comuns. Todos que desfaleciam recebiam o mesmo destino. E nem balas eram usadas, pois as poucas que restaram estavam guardadas para qualquer necessidade.

— Joguem o corpo no rio. Acamparemos aqui mesmo esta noite. — decidiu Orellana.

Gaspar de Carvajal não teve tempo de dar a extrema unção ao pobre homem, então rezou pela sua alma.

Duas horas depois do pôr-do-sol, quando Orellana finalmente conseguira pegar no sono, caiu da sua rede com um grito. A este somaram-se outros. O capitão sacou seu revólver e estava pondo a pólvora quando uma lança espetou-lhe pelas costas.

— Jogue esse troço no chão, cari, ou eu te mato!

O conquistador sabia algo de tupi, mas não precisava falar a língua dos índios para entender aquilo. Ele jogou sua arma no chão e levantou os braços. Estava perdido.

---

Cauã quase corria, abrindo caminho de qualquer jeito por entre as árvores. Como não sabia exatamente onde estava, só se sentiria aliviado quando tivesse noção de que estava fora das terras icamiabas.

Enquanto seguiam rumo a oeste, algumas índias observavam o grupo, e os acompanhavam um pouco de longe. Os seguiam há um bom tempo, e tentavam descobrir de onde eram aquelas pessoas.

Elas reconheceram o guerreiro que os liderava como o filho do cacique dos guacarís. E havia alguns cari com ele.

— Como ele tem coragem de trazer cari para nossas terras?! — perguntou uma delas, cochichando.

— Eles devem estar perdidos. — respondeu a outra. — O guerreiro guacari está desesperado.

— Vocês duas, chega de conversa! Peguem seus dardos e apaguem o guerreiro. Jupá, venha comigo. Interceptaremos eles pela frente.

— Está bem, coniuuiara. Quer dizer, espere! Espere!

— O que foi, garota?!

— Veja! Aquelas caboclas!

— O que tem elas?!

Mas a pergunta fora feita tarde demais. Jupá desmaiara sem a menor explicação. As outras duas índias se posicionaram na defensiva, mas, ao mesmo tempo, também desmaiaram.

A coniuquiara, grande senhora em tupi, forma que as icamiabas chamam as comandantes da guarda, estava sozinha com ela. Não a via, mas sentiu a sua presença. Tudo em volta pareceu morrer e ficar frio. Respeitosamente, ajoelhou-se.

— A Dama da Noite precisa de algo? — perguntou, com os olhos fechados. Odiava aquela medjia, mas o seu poder e influência eram enormes naquelas terras.

— Fique longe dessas pessoas, Guipara. — sussurrou uma voz velha.

— Mas, senhora, elas invadiram nosso território. É preciso intervir.

— Fique longe, insolente! A Dama da Noite ordena!

Um vento forte e muito frio irrompeu pela mata. Todos levaram um susto. Cauã e Itagi se prepararam para o ataque, mas não viram nada. As guerreiras desmaiadas estavam escondidas pela vegetação, e Guipara conseguira se esconder bem a tempo. Detrás do tronco de uma grande seringueira, ela viu algo que a deixou desconcertada. No pescoço das duas caboclas, uma metade com cada uma, estava algo que vira quando era mais nova.

Sua letargia durou pouco. Era preciso agir. Poderia ser qualquer muiraquitã que aquelas duas usavam, mas ela sabia que não era. Corria de volta à Akh'Ar, enquanto pensava no que faria. Aquele grupo voltaria para a aldeia guacari, então era para lá que ela devia ir. Mas antes, precisava avisar à Akh'Mé. Avisá-la de que a dinastia de Ci poderia, sim, continuar. E ela poderia, finalmente, cumprir a promessa que fizera tantos anos antes.

## 09: A ALDEIA GUACARI

— A gente já chegou?! — perguntou Tom, pela milésima vez.

— Cala a boca, garoto. — respondeu Claire, roboticamente.

— *Cala a boca, garoto.* — imitou-a, com sua melhor voz de soprano.

— Vocês dois, querem parar?! Parecem duas crianças.

— *Parecem duas crianças...* — imitaram Claire e Tom a fala de Cher ao mesmo tempo, e ao se olharem, caíram na gargalhada.

Cher limitou-se a revirar os olhos. Aqueles dois realmente foram feitos um para o outro.

Já andavam fazia horas. Passaram longe da gruta, mas Cauã encontrou o riacho que deveriam atravessar, e ficou aliviado. Depois dele estariam seguros. De tempos em tempos, o índio assobiava da mesma maneira que fez ao encontrá-los perdidos na floresta. Talvez aguardando alguma resposta, como a de Ubiratã.

O pessoal estava mais precavido, já cientes do desconforto de se andar pela floresta sem a infraestrutura que esperavam ter. Depois do estranho vendaval, a manhã se arrastou lenta e tediosa, levando-se em consideração toda a adrenalina do dia anterior. Os mosquitos faziam a festa, para variar, e não houvesse quem não se coçasse da cabeça aos pés. O ponto alto da caminhada matutina

veio com uma imensa tarântula que passou por cima das botas de Tom. Ele chutou a pobre aranha com o susto, e ela acabou na mochila de Claire, que deu um grito de fazer doer os ouvidos.

Pouco depois do meio-dia, o esperado assobio encheu os ouvidos de todos de alívio. Com a escolta indígena, em menos de quarenta minutos o grupo chegou à aldeia: uma imensa área aberta e circular, do tamanho de quatro campos de futebol, rodeada por dezenas de ocas feitas de palha seca e troncos de madeira. No centro da arena estava a oca grande, com trinta metros de comprimento, onde viviam o cacique, o pajé e suas famílias. Na frente dela ficava a praça, onde realizavam-se as festas e os cultos. Por trás havia um lago formado por um igarapé. Completavam a cena a floresta em volta e, claro, os índios.

Alguns poucos perambulavam pela aldeia. Aquele povo dormia junto com o sol e acordava antes dele. E, durante o dia, as mulheres estavam nas hortas, enquanto os homens caçavam.

Ubiratã, já encarnado como seus pares, estava só de bermuda. A faixa vermelha atravessando os olhos avisava que ele era um dos guerreiros. Ele veio ao encontro de todos, abraçando-os. Aliviado por vê-los e instantaneamente intrigado com o ar de preocupação de Jussara, Rud e Cauã.

— Ubiratã, precisamos falar com nosso pai. Agora! — avisou Cauã, e, como se lembrasse de algo importante, emendou: Ele melhorou?

— Infelizmente, ainda não. Mas está acordado. O que houve?

— Lá dentro conversamos. É melhor. — o tom sério do índio deixou Ubiratã tão preocupado quanto eles.

— Itagi, leve os cari até a oca grande e os instale na nossa área. — disse Ubiratã.

— Certo, tio.

Rapidamente dezenas de crianças rodearam o grupo, fazendo algazarra. Atravessar a praça até a oca grande provou ser mais difícil do que parecia. Enquanto todos sentavam um pouco para descansar na sombra da oca, o filho do pajé se aproximara para lhes ajudar com os ferimentos.

Enquanto ele cuidava dos ferimentos e arranhões de todos, Jussara e Rud acompanharam Cauã e Ubiratã até os aposentos do cacique. Lá o clima pesava com a nuvem de fumaça e com os cheiros fortes dos incensos acesos. Estava escuro, e o cacique estirado em sua rede. O clima aumentava o mistério da revelação iminente.

— Que bom vê-lo, filho. — disse, quase sussurrando.

— Vejo que o senhor piorou. — respondeu Cauã, preocupado.



— Creio que Tupã me deu a graça de esperar você voltar.

— Meu pai, tem algo muito importante que precisamos que o senhor e Ubiratã ouçam.

Cauã contou tudo a eles, desde a estranha história da mãe das garotas ao muiraquitã que elas portavam. Ubiratã ouvira a tudo, cada vez mais chocada. Seria possível?

O cacique se endireitou na rede, visivelmente aturdido com aquela história. Refletiu por quase três minutos, antes de falar.

— O que contarei a vocês é um segredo. Tão poderoso quanto os deuses. Nem preciso mencionar, Rud, como isso não poderá de jeito nenhum sair dessas paredes. — disse, o mais firme que podia. O professor afirmou com a cabeça, concordando. O cacique continuou. — A Akh'Mé Tweekaci, coniuquiara maior das guerreiras icamiabas, há muito tempo teve uma filha. Uma herdeira bastarda. O seu pai, um cari que fora feito prisioneiro, fugiu de Akh'Ar com outro prisioneiro e o bebê. Foram ajudados pelo criado de confiança da Akh'Mé. Eles vieram a mim, e pediram ajuda para chegar em Manaus, e é por isso que conheço a história. Ninguém mais, além dos dithres, sabe o que houve. Creio que decidiram não revelar a história para não criar um escândalo. E, pelo que pude entender juntamente com o pajé é que a Dama da Noite deve ter percebido que o muiraquitã sagrado não estava

mais na floresta, e, pouco a pouco, está voltando a tomar o controle da Cidade do Sol. Segundo os sussurros, grande parte da guarda icamiaba está sob a sua influência.

— Espera um pouco. A pedra sagrada não está com a Akh'Mé?! — perguntou Cauã, espantado.

— Não, filho. O cari a levou consigo. A Akh'Mé o entregou para proteger sua filha.

— Então a Cidade do Sol está sem proteção! O que eles fariam se as tribos inimigas soubessem disso?!

— Creio que o muiraquitã não seja a única proteção deles, mas de qualquer forma este é um segredo muito perigoso. A Akh'Mé ainda hoje é agradecida pelo favor que lhe fiz, ajudando a salvar a sua filha. E é por isso que preciso, de alguma maneira, avisá-la de que suas descendentes encontram-se na minha aldeia, sob a minha proteção.

Jussara, Rud, Cauã e Ubiratã demoraram alguns segundos para processar aquela informação. Mas é claro! Finalmente entenderam o motivo de tanto azar. A queda do avião, da ponte, a pantera. Cher e Claire eram Filhas de Ci. Sua mãe era o bebê que fugiu, e elas são netas da Akh'Mé Twekaci. São as herdeiras do poder icamiaba.

— A Dama da Noite esteve atrás de nós por todo esse tempo!  
— exclamou Jussara, quase sem acreditar no perigo que sofriam.

— Pera, quem?! — Rud não compreendera direito o nome em tupi que ela falou.

— Rud, eu preciso que agora você *realmente* abra a sua mente.  
— pediu-lhe Jussara. — A Dama da Noite é uma bruxa, uma medjia. É alguma coisa, um ser, um espectro que por muitas gerações vem aterrorizando várias aldeias.

O professor segurou o riso.

— Ju, eu achei que estávamos falando sério aqui. É sobre a segurança das meninas! Sobre civilizações perdidas! — disse, abrindo os braços para enfatizar.

Ele percebera que nenhum dos presentes sorriu com ele. Aliás, todos pareciam bastante sérios. — Ok, todo mundo acredita que essa tal bruxa existe. Tudo bem... — disse, rendendo-se.

— Rud, compreenda que existem coisas que sua ciência simplesmente não pode explicar. Aceite isso e tudo ficará mais fácil. — disse-lhe Jussara, ofendida.

— Ok. Eu prometo que vou tentar. Mas, a bruxa, a... Como é mesmo que se pronuncia? Dama da Noite? O que ela quer, afinal, conosco?

— O muiraquitã, Rud. Este que as meninas possuem não é qualquer um, mas o muiraquitã sagrado, o amuleto que pertence à soberana, à rainha icamiaba. Com certeza ela quer o poder da pedra!

— Espera, como assim o poder da pedra?!

— Não só isso, Jussara. — continuou o cacique, sem se dar ao trabalho de responder ao professor. — A Dama da Noite já foi uma icamiaba, há muito e muito tempo. Não sei ao certo quem era ela, mas sei que era da mesma dinastia de Ci. E que queria o trono icamiaba mais do que tudo. Ela não só quer o amuleto. Quer também o controle de Akh'Ar.

— Se ela era da família real, e se a Akh'Mé não possui herdeira...

— Com certeza ela pretende reclamar o trono para si, quando a Akh'Mé morrer. — completou Jussara à fala de Cauã. — Ela não quer apenas o muiraquitã; ela quer eliminar a concorrência. — finalizou, sombria. Rud estremeceu ao ouvi-la falando isso.

— A Akh'Mé precisa ser avisada o mais breve possível. — decidiu Cauã, levantando-se. — Eu me encarrego disso.

— Aprecio seu gesto, meu filho. Mas, não. Descanse um pouco. Vocês parecem mais cansados do que eu. — brincou o cacique. — Vão, comam um pouco e descansem. Enviarei dois

homens para a fronteira e pedirei a eles que peçam permissão para levar um aviso à Akh'Mé. Provavelmente as guerreiras vão interceptar a mensagem, mas é a nossa única chance. A Cidade Dourada está cada vez mais fechada, e acho que é por causa da medjia... — disse, virando-se para o lado para tossir novamente, adormecendo logo em seguida.

— Acho que já basta de aventuras por essa viagem. — brincou Bill, sentando ao lado de Rud em volta da fogueira, na frente da oca grande. A noite caíra na floresta, e quase todos já se retiraram para dormir, exaustos. Durante a tarde comeram bastante e tomaram um bom banho no lago. — Aliás, desculpe-me novamente. Eu meio que perdi a cabeça.

— Eu sei, meu irmão. Já imaginava que você ficaria um pouco desorientado estando aqui. Não se preocupe, sério. Você sabe que eu te amo e amo as minhas afilhadas. Qualquer coisa por vocês. Deve tá sendo difícil, não é? Estar aqui?

— É, é muito difícil. E ver Jussara e todo esse povo, o jeito, a cultura... Cecília me vem à cabeça o tempo todo. Passei dezoito anos tentando fazer o esforço contrário.

— Olhe, de quem também tentou esquecer uma índia, posso lhe dizer que essa é uma tarefa impossível!

Bill riu junto a Rud, que lhe deu uns tapinhas nas costas.

— Pelo menos ninguém perdeu um braço...

— Pois é, meu irmão. Tirando o pobre do Firmino, que Deus o tenha, ficamos todos bem, e conseguimos chegar na aldeia.

— Isso foi o mais importante, meus amigos. — disse Ubiratã, reunindo-se a eles. — A floresta não é o lugar mais seguro do mundo, principalmente à noite. — avisou, entregando a cada um uma cuia com tarubá, uma bebida fermentada feita com mandioca. Bill entregou a sua à Rud, que deu um sorriso cúmplice. Aproveitaram para relaxar um pouco.

Enquanto os três conversavam, Cauã apreciava a lua cheia na beira do lago. Uma brisa refrescante soprava mansa e ali, longe das luzes e das pessoas, ele conseguia pensar com calma. Pensar nela.

Desde que o grupo cari chegou que ele não conseguia tirar aquela cabocla da cabeça. Ela tinha lindas feições indígenas, embora também traços cari. E ainda aqueles olhos... Cauã nunca vira algo tão belo quanto aquele olhar. Mesmo à noite, com a luz fraca do fogo, aqueles olhos pareciam acender em uma luz verde e intensa que ele nunca vira igual.

Ele fechou os seus, pondo os pés na água morna do lago e encostando-se numa pedra, da mesma maneira que fazia desde

criança, quando viajava em sua mente, enfrentando animais ferozes ou duelando com bravos guerreiros. Mas, desta vez, imaginou-se com aquela cabocla, e esse pensamento poderia fazê-lo passar horas sem perceber naquele lugar. Chegou a ouvir um canto, baixinho, ao longe. Parecia uma mulher cantando. Uma canção triste e melodiosa.

— Cauã! Ei, acorda! Vamos entrar, todos já foram dormir.  
— chamou-lhe Ubiratã.

Ao perceber que toda a aldeia estava nas escuras, o índio levantou-se, sentindo suas pernas dormentes. Da única iluminação, vinda da lua, ele procurou por alguma moça nos arredores, sem encontrar nada. Pensou em perguntar ao seu irmão, mas provavelmente ele estava sonhando. Deixou para lá.

---

Já era fim de tarde quando Guipara chegara na fronteira do Setor 4 para o 3. A índia avançava, correndo quase sem parar e descansar desde que vira as herdeiras, e ainda não demonstrava sinais de cansaço.

A área de influência icamiaba fora demarcada em cinco círculos concêntricos, denominados de setores, sendo o número 1 o mais próximo e o número 5 o mais distante de Akh'Ar. Cada setor possuía cerca de 20 quilômetros de uma fronteira à outra. Todos eram demarcados por vários totens dourados espalhados pela sua tangente, e cada um era dividido nos quadrantes norte, sul, leste e oeste. A cada setor mais próximo, maior era a segurança e os perigos que algum invasor desavisado corria.

Finalmente alcançara um mensageiro. Já estava há um bom tempo na estrada principal e ainda não havia cruzado com um. Era Uruaqui, filho de uma amiga sua que trabalhava nas lavouras externas da cidade.

— Que bom vê-la, Guipara. — disse o garoto, descendo do seu transporte. Não era exatamente um cavalo, mas um ancestral seu que estava extinto em todos os outros lugares, mas ainda vivia dentre os icamiabas. Ele tinha um corpo parecido com o dos cavalos modernos, embora fosse menor e mais parrudo. Ainda assim bem mais esbelto e ágil do que uma capivara, e por isso usado como transporte para os mensageiros icamiabas, crianças que queriam seguir carreira como futuros guerreiros. Os catetés, como eram chamados em icamiaba, tinham uma pelagem bege com pintas pretas, e patas com dedos, parecidas com a dos



cachorros, ao invés de cascos. Ajudava a andar pelo chão irregular da floresta.

— É bom vê-lo também, Uruaqui. — respondeu a índia, recobrando o fôlego. Seu corpo inteiro suave e doía do esforço. — Eu preciso de um favor seu, e é urgente.

— Claro. O que houve?

— Preciso que você entregue uma mensagem para a Akh'Mé.

O garoto abriu a boca, surpreso com a missão.

— Mas, Guipara, eu não sou autorizado nem a chegar perto do palácio!

— Eu sei, Uruaqui. É por isso que você levará isto. — a guerreira tirou do pescoço o seu muiraquitã, que possui a citação de Ci nomeando a primeira coniupuiara da sua guarda. Aquele amuleto só era usado pelas guerreiras da guarda real, e era com ele que elas tinham autorização para entrar no palácio e chegar perto da Akh'Mé. — Mostre o muiraquitã às guardas no palácio, elas verão que ele possui o meu nome. Diga que tem um recado meu, urgente, para a Akh'Mé.

— Tudo bem, Guipara. Eu acho... E que recado é este? — Uruaqui estava excitado com a sua missão. Sempre quis conhecer o palácio por dentro.

— Diga à Akh'Mé, e somente a ela, que as herdeiras estão vivas.

O índio não pareceu entender o que Guipara lhe dissera.

— Uruaqui, você me entendeu? — a índia agora o agarrava pelos braços, pois ele não havia esboçado nenhuma reação. — É vital que este recado chegue o mais rápido possível à Akh'Mé. E só conte a ela. Não confie em mais ninguém! Agora vá! E faça o seu catetú voar!

— E-está bem. — o índio estava perplexo. Ele sabia, assim como todos, que a Akh'Mé não possuía herdeiras. Ela nunca teve uma filha. Guipara devia estar louca. Mas ele não. Mesmo tendo-a como uma tia, nunca enfrentaria uma coniuquiara. Daria o recado, mesmo que fosse preso por calúnia. Montou num só pulo em Bufador, seu catetú, entrando em galope na mesma hora.

Guipara, que já corria em direção à aldeia guacari, e que passara por várias patrulhas sem ser incomodada, foi interrompida por uma única guerreira desta vez.

— Saia do meu caminho, garota. Não tenho tempo a perder. — disse, recuperando seu fôlego.

— Temo que não poderei fazer isso, coniuquiara Guipara.

— Como... — Guipara já estava pondo a mão em sua machadinha quando percebeu que a índia estava com os olhos

avermelhados. Três onças apareceram ao lado da guerreira que falava com ela.

Ela não teve tempo de discutir. Entendeu o que acontecia. Aquela era mais uma guerreira corrupta, a mando da Dama da Noite, e provavelmente possuída por ela. Correu floresta adentro, ao invés de usar a trilha. A guerreira apenas sorriu, enquanto as onças avançavam atrás de Guipara.

Obviamente a corrida não demoraria muito. As onças eram mais velozes, e ela sabia disso. Mas não tornou-se comandante à toa, e ao passar por um declive formado por uma imensa pedra, caiu e escondeu-se embaixo dela a tempo de duas das onças passarem direto. A terceira, farejando sua presa, saltou e ficou de frente para a guerreira, que já tinha uma flecha em riste. O animal não teve tempo de rugir.

Ela recomeçou sua corrida alucinante, vendo que as outras duas já haviam percebido que foram enganadas. Com a machadinha em punho, deu o golpe mortal na cabeça do segundo felino no exato momento do seu bote, jogando-se para o lado e evitando as garras do animal. Enquanto caía, embolando-se no chão com o corpo pesado da onça e encharcando-se com o seu sangue, Guipara não conseguiu ver onde a outra estava. A floresta estava no mais profundo silêncio.

Com os ouvidos atentos e a machadinha em punho, ela só teve tempo de reagir por puro instinto. A onça dera o bote pelo seu lado esquerdo, e só deu tempo de proteger o rosto com o braço, que era protegido pelo bracelete da sua armadura de guerreira. A onça a derrubou, mas ela foi mais rápida. A machadinha acertou exatamente na jugular do felino. Ficou com as marcas das unhas nas costas e se não fosse pelo bracelete, talvez tivesse perdido o braço com a mordida.

— Bom, não era *desse* jeito que eu gostaria de testar a resistência do aço icamiaba, mas fico feliz que funciona. — disse a si mesma. Levantou-se reclamando das feridas nas costas, e continuou a correr. Precisava encontrar um local seguro para esperar a noite passar. Era na escuridão que a medjia aumentava o seu poder.

---

O velho pajé quase dormia na sua rede. Estava naquele estágio onde não temos muita consciência se estamos dormindo ou acordados. Foi nessa hora que sentiu uma presença que o fez

estremecer e o despertou imediatamente. Já era tarde da noite, e todos na aldeia dormiam. Ele pôs uma manta em volta do corpo para se aquecer, pois sabia que lá fora estaria bem mais frio que o normal.

Saiu da oca grande e, como previra, o ar estava gélido. O ancião tremia, enquanto se dirigia à entrada da aldeia. Tanto por frio como por medo. A Dama da Noite sentira a presença. Ele estava perdido.

Avistou, quando chegou perto da mesma entrada por onde os cari chegaram, duas panteras negras encarando-o. Ambas estavam sentadas, lado a lado. E estavam com os olhos cinzas. Aquela visão aterradora fizera o pajé cambalear, mas ele permaneceu de pé. Não era por medo dos felinos, e sim de quem os possuía. Rezou, querendo muito acreditar que aquilo fosse um pesadelo, e respirou fundo uma ou duas vezes antes de continuar. Quando chegou ao limite da sua aldeia, da sua proteção, ele aguardou.

Aos poucos, uma névoa densa surgiu e envolveu suas pernas, formando um círculo ao seu redor. Fechou os olhos, e a voz que ouviu em seguida quase o fez chorar de angústia. Era amedrontadora.

— O que está acontecendo aqui, velho? — aquela voz de mulher, quase sussurrada e rouca, o fez estremecer. — Porque a pedra já não está em meu poder?!

— E-eu não tive como ficar a sós com os cari, D-dama da Noite. Ex-xistem duas caboclas entre eles, m-mas não tenho certeza se são as herdeiras...

— Pois trate de ter, seu velho imprestável! São iguais?

— S-sim, Dama da Noite. São irmãs gêmeas, e p-possuem os olhos verdes. É como na profec...

— Não me interessam as histórias débeis dos velhos icamiabas. Não acredito nelas! E como isso é possível?! Aquela imprestável deveria ter destruído a cria da bastarda!

— E-eu sei, minha senhora. Eu mesmo a acompanhei naquela viagem. E-ela disse ter feito o serviço, e...

— Não interessa, velho! São as crias de Twekaci, e devem morrer por isso! Amanhã à noite nos encontraremos novamente, e quero que você tenha a pedra e o sangue delas para me oferecer.

O pajé sentiu o frio desaparecer aos poucos, e sabia que aquele ser tinha sumido, mas ainda demorou um pouco para ter coragem de abrir os olhos. Viu que as panteras não estavam ali, e sentiu-se aliviado. Não sabia mais o que fazer. As herdeiras realmente voltaram, e a floresta acabaria pagando o preço.



## 10: IARA

*Londres, Inglaterra. Dez anos atrás.*

Bill não conseguiu dormir direito aquela noite. Sonhou com Cecília e com aquele fatídico dia, quando perdeu a sua amada. Aquilo ainda o assombrava, mesmo depois de tanto tempo. Embora não comentasse nada com suas filhas, sempre que o aniversário delas estava próximo ele tinha aquele pesadelo. Durante todos os anos, escondeu o fato de que era sempre uma tortura para ele comemorar, ao mesmo tempo, a vida de suas filhas e a morte da sua mulher. Apesar da pouca idade, as meninas começaram a perceber e deixaram de pedir festinhas de aniversário. Todos os anos, os três saíam para jantar e comemoravam discretamente a data.

Sem dormir, Bill sentava-se na mesa do seu escritório onde, por muitas noites, esteve estudando e tentando entender como sua amada falecera. Relia um desgastado recorte de um jornal guianense da época.

É um mistério até para a polícia. A brasileira Cecília Alighieri, que acabara de dar à luz duas filhas, faleceu na tarde de ontem na



maternidade do Hospital Saint John. As suspeitas recaem para envenenamento, pela maneira como o corpo se encontrava. Pareceu que todos os seus fluidos foram drenados. Os médicos ainda não conseguiram definir que substância foi usada, e a polícia procura uma pessoa não identificada que esteve no quarto da vítima momentos antes da sua morte.

O pai das crianças, o professor britânico William Dwight, não quis dar entrevistas e espera a resolução do caso para embarcar de volta à sua terra.

Mais informações, fiquem atentos às próximas edições. Por enquanto, permanece o mistério no Caso Alighieri.

*Quem era você?*, perguntou a si mesmo. Não podia deixar de acreditar que aquela pessoa que viu saindo pelas escadas fosse o assassino da sua mulher. Seus olhos encontraram-se por meio segundo. Por incrível que pareça, Bill não tinha raiva daquela pessoa. Algo no que Cecília havia dito sempre o deixou mais confuso que com ódio. "Não importa.", ela disse, ao responder sua indagação. Ela não queria dizer quem era. Porque defendia o seu próprio assassino?

Mas queria saber, ao menos, o motivo. Se tivesse a oportunidade de encontrá-lo, seria essa sua única pergunta. *Por quê? Por que acabar com a vida dela e com a minha?*

— Não é possível! — exclamou ao vento, indignado. — Não é possível que ninguém saiba como aconteceu! Que ninguém tenha encontrado aquela pessoa que, que... — não conseguiu terminar de falar. Nunca conseguia dizer em voz alta.

Os peritos não desvendaram o mistério do veneno. Simplesmente desistiram de especificar qual foi a substância que foi usada. E a polícia nunca encontrou o suspeito.

Ele colocou a cabeça entre os braços, se segurando para não cair novamente no abismo em que esteve nos primeiros anos depois da morte dela. Não tinha mais nenhuma garrafa de uísque em casa, mas as chaves do carro estavam ali, ao alcance. Seria uma rápida viagem até a loja de conveniência próxima.

— Você está bem, papai? Ouvi um grito. — Cher, preocupada como sempre, surgiu na porta com um ursinho de pelúcia em uma mão e a outra coçando os olhos. Bill enxugou as lágrimas, enquanto sorria para sua filha. — Está tudo bem sim, meu amor! Foi só o papai reclamando de uns problemas do trabalho, ok? Desculpe ter lhe acordado... — disse, enquanto a puxava para seu colo e a levava de volta à sua cama. — Nossa, mas vocês estão cada vez mais pesadas!

— Tô ficando grande! — respondeu, orgulhosa.

Ao colocá-la novamente em sua cama, percebeu que Claire dormia tranquilamente. *Tão parecidas em algumas coisas, e tão diferentes em outras...*, pensou, enquanto alisava os cabelos de Cher, dava-lhe um beijo na testa e um boa noite cochichado. Ela sorriu e virou-se, dormindo quase na mesma hora. Antes de sair, deu um beijo na cabeça de Claire, que grunhiu qualquer coisa inteligível e também se virou. Passou um tempo olhando as duas dormindo, e se esqueceu completamente da vontade de beber.

---

Cher e Claire acordaram quase ao mesmo tempo, ambas suando muito. Ficaram aliviadas quando perceberam que não despertaram ninguém com o barulho; mas se olharam, preocupadas. Não precisavam dizer uma à outra. Elas sabiam. Haviam tido o mesmo pesadelo, novamente. Mas esse era diferente. E parecia ainda mais real.

Começou como sempre, na mata escura e fria. Mas o final mudara. Uma mulher, que mais parecia um fantasma, estava rodeada por panteras negras e as chamava.

Tentaram voltar a dormir, mas o abafado da floresta não permitiu. E só se salvaram das picadas dos insetos por conta do mosquiteiro. Rud lembrou de pedir para Ubiratã comprar alguns antes da viagem.

— Como eles conseguem dormir sem isso?! Mesmo com um eu sinto algumas picadas! — cochichara Claire para a irmã, ao seu lado.

— Deve ser alguma substância que eles passam no corpo. E tem um cheiro muito bom. Lembra canela ou algo assim.

— Ah, eu esqueci que você já sentiu o cheiro de um índio.

— Para com isso! Não é nada disso, é só...

— Sei... Você não me engana, Cheryl Dwight!

— Está bem, esqueça essa história! O-o que achou desse sonho novo? — perguntou, tentando mudar de assunto.

— O papo já tava ficando bom, aí você vem falar desse pesadelo. — disse Claire, revirando os olhos. — Não tenho a mínima ideia, mas aquele fantasma me deixou nervosa!

— Ela era horrível mesmo. Eu só queria entender o que é aquele frio todo na floresta. Percebe-se claramente que não é a realidade. — disse, irônica, enquanto limpava o suor da testa. Percebera que suas costas já estavam ensopadas.

— Nem de longe! — brincou a irmã.

As duas viram que o dia estava clareando, e resolveram levantar. Lá fora, longe da oca e do mosquiteiro, o clima estava um pouco mais agradável. Uma brisa soprava mansa com o cheiro da comida.

As índias preparavam o beiju para o desjejum, uma espécie de pão indígena, feito com farinha de mandioca e que muitos brasileiros conhecem por tapioca. Os índios já haviam saído para caçar. A aldeia estava em pleno funcionamento enquanto eles dormiam. Cher olhara para o relógio, ainda não passara das seis da manhã.

Vários pássaros já cantavam em torno da aldeia, e as meninas resolveram explorar um pouco. Maravilharam-se com a revoada de centenas de araras coloridas por cima das árvores mais próximas.

— Provavelmente levaram um susto por conta de alguma jaguatirica. — disse Jussara, logo atrás delas. Obviamente as meninas, que não perceberam a aproximação da índia, levaram um baita susto.

— Minha nossa, Jussara! — exclamou Claire, levando a mão ao coração. — Já não bastam todos os outros sustos?!

— Menos, Claire... — desdenhou Cher, rindo junto com a índia. As três voltaram a admirar o imenso bando que voava para

longe. Ainda se podia ver os raios do sol matinal refletindo nas multicoloridas asas.

— Esse lugar é maravilhoso, não é? — comentou, orgulhosa.

— É sim, Jussara. É lindo. — respondeu Cher. — Gosto de pensar que minha mãe pode ter crescido num lugar assim, como você. É melhor do que imaginar uma vida na cidade. Totalmente sem graça...

Jussara procurou esconder o nervosismo ao ouvir falar da mãe delas.

— Infelizmente, eu também cresci numa cidade sem graça. — disse. — Mas sempre vinha aqui, nas férias. Esse lugar é meu porto seguro.

— Nossa mãe provavelmente sabia subir em árvore e atirar com arco-e-flechas. — disse Claire. — Aposto que sabia!

— Bom, normalmente as mulheres não aprendem a mexer com as armas, mas isso não quer dizer que ela não tenha aprendido. Eu mesma atiro muito bem. — confidenciou Jussara, dando uma piscadela para Claire. — Mais tarde podemos praticar, que tal?

— Jura?! Ótimo! — disse, saltitante. Cher revirou os olhos.

Quem também já levantara e estava um pouco distante era Rud. Ansioso com toda aquela história, ele não conseguiu dormir

direito. Acordara cedo e estava caminhando na beira do rio, lembrando-se da época em que viveu naquele lugar. O barulho da natureza, o sol morno e a brisa fresca da manhã o envolveram e o deixaram em paz. O professor resolveu sentar-se numa pedra e pôr os pés na água. Enquanto os movimentava, fechou os olhos e sentiu aquela paz aumentar. Podia jurar que ouvira um canto ao longe.

Mais um tempo se passou e ele percebeu que aquele canto estava um pouco mais perto. Parecia uma voz de mulher, doce e melancólica. Vinha de algum lugar da floresta. Fascinou-se por aquela voz. Era tão linda e tão suave! Sentiu-se cada vez mais atraído por ela. Parecia um anjo cantando.

Percebeu, enquanto o canto ficava cada vez mais nítido, que ela chamava o seu nome, e que parecia vir do rio. Uma vontade enorme de mergulhar lhe veio à cabeça. Ele precisava descobrir de onde aquilo vinha. E, principalmente, a dona daquela voz maravilhosa.

Ubiratã encontrou seu amigo com água no pescoço.

— Rud! O desjejum está na mesa! — Ubiratã chegou na margem e gritou novamente, pois seu amigo pareceu não ter ouvido.

— RUD!

O professor balançou a cabeça, um pouco desnorreado. Não lembrava de ter entrado no rio, e espantou-se ao ver que estava praticamente submerso. Nadou de volta, se fazendo a mesma pergunta que Ubiratã fizera. O que ele fazia dentro d'água?!

— Meio cedo para um banho, não? Principalmente todo vestido. — perguntou Ubiratã, irônico.

— É, concordo. Para ser sincero, eu não lembro de como entrei no rio. — respondeu. Ainda sentia-se um pouco tonto.

— Nem brinque com isso! — Ubiratã ficara nervoso no mesmo instante.

— Estou falando a verdade! A última coisa que me lembro é de sentar naquela pedra, colocar os pés na água e fechar os olhos, sentindo o sol. Mas, deixe isso para lá. Comida na mesa, você disse?

— Foi. Mas, Rud, precisamos conversar sobre o rio...

— Depois conversamos. Estou faminto! — disse o professor, enquanto voltava correndo para a aldeia, tirando a camisa molhada. Não queria continuar aquela conversa, pois sabia o que Ubiratã queria dizer. Não aguentaria mais outra história para crianças.



Entrando na oca grande, Rud percebera que quase todo mundo ainda dormia. Só Cher e Claire já acordaram, e estavam conversando animadamente com Jussara.

Trocou de roupa rápido e enxugou-se. Não queria aparecer todo molhado para ela, pois sabia que, quando soubesse o que houve, tentaria lhe convencer da mesma história que Ubiratã tentara lhe falar mais cedo.

Saindo da oca, Ubiratã o chamara para comer o desjejum. Cher e Claire foram junto.

Enquanto comiam, as meninas conversavam com Jussara, que lhes contava sobre como foi para ela ir na aldeia pela primeira vez e descobrir todo aquele mundo novo. Assim como as duas, ela também era filha de uma índia com um homem da cidade. Seu pai, um pesquisador paulista, morou durante muito tempo com os guacaris, onde conheceu sua mãe, uma irmã do cacique. Casaram-se e a tiveram. Mudaram-se para a cidade quando Jussara nasceu. Lá ela estudou e fez faculdade.

— Sabe, meus pais ainda vivem em Boa Vista, mas eu resolvi voltar para a floresta, para dar aulas aos nossos pequenos. Talvez eles tenham a oportunidade de ir para a cidade estudar, como eu e Ubiratã tivemos. Se quiserem, claro.

— Nossa meta é conseguir uma espécie de Casa do Estudante em Boa Vista, para os mais velhos fazerem o ensino médio, e depois a faculdade. — finalizara Ubiratã. — Estou estudando junto com a Funai uma forma de conseguirmos financiamento para isso.

— É um belo projeto esse de vocês. — disse Claire.

— Com certeza. Apesar de fiel às nossas tradições, o mundo mudou muito, e precisamos nos atualizar para conseguir acompanhá-lo. Já percebemos que alguns dos adolescentes sentem vontade de ir.

— É... Ubiratã? Mudando de assunto; podemos falar com você um instante? Em particular? — perguntara Cher, que estava calada durante toda a refeição.

— Claro, Cheryl. — Ubiratã olhara de relance para Rud e Jussara, que também acharam estranho o pedido.

Os três deixaram o casal a sós e foram para perto do lago.

— Ubiratã, gostaríamos de conversar com o pajé.

— O pajé? — o índio estranhou aquele pedido. — Vocês estão doentes?

— Não, não é isso. Nós temos sonhos. Sonhos um pouco... Confusos.

— Pesadelos, na realidade. — disse Claire. — Pesadelos onde estamos na floresta e vemos monstros.

— E sempre está muito frio e escuro. — finalizou Cher. — Inclusive, nessa noite, tivemos um que foi um pouco diferente.

— Apareceu uma espécie de fantasma. — completara Claire. — Uma velha, nos chamando. Bom, entendi ser isto o que ela falou, mas, enfim...

Ubiratã não conseguiu esconder o assombro ao ouvir aquele relato. A Dama da Noite apareceu em sonho a elas! Então não restavam mais dúvidas.

— É... C-claro, meninas. Vamos falar com ele. — disse, um pouco nervoso. Cher percebera a mudança sutil no comportamento dele, mas não perguntou o que houve.

O pajé esperava por aquele encontro. Rezava para que os deuses o ajudassem. Não pensou ainda no que faria com as duas. O cacique lhe falara a respeito da conversa que tivera com os seus filhos, sua sobrinha e o professor cari. O pajé lhe confidenciara que sentira a presença do amuleto, e os dois tiveram a certeza do que estava acontecendo. O que o cacique não sabia era do seu envolvimento com a Dama da Noite e da ordem que ela lhe deu.

Não precisou esperar muito. Ubiratã as trouxe até ele. Não queria ter que olhar nos olhos delas.

— Sábio pajé, bom dia. — disse Ubiratã, fazendo uma referência ao ancião.

— Bom dia, jovem. Bom dia... — respondeu, fingindo se concentrar em algo.

— Duas das cari, as garotas caboclas, pedem para falar com o pajé. Querem encontrar alguma razão para os estranhos sonhos que vêm tendo.

— Sonhos, você disse? — perguntou, ainda de costas e com os olhos fechados. O velho fumava algumas ervas misturadas em seu cachimbo. O fumo lhe ajudava a comunicar-se com os espíritos, dizia. Deu uma longa baforada antes de continuar. — Bem, deixe-as entrarem.

— Bom dia, pajé. — disse Cher, em inglês.

— O senhor poderia nos dizer o que pode significar nossos sonhos? — perguntou Claire, esperando Ubiratã traduzir.

— Talvez, pequena. Contem-me sobre esses sonhos. — o pajé virou-se para os seus convidados, embora não olhasse nos olhos das garotas. Temia enxergar demais dentro deles.

Em tradução simultânea, Ubiratã explicou ao ancião tudo o que as meninas disseram.

Ele tentou não sobressaltar-se quando ouviu a descrição dos pesadelos. As herdeiras. Elas, com certeza, eram as herdeiras. E eram mais poderosas do que ele imaginara. A Dama da Noite entrara na mente delas, e elas perceberam.

— As meninas são filhas de Tupã, Ubiratã. Isso pode ser uma mensagem de seus antepassados. Preciso pensar mais a respeito.

— Mas... Pajé? O-o senhor não acha que pode ter sido *ela*? — perguntou Ubiratã, antes de traduzir o que o pajé dissera.

— Nem toque nesse assunto aqui dentro! — O pajé abriu os olhos e olhara de forma ameaçadora para o índio. As duas não entenderam nada daquilo, e ficaram ainda mais nervosas. — É claro que pensei nisso, mas não deve ser nada importante. E trate de não assustar essas crianças com nossas histórias!

— É claro, pajé. — respondeu o índio, de cabeça baixa. Tanto ele quanto todos da tribo reverenciavam e respeitavam o pajé tanto quanto ao cacique.

O ancião virou-se de costas para as meninas enquanto arregalava os olhos e ofegava. Ele precisava fazer alguma coisa.

— Mas ele não disse mais nada?

— Não, Cheryl. Mas, não se preocupe. Ele disse que iria meditar sobre o assunto. Tenho certeza que descobrirá algo. — encorajou Ubiratã, sendo pouco convincente. — É... Meninas?

— Sim? — responderam as duas em uníssono.

— Esse colar que vocês duas usam. Vocês compraram por aqui, quando chegaram? — perguntou Ubiratã, ao revê-lo no pescoço das duas.

— Esse aqui? Ah, não! Foi nossa mãe que nos deixou antes de... — Claire não terminara a frase e Ubiratã entendeu.

— Claro. Desculpem-me a pergunta indiscreta.

— Não, sem problemas. É só um assunto meio delicado para nós duas. — disse Cher. — Aliás, porquê? É um artefato indígena, estou certa? Chama-se muiri... — Cher tentou lembrar-se do nome daquela pedrinha, que é tão difícil de se pronunciar, e Ubiratã a ajudou.

— Muiraquitã. Sim, é um artefato indígena.

— O nosso pai nos deu, e disse que ela havia nos deixado. Pediu para usarmos sempre.

— Ela está certa. É uma pedrinha poderosa, o muiraquitã. Serve para afastar os maus espíritos.

— Bom, não está ajudando muito. — cortou Claire, irônica.

— Calma, menina. Vamos descobrir o que são esses sonhos.  
— encorajou-a Ubiratã. — O pajé é muito bom em desvendar mistérios dos sonhos.

— Tomara. — responderam as duas juntas, suspirando.

Mal sabia elas, Ubiratã e todo o resto da aldeia que o pajé escondia algo deles.

---

— Cacique?

— Sim, filho?

— Posso lhe falar um instante?

— É claro, Ubiratã. Por favor, entre.

— Está melhor, meu pai?

— Infelizmente, não. O pajé vem me dando uma poção poderosa, mas sinto que nem isso esteja ajudando. Mas não é a minha doença que o aflige, não é?

— Não, cacique. Vim até o senhor falar das duas caboclas, as meninas Cheryl e Claire. O pajé ficara bastante nervoso com o

sonho que elas tiveram. — o índio falou sobre o sonho e sobre as reações do pajé.

— O velho pajé já sabe que elas são as herdeiras, filho.

— E porque teve essa reação?! O senhor precisa admitir que é estranho.

— Ele deve estar com medo de algo que não lhe contou. Mais tarde eu conversarei com ele.

— Está bem, meu pai. Tente descansar.

O cacique limitou-se a dar um sorriso cansado ao seu filho, virando-se para dormir. Tossiu algumas vezes, enquanto isso.

Ubiratã pensava no que fazer. De certo as autoridades já procuravam pelos turistas desaparecidos e pelo avião que nunca retornou. Mas toda essa atenção era exatamente o que não poderia acontecer agora. E ainda precisavam arrumar uma maneira de avisar a Akh'Mé. Os mensageiros ainda não voltaram para avisar se tiveram ou não sucesso. Restava esperar.

---



Depois de despertados e alimentados, todos se juntaram à beira do lago para se refrescarem e ouvirem de Jussara uma lenda muito interessante: a da Iara.

— ... e dizem que aquele que é hipnotizado pela rainha das águas é levado por ela para o fundo do rio, e torna-se seu amante. O problema é que ele nunca mais volta. Além de amante, torna-se seu prisioneiro.

— Se ela é tão linda como dizem, bem que eu gostaria de ser levado! — disse Tom, arrancando riso geral.

— Para de falar besteira, garoto!

— Que foi, Claire? Ciúmes? — perguntou, torcendo para que fosse verdade.

— Você acha que eu teria ciúme de VOCÊ? Por favor, né... — respondeu, chutando um pouco de água nele.

Todo mundo voltou a rir, e Tom percebera que, apesar da resposta, a garota ficara um pouco vermelha. Ganhou o dia por isso.

— Ubiratã, seu irmão não está na aldeia? — embora Cher tenha perguntado normalmente, Cindy e Claire soltaram risinhos abafados.

— Vocês duas querem parar?! Perguntei por perguntar! — disse, ficando vermelha.

— Bom, Cauã está caçando, Cheryl. Deve voltar logo. — respondera Ubiratã, tentando esconder também um sorriso.

— Sabe, Ju, hoje pela manhã... — começou o professor, meio envergonhado, quando seus alunos foram mergulhar.

— Eu já sei, Rud. Ubiratã me contou o que você não quis contar.

— Mas era exatamente por isso! Olha só para você, me olhando desse jeito, como se eu tivesse feito algo de errado! — explicou, olhando de esguelha para o amigo, que fingiu não prestar atenção na conversa.

— É claro, Rud! Você poderia ter se afogado hoje!

— Jussara, por favor! Acreditar em sereia também é demais!

— Então como é que você não se lembra de ter entrado na água?!

— Não sei! Mas deve ser algum lapso de memória, cansaço da viagem...

— Rud! Como você não consegue enxergar o perigo desse seu “mergulho”?! — perguntou Ubiratã.

Rud calara-se. Realmente, não tinha como explicar o que houve no rio.

— Não esqueça do que houve na gruta. — lembrou-lhe Jussara.

— Tudo bem, Ju. Aceitei abrir minha mente. É só que é muito difícil admitir a existência de uma sereia.

— Porque você continua a pensar que é uma sereia! Um estereótipo criado pelo seu povo para uma criatura fantástica!

— Olhem, vocês dois, teremos tempo para isso depois. Precisamos agora é resolver o que fazer. Muito provavelmente já estão procurando pelo avião caído e pelos possíveis sobreviventes. — cortou Ubiratã.

— E o que vamos fazer?

— É o que eu gostaria de saber.

— Bom, podemos enviar pelo rádio a notícia de que todos estão bem e à espera de um resgate na aldeia guacari. — sugeriu Ubiratã.

— Mas o nosso rádio quebrou, primo. — disse-lhe Jussara. — Eu também pensei nisso, mas teríamos que ir até a aldeia dos tapajós para usar o rádio deles.

— E podemos fazer isso amanhã, não? Até porque seria quase um dia de viagem, e eu estou afim de ver a cerimônia do Fogo da Vida hoje. — disse Rud, prevendo o banquete que o esperava em algumas horas.

— Mandarei alguém fazer isso, então. Assim, poderemos descansar. — decidiu o índio.

---

Depois de levados até a aldeia, Orellana e o que sobrou da sua expedição tornaram-se prisioneiros daquela tribo. O comandante suplicou para falar com o cacique e tentar negociar a libertação dele e de seus homens. Já fizera isso algumas vezes nas suas muitas expedições. Não era a primeira e, muito provavelmente, não seria a última vez que encontraria uma tribo mais arredia.

— Obrigado por me receber, cacique.

— O que cari quer? — o cacique admirou-se ao ver que ele falava tupi. Orellana não pôde deixar de perceber que ele estava bem enfeitado. Colocara um toco de madeira atravessando seu lábio inferior, pintara todo o rosto de preto e usava um imenso cocá cheio de penas vermelhas e azuis arrebitadas. O resto do corpo estava pintado com diversos traços horizontais em preto.

— Negociar. O que você quer pela nossa liberdade? — Orellana sempre foi objetivo.

— Vejo que cari ainda não percebeu onde se encontra. Você tem alguma ideia da enrascada em que se meteu?

— Desculpe, eu não entendi. Mas tenho armas que podem lhe agradar. Espelhos...

— Não me interessa nada do que você queira me dar. Tudo que vocês tinham eu já peguei. E não adiantam suas negociações, porque você não é meu prisioneiro. Você e seus homens são prisioneiros dos icamiabas.

— Quem? — o comandante nunca ouvira falar naquela tribo. Ou pensou que fosse o nome de uma tribo, pelo menos.

— Já chega. Você as conhecerá. Hoje é o dia de, finalmente, passarem para nos visitar, e eu quero dar esse presente especial à Akh'Mé. Preciso das graças dela, sabe? Já faz muitos anos que ela assumiu e ainda não tinha vindo por esses lados.

Orellana não entendeu direito o que o cacique desatara a falar. Pegou apenas alguns fragmentos. Quando perguntara sobre os icamiabas novamente, o cacique perdeu a paciência e mandou prenderem-no novamente.

Ao menos, pensou o frei Carvajal, deram-lhe de comer. Fazia tempo que não tinha uma refeição mais ou menos decente. Embora não pudessem sair de dentro da oca, os índios não os maltratavam. Eles pareciam mais nervosos do que raivosos, e não era com os

espanhóis. Ele estava muito fraco depois do ataque. Um dos índios perfurara seu olho esquerdo quando pensou que o frei pudesse atacá-lo com a faca que estava na sua mão. A dor ainda fazia tê-lo calafrios.

Perto do pôr-do-sol, ele, Orellana e os demais tiveram um vislumbre de algo que os deixaram petrificados. Viram entrar na aldeia cerca de cinquenta mulheres, vestidas de uma maneira que nunca, nem índios e nem mulheres, já foram vistos antes. Pareciam armaduras douradas, resplandecendo ao sol vespertino. Usavam sapatilhas de couro amarradas ao tornozelo. Na canela havia uma proteção que parecia metálica e brilhava em dourado. Saiotes de algodão deixavam as coxas de fora. A barriga ficava nua, enquanto os seios estavam cobertos pelo que parecia ser uma blusa de algodão justa ao corpo e um peitoral dourado feito de centenas de minúsculas miçangas entrelaçadas que lhes protegia a área sensível. Os ombros eram livres para permitir a articulação, e nos antebraços havia uma placa similar à utilizada nas pernas. Todas estavam com seus imensos cabelos amarrados ou trançados voltados para trás, e pintavam uma faixa dourada na altura dos olhos. Estavam também armadas com lanças de mais de dois metros de madeira escura com ponteiros douradas e afiadas. Em bainhas de couro presas na cintura vinham espadas, machadinhas

e punhais, e nas costas arcos dourados e flechas também com pontas douradas. A simples presença daquelas mulheres guerreiras parecia deixar a aldeia inteira paralisada de medo. Todos os índios e índias curvaram-se ao que parecia ser a comandante delas: uma bela morena que, embora mais baixa que as demais, vestia uma armadura mais vistosa. Sua cota de miçangas era maior e cobria todo o tronco. Na altura do coração estava incrustada uma imensa gema de rubi circular, com quase um palmo de diâmetro. Usava uma tiara de ouro cravejada de rubis que possuía miçangas entrelaçadas descendo pelas laterais, protegendo sua cabeça, que estava totalmente pintada de dourado. Ela aparecera atrás da guarda, de cima de um belo catetú, um dos maiores que já existiram, quase do tamanho de um cavalo normal. O animal tinha uma pelagem creme, como que combinando com o dourado da sua amazona. A índia não montava em uma sela, e nem utilizava correias ou estribo. Segurava o animal pela crina.

O comandante Orellana admirava tamanha beleza ao lado do frei. Ambos trocaram olhares furtivos, como duas crianças que descobriam um grande tesouro. Seria, então, realmente verdade? Se uma tribo possuía ouro suficiente para construir armaduras e armas com o metal, poderia também tê-lo nos seus edifícios? Ele parou para pensar naquilo. Uma tribo da floresta, usando

*armaduras!* Era algo, até então, inimaginável. Ele não aguentou esperar e saiu para a praça central, onde o cacique recebia as visitantes ilustres.

— Seja bem-vinda, Akh'Mé. Meu povo goza da felicidade dos icamiabas pela mais nova e bela comandante que este império alguma vez viu. — disse, da maneira mais cortês que conseguiu, enquanto tentava ajoelhar seu imenso corpo.

— Obrigada, cacique. Continue fiel aos icamiabas e não deverá nos temer. — disse Ci, também da maneira mais cordial que conseguiu. Não tinha muita paciência para as falsas cortesias de algumas tribos. Essa em especial era inimiga até ser subjugada, e não nutria nenhum respeito pelos icamiabas, e sim medo. — Fui informada que o senhor tem prisioneiros estranhos. Povo cari. É verdade o que me disseram, pelo visto. — disse, observando o homem branco que saía da oca. A Akh'Mé ficara curiosa para vê-lo em pessoa. Nunca vira homem tão branco quanto aquele. Sabia, pela sua educação, que existiam povos muito longe que eram brancos, peludos e que usavam camadas de vestimentas, como os icamiabas. — E o que fazem aqui? — sua curiosidade foi aos poucos tornando-se precaução. Sabia também que tais povos não deveriam saber da existência dos icamiabas. Que eles não



eram confiáveis, e que pensam em riquezas antes de pensarem nas pessoas.

— São cari sim, alteza. Foram feitos prisioneiros enquanto penetravam em seus domínios. Vagavam pelas suas terras sem autorização. São presentes.

— Com licença. É uma honra conhecê-la...

— Como se atreve a falar com a Akh'Mé?! — a coniuquiara avançou em Orellana com sua espada em riste. O aço dourado parou a poucos centímetros da sua garganta. Orellana levantou seus braços, mas não recuou nem demonstrou medo. E observou, mais de perto do que pretendia, a qualidade da espada. Nunca vira forja como aquela na vida. Parecia ser de aço misturado a ouro, o que dava a cor dourada, e possuía diversos entalhes ao longo do corpo, como se fossem runas. Sua lâmina era em formato de folha, e não reta, e parecia ser muito mais fina que as espadas europeias a que estava acostumado. O cabo era de couro marrom e o botão um enorme rubi trabalhado como a cabeça de alguma ave, parecido com uma águia. Percebeu que aquela deveria ser algum tipo de capitã.

— Perdão. Mil perdões. — Orellana ajoelhou-se diante da Akh'Mé, como fizeram todos os outros índios. O cacique, talvez

tão nervoso quanto o frei, suava e olhava para o rosto curioso de Ci, esperando ela decidir o que faria.

— Como se chama e de onde vem, cari?

— Chamo-me Francisco de Orellana, sou um conquistador à serviço do imperador Carlos I de Espanha. Meu país fica do outro lado do grande mar sem fim.

— Eu sei disso. — respondeu, calmamente. Deixando Orellana impressionado. — Você conseguiu chegar longe, conquistador. Temo que longe demais. — limitou-se a dizer.

Orellana engoliu em seco. Seria o fim da expedição?

A coniuquiara mandou buscarem os cari que fizeram de prisioneiros. Todos, ajoelhados, portaram-se diante da Akh'Mé. Carvajal suava mais que os outros. Olhava para baixo, com as mãos unidas em prece.

— Aceito o presente, cacique. Guerreiras, levem-os.

Orellana ficou apreensivo ao ouvir aquilo, bem como alguns dos homens que entendiam tupi. Um deles, desesperado, levantou-se para tentar fugir, mas não conseguiu andar mais do que dois passos. Uma flecha dourada trespassou seu coração.

— Fiquem todos quietos! — ordenou o comandante. — Vossa Graça, — disse, dirigindo-se à Ci. — por favor, permita que o meu sacerdote seja libertado, bem como alguns homens que possam

ajudá-lo a sair da floresta e voltar à nossa terra. Todos os outros vão e servirão como seus escravos, incluindo a mim. — Orellana preferia tornar-se servo ou até morrer, mas queria que o frei Carvajal fosse libertado. Ele seria a melhor pessoa a narrar tudo o que aconteceu. A avisar ao mundo que a lenda era real. E se fosse para finalmente conhecer Eldorado, pelo menos o iria, nem que fosse como escravo.

— Quem é o seu sacerdote, conquistador? — perguntou a Akh'Mé.

Com a ordem de Orellana, o frei levantou-se, ainda rezando.

— Diga-me, sacerdote, porque eu confiaria que você não falaria demais ao voltar para a sua terra? — Ci falava calmamente, mas as suas boas maneiras só deixaram Carvajal ainda mais nervoso.

— E-eu nunca falaria nada, V-vossa Graça. — o pobre frei tremia-se da cabeça aos pés, já que uma flecha em riste era mirada na sua cabeça. — Juro pelo Deus misericordioso que nunca abriria minha boca. — disse, sentindo-se muito mal por blasfemar em nome Dele, mas era um caso de vida ou morte.

— De nada me adiantam juramentos ao seu deus. — disse, irredutível.

— Vossa Graça, se me permite. — começou Orellana. — Os sacerdotes do meu povo fazem votos de pobreza e de silêncio. Se o frei Carvajal jurou perante nosso Deus, ele cumprirá a promessa.

Ci pareceu hesitar. Olhou para aquele moribundo que já não possuía um olho, e que parecia à beira da morte.

— Muito bem, sacerdote. — falou Ci, dirigindo-se ao frei. — Aceito a promessa feita ao seu deus. Mas não confio em você. E o pedido que o seu capitão fez não poderá ser aceito na totalidade. Ficarei com a sua língua, para que não possa falar demais ao voltar. Se você fez votos de silêncio, tenho certeza que uma língua não lhe fará falta. — disse, e enquanto continuava a falar, uma das guerreiras se aproximava com um punhal nas mãos. — E a sua promessa serve para você, mas não para os seus homens. O cacique em pessoa cuidará para que o sacerdote chegue em segurança na próxima aldeia, de onde poderá seguir o curso do rio até as cidades cari. Se conseguir sobreviver. — o cacique fez uma reverência ao perceber que fora escolhido para uma missão da Akh'Mé icamiaba.

Carvajal assentiu, fechando o seu olho restante em prece. O outro ainda estava tapado com um pedaço de pano encardido. *Se sobreviver. Ela sabe que isso não será possível, sozinho na floresta. Ajude-me, Deus misericordioso.* Ficou mortificado em deixar para

trás os homens com quem fizera amizades. Homens que possuíam mulheres e filhos que nunca mais veriam. Sentiu-se devastado pela falsa promessa que fizera àquela índia. *Promessa que me custou a língua*, pensou. Mas ainda lhe restaria sua mão para escrever. *Isso ela não previu. Provavelmente não sabe que sabemos escrever. Deixe-me viver, Deus todo-poderoso, para, ao menos, contar a história de bravos homens que deram suas vidas pela coroa.*

Ci solicitou que fogo lhe fosse trazido, e banhou o punhal que lhe foi entregue nas chamas. Quando o aço começou a incandescer, mandou suas guerreiras abrirem a boca do moribundo. O frei mostrou-se estranhamente resiliente e não forçou nenhuma reação. Abriu sua boca e pôs a língua para fora. A própria Akh'Mé brandiu o punhal, o que foi de certa forma uma surpresa para ele. Os governantes que conhecia não costumavam sujar as mãos. Ci puxou sua língua para fora o máximo que conseguiu e deu um corte limpo. Os homens de Orellana não conseguiram ver aquilo, embora o capitão não tenha desviado o olhar.

O frei, ainda arfando mas se negando a gritar, viu os homens, juntamente com Orellana, sendo acorrentados e levados juntos com as mulheres guerreiras, que nunca mais sairiam da sua cabeça.

Aquelas que, alguns anos mais tarde, correriam a Europa em seus relatos e seriam conhecidas como as Amazonas.

## 11: A TRISTE NOITE ESPECIAL DE CHER

Passou alguns minutos encarando-se no espelho. Custou a acreditar que era realmente quem via naquele reflexo.

— Você está linda. — disse-lhe Claire, sem lisonjas desnecessárias. Ela não costumava elogiar à toa.

Cher ainda demorou alguns segundos para responder.

— Você também, mana. — virou-se e encarou sua irmã. Usando um vestido de algodão cru justo ao belo corpo, algumas pulseiras e brincos guacaris, além das pinturas tradicionais das índias da tribo, Claire estava encantadoramente rústica. Assim como ela. Ambas, tão iguais e tão diferentes. Cher passara urucum em um traço forte através dos olhos, o que ajudou a realçar ainda mais o verde vivo deles. Claire optou por círculos nas bochechas e alguns pontos pretos ao longo do nariz e da testa.

Estavam na oca de Jussara. A professora possuía a sua própria casa, ao invés de morar com a sua família na oca grande, como de costume. Os anos que passou na civilização cari a deixaram acostumada a dormir sozinha e ter seu próprio espaço. Era

também lá que ela ensinava as crianças da tribo a ler e escrever, tanto o português quanto o inglês. Possuía um pequeno quadro negro descascado pelo tempo onde estavam as vogais desenhadas em letras cursivas.

Cindy já havia saído. Estava pronta e foi atrás de Tom. A festa já rolava, e parecia animada pela música e pelos cantos dos índios.

— Vocês duas ficaram absolutamente lindas! — declamou a professora, ao chegar para chamá-las.

As duas agradeceram de maneira renascentista, rindo logo em seguida. O muiraquitã destacava-se ainda mais no pescoço delas, agora que não usavam as roupas fechadas que trouxeram. Jussara focou seu olhar nele por um instante.

— Devo dizer que é um alívio tirar aquela calça *jeans* sem se preocupar com os mosquitos. — comentou Claire, enquanto saíam. Elas aproveitaram e também passaram o curioso óleo que as indígenas fabricavam, que era mais eficaz que os repelentes que trouxeram.

A cerimônia do Fogo da Vida era a mais tradicional dos guacaris. A aldeia inteira era preparada e participava. A única iluminação naquela noite, além do luar, era a da imensa fogueira acesa exatamente no centro da praça. Enquanto homens tocavam tambores e atabaques, algumas mulheres tocavam flautas de sopro

e mexiam os chocalhos, e todos cantavam juntos os ritos. Uma imensa roda envolvia a fogueira, e todos dançavam ritmados pelas batidas, se divertindo.

Tom, Bill e Rud conversavam com Ubiratã e Cauã, enquanto comiam e bebiam. O garoto aproveitou o clima de festa para provar o tarubá.

— E então, o que achou?

— Muito. Forte. — conseguiu dizer, entre tossidas. Seguiu-se risadas de todos os índios mais próximos.

Ubiratã enviara um dos guerreiros até os tapajós, para usar o rádio deles e informar que os sobreviventes da queda do avião estavam na aldeia. Cauã e ele discutiam sobre o que as meninas seriam para os icamiabas e as consequências de mais cari surgindo por lá quando as gêmeas apareceram. Cauã perdeu totalmente o fio da conversa.

— E-ela está linda. — conseguiu dizer.

— Cauã... O pai dela já deve ter percebido o quanto você olha para a filha. — disse Ubiratã. Rud deu uma risada abafada, quase engasgando-se com tarubá.

Ele não respondera. Não conseguiu parar de olhá-la. Bem como Tom. Ele achou que era efeito do tarubá, porque inesperadamente veio uma coragem de chamar Claire em algum



lugar mais reservado e declarar-se a ela. E o olhar que ela lhe lançou, surpreendentemente tímido em se tratando dela, só o deixou com mais vontade. Só interrompeu esse pensamento quando a música parou de vez.

Com a chegada das três o cacique, mesmo debilitado, deu início aos rituais. Todos sentaram-se e a aldeia ficou no mais profundo silêncio. O único som ouvido era o estalar da grande fogueira.

— Ó, grande deus do fogo da vida, aquele que anima todo ser vivo da floresta com a sua força e a sua luz, dê-nos a graça da sua dádiva. Seremos eternamente gratos. — disse o cacique, na voz mais alta e forte que conseguiu.

Com exceção dele e do pajé, todos os índios adultos que não estavam tocando algum instrumento levantaram-se e fizeram um círculo em volta da fogueira. Cher e Claire foram levadas por Jussara, mesmo sob seus protestos. As batidas voltaram, e eles começaram a dançar ritmados pela música. Andando em círculos, um atrás do outro, segurando os ombros do companheiro da frente, batendo os pés no chão ao mesmo tempo e balançando os seus corpos, enquanto cantavam um mantra indecifrável. Aquele canto e aquelas batidas eram hipnotizantes. Cindy assustou-se ao ver que, após um tempo, Cher e Claire estavam com os olhos

fechados, e também pareciam cantar. Ao tentar chamar o professor, Rud assentiu e pediu para ela prestar atenção. Bill também ficara assustado. Nunca vira suas filhas daquele jeito, mas Rud também o acalmou.

— Espere. — cochichou ao amigo. — Aí vem a melhor parte.

Passados quase dez minutos de cantoria, o pajé levantou-se e andou em direção ao imenso círculo de índios em transe. Ele começou a cantar sozinho, e era repetido por todos, inclusive por Cher e Claire. A cada ciclo, o pajé cantava cada vez mais rápido, e era acompanhado pelos tambores e pelo coro dos índios. E o fogo o acompanhava. Parecia queimar cada vez mais forte, até chegar ao ponto de clarear toda a aldeia. Os cari precisaram fechar os olhos para se protegerem da luz intensa. Quando a música, a dança e os cantos chegaram a um ritmo frenético, o pajé dera um grito de ordem.

O fogo apagou-se instantaneamente, ao mesmo tempo em que tudo calou-se. Os índios caíram desfalecidos e a aldeia ficou na escuridão. Rud segurou o braço de Bill quando este fez menção de ir até as filhas.

— Calma. — sussurrou.

O pajé, então, andou lentamente até o centro da fogueira e estendeu seu braço. Deu um segundo grito de ordem, e o fogo,

misteriosamente, acendeu-se. Enquanto a fogueira crescia e clareava tudo em sua volta, os índios saíam do transe. Um a um, ajoelhavam-se em frente à ela e agradeciam, para depois continuarem a comer, beber e se divertir. Jussara chamou as duas, que acordaram um pouco tontas, e as fez ajoelharem-se na frente da fogueira, agradecendo.

— Como assim, entramos em transe?! — Claire, assim como a irmã, não lembrava-se de absolutamente nada do ritual.

— Vocês ficaram de olhos fechados, cantando junto com os índios! Morri de medo! — confessou Cindy.

— Vocês estão bem? — perguntou Bill, aflito.

— Estamos, pai. Calma... — Cher tentava tranquilizá-lo, sem muito sucesso. Ela mesma ficou desconfiada com aquela história.

— O ritual do Fogo da Vida é muito antigo, Bill. Talvez o mais antigo ritual das tribos tupi-guarani. É um agradecimento aos deuses pelo fogo e pela vida. Nós encenamos a morte, e o pajé, encarnando o deus do fogo, nos devolve a vida. E suas filhas, comprovando serem legítimas índias, também entraram no transe.

— A última coisa de que me lembro é de um cheiro muito bom.— disse Claire, pensativa.

— Eu também me lembro disso. — confirmou Cher.

— É uma substância que o pajé coloca na fogueira e que ajuda no transe. — confidenciou Jussara.

— Bom, o único cheiro que senti foi o daquele caldo que a gente tomou ontem... Como era o nome?

— Tucupi, Tom? — perguntou Ubiratã, rindo.

— Exatamente!

O garoto cheirou certo. Algumas índias traziam em generosos caldeirões peixe cozido no tucupi para o jantar. A mesa na cerimônia do Fogo da Vida devia ser sempre muito farta.

E enquanto todos comiam e conversavam animadamente, Cher e Cauã trocavam olhares furtivos.

— Cher, isso está começando a encher a minha paciência. Vai logo lá e dá um beijo nele!

— Você ficou louca?! Eu nem ao menos consigo *falar* com ele!

— Chega, Cheryl Dwight. — Claire levantou-se, decidida. — Não consigo ver a minha pobre irmã sofrendo sem fazer alguma coisa.

— Deixa de drama, garota! O-o que você vai fazer... Claaaire!  
CLAIRE!

Ignorando-a, Claire caminhou até onde Jussara e Rud estavam. Os dois dividiam a mesma cuia do peixe ao tucupi.

— O clima é muito romântico, tio, mas eu preciso de Jussara. E é agora! — Claire puxou a professora, que sem entender nada, a acompanhou.

— Mulheres... — resmungou Rud, voltando-se para Tom e Bill. Entrou na conversa sobre futebol. Tom olhara de relance para Claire, mas a garota já estava de costas.

— Veja, Jussara. Agora me diga se não é um martírio ver esses dois sofrerem? — Claire se divertia, deixando a irmã ainda mais envergonhada.

— Você tem toda razão, Claire. — disse Jussara, entrando na brincadeira. — Venha, Cher, já está na hora de você e o meu primo darem um jeito de *se entenderem*, se é que você me entende... — disse, rindo. A índia a puxou pelo braço até onde Cauã estava, que não entendeu nada e ficou nervoso com a situação.

— Venha, primo, vou dar um empurrão a vocês dois. — disse, em tupi.

— O que você quer dizer com isso?!

— Deixa de ser mole e vem logo! — ordenou, ainda rindo.

— O que está havendo? — perguntou Bill.

— Sua filha, pai, que está crescendo... — divertiu-se Claire. — Pega ele de jeito, mana! — gritou para Cher, que não virou-se para olhá-la, mas ficou roxa. Cindy e Tom riam horrores.

Jussara aproveitou a penumbra e o silêncio que reinava no resto da aldeia para deixar os dois a sós em sua oca.

— Tentem se entender, está bem? — disse à garota em inglês e, novamente, a Cauã em tupi.

Cher não lembrava de sentir tanta vergonha como aquele momento lhe proporcionava. Se Cauã pudesse vê-la com mais detalhes, perceberia suas bochechas vermelhas. Mas a penumbra da oca a escondia, ou ao menos ela pensava que sim. Ele não tirava os olhos dos seus.

E como poderia? Mesmo na escuridão, os olhos verdes dela pareciam brilhar. Acendiam a oca em volta. Porque ele não conseguia raciocinar direito? Porque sua respiração estava ofegante, como se acabasse de correr quilômetros e quilômetros floresta adentro? Então era assim o amor? Era o que ele sentia? Cauã não aguentou o silêncio que, embora tenha durado alguns segundos, pareceram algumas horas.

— Eu sei que você não me entende, mas é que eu preciso te contar. Preciso, se não, não conseguirei mais dormir.

— Cauã, olha, eu sei que você não vai me entender, mas é que eu preciso desabafar, se não vou ficar louca!

Falaram os dois ao mesmo tempo. Ao se olharem, acabaram sorrindo. A tensão diminuiu um pouco. Cher tentou recomeçar a

falar, mas foi interrompida delicadamente pelo dedo indicador do índio, que o pousou em sua boca em formato de coração. Àquele toque, seu corpo inteiro pareceu receber uma descarga elétrica. O ar escapou dos seu pulmões com a expectativa do que estava por vir.

Cher já ficara com algumas pessoas, mas nunca havia namorado nenhuma delas. Nunca realmente se apaixonara por ninguém. Já começava a achar que ficaria para tia. Sua irmã estava sempre namorando com alguém, embora nunca ficasse por mais de uns poucos meses. Seria ali, dentro de uma oca indígena, no meio da floresta amazônica, que ela finalmente iria conhecer o amor? E porque não? Não era dali que a sua mãe viera? Será que estava no sangue?

Percebeu que Cauã se aproximava assustadoramente devagar. Seria melhor que ele a agarrasse de uma vez. Aquela tensão fazia seu coração bater cada vez mais forte. Estava quase escapando do peito. Era capaz até de o atingir, tão próximo que ele estava.

Sua mão forte e áspera tocou o rosto delicado e macio dela. Estava tremendo também. Até medo sentira. De machucá-la, mesmo sem querer, tão brutamontes que sempre foi. Mas a sua mão encaixou-se perfeitamente no rosto delineado e belo de Cher. Estava tão perto que podia sentir suas respirações misturando-se.

Já compartilhavam o mesmo oxigênio, o mesmo olhar, a mesma sensação eletrizante passando o corpo. Só faltava o beijo.

Não faltou mais. Cher, em um impulso involuntário, alcançou os lábios dele. Os dois se encontraram e se amassaram. Foi um rápido e intenso selinho. Foi o que deu.

Um grito alertou os sentidos de guerreiro, e Cauã afastou-se quase que instantaneamente. O fogo de único foco pareceu multiplicar-se, bem como a gritaria.

— Fique aqui! — foi o que disse, antes de sair com a lança em punho. Cher não entendera. Ficara tão desnorteada com essa súbita mudança de clima que ainda passou alguns segundos paralisada onde estava, tentando lembrar-se do que ocorrera antes da saída do índio. Queria sentir aquilo o máximo de tempo que conseguisse.

— CHEEER! — ao ouvir um grito chamando seu nome, ela pareceu finalmente acordar. Ao quase chegar à porta, no impulso de uma corrida, batera com força em Jussara, que também entrava correndo na oca. A garota foi impulsionada para trás, batendo com a cabeça na mesa da índia. Caiu desfalecida no chão.

Jussara a acudiu, e percebeu que a garota desmaiara. Da pancada não saiu sangue, e ela ficou mais tranquila. Não podia



ficar ali e cuidar dela, e resolveu tomar uma medida drástica. Com a rede, Jussara a enrolou e a colocou em um canto escuro da oca, enquanto retirava o seu colar e o escondia no bolso. Rezou para que não a achassem ali e voltou para ajudar, enquanto a aldeia era tomada.

De todos os lados surgiam mais e mais guerreiras icamiabas. Os ingleses foram levados para dentro da oca central por Ubiratã, enquanto Cauã passava voando por eles com a lança em punho. Após esquivar-se de uma flecha que passou a milímetros do seu braço, ele atingiu em cheio uma icamiaba pelo flanco. As guerreiras usavam proteções no tórax e nos braços, mas Cauã já sabia onde as atingir. Todos os guacaris tentavam proteger a aldeia, mas a fama de invencíveis fez valer-se, e rapidamente elas os subjugaram.

Na oca central, Jussara acalmava Bill. Avisava-o que conseguira esconder Cher a tempo. Ubiratã gritava ordens em tupi aos guerreiros mais próximos, enquanto carregava o cacique para dentro da oca.

— Tarde demais, meu filho. Elas já sabem. — disse o cacique, quase sem fôlego e tossindo, quando Ubiratã o deitou em sua rede. — Faça algo como cacique, antes que elas destruam tudo.

— Como cacique? — Ubiratã precisou repetir para realmente captar a mensagem.

— É a sua prova, meu filho. Consiga avisar a Akh'Mé. Eu não sou mais desse mundo. — foram as suas últimas palavras. Nos braços do seu filho, fechou seus olhos pela última vez.

— Não agora, meu pai. Por favor! — Ubiratã tentava de todas as maneiras não chorar, mas era muito difícil. — Eu preciso do senhor!

Jussara, que viera ver como o tio estava, não aguentou. Abraçou rapidamente o primo, que também chorava e ainda não soltara o corpo inerte do pai.

— Vamos, Ubiratã. O que precisamos fazer agora é proteger a aldeia e as garotas. — disse, em meio a soluços. Seu primo era mais pesado do que pensara.

Os dois voltaram, enxugando o rosto, e viram os quatro guerreiros que faziam guarda na entrada da oca mortos no chão. Bill, Rud e Tom seguravam lanças. Estavam à frente das garotas.

— O que vocês querem na minha aldeia?! — perguntou Ubiratã, mais alto que a gritaria que fazia no lado de fora e com um ódio incontido. Ele usava o cocá do seu pai, imenso e com penas coloridas.

— Vejo que a aldeia guacari tem um novo líder. — disse Jupá, a coniuquiara que liderava a invasão, enquanto entrava na oca. — Não se preocupe, cacique. Nós não matamos o seu irmão. Ele é, digamos, cobiçado por minhas guerreiras.

As quatro que estavam dentro da oca riram junto com Jupá. Cauã era uma espécie de troféu entre elas.

Uma quinta icamiaba surgiu por trás delas, trazendo o índio amordaçado e preso nas mãos e nos pés. Derrubou-o na frente de todos e apontou uma lança para o seu coração. Cauã tentava em vão se soltar e gritava coisas que ninguém entendia.

— Agora, vamos ao que interessa. Aceito devolver o seu irmão com vida em troca da herdeira.

— Eu não sei do que você está falando, icamiaba. — disse, tentando esconder o nervosismo.

— Não se façam de estúpidos que eu sei que vocês não são. Falando nisso, aqui está a resposta da Akh'Mé à sua mensagem. — Jupá fez um leve aceno e uma guerreira jogou no chão da oca as cabeças dos dois mensageiros que foram enviados à Cidade do Sol e a do que fora enviado à aldeia dos Tapajós. — Esse último só teve o azar de cruzar conosco mesmo. — comentou. Ubiratã forçou-se a não virar o rosto, enojado. — Mas se você quiser podemos aumentar o número de índios guacaris mortos por hoje.

— a guerreira que apontava a lança no peito de Cauã o espetou de leve. O suficiente para abrir uma ferida abaixo do seu peito. O índio gemeu por entre os dentes e o pano que mordia.

— NÃO! — gritara Jussara. Ubiratã segurava a índia, que tentou avançar no grupo de guerreiras. Seu olhar era de ódio. Jupá deu um sorriso de canto de boca.

— *Chega!* — aquela voz, sonora como um trovão, deu um susto em todos, inclusive nas icamiabas.

Perceberam que Claire acabara de falar em tupi. Seus olhos pareciam acesos e brilhavam na mesma intensidade que a pedra pendurada em seu pescoço.

A garota, que se escondia atrás do seu pai, começou a sentir-se estranha desde que ouvira a voz da guerreira. Teve a mesma sensação de certa anestesia e de clareza de pensamentos que tivera na ponte, onde quase morreu. Seus sentidos ficaram mais e mais aguçados. Ela sentira o cheiro de palha queimando, de sangue e de suor. A fumaça do Fogo da Vida também era sentida ao longe. Seus ouvidos conseguiam captar cada pequeno sussurro, cada respiração, e o mais impressionante: sua cabeça processava e analisava cada um dos sons e dos cheiros sem esforço.

Ao ouvir e entender, sem saber como, que a guerreira ameaçava Cauã em troca de uma certa herdeira, ela enfureceu-se,

e seu corpo pareceu queimar por dentro. Ouviu-se falando em tupi, em uma voz que não era dela.

— *Largue esse índio.* — ordenou, mostrando-se às guerreiras.

Nenhuma delas conseguiu esconder o assombro. Era o muiraquitã sagrado falando pelo corpo daquela garota. Seria ela a herdeira? Jupá não tinha dúvidas. Era muito parecida com a Akh'Mé.

— Derrubem-na. — disse, ainda sorrindo, eufórica com a sua descoberta.

Quatro dardos venenosos voaram na direção da garota. Todos a atingiram, e ela caiu de joelhos.

Seu pai e Tom fizeram menção de acudí-la, mas ela foi enfática ao gritar:

— *NÃO!* — ela olhou para eles, que paralisaram. Algo em sua voz e em seus olhos os deixaram com medo. Bill não conseguia acreditar que era a sua filha que falava daquele jeito. Com algum custo, Claire levantou-se novamente, e seus olhos pareceram mais acesos. As tochas do interior da oca brilharam com mais intensidade e pareceram dobrar de tamanho ao som da sua voz.

— Não queira experimentar seus limites, tola. — disse Jupá com naturalidade, enquanto mais seis dardos voavam. Mas estes atingiram Rud, Bill, Jussara, Ubiratã, Tom e Cindy. Caíram quase

que instantaneamente. As guerreiras recarregaram suas zarabatanas e miraram novamente em Claire.

A garota, sentindo-se muito fraca, caiu de joelhos novamente.

— É uma perda de tempo tentar resistir. O muiiraquitã deu-lhe força, mas quatro dardos venenosos podem matar uma jaraguá.

— *Eu não vou... Não vou deixar...* — a garota sentiu a vista escurecer. Ao fechar os olhos, já ao chão, uma lágrima caiu.

## 12: O ADEUS AO CACIQUE

Novamente, o barulho de chuva vinha ao longe. Cher acordou tossindo. Ao perceber que estava toda enrolada em uma rede, desvencilhou-se, e sentiu sua cabeça latejar em dor. Estava ensopada de suor e preta de fuligem, e ficou tonta ao se levantar, tentando lembrar o que estava acontecendo. Percebeu que tossia por causa de uma fumaça negra que tomara conta da oca de Jussara.

Jussara! Lembrou-se que havia se chocado com a índia antes de apagar. Desmaiara? Sentiu um galo na cabeça, na região que doía tanto, e percebeu que bateu com a cabeça em algum lugar. Mas, se havia fumaça... Fogo!

A garota saiu em disparada da oca, e ainda meio tonta petrificou ao ver a aldeia inteira em chamas. A chuva que caía ajudara a apagar boa parte do fogo, mas alguns focos ainda teimavam. Ao chegar perto da oca vizinha, a luz do fogo revelou vários corpos caídos. Um deles de uma criança. Chorou ao perceber que era a mesma menina que lhe trouxera o urucum para se maquiarem mais cedo. Uma poça de sangue contornava seu corpo sujo. Um corte profundo na barriga deixava à mostra o intestino. Cher não conseguiu segurar uma ânsia incontrolável de vômito,

que veio junto com as lágrimas e os soluços. Nunca vira algo tão horrendo em toda a sua vida.

Obrigou-se a continuar, passando por destroços e pela lama e correu até a oca central. Encontrou todos caídos. Viu Cauã, tentando desesperadamente se soltar. Correu até ele, tirando a mordança.

— Cher, rápido, me solte! — disse, sabendo que ela não entenderia. Mostrou seus punhos à garota.

Ao ser libertado, o índio tomou seu rosto nas mãos e olhou fundo em seus olhos avermelhados. Percebeu que a garota chorara, e ficou ainda mais aflito ao não poder perguntar porquê. Depois de alguma hesitação, correu até o lado de fora. Cher foi até o seu pai, tentando acordá-lo.

— CLAIRE! — gritou William, levantando-se às pressas.

— Sou eu, pai. Cher. O que houve? — a garota ainda limpava o nariz.

— Onde está a sua irmã? — Bill começara a se desesperar.

— E-eu não sei! O que houve?!

— Umas loucas entraram aqui, minha filha, elas entraram aqui e... — ele também correria para fora.

Cher, ainda confusa, tentou acordar Jussara.



— Jussara! Acorda, por favor! — ao dar alguns tapas no rosto da professora, ela finalmente despertou.

— Cher... — disse, levantando-se e a abraçando.

— O que aconteceu? O que está acontecendo?!

— Calma, minha querida. Vai ficar tudo bem. Primeiro, ajude-me a acordar os outros, e eu conto tudo.

— Onde está a minha irmã, Jussara? E Cindy?

— Cindy? — Jussara estranhou. Ao olhar em volta, percebeu que ela também havia sumido.

— O que você está escondendo?! — Cher estava à beira de um colapso nervoso. Tremia em desespero.

— Elas a levaram! — disse Bill, chorando. Ofegava enquanto tentava respirar. Correram a aldeia inteira em busca da sua filha. Estava molhado e sujo de lama.

Cauã voltara logo atrás dele. A ferida aberta em seu peito ainda sangrava, mas ele não demonstrava sequer sentir.

— Elas já foram, Jussara. E levaram as meninas.

— O que Cauã disse, Jussara?! O que está havendo?! — Cher gritava, exigindo alguma resposta.

— Cher, por favor, fique calma! — disse Jussara. — Eu vou contar. Eu vou contar tudo. — falou, ainda tremendo e tentando se acalmar.

Bill e sua filha foram com Jussara e Ubiratã até um local mais silencioso. Eles precisavam falar com os dois a sós. Rud, já acordado, ajudava Tom a se situar. O veneno do dardo deixava a mente um pouco atordoada.

— O que eu contarei agora pode parecer um choque, William.  
— começou Ubiratã. — Mas nós descobrimos uma coisa muito importante sobre a mãe das suas filhas.

Cher paralisara ao ouvir a palavra *mãe*. Todos os pelos do seu corpo pareceram se arrepiar ao mesmo tempo.

Bill demorou alguns segundos antes de conseguir responder.

— O-o que vocês querem dizer?! Quem eram aquelas mulheres? — ele perdeu totalmente a guarda ao ouvir sobre Cecília.

— Descobrimos que a mãe das meninas pertencia a uma sociedade chamada Icamiaba, que vive escondida dentro da floresta.

— Certo, Ubiratã. Eu já sabia que Cecília era índia e...

— Não, Bill. Você não entendeu. Os icamiabas não são só uma tribo. Eles existem há milhares de anos, e são o povo mais poderoso e perigoso dessa floresta.

— Espere um pouco. Você está querendo dizer que...

— Exato. As guerreiras icamiabas nos atacaram hoje de noite.

— Mas, mas se Cecília era uma, como chama? Icamiaba? Se ela era um deles, porque nos atacaram? E porque levaram a minha filha?!

— Porque suas filhas são especiais para eles.

— Especiais? — repetiu Cher, tão intrigada quanto nervosa. Sua cabeça começava a girar.

— O que Ubiratã quis dizer, Cher, é que você e sua irmã são muito especiais para o povo icamiaba, porque vocês são descendentes diretas da Akh'Mé. É como chamam a líder deles. Uma espécie de rainha, imperatriz.

— Nós somos descendentes de uma imperatriz? Isso quer dizer que... — Cher se calara, e arregalara os olhos. Cresceu e educou-se em uma monarquia. Ela sabia muito bem o que aquilo queria dizer.

— Quer dizer exatamente o que você pensou, Cher. Vocês são princesas.

— Jussara, escute: você é muito legal e eu gosto muito de você, mas não me venha surtar agora! — a garota chegara a sorrir de forma desdenhosa enquanto se levantava, exasperada. Estava se sentindo cada vez mais tonta e com falta de ar. Andou de um lado para o outro, tentando raciocinar. Sua mente estava embaralhada desde que ouvira a palavra *mãe*. Sentou-se novamente, tonta.

— Isso não é hora para brincadeiras! — disse Bill, áspero.

— Jussara não está brincando. — respondeu Ubiratã, cansado.  
— Ontem o meu pai... — Ubiratã fez uma pausa, visivelmente abalado por falar no falecido cacique. — O meu pai nos contou que há muito tempo, veio até ele um pedido inegável. Um servo e dois cari apareceram com um bebê pedindo ajuda para fugir da floresta. O servo lhe disse que a Akh'Mé em pessoa solicitou a ajuda dele. Achou muito estranho aquele pedido, mas como um guardião do segredo, como são conhecidos os chefes tribais que moram nos limites do território icamiaba, ele de pronto os ajudou. O criado também contou que aquela era a filha bastarda da Akh'Mé. Que um dos cari era o pai do bebê, e ele portava consigo o muiraquitã sagrado.

— O muiraquitã... — a lembrança de Cecília, logo antes de morrer, assaltou-lhe a mente com toda a força: *entregue a elas o amuleto que a minha mãe me deixou. Parta ao meio, para que cada uma possa ter um pedaço. Lembre-se. É muito importante que elas o usem sempre. William, é vital que elas usem a pedra.* No mesmo instante ficara pálido e olhou para a sua filha.

— Oh, meu Deus! — foi o que conseguiu dizer. Seu estômago ficou gelado e ele pareceu prestes a desmaiar.

— Cher, isso lhe pertence. Eu escondi, com medo que as guerreiras lhe encontrassem. — Jussara devolveu a ela o seu colar. Nele, uma pedrinha verde refletia a iluminação das tochas acesas.

— Quer dizer que tudo isso é verdade? Tipo, verdade mesmo? — perguntou Cher, custando a acreditar. Mecanicamente colocou o muiraquitã de volta no pescoço, como sempre fazia após o banho. Sentiu-se um pouco melhor. O amuleto da sua mãe sempre dava-lhe segurança, embora ela não soubesse bem por quê.

— Não é tudo. — continuou Jussara. — Quando sua mãe foi levada da floresta e levou consigo o muiraquitã sagrado, a Dama da Noite, uma bruxa, um espectro, ou sei lá como chamá-la, sentiu que os icamiabas estavam desprotegidos, e desde então vem tomando aos poucos o controle. As guerreiras que nos atacaram hoje à noite estavam sob suas ordens.

— Então a minha filha... — Bill levantou-se, desesperado.

— Calma, Bill. Claire não pode ser ferida por elas.

— E porque não?! — sua voz se elevava enquanto o desespero se apossava dele.

— Por conta do muiraquitã. Ele a protegerá.

— Mas não à Cindy. — disse Cher, sombria. — Aliás, você falou em bruxa?! — perguntou, incrédula. Depois pensou bem.

Nem de longe isso foi a coisa mais estranha que ouviu na noite. — Bom, nada mais me impressionaria agora... O que iremos fazer?

— Não sei, Cher. Realmente não sei. — respondeu a professora, sincera.

Uma agitação na entrada da oca, fez os quatro voltarem correndo até lá. Ao chegarem, depararam-se com Cauã dominando uma guerreira icamiaba. Sua faca estava a milímetros do pescoço da índia. Ele, por sua vez, ainda tinha algumas lágrimas pelo rosto. Momentos atrás estava ao lado do corpo do seu pai.

— Vocês o mataram! — gritava. Parecia possesso.

— Calma, Cauã! — Jussara ficou com medo que ele fizesse algo estúpido. Mas foi Cher que o fez baixar a guarda. Ao se olharem, o índio viu a confusão e o medo nos olhos da garota. Derrubou a sua faca, envergonhado.

Para sua surpresa, a índia não revidou. Ela também olhava para a garota, e ajoelhou-se na sua frente.

— Q-quem é você, icamiaba? — perguntou Jussara, segurando seu ódio.

— Chamo-me Guipara. E sou, ou pelo menos era, uma coniuipiara. Fui banida e tive minha cabeça colocada à prêmio, por tentar avisar a Akh'Mé que suas netas estão vivas. —

respondeu, ainda de joelhos e de cabeça baixa, em direção a Cher. — Creio que estou diante da Ya'Mé. — finalizou, e desta vez olhou nos olhos da garota. Cher não entendera nada do que ela dissera, mas não sentiu a repulsa que Jussara pareceu sentir. Chamou-a de Ya'Mé, a Filha-da-Lua, como são conhecidas as herdeiras do poder da pedra sagrada.

— Então você reconhece a herdeira dos icamiabas?

— Não tem como não reconhecer. É muito parecida com a sua avó. — e ela já vira olhos verdes tão belos quanto aqueles antes, uma única vez.

Jussara baixou a guarda. Algo em Guipara a fez acreditar nela.

— O que houve? — perguntaram Bill e Cher ao mesmo tempo.

Jussara contou tudo o que Guipara acabara de falar. Cher parou de ouvir na palavra *netas*. Nunca chegou a conhecer nenhum de seus avós. Os pais de seu pai morreram quando ele ainda era uma criança, em um acidente aéreo; enquanto os pais da sua mãe... Ela sequer chegou a conhecê-la, quanto mais os seus pais. Agora descobre que tem uma avó ali, na floresta. Foi demais para ela.

— Cher, você está bem? — Bill acudiu a filha, que quase caíra. Ela tentava buscar o ar que não conseguia entrar direito nos

pulmões e sua vista ficara turva. As pernas perderam as forças e ela precisou sentar.

— Estou. É só que... Tudo isso é demais para saber de uma vez só. Primeiro a minha irmã, agora essa mulher dizendo que eu tenho uma... Uma *avó*. — a garota não conseguia discernir o que estava sentindo naquele momento. Uma grande mistura de tristeza, desespero, alegria e ansiedade. Não tinha a mínima ideia de qual destes sentimentos estava com maior densidade.

— Suas guerreiras levaram a outra neta da Akh'Mé, Guipara. — disse Jussara, seca.

— Então teremos que salvá-la. — disse a índia, levantando-se. — E, por favor, guacari, elas não são mais *minhas* guerreiras desde que assentiram seguir ordens de uma medjia. Agora elas são inimigas dos icamiabas.

— Meu nome é Jussara. — disse a índia, mais receptiva.

— Eu sinto muito pelo cacique guacari. Não o conhecia pessoalmente, mas sempre soube da estima da Akh'Mé por ele. Creio que falo em nome dela, — disse, virando-se para Ubiratã. — quando digo que os icamiabas farão de tudo para ajudar a aldeia guacari a se reerguer.

— Muito obrigado. Chamo-me Ubiratã. — o índio ficara um pouco nervoso com a forma respeitosa que aquela guerreira lhe



falou. Foi educado desde criança a pensar que todas elas são intimidadoras. E o fato dela ser uma linda mulher o deixou ainda mais.

Guipara foi oficialmente apresentada a todos, e segurou um pouco mais o olhar em Rud, quando apertou a sua mão. O rosto branco queimado de sol e a barba por fazer o deixavam diferente de todos os homens que conhecia. Suas feições eram simples, mas seus olhos guardavam sabedoria.

— Com licença, Guipara. Isto é ouro? — perguntou, apontando para a sua cota de miçangas.

Guipara percebeu pelo seu olhar e pela sua voz que aquela pergunta não era dirigida por ganância, e sim por curiosidade. Aquele cari era diferente do que sempre foi educada a pensar sobre eles.

— Interessante ver que o senhor fala tupi. Isto é uma liga especial feita com ferro, bronze e ouro. Não me pergunte como, mas nossos ferreiros conseguem fazê-la ficar ainda mais forte e mais leve que o aço de vocês. Segundo contam as amas de leite, o aço icamiaba, como o chamamos, é mágico.

— A essa altura eu acredito em qualquer magia que apareça. — respondeu o professor, fascinado. — E, por favor, sem o senhor. Pode me chamar de Rud, como os amigos me chamam.

A índia acenou, sorrindo. Jussara não gostou nada daquele sorriso.

A madrugada avançava enquanto recolhiam os corpos. Algumas dezenas de guacaris surgiam. Haviã conseguido salvar-se, escondendo-se na floresta. Itagi foi um deles. O garoto abraçou forte os primos, enquanto chorava. Sua mãe fora assassinada, e a sua irmã desaparecera. Guipara avisou que as guerreiras podem ter levado índios como escravos.

Quem chegava ajudava os outros com os corpos e os entulhos. A chuva se encarregara de apagar o fogo, e deixara o trabalho ainda mais penoso, com tanta lama no chão. O sol estava para nascer quando, enfim, trouxeram o último corpo. O do cacique. Ubiratã decidira e o seu irmão o apoiara. O cacique seria cremado junto ao seu povo, em uma só cerimônia.

Ubiratã precisou presidir os ritos fúnebres. O pajé também havia morrido. Seu corpo foi encontrado sentado em sua esteira, com o seu fumo aceso e queimando ao lado. Não se soube como ele morreu. Com muita emoção, realizou todas as etapas do ritual. Enquanto os índios juntavam a palha ao redor dos corpos, ele cantava o mantra da libertação, a canção que ajudava os espíritos a encontrarem o caminho para as terras dos deuses. Cacique,

usava seu cocá e pintara uma faixa negra na altura dos olhos, e outra mais larga no peito. Cauã, ainda ferido, estava ao seu lado, lhe dando forças para continuar. Ambos tentavam segurar as lágrimas. Jussara e Rud estavam com Bill, Cher e Tom dentro da oca maior. Os dois conseguiram acalmar Bill, depois de um desesperado acesso de raiva. Ele queria, de todas as maneiras, correr atrás das guerreiras para trazer a sua filha de volta. Mas Guipara, sabendo do plano delas, pediu paciência ao pai das princesas.

— Elas não caminharão durante o dia. As desertoras estão sob a proteção da medjia, então só seguirão viagem quando o sol baixar. Durante o dia ela não pode protegê-las bem. Como estão com prisioneiros, andam devagar. Se realmente estão voltando para Akh'Ar, passarão o dia em uma cabana de descanso que fica a algumas horas à norte daqui. Saindo ao amanhecer, se corrermos, talvez alcancemos o grupo ao fim da tarde. Será mais seguro. A floresta não é lugar de se estar à noite. Não se preocupe, Bill. — Jussara tratou logo de emendar, enquanto traduzia as palavras de Guipara. — Lembre-se que as meninas estão com as melhores guerreiras da floresta.

O professor ficara um pouco mais calmo, embora igualmente inconformado com a sua impotência. Mas, no fundo, sabia que a

índia tinha razão. Ele e Rud ficaram bastante impressionados quando finalmente pararam para analisar aquela revolucionária descoberta. Passaram o tempo conversando sobre os possíveis avanços que a civilização icamiaba deve ter conquistado, vivendo em total separação do mundo “civilizado”. A conversa o ajudou a se acalmar.

— Tia, venha. Vai começar. — chamou Itagi dentro da oca, ainda com os olhos inchados de tanto chorar. Todos o acompanharam até a beira da floresta, onde Ubiratã, já encarnando também um pajé, iniciara os cânticos do fogo. Alguns índios tomaram a iniciativa e atearam fogo em diversos locais da palha. Ele rapidamente subiu e engolfou todos os corpos que ali estavam, formando uma imensa fogueira. Esta nada tinha de bela. A chuva, que caía fina e mansa, não era suficiente para apagá-la, e o fogo consumiu tudo que tocou. Ubiratã, muito emocionado, não parou de cantar até que a chama se extinguiu.

Cher também se emocionara bastante com o funeral. Apesar de tudo, sentia-se mais índia e mais viva do que nunca. Queria muito que Claire estivesse ali com ela, e chorou silenciosamente por sua irmã. Mas sabia que ela estava viva. Podia sentir, onde quer que ela estivesse.



## 13: O PODER DENTRO DE NÓS

O movimento oscilatório e o som de ranger confundiam os seus sentidos. O cheiro lhe era familiar, e tentava lhe situar. O cheiro da terra úmida. Os olhos, mesmo com o comando claro da sua cabeça, teimavam em não abrir. As pálpebras pareciam concreto. Só pelo cheiro, sua mente não conseguiu raciocinar o suficiente. Só pedia para voltar a dormir. Submissa, ela aceitou.

*Estava novamente na floresta. O frio me abraçava, irônico como sempre. Dava vontade de perguntar o que ele fazia por ali. Eu já conhecia a realidade, e era bem diferente daquilo. A escuridão, novamente ofuscada pela imensa e brilhante lua, me fazia companhia. Mas não como amiga. Ela era traiçoeira. Escondia aquilo que tirava o meu sossego.*

*Nas outras tantas vezes que tive esse mesmo sonho, eu já o vira. Mas esse era um novo. O mesmo novo sonho de sempre. Agora, eu não tinha conhecimento do que era aquilo que me observava. Só tinha noção da sua presença. Podia sentir.*

*A mesma sensação que me fazia correr como louca, tentando fugir dele. Era um sentimento estranho para mim. Nunca fui de fugir de nada na vida. Mas aquela vida não era a minha. Ou a*

*minha vida de antes é que não era? Não tinha tempo para esses pensamentos ao mesmo tempo que corria.*

*Caí, novamente. Já enchi o saco de sempre tropeçar naquela mesma pedra. É estranho como, desta vez, tenho mais lembranças dos sonhos anteriores. É como se um pedaço da minha consciência estivesse, de fato, consciente.*

*Voltando a prestar atenção na cena à minha volta, vi que estava na conhecida cachoeira que formava aquele imenso lago. E Cindy apareceu ao meu lado. Levaria um susto, mas me pareceu que ela sempre esteve ali, e que só agora me ativera a este detalhe.*

*Minha amiga estava tão surrada quanto eu.*

*— Claire, você pretende acordar que horas? — ela me perguntou, com a maior naturalidade.*

*— Eu não estou acordada? — aquela pequena parte da minha consciência sabia que não, mas só agora o resto dela percebeu isso.*

*O chão da floresta começou a oscilar, e passei a ouvir um rangido que chegava cada vez mais perto. Quando o frio sumiu, achei que era seguro abrir os olhos.*

*— Você está bem, amiga? — sussurrou Cindy, ao ver que a garota finalmente acordara. Ao vê-la, Claire lembrou-se daquele rosto em seu sonho.*

— O que você fazia comigo na floresta? — perguntou, meio tonta.

Cindy não entendera nada, obviamente. Sua incredulidade durou até que a mente de Claire a lembrasse de que estava sonhando.

— Esquece. — disse. Tentou se levantar, mas sua cabeça parecia pesar toneladas. Só conseguiu gemer.

— Fica quieta! Elas bateram em quem acordou. Acho que nos querem quietas e caladas. — explicou Cindy. Claire percebeu em sua bochecha o que parecia ser a marca de uma mão. Aquilo a despertou por completo, tamanha foi a raiva que sentiu. Lembrou-se de tudo que houvera antes de apagar. Aquelas mulheres, a sensação estranha. Ao tentar olhar em volta, viu que estava em cima de uma carroça. As oscilações e o rangido foram explicados. Acima, um túnel sem fim de folhas fechavam a passagem do sol, e era difícil saber as horas. *Pelo menos já amanheceu.* Pensou.

— Onde estamos? — lembrou-se de perguntar.

— Não tenho a mínima ideia. Acordei há umas duas horas, quando ainda estava escuro, e desde então só fazemos andar nessa trilha. Levaram nossos relógios. — avisou, quando viu a amiga tentando puxar o braço.



Claire olhara em volta. Dentro da carroça deveriam ter umas dez pessoas onde caberiam quatro. Além dela e de Cindy, outras índias compartilhavam o mesmo minúsculo espaço. Atrás delas vinha outra carroça com outros prisioneiros. Ambas eram puxadas pelo que pareciam ser cavalos. Claire, que sempre gostara desses animais, percebeu que aquela era uma raça que não parecia com nenhuma outra que conhecia. Eram pequenos e as pernas pareciam ser mais fortes. Também tinham uma pelagem que parecia de onça. Além das carroças, percebeu que alguns índios, em grupos de cinco, caminhavam com os pulsos e os pescoços presos à enormes varas, que pareciam ser de bambu. Não dava para contar quantos grupos vinham atrás das duas carroças.

Enquanto tentava espiar para os lados o grupo parou. Era nítido no ar a mudança brusca de temperatura. Uma sensação de pânico surgiu ao perceber a floresta esfriar. A primeira coisa que lhe veio à cabeça foram os seus pesadelos. Estar vivenciando aquilo deixou Claire com os pelos arrepiados. Percebera de relance as guerreiras que estavam ao lado da carroça irem para a frente, sumindo do seu campo de visão.

A garota tentou se levantar, até perceber que tinha alguém preso às suas costas. Tentou se esticar o máximo que pôde. O

catetú ficara entre elas e as guerreiras, que se reuniram mais à frente, e a visão ficara parcialmente impedida.

Uma névoa espessa cobrira o chão ao redor da carroça, enquanto o sol pareceu esfriar. O frio e a escuridão tomaram conta de tudo. Cindy, presa a uma indiazinha que dormia, não conseguiu enxergar, e só soube de tudo que aconteceu olhando as reações de Claire. Os estranhos animais estavam desconfortáveis, e pareciam querer sair dali.

Quando as guerreiras se ajoelharam, ela conseguiu ver quem elas reverenciavam. Uma pantera negra surgira dentre as árvores mais à frente. A primeira reação era a de um grito, mas lembrou-se onde estava. O coração, por sua vez, quase saía pela boca.

— Jupá... — começou a Dama da Noite. — Viu quem você trouxe para mim? — para o espanto e total incredulidade, a pantera falava. Não falando, realmente. Sua constituição física impossibilitava isso. Mas todos ouviam o que ela tinha a dizer. Agora sim, Claire achou que estava delirando de vez, ou quem sabe estava tendo outro sonho? Não, seus sentidos não a enganavam. Ela sabia que estava bem acordada. Só não conseguia acreditar no que via.

— S-sim, coniupuiara. A-a herdeira, e o muiraquitã sagrado.  
— respondeu ao felino, que estava sentado sobre suas patas ao lado dela.

Seria demais de se esperar, ou a guerreira estava *conversando* com ela?

— E você não percebeu nada de diferente na pedra que a menina possui, mulher? — a pantera balançava mansamente o rabo de um lado para o outro, espanando o chão.

— D-diferente, coniupuiara? M-mas há algo errado? N-não é a pedra sagrada? — Jupá estava pálida e gaguejava como nunca acontecera antes na sua vida. Se fosse em outra ocasião, de certo suas guerreiras ririam às suas costas. Uma coniupuiara nunca demonstrava fraqueza.

— É sim, Jupá. Mas existe um pequeno problema. É apenas METADE dele!

A reação instintiva de Claire foi virar o rosto. Ela olhou fixo para Cindy, e parecia em choque. A garota não precisava ver para saber o que acontecera. O olhar da sua amiga lhe confirmava o que ouviu. Um animal acabara de atacar alguém.

Prenúncio do ataque, o rugido da pantera ecoou por alguns quilômetros mata adentro. Ela acertou a cabeça de Jupá, que nada pôde fazer para se defender. Como de costume entre as onças,

cravou seus dentes no crânio da vítima, matando-a instantaneamente.

Suas guerreiras também não se moveram. E continuaram encarando a fera destroçando o corpo de Jupá com facilidade. Quando pareceu saciar-se, o animal olhou com seus olhos opacos para o carro onde a pedra tão desejada se encontrava. Só mais algumas horas até finalmente sentir o seu poder. Ela já esperara centenas de anos. Poderia esperar mais um pouco.

---

A água fria não era motivo suficiente para não dar um mergulho. Nem mesmo a chuva. Pelo contrário, o fato de já estar molhado foi um facilitador. Um convite. E Rud o aproveitou.

Deixando todos um pouco de lado, saiu dos limites da aldeia, andando pelas margens do rio, até achar o seu lugar. Aquele lugar onde, por tantas vezes no passado, se encontrara escondido com Jussara ou onde ia sozinho, para pensar um pouco. Os índios não eram familiarizados com o conceito de privacidade. Tudo era

compartilhado, inclusive as casas. Rud sentia necessidade de ficar um pouco sozinho de vez em quando. Como agora.

Depois de nadar um pouco, sentou-se na praia, mantendo os pés n'água. Sentia a chuva, e cada pingo tocar o seu corpo. O dia estava triste e cinza, como ele. E, como ele, queria um minuto que fosse de paz para descansar a cabeça.

Um agito na superfície do rio chamou a sua atenção. Seria um boto, subindo para respirar? Rud vira poucas vezes esse belo animal, tão raro e só encontrado naquela região.

O professor ouviu um canto ao longe. Parecia uma voz doce e melodiosa, e cantava algo triste. Reconheceu aquela voz. A mesma que ouvira antes. Fechou os olhos e deixou-se levar por aquele canto, que ficava cada vez mais alto e claro. Sua mente viajava para longe, até que percebeu que a chuva cessara. Ao abrir os olhos, um sol quente e acolhedor clareava seus pensamentos e jogava fora toda a tristeza. O rio refletia seus raios como milhões de pequenos diamantes. O professor nunca vira a floresta tão bela.

A água na sua frente, a cerca de dez metros, agitara-se novamente. Curioso, Rud fitou o ser que nadava em sua direção. Quando este chegou perto o suficiente, o professor teve um vislumbre do paraíso.

Ainda dentro d'água, ele viu uma mulher. Ela não subiu à superfície, mas ele percebeu que ela se parecia muito com Jussara. O rosto, as curvas. E nadava inteiramente nua! Seus imensos cabelos ondulavam à volta dela, quando parou e o encarou de debaixo d'água. A água, normalmente turva naquele rio, estava inexplicavelmente cristalina. E a voz, ele percebera, também era sua. Ela que cantava aquela melodia triste. Ele não chegou a se perguntar como ela poderia estar cantando de dentro d'água.

Preocupado, o professor perguntou-lhe o porquê de tanta tristeza. Como é que, com um dia lindo como aquele, alguém podia sentir-se triste? Ela chegou ainda mais perto. Parecia um pouco temerosa. Ele disse-lhe que não tivesse medo, que ele nunca machucaria criatura tão bela.

Ela lhe sorriu ao ouvir aquilo, e ele esqueceu-se de respirar. Seu sorriso era a coisa mais bela que o professor já vira. Ele estava cada vez mais curioso por aquele ser. Com cada vez mais vontade de pular novamente na água e chegar perto dela, tocá-la. Ela respondeu à sua pergunta sem movimentar seus lábios.

— Estou triste, Rud. Triste, porque tenho o mundo perfeito, mas não tenho alguém que viva-o ao meu lado.

— Como isso pode ser verdade? Não existe ninguém nesse mundo que não gostaria de viver ao lado de tão bela mulher. — disse, babando.

— Não diga uma coisa dessas, Rud. Se não, posso até acreditar... — ela respondeu-lhe. O professor sorriu abobalhado. — Mas, aquele a quem eu dividiria todo o meu mundo já tem uma pessoa em seu coração.

— E quem é? — perguntou, ainda mais abobalhado. Seu rosto começara a perder expressão.

— Ora, seu bobo! É você, claro! Se você desistisse da sua vida naquele mundo cinza e sem graça, eu poderia deixar você viver comigo aqui, no paraíso.

— Mas eu quero, minha deusa. Eu quero viver com você. E só com você. — disse, mecanicamente. Seus olhos estavam leitosos, envoltos por uma névoa. De todo seu corpo, só a boca se movia, dizendo as palavras que ela mandara-o dizer.

— Muito bem, meu amor. Era só isso que você precisava fazer. — disse, sorrindo. Mas o sorriso não era mais angelical. Nem os olhos, gentis. — Venha, meu querido. É só cair na água. — disse, finalmente emergindo. O cabelo grudou em volta do seu rosto, delineando-o. A semelhança com Jussara era impressionante, mas havia algumas diferenças. Ele não sabia explicar, mas ela parecia

de algum modo mais sensual. Ela se aproximava, com um olhar felino. E ele se entregava.

Jussara chegara no exato momento em que Rud se jogava para frente. A índia conseguiu segurar seu braço antes que o corpo inteiro do professor estivesse submerso. E gritou de susto quando viu o que puxava suas pernas.

Um monstro. Tinha forma humana, mas sua pele, azulada, tinha a textura da de um boto. Não tinha nariz, e sim guelras no pescoço. Sua boca era similar à de um peixe, sem lábios e com dentes pequenos e serrilhados, que se mostravam à humana intrusa em tom de desafio. Seus olhos eram esticados como dos índios, mas eram muito maiores e totalmente negros. De sua cabeça saíam centenas de tentáculos longos e finos, que pareciam cabelos.

A criatura segurava as pernas de Rud com suas nadadeiras dorsais, que eram articuladas como braços, com barbatanas como mãos, que envolviam as pernas da vítima.

Ela gritou de volta, também assustando-se com a súbita presença daquela mulher humana. Não as suportava. Eram de uma beleza que a deixava com ódio de ter nascido daquela maneira.

— Solte ele, coisa nojenta! — gritara Jussara, reunindo coragem. Sabia quem era aquele ser. Mas não queria acreditar.



Ele respondeu em uma língua estranha que Jussara não entendera. Rud, parecendo ter recebido ordens, virou-se e tentou desvencilhar-se dos braços dela. A professora ficou aterrorizada ao ver seus olhos brancos. Ele não demonstrava emoção alguma. Mas sua força parecia sobre-humana ao retirar as mãos dela dos seus braços.

— Por favor, meu amor! Não faça isso! — dizia. Não conseguiria segurá-lo por muito mais tempo. Para sua sorte, Ubiratã surgira atrás dela. Ouvira os seus gritos.

A Iara, ao perceber que outra companhia inesperada surgira, largou as pernas da sua quase vítima, e mergulhou novamente nas águas do rio. Jussara ainda pôde ver um pedaço da sua cauda, enquanto sumia. Sua parte de baixo era escamosa, e sua cauda lembrava a de uma enguia, com barbatanas no final que pareciam tentáculos de águas-vivas.

Jussara permaneceu na beira do rio com o professor em seus braços, desacordado. Ubiratã nada perguntou. Não precisava. Agradeceu em silêncio por ter chegado em tempo.

---

— O que farei com a garota? — Mayara estava muito nervosa. Tornara-se a terceira coniuuiara daquele grupo em menos de um dia. Será que seu comando seria tão curto quanto o da última? Ela estremeceu só de pensar nisso. Nem entendera porque a Dama da Noite a escolhera. Não era a mais forte do grupo. “*Você é a quem chamam Mayara? Será a nova coniuuiara. Veremos se faz jus ao seu nome*” disse, antes de sumir. Mayara significa sábia em tupi.

Estava só, pensando alto dentro da cabana montada para a coniuuiara. O sol estava no alto do céu. Era o ponto mais vulnerável para a proteção delas. Precisariam esperar até o entardecer.

Exaustas, sujas, feridas e mortas de fome, as meninas nem titubearam e quase se engasgaram com a comida que uma das icamiabas lhes ofereceu.

— Que porcaria é essa?! — Cindy cuspiu a massa esbranquiçada na mesma velocidade que pôs à boca. Levou uma bofetada no rosto tão forte que abriu uma ferida.

— Se não quer comer, cari, então morra de fome! — disse a guerreira, tirando o prato das mãos dela.

— Você enlouqueceu?! — perguntou Claire, quando a outra se afastou.

A menina alisava a bochecha e tentava segurar as lágrimas. Levava o segundo tapa naquele dia.

— Não consigo colocar isso para dentro. É nojento!

— Mas é o que tem para comer! Quer morrer de fome?! Tenho certeza que elas não fariam a mínima questão! Toma, pega um pouco aqui. — disse, dividindo o seu prato com ela. As duas comeram em silêncio por um tempo, tentando engolir a pulso. Comiam com as mãos.

— Claire, será que elas vão nos amarrar de novo? — perguntou, em um sussurro que só elas ouviram.

— Acho que sim, infelizmente. — respondeu, desolada. Seus pulsos estavam quase em carne viva.

— Então acho melhor te dar logo isto. — Cindy lhe entregou um pequeno objeto metálico que estava guardado em seu bolso.

— Mas como você... — Claire começara a pergunta, mas logo se calara. Enquanto tentava esconder o canivete que Cindy lhe entregara no seu bolso, uma guerreira vinha em sua direção.

— O que você tem nas mãos, cari?! — perguntou, puxando com força o seu braço, forçando-a a mostrar o que tinha escondido. Mas, ao apertar o braço da garota, a índia gritou de dor. Claire olhou com espanto para o que parecia ser brasa no ponto onde a mão da índia lhe segurava. Percebeu que o seu colar

brilhava na mesma intensidade. Também estava quente, mas não a queimava. O mesmo não podia ser dito da mão da índia. Uma das guerreiras custou a conseguir soltá-la, e ambas caíram no chão.

— O que diabos está acontecendo aqui?! — perguntou Mayara, que veio correndo ao som dos gritos, assim como todas as guerreiras. Claire aproveitou a confusão para finalmente esconder o canivete.

A coniuquiara olhou da garota para a guerreira ferida, que ainda gemia no chão, com a mão intensamente queimada e cheia de bolhas.

— Sua idiota! Você é louca de tocar na herdeira?! Não tem noção do poder da garota?!

— Perdão, coniuquiara. Ela estava com algo nas mãos, eu só queria ver o que era...

— Faça isso de novo e sofrerá as consequências. Da próxima vez pode não ter alguém por perto para salvá-la!

Ara, uma indiazinha de onze anos, não acreditou no que acabara de ouvir. A garota cari que estava ao seu lado era a herdeira das icamiabas! Mas, como?! Como aquilo poderia ser verdade? Ela morava na cidade grande, em outro lugar, muito longe da floresta. Do outro lado do mundo, na verdade. Sua curiosidade foi maior que a sua timidez.

— Claire? — perguntou, baixinho.

— Sim? — a garota estranhou que a índia lhe chamasse. Já estava acostumada com ela ao seu lado desde que acordara.

— Você ser filha de índio? — estranhou mais ainda que ela falasse inglês. Cindy também prestava atenção na conversa sussurrada.

— Você sabe falar minha língua?

— Jussara ensinar crianças na tribo. — respondeu. — Sem tempo, Claire. Você ser filha de índio?

— É... sim. Minha mãe era índia. Mas por que esta pergunta? — a garota estranhou a urgência na voz dela.

— E você saber onde ela veio?

— Desculpe, eu não entendi. — disse, pausadamente.

— É... Onde ela nascer? — perguntou novamente, lembrando-se daquela palavra.

— Ah, ok. Por aqui mesmo. Ela era brasileira.

— Você não saber onde ela nascer?

— Não, mas por quê?! — ela perdera a paciência com tantas perguntas sobre a sua mãe assim, sem mais nem menos.

— Porque eu sei.

O espanto de Claire não foi pela concordância correta das palavras desta vez.

---

— Aquela criatura miserável! A força do muiraquitã desperta no corpo dela. Isso pode se tornar um problema para mim.

A Dama da Noite andava de um lado a outro nas quatro patas de uma onça-pintada. Estava na frente da entrada de uma imensa gruta incrustada no pé de uma montanha, em um local onde quase não existia vida animal.

— Dê-me permissão para atacar, mestra. Destruo todos que estão com a menina. Deixo-a fraca, desejando que a mestra corte seu pescoço e lhe tome a pedra. — uma voz sibilante e asmática conversava com ela. Vinha do interior da gruta, do lugar de onde imensos olhos vermelhos como fogo a observavam.

— Não tenho escolha. É preciso agir, rápido. Burros como são, com certeza irão atrás da irmã que já está sob meu controle. Será aí que você entrará.

— Uma noite de festa para mim.

— Lembre-se de deixar a herdeira viva. Ela precisa me entregar o amuleto.

A onça pareceu acordar de um transe. Percebendo onde estava, tentou sair correndo dali, mas sem sucesso. A cabeça de uma gigantesca cobra saiu rapidamente da gruta, abocanhando a onça inteira em um só bote. Esta noite seria de banquete.

## 14: A CIDADE DO SOL

O sol batia com força nas costas das candidatas. Suavam com o calor gerado pelo astro e pela força que desprendiam nos exercícios. Carregavam pesadas toras de madeira entre dois pontos da arena. Era mais um dos tantos testes de resistência. Yná se mostrava satisfeita com o grupo deste ano. Eram meninas fortes e saudáveis, e dentro de alguns meses estariam prontas para começarem o treinamento e se tornarem guerreiras icamiabas.

Qualquer menina nascida dentro do território tinha o direito de se candidatar a uma vaga para guerreira. Só eram aceitas garotas com até 10 anos. Mas era uma tarefa árdua que muitas não nasciam para exercer. A pré-seleção durava um ano. Um intenso ano de provas de resistência e de inteligência. As candidatas precisavam mostrar o seu valor físico e mental para cogitarem um dia serem guerreiras. E, uma vez aprovadas, passariam anos em treinamento pesado, aprendendo as artes da luta, das armas e das estratégias. Aprendendo a sobreviver na floresta por meses, se necessário, sem contato com qualquer traço de civilização. E, ainda, aprendendo junto às outras garotas e garotos a leitura, a história, a matemática, e todas as outras ciências que todos os icamiabas aprendem quando crianças e



adolescentes. Ser uma guerreira é o que praticamente todas as garotas sonham, enquanto os meninos apenas invejam. Só as mulheres são autorizadas. Na guarda icamiaba, os homens só podem ser vigilantes e mensageiros, ou exercerem funções burocráticas. Ou podem almejar um alto cargo na política, no comércio, tornar-se um dithre, sacerdote e curandeiro icamiaba, para cuidar dos templos e da saúde do povo. Também podem tornar-se escribas e cuidarem dos documentos e dos tributos. Mas, claro, as meninas também podem seguir tais carreiras. E só uma mulher pode chegar a tornar-se Dithra-Mae, espécie de grã-sacerdotisa, a representante dos templos e das forças de cura.

A visita da Akh'Mé não pegou Yná de surpresa. Era frequente Tweekaci visitar os treinamentos das candidatas e das guerreiras; afinal, era a coniuquiara maior das icamiabas. A mestre-de-armas ajoelhou-se diante dela. Todas as candidatas derrubaram as toras de madeira no chão e fizeram o mesmo.

— Akh'Mé, Filha-do-Sol, nos honra com a sua presença.

— E você me honra com belas futuras guerreiras, Yná.  
— respondeu com um sorriso encorajador, olhando nos brilhantes olhos de todas. Algumas até se atreveram a dar um sorriso tímido àquela que, diziam, ser a mais simpática Akh'Mé dos últimos tempos. — Levante-se e caminhe comigo, minha amiga.

Yná foi companheira de Tweekaci quando, ambas com oito anos, começaram a pré-seleção. A herdeira do Sol passava pelas mesmas provações que todas as candidatas a guerreira, e pelos mesmos ensinamentos. Levava surras quando errava ou não conseguia segurar-se pendurada em um galho, como todas. Enquanto estivesse na pré-seleção e no treinamento era como qualquer uma das suas colegas. Apenas quando era graduada como guerreira e recebia o muiraquitã com o seu nome cravado é que a herdeira recebia, no mesmo momento, o título de coniuquiara da guarda real, sendo a responsável pela proteção pessoal da soberana. E, quando assumisse o poder, trocava o seu muiraquitã pela pedra sagrada da sua mãe, e seria promovida a Akh'Mé, ou Filha-do-Sol em icamiaba, e também receberia o título de grande coniuquiara das guerreiras icamiabas.

— Acha que neste ano teremos força suficiente para ocupar o buraco que as traidoras deixaram? — perguntara, enquanto observava as garotas voltando às suas tarefas.

— Estou fazendo o que posso, Akh'Mé. Vossa Graça bem sabe que quantidade não é qualidade. A medjia nos roubou boa parte das melhores guerreiras, e é isso que estou tentando arrumar. Guerreiras realmente *boas*.

O que Tweekaci mais gostava em Yná era a sua sinceridade. A mesma que teve quando declinou um convite irrecusável.

— O que me diz, Yná? Seria coniuuiara da guarda real em meu lugar? — logo após assumir o poder, depois dos treze dias de luto por sua mãe e de todos os cerimoniais de coroação, Tweekaci oferecera o seu antigo e prestigiado cargo para a sua melhor amiga.

— Muito me honra, Akh'Mé. Mas Vossa Graça sempre soube, desde que tínhamos oito anos, que a minha paixão é ensinar. Gostaria de ser responsável pela criação das nossas futuras guerreiras. Se for do seu agrado, é claro. — respondeu, ajoelhada na sua frente.

— Mas isso é um ultraje! Como ousa falar com a Akh'Mé desta maneira, insolente! Se ela lhe chamou para ser a coniuuiara da guarda real, aceite e fique muito feliz! — disse-lhe a Dithra-Mae, que sentava ao lado de Tweekaci.

— Só falo a verdade, grande curandeira, como sempre fui educada a fazer.

Tweekaci limitou-se a sorrir.

— Fala como uma verdadeira guerreira icamiaba, minha amiga. Orgulho-me de ter como minha nova mestre-de-armas uma

guerreira como você. Levante-se, Yná, e vá até a arena para o seu novo cargo!

É claro que a Dithra-Mae continuou praguejando de como a Akh'Mé deveria se portar diante dos subordinados, e de como sua palavra era lei e ordem, e que deveriam açoitar todos que dela duvidassem ou titubeassem em cumprí-la...

— Não vejo pessoa melhor para repor nossas forças. — disse, tocando o ombro da amiga e olhando-a em seus olhos. — Pode ser que eu não esteja aqui por muito mais tempo. — Yná tentou cortá-la, mas ela insistiu. — Eu sei o que você vai dizer e não adianta. Eu sinto, amiga. Chega o dia em que Ya'Ci me levará para junto dela. E eu temo por este dia. Não por minha vida. Está para nascer a guerreira que tem medo da morte. Temo pelo meu povo. Yná, peça-lhe de coração. Quando o dia chegar, ajude as dithras e dithres a encontrarem dentre as melhores guerreiras, aquela que tenha o coração puro e forte o suficiente para começar uma nova dinastia.

— As Filhas de Ci não poderão morrer, Tweekaci. — era raro chamá-la pelo nome, mas a gravidade da conversa exigia isso.

— Mas os deuses não foram bons comigo. E Ci reinará no coração de qualquer guerreira que esteja à sua altura.

— Então que você viva mil anos, amiga, pois não há guerreira que chegue aos seus pés.

— Yná, a lisonja sempre correu de você. O que é isso? Sinais de velhice?! — perguntou, segurando um divertido sorriso.

— Sinais de caduquice. A mesma que afeta seus pensamentos e diz que você tem pouco tempo. Não chegamos nem às sessenta luas douradas. Você ainda tem muito tempo para escolher a sua herdeira. Isto se a verdadeira Filha de Ci não reconhecer o seu chamado.

Aquele era um assunto que poucas e selecionáveis pessoas sabiam a respeito. Yná era uma delas.

— Minha filha está morta, Yná. — Twekaci pareceu envelhecer uns trinta anos quando ouviu sua amiga lhe dizer aquilo.

— Você não tem provas disso.

— Não tenho provas de nada. Não sei nem se ela sobreviveu à fuga.

— O poder da pedra sagrada ainda pulsa com uma Filha de Ci. Sentiríamos se isso não fosse verdade.

— Chega desta conversa. — cortou. Sempre ficava muito abalada com aquele assunto.

— Como deseja, Akh'Mé.

Twekaci respirou fundo algumas vezes, olhando duas garotas que lutavam com lanças de madeira.

— Bom trabalho, mestre-de-armas. — disse, por fim. — Creio que fiz bom negócio, lhe dando o que desejava. Queria que você pudesse fazer o mesmo por mim.

— Eu também, amiga. Pode ter certeza disso. — ela lhe respondeu, com um sorriso amável. Permitiram-se um breve abraço.

---

— Então é isso? — Cher ainda estudava o mapa grosseiramente desenhado no chão de terra batida.

— Basicamente, Ya'Mé. — respondera-lhe Guipara, após Jussara lhe dizer o que a garota havia perguntado. O plano em si era bastante simples. Depois da guerreira informar quais possivelmente seriam os passos das traidoras, ela mostrou no mapa que desenhou todas as trilhas, conhecidas ou não pelos guacaris, que levavam até a Cidade do Sol.

— O objetivo delas não é chegar até Akh'Ar. A guarda real ainda é leal à Akh'Mé, e o poder da medjia não chega à cidade. Deverão chegar até onde puderem, provavelmente para entregarem o amuleto para ela.

Jussara arrepiou-se ao pensar o que poderia estar acontecendo à Claire, mas não falou nada. Bill e Cher já estavam nervosos o suficiente.

— O que proponho é que sigamos pela trilha que usaram. Nenhuma guerreira icamiaba consegue fugir de mim sem deixar rastros, ainda mais com prisioneiros. Acharei em pouco tempo, e poderemos seguir por ela.

— Até o fim do dia as alcançaremos, não é? — perguntou Cauã, recebendo a confirmação da índia.

— Espero que sim. Estamos trabalhando em cima de suposições, não se esqueça. E, se formos em pouco número, fica mais fácil de se locomover e de se proteger, caso necessário.

Aquela discussão durara a manhã inteira. Tanto Cher quanto Tom e Itagi faziam questão de ir junto a eles. Bill não admitia de jeito nenhum que eles fossem, mas também não sabia se era seguro mantê-los na aldeia desprotegidos.

— Eu vou atrás da minha irmã, e não existe ninguém que vai me proibir disto! — dissera Cher, olhando nos olhos do pai. Sua

determinação o desarmou, que apenas frisou: — Se os guerreiros disserem que dá, todos vamos. Pelo menos estaremos juntos.

— Essa não nega o sangue. — comentou Guipara aos índios.

Depois de abastecerem várias mochilas com comida e água e de calçarem botas, os meninos ainda receberam algumas armas das mãos de Ubiratã.

— Vocês já são adultos, e como adultos, são agora guerreiros guacaris. Lembrem-se, a floresta é um lugar perigoso e traiçoeiro. Não devemos, em hipótese alguma, nos separar. — disse à Tom e Itagi. O garoto já era familiarizado com o arco-e-flecha, e foi com essas armas que escolheu entrar na mata. Tom ganhou uma lança e um punhal.

— Bem melhor que um canivete. — comentou, observado a lâmina feita com pedra lascada e desenhada com motivos geométricos. O garoto colocou o seu chapéu de Indiana Jones, alisou sua aba e jurou a si mesmo que encontraria sua amada.

Bill também recebeu uma lança e um punhal, enquanto ajudava Cher a colocar a pesada mochila nas costas. Quando Ubiratã lhe ofereceu um punhal, Guipara o abordou.

— Cacique, por favor. Permita-me. — e, virando-se para a garota:



— Ya'Mé, seria uma honra sem tamanho se Vossa Graça aceitasse o meu punhal. — a guerreira ajoelhou-se diante dela, e, com a cabeça baixa, ofereceu-lhe a peça de aço icamiaba como um sinal de submissão.

Ubiratã lhe disse o que Guipara havia falado, e a garota agradeceu, um pouco vermelha.

— Obrigada. — disse, em tupi. Perguntou à Ubiratã como dizia. Ao segurar no cabo do punhal, Cher sentiu uma brisa morna envolvê-la, e percebeu seu amuleto brilhar um pouco. Parecia quase sentir o poder da pedra. E a pedra sentia a arma em suas mãos.

— Uau... — limitou-se a dizer.

Guipara ficara radiante ao perceber a pedra se manifestando. Cher observou de perto o cabo, que era feito do mesmo metal, mas enrolado em couro negro. Possuía um botão de rubi, menor do que o da espada da guerreira. A lâmina era adornada por inúmeros desenhos que lhe lembravam hieróglifos, e tinha um formato semelhante a uma folha. O aço icamiaba era realmente lindo de se ver.

Todos em volta perceberam o muiiraquitã cintilar, mesmo que por um instante. Bill ficou nervoso, mas o olhar de admiração da

sua filha o acalmou. Rud ficara maravilhado, e pediu o punhal para observá-lo de perto.

— Se o professor quiser, pode ver a minha espada. — disse a guerreira, estendendo-lhe a peça dourada. Rud nem titubeou, e percebeu o quanto ela era leve. A lâmina possuía o mesmo desenho ondulado em forma de folha, só que bem mais comprida que o punhal. O metal era fino, afiado e brilhava em dourado, embora na sombra fosse quase da mesma cor que o aço comum. O cabo era de madeira escura, enrolada em couro claro. Na extremidade, um grande rubi vermelho formava o botão, e foi esculpido como a cabeça de uma águia.

— É um Uiraçu. O símbolo das coniuuiaras. — explicou-lhe. — A ave mais forte da floresta, e ao mesmo tempo ágil e difícil de ser vista.

— E uma bela ave, também. — comentou Ubiratã. Guipara sorriu-lhe, concordando.

— É sim, cacique. Uma bela ave. — respondeu, mas continuou fitando Rud. — O professor já viu alguma?

— Já sim. Da última vez que estive aqui tive esse prazer. As harpias são muito belas e imponentes.

— Como as coniuuiaras. — completou Ubiratã, galante, enquanto encarava Guipara.

— Acho que já tivemos elogios demais por hoje. — cortou Jussara, olhando de cara feia para o professor.

— Mas o que eu fiz?! — perguntou, em inglês.

— Espero que nada, Rudolph. — respondeu, indo para fora da oca, onde o sol voltara a brilhar. — O que ainda estamos esperando?! — perguntou a todos, que a seguiram.

— Mulheres... — divagou Ubiratã, e Bill e Rud deram um sorriso cúmplice.

---

— Entenda, Claire. Sua mãe ser da tribo delas. — já era a quarta vez que a indiazinha tentara explicar. Era difícil falar algo tão complicado como aquilo naquela língua dos cari. E a situação era agravada por que ela não poderia sequer estar *falando*.

— Se minha mãe era da tribo delas, porque me sequestrariam desse jeito?! — cochichara de volta. Se aquilo fosse verdade, ela estava desapontada. Odiava aquelas mulheres guerreiras desde que as conhecera.

— Elas te chamar de... Não sei nome em inglês. De filha de chefe.

— Filha de chefe? Minha mãe era a cacique da tribo delas?

— É mais que isso. Não é cacique. É como... Rainha! — disse, feliz por se lembrar daquela palavra. Mas também alto o suficiente para uma das guerreiras ouvir.

— Ei, pirralha! Que parte do “fechar a boca” você não entendeu?! — Kiary, uma guerreira baixa e entroncada, com um sorriso malicioso que nunca saía do rosto, esbofeteou Ara com vontade. A boca da garota ficou vermelha com o sangue. — Vamos ver se agora você entendeu, não é? — perguntou, sorrindo.

— Deixe ela em paz, sua nojenta! — Claire gritou. Na mesma hora se arrependeu de ter feito isso, mas seu sangue ferveu ao ver aquela brutamontes batendo na garota.

Kiary sorriu para ela, mas nos seus olhos brilhavam um ódio contido.

— Não sou burra, Ya'Mé. — cuspiu. — Não vou encostar em você, se é isso que pensa. Mas não ache que minha cabeça não mudará de ideia assim que a pedra sagrada sair do seu pescoço. — e, finalizando, deu um chute na barriga de Ara, que gemeu, chorando. — Isso deveria ser em você. — falou, ainda sorrindo.

— Você está bem, Ara? — perguntou, segurando o ódio. Não precisava entender tupi para perceber que aquele chute era para ela. Ninguém ousou encostar nela desde que a guerreira foi queimada.

— Estou. — mentiu a garota, entre soluços. — Escute, antes que ela volte. A pedra, sua pedra. Elas a querem. — disse, cuspendo o sangue da boca.

— Meu amuleto? — Claire já devia ter percebido isso. Claro. Aquela pedra possuía alguma magia, ela não tinha mais dúvidas disso. Essas mulheres querem a sua pedra. Mas não podem tocá-la.

— Sim. A Dama da Noite, ela quer a pedra.

— Quem?

— A jaraguá. Quer dizer, a pantera. — ela lembrou-se do nome em inglês do bicho.

— A pantera quer o meu amuleto? — a resposta estava clara na sua cabeça. Tudo aquilo foi por causa dela e da pedrinha que sua mãe lhe deixara. E agora também sabia que ela era da tribo dessas mulheres. Talvez quisessem a pedra de volta. Sua mãe teria roubado delas? Estava com ainda mais dúvidas do que antes.

— Sim. E você não dar, Claire. Não dar! — terminou, vendo que uma das guerreiras se aproximava. A garota encolheu-se,

temendo outro chute, mas a mulher limitou-se a olhá-las de cara feia.

— Nós devíamos fugir. — disse Cindy. Estava deitada e incomodada com os braços amarrados nas costas, como todos os outros.

— E você acha que devíamos correr para onde depois disso? — cochichou Claire, tentando soar irônica.

— Qualquer lugar. Vamos acabar morrendo mesmo. — respondeu a garota, enfezada.

Claire conseguiu pegar o canivete no bolso de trás da sua calça, e, abrindo-o, tentou cortar a corda que prendia seus pulsos nas costas.

— Talvez a gente demore mais a morrer se ficarmos. Em qualquer esquina dessa floresta pode aparecer uma onça daquelas e nos matar. — Cindy ficou traumatizada com onças, embora não tivesse realmente visto o assassinato. *Sempre temos mais medo do que não vemos*, pensou Claire.

— Bom, tenta não nos matar *agora*. — ironizou, assim que conseguiu ficar livre. Com cuidado, tateou as mãos da amiga logo atrás das suas e também cortou a corda que prendia seus pulsos.

— Mas o que... — começou, antes de entender, calando-se novamente.

Ara, que estava de frente para Claire, e com as mãos atadas nas costas, era a parte mais difícil. A garota ainda não pensara em como faria para a índia se virar sem parecer suspeita. Mas não precisou pensar muito.

— Vocês, escutem. — chamou Mayara, mais à frente dos prisioneiros.

Aos poucos, todo o grupo buscou virar-se para ouvir melhor a índia. Alguns conseguiram se sentar. Claire sussurrou um *senta*, torcendo para que ela entendesse. Ara sentou-se, cobrindo um pouco Claire com suas costas. Era a hora certa.

— O grande Akh já passou do seu ponto mais alto no céu e se prepara para partir. Voltaremos a marchar. Preparem-se. — disse, enquanto Claire cortava as cordas que ainda prendiam Ara.

— Que você faz, Claire? — perguntou, ainda sem entender porque precisava se sentar.

— Isso, Ara. — respondeu, terminando de cortá-las. — Vamos fugir. Prepare-se para o meu sinal.

A garota olhou para os seus olhos verdes e deu um sorriso esperançoso.

Claire não tinha a mínima ideia do que fazer e nem como. Mas não tinha mais tempo para pensar ou para bolar um plano. As guerreiras já “ajudavam” os prisioneiros a se levantarem, com

tapas e pontapés. Seria questão de alguns segundos até que percebessem que as três estavam soltas...

Nem mesmo ela pensou em como foi louca ao fazer aquilo.

Olhou para Ara e lhe disse para ficar e esperar. Sussurrou para Cindy o mesmo. Levantou-se em um pulo, gritando “Ei!” para as guerreiras, que viraram os rostos de uma só vez. E, enquanto os viravam, ela já jogava a pedra na direção delas. A pedra que tinha mais ou menos o tamanho de uma bola de tênis que estava ao seu lado no chão de terra onde fora jogada. Nunca foi grande praticante de esportes, e a sua mira também não era lá essas coisas, mas ela conseguiu acertar bem no meio da testa de Kiary, que desfaleceu no mesmo instante.

Saiu correndo como uma louca para dentro da floresta, que estava logo atrás dela. Sabia que tinha no máximo uns três segundos de vantagem para a horda de guerreiras que corriam atrás. Viu uma lança voar a centímetros da sua cabeça quando virava para a esquerda e se escondia por detrás do tronco de uma imensa árvore. *Estou perdida*, pensava. *Que ideia de jerico foi essa?!* Sabia que não podia ficar parada. E também sabia que não adiantaria fugir. Elas são índias, vivem naquela floresta e a conhecem muito melhor que ela.



Sua mente clareou da mesma maneira que clareara na ponte, com uma ideia simples. *Pule*, ela lhe disse. E ela pulou. Subiu quase três metros até o galho mais próximo ao chão. Seus olhos brilhavam na mesma intensidade do amuleto pendurado em seu pescoço. Aterrissou no galho como um felino pronto para o bote. Sua visão passou a ser mais aguçada do que nunca fora. Nem a pouca miopia que sempre teve (e que nunca tratou, já que não suportava usar óculos) estava lá. Enxergava cada mínimo detalhe da mata ao seu redor. Percebeu os muitos tons de verde que existiam. As nuances de cor que a luz solar causava nas folhas, deixando-as de verde escuro a um quase amarelado brilhante. A textura do galho onde suas mãos tocavam, áspero e com infinitos sulcos, por onde minúsculas formigas iam e voltavam procurando pelo almoço. E os cheiros. De onde estava sentia o da seiva, e o de xixi, já velho, de uma onça que passara naquele local havia quase uma semana. O da terra, ainda úmida da chuva de horas antes e o da decomposição das milhões de folhas que caem a cada minuto no chão da floresta. Tudo aquilo misturado criara um perfume sem igual, e por uma fração de segundo pareceu esquecer do bando que a perseguia.

Mas elas a alcançaram, logo depois. As que vinham mais à frente passaram direto. Três viraram à esquerda, por onde ela iria.

Três dobraram à direita. As quatro que vinham na retaguarda pararam logo abaixo dela. Claire encolheu-se nela mesma, já preparando um impulso, se necessário. Sabia que não adiantava se esconder. Logo perceberiam que ela não continuou correndo, e ela não podia simplesmente desaparecer. Mais um segundo havia se passado quando uma das guerreiras olhara para cima. O salto foi espetacular.

Claire caiu como um gato, logo atrás delas, que nada ouviram. Apesar da altura, ela aterrissara sem emitir som algum. Numa rasteira, derrubou duas índias de uma vez, e antes mesmo da terceira conseguir apontar uma lança, já havia caído com um chute na cabeça. A quarta conseguiu pegar o seu punhal e quase acertara a garota. Claire percebeu a lâmina dourada passar a centímetros do seu rosto enquanto se esquivava. Admirou o belo aço icamiaba com suas formas e inscrições. Não soube dizer como, mas conseguiu lê-las. “Força e agilidade”, traduziu, sem problemas. E tudo isso enquanto a lâmina errava o alvo e passava pelo seu olhar. Sem dificuldades, segurou o braço da índia enquanto lhe dava um murro na boca do estômago. A lâmina caiu, enquanto a guerreira lutava para conseguir respirar, ajoelhada. Já levava muita porrada antes, mas nunca com aquela força. Seu rosto já estava vermelho quando Claire bateu-lhe na nuca, fazendo-a desmaiar.

As duas que haviam caído com a rasteira se levantavam e puxavam seus punhais, mas a garota foi ainda mais rápida e, enquanto chutava uma bem no nariz, se impulsionava para dar um soco na boca da outra. Conseguiu ver com nitidez o sangue jorrando para o lado, junto com um dente. Arrancou os quatro punhais delas e voltou correndo para o acampamento. Lá, todas as outras guerreiras que ficaram com os prisioneiros, inclusive Mayara, esperavam por ela. Cindy e Ara estavam imobilizadas, e tinham punhais bem afiados no pescoço de cada uma.

— Eu sei que pode me entender, Ya'Mé. Jogue as armas no chão e tire a pedra sagrada, ou suas amigas morrerão.

— *Eu tenho uma ideia melhor, Mayara. Vá embora com suas guerreiras, se quiserem viver.*

— Acho que Jupá deixou bem claro a você, quando a capturou. Não seja tola, garota. Você não tem a mínima ideia de como usar o poder da pedra. Pode se machucar, e machucar pessoas inocentes. Minha mestre quer apenas a pedra. Ela deixará todas vocês livres para voltar para casa. Basta entregar-lhe o muiraquitã.

Claire odiava ter que admitir, mas a índia estava certa. Ela não sabia como controlar aquilo que sentia. E suas amigas estavam em perigo.

Cindy a olhava com aflição e espanto. Os olhos dela brilhavam, e ela falava em uma língua estranha com aquela mulher. Nem a sua voz parecia a mesma. Estava da mesma maneira de quando falou na oca. Claire olhou nos olhos de Ara, e viu medo neles. Mas também um aviso. *Você não dar, Claire! Não dar!*, ela havia lhe dito. Parecia dizer a mesma coisa agora, mas com muito medo de falar de novo, e ser novamente espancada.

De algum modo, ela sabia que as índias não iriam libertá-las. A vida daquelas pessoas não valia nada para elas. E tudo por culpa sua. Sua e do seu amuleto. Várias pessoas corriam risco de vida por causa disso. Aquele sentimento aflorou dentro do coração com violência, e a pedrinha pareceu brilhar com mais intensidade.

Seu rosto virou um pouco para o lado, enquanto um breve sorriso brincava em seus lábios e nos seus olhos. Mayara não teve tempo de avisar às guerreiras o que pressentira.

A terra abaixo dos pés delas tremeu violentamente, derrubando de uma só vez guerreiras e prisioneiros. Pedacos de rocha ergueram-se do chão como folhas, atingindo muitas delas.

Cindy e Ara conseguiram se desvencilhar de suas captoras, e correram de encontro à garota, que continuava com aquele olhar curioso, como o de uma criança que descobria um brinquedo novo.

— ATAQUEM! — berrara Mayara, enquanto caía. Várias guerreiras tentaram lançar dardos nas garotas, mas também caíam. Muitos dos prisioneiros que ainda estavam presos em um canto acabaram atingidos, e adormeceram quase instantaneamente.

As que correram atrás de Claire só agora retornavam, por conta de tamanha confusão. Viram as três garotas juntas, enquanto todas as guerreiras que ficaram caíam numa tormenta de terra e pedras tremendo e voando. Vários dardos foram lançados imediatamente na causadora da bagunça, que permanecia concentrada nas guerreiras caídas, vendo rochas e pedras, pedaços de barro e galhos soltos voando ao redor delas, batendo-lhes no rosto e nos braços. Ara, a única a perceber com antecedência, se jogou nas costas de Claire, recebendo a saraivada de dardos venenosos no lugar dela. Com o esbarrão a garota saiu do transe e caiu junto com Ara.

— Corre. — foi o que ela conseguiu dizer, já fechando os olhos.

Claire percebeu o que acontecera imediatamente, e puxou a garota para os seus braços, enquanto gritava com Cindy para segui-la. Saiu correndo desembestada floresta adentro, por meio de árvores, galhos e folhas gigantes.

— Aguenta, Ara. Por favor! — dizia à garotinha em seu colo. Seis guerreiras corriam em sua cola, e dardos e lanças voavam pela direita e pela esquerda. Com um movimento das mãos, uma verdadeira parede de terra levantou-se exatamente na frente de duas delas, que caíram com o impacto.

— Cindy, pega a garota e corre! — disse à amiga, ao seu lado. Ela nem titubeou em perguntar o que a outra estava pensando. Pegou Ara em seu colo, achando-a pesada demais, mas sem se atrever a diminuir o passo. Claire havia parado. — Continue que eu as alcanço! — gritou. Ela nem olhou para trás.

As quatro guerreiras a cercaram. Uma delas apontava-lhe uma flecha. Duas já estavam com dardos a postos e uma carregava um punhal, igual àqueles que ela tivera que se desfazer. O mesmo sorriso brincou em seus olhos, quando ela avançou.

A do punhal atacou primeiro, e com grande facilidade ela a imobilizou, usando-a como escudo para os dois dardos que voaram em sua direção. Jogou-a para cima da flecha que acabara de ser atirada. A pobre índia foi atingida no ombro. Deu um pulo, seguido de um salto mortal, passando por cima das cabeças das duas mais à frente, fazendo-as baterem uma na outra com suas mãos. Usou o tronco de uma árvore logo atrás para se impulsionar e cair exatamente onde a última guerreira estava há um segundo.

Ela, agilmente, se deslocou para o lado com uma cambalhota, enquanto puxava uma machadinha que estava presa na coxa. Claire pousou habilmente como antes, já olhando para sua última oponente. O sorriso em seu rosto aumentou.

— Não vai ter nem graça. — disse, convencida.

Fez um movimento estranho com o braço no momento em que a guerreira gritava, avançando à toda velocidade. Um cipó desceu sozinho da árvore próxima, e como se estivesse vivo, enrolou o braço que erguia a machadinha, fazendo a guerreira ser derrubada. Outro cipó prendeu-lhe a outra mão logo depois, imobilizando-a. Claire chegou perto sem a índia perceber e deu-lhe uma bofetada que a deixou desacordada.

— Isso foi por Cindy. — disse, lembrando quem era aquela. Pegou a sua machadinha, seu punhal, seu arco e a aljava. Contou dez pontas douradas lá dentro.

Observando a mata à sua frente, prestou atenção nos diversos sons que ouvia, e percebeu para onde suas amigas haviam ido. Correu ainda mais rápido do que antes, rezando para que Ara conseguisse aguentar.

---

Francisco de Orellana não podia reclamar. Era um prisioneiro, e não lhe deixavam dúvidas quanto a isso. Passava o tempo dentro de uma cela úmida no subsolo de uma fortaleza. Mas tinha sempre água à disposição, recebia comida de manhã e no fim da tarde e um balde limpo, para servir de latrina, todos os dias.

*Muito melhor até que algumas estalagens europeias*, pensava, enquanto percebeu, uma semana depois, que realmente era aquele o comportamento com os prisioneiros. Ele não era o único com esse tratamento. Todos os que se encontravam na sua cela e nas vizinhas eram tratados da mesma maneira.

Dividia a sua cela de pedra fria com outros quatro companheiros de expedição. As grades eram de ferro, grosso e limpo. De onde estava, ouvia sons de água corrente, e o carcereiro lhe disse que eram os canais de irrigação que passavam próximos. Orellana não se surpreendeu. Deixara de se espantar com qualquer coisa naquela cidade utópica desde que chegou.

Ainda lembrava do brilho que o cegou, assim que saiu da escuridão da caverna. O sol estava sendo refletido por milhares de blocos dourados nas construções, que se perdiam na vista.



Ao entrar em Akh'Ar pelo Portão da Lua, a fenda na montanha ladeada por duas imensas colunas de mármore branco e runas do idioma antigo, ele percebeu que sempre esteve certo. Realmente a cidade parecia resplandecer em ouro. Todos os edifícios brilhavam com uma intensidade que cegava aos olhos destreinados. Os homens ficaram assombrados, e encantados.

— Poderia morrer feliz hoje. — disse-lhe um deles, o que estava logo atrás.

— Diria o mesmo, mas a curiosidade é ainda maior. — respondeu. Morrer agora era só o que não pensava. Queria muito descobrir como aquele tesouro foi erguido no coração da floresta. Era como uma grande civilização perdida. Mais do que nunca ele queria poder contar ao mundo o que havia descoberto.

A canoa, que cortava mansa o espelho d'água, era de madeira forte e detalhada em ouro. Ela atracara em um imenso cais, feito de pedra e com motivos dourados. E fervendo de gente. Não conseguiu imaginar comércio dentro daquela cidade, mas havia. Com certeza deveria haver alguma saída diferente da que entrou, pois haviam grandes barcos pesqueiros atracados. Homens e mulheres gritavam por peixe, ou por barganha. Meninos e meninas brincavam, correndo e pulando na água. Algumas velhas

vendiam belos cortes de tecido multicoloridos em uma tenda próxima, enquanto nas outras viam-se produtos de todas as sortes. Temperos, grãos, aves, peixes, perfumes, incensos... e joias.

*Eles vendem joias no mercado!*, pensou, maravilhado. De fato, não viu sequer uma pessoa, por mais humilde que parecesse, sem ao menos um brinco ou uma pulseira dourada.

Enquanto descia da canoa e seguia, enfileirado com os seus companheiros, as pessoas olhavam, mais curiosas que temerosas, para aqueles estranhos homens brancos e peludos. A grande maioria parecia se cobrir com tecidos, fossem mais esfarrapados ou mais delicados. Mas não era nenhum tipo de ordem ou lei. Viu algumas mulheres com os seios de fora, e homens que usavam apenas um pano cobrindo o sexo, como em algumas outras tribos.

Viu, mais adiante, milhares de casas feitas em pedra e ordenadamente enfileiradas, formando entre elas becos e vielas de terra. Ao longe percebeu moinhos de vento e de água, e campos a perder de vista com grãos florescendo. Não era nenhum especialista, mas podia jurar que vira trigo e milho. Percebeu também criações de porcos-do-mato e dos estranhos animais de montaria que pareciam cavalos, e aqui e ali alguns cães apareciam, roubando comida ou correndo atrás de galinhas. *Devem ter vindo junto com outros prisioneiros e aqui procriaram*, pensava,

acreditando que na floresta originalmente não deveriam haver tais animais domésticos. Seguiu do cais até a fortaleza onde seria preso por estradas de pedra bem cuidadas. E parecia que todas apontavam para uma única direção: o caranaí de Akh.

O caranaí, como eram chamados os templos, era uma imensa construção circular, sem paredes, portas ou janelas. Quatro grossas colunas cilíndricas seguravam o teto, igualmente grande e pesado. E ricamente adornado. Grandes cenas de seres mitológicos e deuses, pelo que ele percebeu. Mas o principal estava no centro. Uma imensa esfera de ouro perfeitamente esculpida e polida, que devia ter dois metros de diâmetro, guardada por um pedestal cilíndrico de madeira negra, indicava que aquele templo era dedicado a Akh, o Deus-Sol.

Lá dentro havia algumas pessoas de joelhos, em prece. Um sacerdote, pensou, estava borrifando um líquido dourado em volta da esfera, que cintilava e refletia os raios do deus, fazendo o templo inteiro brilhar. Uma abertura circular no teto do edifício, exatamente acima da esfera, deixava a luz entrar, provocando o belo efeito.

Do caranaí de Akh percebia-se que saíam todas as ruas, como raios. *Deve ser o marco zero*, pensou. Dali, conseguiu ver que nas extremidades leste e oeste outros dois templos se erguiam. Ao

norte, uma imensa pirâmide roubava a atenção. Possuía oito grandes degraus, cada um tendo quase dez metros de altura. Assim como os templos, ela era toda dourada e com vários adornos nas suas paredes. Em cada nível da pirâmide, diversos jardins suspensos circundavam as paredes do nível seguinte. Em vários pontos pequenas cachoeiras se criavam com a água que corria entre as paredes e descia a todos os níveis. Pássaros e pequenos macacos voavam e pulavam de jardim para jardim. A pirâmide parecia um organismo vivo e esse efeito era hipnotizante.

Orellana e seus homens ficaram presos nas masmorras da fortaleza de treinamento das guerreiras. Ci já havia chegado alguns dias antes deles, mas o conquistador pôde observar Akh'Ar em toda a sua beleza quando ela os chamou para uma audiência. Foram escoltados com as suas mãos presas em uma corda, mas mesmo que estivessem soltos, não tinham para onde fugir. Tão difícil quanto entrar, seria *sair* daquele local. Além das inúmeras guerreiras e dos guardas que estavam em toda a cidade, Orellana nunca conseguiria adivinhar, caso conseguisse chegar com vida até a caverna, o caminho de volta. Era um verdadeiro labirinto que só os icamiabas pareciam saber o caminho correto. Ele perdeu as

contas de quantas voltas e dobras a canoa deu até que visse a luz do sol novamente.

Passaram por uma ponte, e ele viu que o canal parecia interligado com outros tantos. Subiram degraus sem fim, até adentrarem no último átrio, onde Ci os esperava, sentada em um trono simples e dourado. Apenas um banco retangular ladeado com dois encostos para os braços. O trono estava em um altar, e o átrio era aberto nos quatro lados, o que dava uma ampla visão de todo o vale.

Foram forçados a se ajoelhar diante dela, que continuava a olhar fixamente em Orellana. Não usava mais a brilhante cota de miçangas de quando se conheceram. Em seu lugar, um fino saiote de linho dourado e um cinto de couro com várias esmeraldas incrustadas, onde pousava um punhal ricamente adornado. Calçava sandálias de tiras douradas que seguiam até um pouco abaixo do joelho e um curioso colar com uma pedrinha verde feita em jade era o único adorno em seu colo nu. Uma tiara dourada prendia os seus cabelos, muito escuros e lisos.

— O que achou de Akh'Ar, conquistador? — perguntou, por fim, quebrando o silêncio.

— É de longe a mais bela cidade que conheci em toda a minha vida, Akh'Mé. — respondeu, sendo sincero. Estava maravilhado com tudo aquilo e ao mesmo tempo envergonhado por ver tão bela mulher com os seios de fora.

— Esta é a cidade dos deuses, conquistador. Há mais de cinco mil anos eles vieram e ensinaram o povo icamiaba a construí-la, tal e qual a que moravam. Desde então, nos tornamos os seus protegidos e os seus guardiões. Sou chamada de Filha do Sol, e é assim que serão chamadas as minhas filhas daqui em diante. Sou a primeira da nova ordem. Meu pai, Filho do Sol antes de mim, foi assassinado brutalmente por causa da ganância. Não a tolerarei, sob nenhuma circunstância.

“Você e seus homens serão tratados como prisioneiros, até que aprendam os costumes do povo icamiaba, e então se tornarão servos, e me servirão até o fim dos seus dias. É a maneira de viver mais justa e bondosa que tenho a oferecer-lhes. Aquele que não aceitar estará livre para pedir a sua morte.”

Orellana não precisou perguntar aos seus homens o que eles achavam.

— Seremos seus servos, Akh'Mé. Até o fim das nossas vidas, que ficarão em suas mãos. — respondeu, sem titubear.

— Que assim seja feito. Vocês terão um ano para vivenciarem o nosso estilo de vida e para aprenderem os nossos costumes e as suas futuras tarefas. Depois desse período, serão libertados e haverá uma casa e uma cama para cada um de vocês no vale. Mas preciso lembrar-lhes. Cada icamiaba tem um papel a desempenhar na nossa sociedade. Nunca faltará comida, vestimentas ou a ajuda de um curandeiro, contanto que façam o que lhes é ordenado.

— Faremos o que a Akh'Mé ordenar. — confirmou-lhe Orellana.

As duas guerreiras que os trouxeram agora levavam-no de volta. Descer os degraus era infinitamente mais fácil, e a vista era ofegante. De lá podiam ver o cais fervilhando de gente. Pequenas canoas iam e voltavam cheias de peixe. Um barco maior dirigia-se para as rochas, sumindo dentro da montanha. *Existem outras entradas para o vale*, pensou. Pensou também que Ci lhe dera a melhor de todas as oportunidades para conseguir escapar. Não o mataria, o que era uma grande vantagem, e o deixaria livre para morar em sua própria casa. Não tardaria até encontrar algum mercenário que tivesse curiosidade de conhecer as terras que haviam do outro lado do mundo e lhe ajudasse a sair dali.





## 15: BOITATÁ

— Vai demorar muito? — perguntou Tom, novamente.

— Não sei. — respondeu Cher, mecanicamente.

Tirando algumas e insistentes reclamações do garoto, o restante do grupo caminhava em silêncio. Nas primeiras horas até conversavam, mas o cansaço era de poucas palavras. E em boca fechada não entravam mosquitos. Eles eram muitos.

Já se aproximava do crepúsculo quando fizeram a primeira parada. Guipara continuou andando, e voltou depois de quinze minutos, avisando que estavam no caminho certo.

— Dentro de uma hora chegaremos ao acampamento.

— Mesmo nesse ritmo? — perguntou Cauã, ajudando seu irmão a acender uma fogueira.

— Exato. Provavelmente elas já saíram de lá. Depois do acampamento, tomarão o rumo da toca da medjia. Não podemos demorar para não perdermos o rastro.

— A gente não pode, pelo menos, comer alguma coisa? — perguntou Tom, esperançoso. Sua barriga roncou, enfatizando a urgência em seu tom de voz.

— Nada complicado. Sairemos em dez minutos. — anunciou Ubiratã. Jussara pegou alguns peixes secos que estavam guardados

e fez sanduíches com beiju para todos. Rud tirou da mochila uma garrafa térmica cheia de água e Bill pegou algumas bananas. Ele sentou ao lado da filha, observando-a. Nunca tinha visto Cher tão viva, apesar de tudo. Estava suja, ferida e com o cabelo desgrenhado. Cansada e nervosa com a sua irmã, mas algo dentro dela parecia brilhar, e não era a pedra.

— Vamos encontrá-la, meu bem. — prometeu, abraçando-a.

Cher retribuiu o sorriso cansado do pai, dando-lhe um beijo na bochecha. Tom sentou-se ao seu lado e lhe passou uma caneca com água. A garota retirou um pedaço de pano da mochila e o molhou, limpando o rosto em seguida.

Ao invés de dez, passaram-se quinze minutos quando todos voltaram a andar. Desta vez, Guipara, Rud, Bill e Ubiratã carregavam tochas, iluminando o caminho. A escuridão já se apoderara de tudo.

— Ela parece ter uma bússola na cabeça. — comentou Tom, cochichando, para Cher. Rud sorriu, também ouvindo, se perguntando o porquê do cochicho, já que ela não iria entender. Mas o que o garoto falou parecia verdade. Guipara movia-se sem hesitar por entre as árvores. As vezes parava, olhava para cima ou para algum canto que, para ele, não tinha nada demais, e aprumava a direção. De vez em quando encontravam alguma

trilha, mas não tardavam em sair dela. Não podiam ser vistos, e à noite esse problema aumentava, já que o fogo anunciava suas presenças.

Quando chegaram a determinado ponto, a guerreira parou e, em silêncio, ordenou que todos fizessem o mesmo. Pessoalmente, apagou todas as tochas, e, quase sussurrando, indicou a direção do acampamento.

— Só mais alguns metros. — disse.

Só a lua clareava o caminho, e mesmo assim ela praticamente não fazia barulho. Até mesmo Ubiratã, Cauã, Jussara e Itagi pareciam silenciosos. O mesmo não podia ser dito do restante do grupo. Logo que começaram a andar novamente, Tom pisou em um pequeno galho, e o barulho fez alguns pássaros que dormiam próximos levantarem voo. Um bugio começou a gritar por perto, fazendo um barulho ensurdecedor.

— Muito obrigado, Tom. — ironizou Cher. O garoto limitou-se a encolher os ombros.

— Acho que nossa chegada silenciosa já era. — comentou Rud, seguindo os índios.

Mas não precisavam de tanta precaução. O acampamento, como Guipara previra, estava vazio. Mas a índia não pôde ver por

quanto tempo haviam saído, já que parecia que um furacão havia passado lá.

— Deveria estar desse jeito, Guipara? — perguntou Ubiratã, desconfiado.

— Não. É muito estranho. É como se tivessem lutado. — respondeu, observando com uma tocha recém acesa.

— É... tio, não é outra tocha acesa ali? — Cher perguntou, sussurrando. Todos se viraram, mesmo sem entender.

— É, parece que sim. — respondeu Rud, apagando a sua às pressas, sendo seguido por Guipara e Ubiratã.

— Serão elas? — perguntou o cacique.

Guipara demorou um pouco para responder. Até ter certeza.

— Aquilo não é fogo. — até ela estava nervosa demais para reagir.

Ubiratã, Cauã, Jussara e Itagi entenderam na mesma hora. E, assim como Guipara, paralisaram de medo. Uma coisa era ouvir e acreditar em certas histórias que contavam os mais velhos. E outra bem diferente era esbarrar com uma.

Uma segunda luz surgiu, ao lado da primeira. Na completa escuridão, pareciam faróis de algum veículo. Grandes e redondos faróis amarelados.

— Estranho. Até parecem...

— ...Olhos. — Cher completou a frase de Tom. Os amigos se olharam, e virando-se, perceberam os índios paralisados.

Cerca de cem metros atrás deles, um pavoroso e estridente som que vibrou na cabeça de todos fez com que a letargia acabasse. Guipara preparou uma flecha em seu arco, ao mesmo tempo em que todos passavam por ela. Mirou bem no meio dos dois olhos e atirou. Não soube se tinha acertado, mas não esperou para ter certeza e também saiu correndo.

Um gigantesco corpo translúcido deslizava com força e rapidez por entre as árvores. Sua enorme cabeça guardava presas amarelas e pontiagudas, que ficavam à mostra quando sua língua tremulava no ar, sentindo o cheiro do medo que emanava das suas vítimas. Seus olhos ardiam e pareciam em chamas, sedentos de sangue. E gritava, com aquele som agudo que podia ser ouvido a quilômetros de distância.

— Precisamos despistá-lo! — gritou Cauã ao abrir caminho, sendo seguido pelo resto do grupo.

— Mas o que diabos é isso?! — perguntou Bill, correndo ao lado da filha.

— É o Boitatá! Uma cobra! Muito grande! — respondera-lhe Jussara, entrecortada pela respiração ofegante.

— Maior que uma anaconda? — desta vez foi Tom quem perguntou, entre excitado e desesperado.

— Nem queira saber o quanto!

A resposta de Jussara ativou algo no garoto, que conseguiu passar à frente de todos, correndo ao lado de Cauã.

O índio tentava despistar o animal, mudando de direção o mais rápido que podia. Mas era uma tarefa praticamente impossível. Graças aos seus imensos olhos acesos, a sua visão noturna era a mais perfeita de todas. Ele enxergava de noite como se estivesse de dia. Com uma força descomunal, derrubava árvores e rochedos, abrindo caminho. Faria o que a Dama da Noite lhe ordenara. Destruiria os invasores. Dominaria a herdeira.

O Boitatá era uma cobra de espécie já extinta, uma parente das sucuris modernas — as famosas anacondas. Sua espécie, na época, era a maior do mundo. Os indivíduos adultos poderiam chegar a mais de 20 metros de comprimento. Seu corpo era parecido com o das sucuris: pele escamosa com alguns desenhos que se repetiam por toda sua extensão, cabeça forte e em formato triangular, olhos frontais com pupilas em fendas, narinas também frontais e uma enorme boca que se abria ao ponto de comer capivaras e antas inteiras sem esforço. Elas viviam tanto na terra quanto na água.

Há muito tempo, em uma briga com outro macho, ela feriu os olhos e ficou cega. Fez, então, um pacto com os caiporas, mães da terra. Prometeu: faria qualquer coisa para enxergar novamente. Os deuses deram-lhe seus novos olhos, que só enxergam à noite, e disseram-lhe para ser o guardião da noite da floresta, atacando a todos que a maltratassem. Com o passar dos anos, a cobra ficou sendo temida pelos habitantes da mata. Ela só saía a noite, pois durante o dia não enxergava, e era tão indefesa quanto qualquer animal cego poderia ser. Os caiporas, vendo que a cobra cumpriu bem o combinado, ofereceram-lhe ainda muitos anos de vida, e mais poder que qualquer outra criatura. Ela aceitou e cresceu, como nenhuma cobra jamais havia crescido. Mas sua ganância cresceu junto; e começaram os ataques sem motivos. Todas as da sua espécie foram exterminadas por ela. Os caiporas se enfureceram com a ganância da cobra, e avisaram que se a criatura sentisse novamente a luz do sol, seria queimada. Suas escamas começaram a perder a cor, e a cada ano ficam ainda mais translúcidas. Como punição, passou a ser a guardiã da cidade sagrada dos deuses, Akh'Ar, e a dever obediência ao seu governante. Mas se rebelou quando a Dama da Noite a convocou para lhe servir. Desde então, a cobra é temida por todos, inclusive

pelos que ela deveria proteger: os icamiabas. Deram-lhe o nome de Boitatá, que em tupi significa Cobra-de-Fogo.

Cauã, sentindo a ferida no peito queimar, chegou a uma conclusão. Seria inútil fugir. Só restava a segunda opção.

— Ubiratã, corra com todos para a direita! Estejam prontos para atacar! Guipara e Itagi, venham comigo! — e, enquanto gritava suas ordens, a cobra derrubava outra árvore sem fazer o menor esforço, chegando cada vez mais perto.

O grupo separou-se e, como Cauã previra, a cobra o seguiu. *Ela não resiste ao cheiro do sangue*, pensou.

Cher, Tom, Bill, Rud, Jussara e Ubiratã jogaram-se por trás de uma imensa pedra, esmagando alguns pequenos galhos e folhas secas quando caíram.

— Jussara e Rud, venham comigo. Preparem suas armas. Bill, procure um lugar para se esconder com os meninos. Se algo nos acontecer, você precisa salvar Cher a todo custo. — Apesar da escuridão, Bill pôde ver nos olhos arregalados do índio que ele estava falando sério. Ele realmente pretendia sacrificar-se por sua filha.

Sem saber o que falar, apenas desejou boa sorte a todos, que já se levantavam. A cobra podia ser ouvida ali próximo, deslizando e derrubando tudo por onde passava.



— Deixem-me ir com vocês. — pediu Cher, levantando-se.

— Desculpe, Ya'Mé, mas isso eu não posso fazer. — respondeu Ubiratã, um pouco abalado.

— Meu nome é Cheryl! — ela respondeu, inflamando-se. — E eu não vou deixar ninguém se machucar por minha causa! — finalizou, puxando uma lança com a mão.

— Você não vai a canto nenhum! — ordenou-lhe Bill, consternado. Seus olhos, vermelhos. — Eu não vou perder você também! — disse, enquanto segurava o braço da filha com força desnecessária.

Cher ficou sem ação. Largou a lança, enquanto Ubiratã, Jussara e Rud já corriam atrás do rastro da cobra.

— Eu não quero ficar parada vendo pessoas morrerem por mim. — disse ao seu pai, da melhor maneira que conseguiu.

— Nós não ficaremos parados. — disse-lhe Tom, recolhendo a lança caída. — Sr. William, eu sei que o senhor não acha que eu seja um bom partido para sua filha, mas pode ter certeza que eu a amo, e quero tanto quanto o senhor ajudá-la. Não podemos ficar de braços cruzados! Até porque, se todos morrerem, quem é que vai nos ajudar?!

— É... Ele está falando de Claire. Só para constar... — explicou Cher, visivelmente enrubescida depois da declaração do amigo.

Bill o fitou por alguns momentos, e deu um pequeno sorriso.

— Não poderia pedir um genro melhor. — disse, por fim, enquanto apertava a mão do garoto. Tom ficou radiante. — Vamos, não temos tempo a perder.

---

A chama fazia a sombra do seu corpo inerte dançar. Era como se, pelo fogo, Ara voltasse à vida. Pelo fogo e pelas lágrimas das que a velavam.

Claire, com sua magia e sem saber como, gerara fogo suficiente para acender uma tocha feita com um toco seco de madeira e o óleo que as guerreiras traziam em um frasco preso à cintura. A garota simplesmente pensou, concentrada, “queima”, e a madeira queimou. Assim conseguiu iluminar a amiga, que recostava-se, temerosa, nas raízes imensas de uma árvore. Ara jazia, já sem vida,

no seu colo. A garota suplicava por desculpas em seus olhos silenciosos. Como se tivesse culpa de tudo aquilo.

Claire agachou-se na sua frente, e tocou seu rosto com os dedos. “Não se preocupe”, disse-lhe, baixinho, “eu vou cuidar dela.” Com toda ternura possível tomou o corpo da indiazinha nos braços, e a posicionou deitada de costas, no chão da floresta.

— Da terra viestes, e à terra voltarás. Siga em paz o teu caminho, brava guerreira. Virarás heroína para o teu povo. — recitou, em tupi, enquanto seus braços avermelhavam-se, e das pontas dos seus dedos faíscas estalavam. Em poucos segundos, labaredas comiam as folhas apodrecidas ao redor do corpo, formando um círculo em volta dele. Das mãos de Claire as faíscas voavam, enchendo o corpo de luz viva.

Cindy se apavorou ao ver a amiga dentro do círculo de fogo, junto ao corpo de Ara. Mas ela olhou-lhe com os olhos acesos, dando um sorriso triste. Ela não precisava se preocupar. A pedra a protegia. Infelizmente, não pôde fazer o mesmo por Ara.

Quando o corpo foi inteiramente engolfado por chamas dançantes, Claire saiu de dentro do círculo, pingando de suor e preta com a fuligem, mas intacta. Ficou ao lado da amiga, observando as chamas.

No lugar onde o corpo jazia, apenas cinzas espalhadas entre os ossos. Ao comando de Claire, a terra se encarregou de enterrá-los. Nenhuma das duas soube dizer por quanto tempo ficaram paradas, observando. Uma por vez, pegaram no sono.

---

Itagi, ordenado por seu tio, correu como um louco na frente, levando consigo uma pequena zarabatana e alguns dardos com um veneno poderoso. Também levava seu arco e suas flechas. Sua missão seria desviar a atenção da cobra por tempo suficiente, para que Cauã e Guipara pudessem atacá-la pelos flancos.

Guipara lançou sua machadinha atingindo em cheio a cabeça do animal, que urrou e começou a segui-la; exatamente no momento em que cada um foi para um lado. A cobra, percebendo o movimento das suas presas, sentiu-se perdida. Deu um giro com a cabeça, dessa vez voltando a seguir o rastro do cheiro de sangue de Cauã, mas Itagi atingiu-lhe com uma flecha de cima de uma árvore. A cobra olhou para ele, percebendo que era o menor dos

três humanos. Decidiu que não era a melhor opção e continuou a seguir o rastro de Cauã.

Guipara já corria em seu encaço, enquanto Itagi passava de uma árvore a outra com uma habilidade tremenda. Não se preocupava com possíveis macacos raivosos no caminho, já que nenhum bicho em um raio de centenas de metros era louco o suficiente para estar próximo daquele local. A guerreira lançou uma flecha na mesma ferida aberta pela de Itagi, e a cobra virou-se para olhá-la, mostrando seus dentes em fúria. No mesmo instante Cauã, que subira em um pequeno monte próximo, teve o alvo claro na sua frente e não perdeu a chance. Com um tiro certo, atingiu o olho do Boitatá.

Aquele grito de fúria foi ouvido mais alto que nunca. Um dos olhos apagou-se, e Guipara percebeu a chance. Correu na direção do olho ferido, enquanto atirava flechas na cabeça do animal que, desesperado em dor e fúria, atacava e batia em todos os lugares. Itagi atingiu-lhe com um dos dardos, e o Boitatá sentiu o forte veneno correndo dentro dele. Com seu olho bom ele mirou no garoto e atacou. Itagi, esperto, também desviava sempre para a sua direita, para dentro do campo de visão do olho ferido. Os três dançavam contra a cobra, fazendo-a se deslocar em círculos.

Ubiratã, Rud e Jussara acharam facilmente onde a cobra estava, com toda aquela confusão. Esconderam-se até que Itagi chegou a eles.

— Conseguimos cegar um dos olhos da bicha, mas ela é forte demais. Vocês precisam ter muito cuidado para não serem esmagados. — disse com naturalidade, como se estivesse brincando.

Ao som da sua voz, a cobra virou o rosto na direção deles e em um segundo estava perseguindo-os. Cauã e Guipara vieram atrás, tentando alcançá-la.

A cobra, enfurecida, chegava cada vez mais perto do grupo. Itagi atirou o segundo dardo, o que fez a cobra parar por um segundo, como se estivesse desnorreada. Ela era imensa e pesada, mas aquele veneno também era muito forte. “Um dardo desse já é suficiente para derrubar umas três jaraguás”, disse-lhe seu pai, uma vez. A lembrança súbita fez uma lágrima cair de seus olhos, mas ele a enxugou rápido. Um guerreiro não podia chorar. Pelo menos não no meio da batalha.

Ubiratã teve tempo de mirar uma flecha no bicho, que contorceu-se e silvou em fúria, voltando a deslizar velozmente atrás deles.

Enquanto isso, Guipara subira em uma árvore próxima, e tentava acompanhar a cobra por cima dos galhos. Se ela parasse mais uma vez, conseguiria alcançá-la. *Vamos, Itagi, atinja-a novamente*, pensava, enquanto pulava de galho em galho. O garoto deve ter ouvido suas preces, pois atirou o terceiro dardo, fazendo a cobra parar novamente. *É agora*, pensou a guerreira, pulando o mais forte que conseguiu.

Ao cair no dorso do animal, se segurou na machadinha que atirara anteriormente. A cobra, desesperada pela dor, balançou a cabeça nervosamente, fazendo a índia chacoalhar. A força era tanta que Guipara não conseguiu se segurar, sendo arremessada contra uma árvore. A guerreira desmaiou na hora com a pancada, e a concentração da cobra fixando-a foi tamanha que Cauã teve campo aberto até o seu olho bom. Um terceiro grito, ainda pior e mais forte que os dois primeiros foi ouvido, e não havia mais luz na floresta. A sua flecha atingiu em cheio o animal que, desesperado, debateu-se contra o que aparecia na sua frente. Troncos caíam como galhos quebradiços.

Rud e Jussara voltaram a correr, desta vez em direção a Guipara. A cabeça da cobra apontou diretamente para onde estavam, e ela lançou-se na direção dos dois.

O *som!*, pensou Cauã, sem ter como avisar a todos para ficarem quietos sem denunciar sua posição.

A cobra, desgovernada, passava por cima de tudo, quebrando e estilhaçando o que aparecesse no caminho. Com o cheiro do medo e o som dos passos, conseguia se guiar e perseguir suas presas.

Ubiratã, para ajudar, começou a correr na direção dela, que virou-se para ele. Ele, então, correu na direção do irmão, rezando que Cauã estivesse preparado para o bote final. O problema é que Ubiratã nunca foi um bom corredor. Seus quilos a mais sempre o atrapalharam, mas aquilo nunca foi um problema real. Até agora, quando a corrida poderia salvar a sua vida.

O Boitatá chegava assustadoramente perto e, num impulso, se jogou de boca aberta no índio. Errou por pouco, já que não enxergava. No bote, abocanhou uma rocha, que se espatifou em sua boca. Ubiratã caiu com o impacto e tentou se levantar, mas a cabeça da cobra o jogou para o lado. Sentindo o corpo quente do humano, ela soube exatamente onde encontrá-lo, e sua dentada, desta vez, não erraria.

— NÃO! — gritou Cher, presenciando aquilo. A cobra parou com a boca escancarada cerca de meio metro acima de Ubiratã, que já havia perdido as esperanças e fechava os olhos em prece



para encontrar o seu pai. Sua cabeça girou na direção da garota, e ela sentiu o cheiro. Aquele cheiro diferente, especial. Era a herdeira, o seu alvo principal. Todos os outros sumiram da sua mente.

O Boitatá deu um impulso frenético na direção da garota, que sentiu seu peito arder enquanto, pela primeira vez desde a ponte, ela tinha aquela sensação. *Deve ser a iminência da morte*, pensou. Mas sua mente começou a processar todas as informações que chegavam até ela em uma velocidade surreal. E seus sentidos se aguçaram a tal ponto que ela começou a perceber coisas que nunca percebera.

O mundo pareceu girar em câmera lenta. Ela observou todos ao seu redor, e viu exatamente onde cada um estava. Ouviu Ubiratã rezando, e entendeu o que o índio falava, sabendo que era tupi. Ele cheirava a suor e medo. Guipara estava caída a algumas dezenas de metros. Sua respiração estava fraca, mas seu coração não parava de bater. Itagi preparava uma flecha em seu arco, e Rud e Jussara chegavam perto dele, imaginando que estavam em silêncio, embora ela soubesse que faziam muito barulho. Cada pisada nas folhas provocava um som que parecia um trovão.

Seu pai, ao seu lado, girava lentamente a cabeça, tentando lhe dizer algo. Seu coração estava disparado e o cheiro do seu medo

era inconfundível. E Cauã a olhava serenamente. De todo o caos que Cher presenciava, Cauã era a calma. O índio tinha o cheiro de suor, mas o seu era diferente, único. Sua ferida sangrava, mas ele não parecia fraco. Pelo contrário, a olhava com um olhar cúmplice, forte e encorajador. Como alguém que lhe dissesse que tudo ficaria bem. Aquele olhar a encheu de esperança. E, enquanto a cobra chegava, cada vez mais perto, Cher levantou sua mão direita e um estrondo rasgou o céu, acompanhado de um clarão que cegou a todos.

Já chovia quando, finalmente, conseguiram enxergar. Bill, que estava caído ao seu lado, abraçou a filha.

— Meu bem. O-o que aconteceu? — seu rosto molhado e ferido guardava olhos frenéticos, que buscavam sinais de ferimentos no rosto da filha. Suas mãos limpavam a sujeira.

— Calma, pai. Está tudo bem. Ele foi embora. — ela lhe respondeu, calmamente. Bill olhou em volta, e não havia sinal da cobra em lugar nenhum.

Cauã e Ubiratã chegavam perto, o cacique ainda em choque por quase ter sido comido. Rud ajudava Guipara, que acordara. Jussara e Itagi vinham logo atrás.

— Todos estão bem? — perguntou o professor, olhando nervoso para Cher. — O que foi aquilo? — perguntou, espantado.

— Foi a pedra. — quem respondeu foi Jussara. — O muiiraquitã nos salvou.

— Como você fez aquilo? — repetiu a pergunta. Ele parecia tão em choque quanto Ubiratã.

— Não sei, tio. — respondeu a garota, sincera. — Mas fiz chover. — completou, sorrindo e estendendo as mãos ao redor, para sentir a chuva. Parecia meio abobalhada com sua própria força.

— Alguém se machucou? — perguntou Tom, parecendo preocupado.

— Quem foi atingido era quem deveria ser. A cobra não será problema. Por enquanto. — disse Cher, com segurança. Tom abriu a boca para falar, mas não pensou em nada inteligente para dizer. — Vamos, temos que ir para o mais longe possível daqui. — finalizou.

— O que houve com ela? — Tom perguntou a Bill.

— Não tenho a mínima ideia. Mas nos salvou. — respondeu o pai, tão confuso quanto todos ali. Os únicos que pareciam aliviados eram os índios.

## 16: O REENCONTRO

*Estava na mata novamente. O mesmo frio. A mesma sensação ruim de ser observada. Mas não era onde sempre começava. Desta vez, estava em outro lugar. Um lugar conhecido. Parecia até... Arfei, e me ajoelhei.*

*No lugar onde a sepultei pelo fogo, uma linda flor branca brotara. Uma lágrima caiu do meu rosto. Fazia tanto tempo assim que Ara se fora?*

*Algo me observava, e disse agora tinha certeza. Ouvi ruídos. Parecia alguém caminhando. Algumas folhas e galhos quebrados. Não devia ser algo pesado. Tentei fazer silêncio, mas minha respiração me condenava. Era forte e pesada, por causa do ar gélido. Por que estava sempre frio daquele jeito? A realidade era outra, completamente diferente!*

*Os passos estavam cada vez mais altos. Quase podiam me tocar.*

*— Q-quem está aí? — tentei soar corajosa, mas a voz falhou. Odeio quando isso acontece. — E-eu não tenho medo! — menti.*

*— Nem tem necessidade. Não estou aqui para machucá-la. — respondeu-me uma voz grave e metálica.*

— *Quem é você?! — perguntei, ignorando os avisos do estranho. O medo só fazia aumentar.*

— *Acho que você já sabe a resposta.*

*Caí para trás, literalmente, quando ele apareceu. Tinha a altura de uma criança, mas com músculos de um adulto. Braços grandes e compridos que o ajudavam a andar. E era vermelho e escamoso. Seus cabelos eram como fogo vivo, ondulando mansamente em tons de vermelho, laranja e amarelo. Seus olhos eram imensos, totalmente negros e brilhantes. De algum modo, ele estava certo.*

— *Curupira? — perguntei, temerosa.*

— *Exato, menina icamiaba. Não precisa ter medo, como já disse. Não estou aqui para machucar. Vim ajudar-lhe.*

*Eu não havia entendido. Até olhar a flor branca.*

— *Por causa de Ara? — perguntei, com a voz um pouco trêmula. Uma vontade de chorar veio com força.*

— *Ah, não se preocupe com ela. A pequena está bem.*

— *E o que é, então?*

— *Vim lhe avisar. Você precisa acordar, Ya'Mé. — me disse, aproximando-se rapidamente. — Desperte!*

O *Curupira* me deu um empurrão, e quando dei por mim, estava balançando a esmo. O chão estava escuro como antes, mas o frio desaparecera. E eu parecia levitar.

— Não devíamos ter deixado a outra.

— E como a traríamos? Queria que eu a carregasse?! Não sou forte como você. E a Dama da Noite só se interessará por esta, de qualquer maneira.

— Ainda não temos certeza de quem ela é. E você poderia, sim, carregar a outra!

— Potira, às vezes você pode ser tão burra. Ela está com o muiiraquitã sagrado. Ela é a herdeira da Akh'Mé. — respondeu, ignorando a segunda parte.

— Se ela for, estaremos causando a desgraça do nosso povo! Você não vê?!

— Se ela for, estaremos salvando a nossa pele! O que você acha que a Dama da Noite faria se soubesse que nós a encontramos e a deixamos fugir?! A medjia sabe de *tudo* que se passa na floresta. As árvores e os pássaros são seus olhos e ouvidos.

Alheia à discussão das duas, Claire tentava colocar a cabeça no lugar. Estava tudo muito confuso, até que se lembrou do sonho que havia tido. *Mas foi tão real*, pensou. *Embora o frio sempre denuncie que aquilo é uma alucinação.*

Percebeu que era carregada. Tentou enxergar alguma coisa, mas ainda era noite e as duas não caminhavam com tochas. Pareciam se guiar apenas pela luz do luar, quando esta conseguia ultrapassar a copa das árvores.

Entendeu que foi recapturada pelas guerreiras quando viu um punhal preso na cintura da índia que a carregava. Era como os que as outras usavam. Tinha que fazer alguma coisa. Não poderia voltar a ser prisioneira daquelas loucas.

*O que o Curupira disse no meu sonho?, pensou, tentando lembrar-se. Eu precisava acordar. Precisava despertar! Será que ele falava da pedrinha? Mas como eu faço isso?!*

Enquanto buscava em sua mente alguma resposta, foi bruscamente jogada de lado, e, por pouco, não bateu com a cabeça no tronco da árvore que sua captora se escondia. Era tão grande que as três entraram sem problemas. Bem a tempo.

Pela estreita fenda, Claire viu luzes amareladas passando, mas ainda não se atrevera a denunciar seu despertar. Depois de quase cinco minutos paralisadas e em silêncio, ambas retomaram a discussão.

— Você ficou louca? Eram guerreiras!

— Exato. Guerreiras da Dama da Noite. Elas poderiam tranquilamente nos matar e levar a prisioneira até a bruxa, para ficar com a gratidão dela.

— Às vezes você é até inteligente, Potira. Tem razão, precisamos ter cuidado.

Não era por aquilo que Potira se escondera, mas era melhor a outra entender que sim. Enquanto ela saía, a índia lhe derrubou com um golpe preciso na nuca.

— Desculpe-me, amiga. Mas não vou deixar você levar a Ya'Mé.

Potira deixou o corpo desfalecido dentro do tronco, e saiu com Claire nos ombros. A garota percebeu que suas chances melhoraram consideravelmente. Não entendeu porque aquela guerreira fez o que fez, mas não era da sua conta.

Com uma estocada feita com ambas as mãos fechadas em punho, Claire conseguiu ser derrubada. Potira caíra de joelhos, confusa pelo golpe. Ao olhar para trás, Claire avançava com uma pedra na mão.

— Esper... — tentou dizer, com as mãos à frente, mas apagou.

— Estou começando a ter prática com pedras. — pensou alto, orgulhosa. Tirou da guerreira suas armas, e aproveitou o punhal para soltar a corda que prendia seus pulsos. E, agora que estava



livre, percebeu que não tinha a menor ideia de para onde deveria ir.

— Seria uma excelente hora do Curupira me ajudar novamente. — resmungou. Tentou lembrar-se do sonho, e a mesma frase martelava em sua cabeça. *Você precisa acordar, Ya'Mé. Desperte!* Não sabia porque foi chamada disso, mas entendeu que o despertar deveria significar algo mais. Precisava despertar a força da pedrinha. Só não sabia como.

— Das outras vezes, ela despertou em situações de estresse. — disse, para si. — Então preciso ficar estressada. — concluiu. Simples assim? Ela esperou que fosse, já que o som de pisadas na terra chegou aos seus ouvidos no mesmo instante em que ela sentiu.

Viu sua amiga antes que ela a visse.

— Oi! — disse, enquanto caía, literalmente, na frente dela.

Cindy gritou tanto pelo susto quanto pela garota de olhos acesos que apareceu no meio da escuridão. Também caiu, e Claire não conseguiu segurar o riso.

— Você quer me matar?! — resmungou Cindy, enquanto a amiga a ajudava. Ela lhe abraçou com força. — Vi aquelas duas brutamontes levando você. Graças a Deus consegui segui-las. Fiquei com tanto medo, Claire.

— Calma, amiga. Estamos bem.

— Onde elas estão? — perguntou.

— Ah, claro. — respondeu Claire. Estranhou de início que ela não conseguisse enxergar. Estava tão fácil. Depois, lembrou-se da pedra e o que ela causava em seu corpo, então indicou à amiga onde as duas guerreiras estavam, desacordadas.

— Vamos, não temos tempo a perder. Daqui a pouco o sol nascerá, e a escuridão não poderá nos esconder.

— E para onde vamos?! Você tem alguma noção de onde fica a aldeia?

— Algo me diz que devíamos seguir para leste. — Claire não sabia de onde tirara essa decisão, mas lhe pareceu correto, então começou a andar. Cindy não teve opção, senão seguiu-la. Ao menos a amiga era forte o suficiente para protegê-la, desde que tivesse o seu amuleto.

---

Um banho como nunca havia tomado. De novo. Orellana relaxava em uma piscina de águas quentes, recheada de sais

minerais e óleos perfumados. Era uma das dezenas existentes na casa de banhos pública daquela área. Qualquer cidadão, mediante o pagamento de um curupira (uma moeda de cobre), poderia usufruir de um ciclo da ampulheta em uma delas.

O espanhol percebeu que realmente gostava de tomar banho. Em sua terra, não costumava fazê-lo muitas vezes. O frio não ajudava na vontade, e diziam que o sabão fazia mal. Mas, naquelas terras, com o calor dos trópicos e a umidade que fazia na floresta, todos os dias ele se lavava. Principalmente depois de um árduo dia de trabalho.

Era fácil acostumar-se ao estilo de vida icamiaba. Os cidadãos, dos mais pobres aos mais ricos, eram respeitados e usufruíam dos mesmos direitos e deveres. Os camponeses, sempre que quisessem, poderiam pedir audiência com a imperatriz para resolver seus problemas, e eram ouvidos. Todo o território icamiaba pertencia ao povo, então não haviam donos de terra. A economia girava em torno de pagamento pelo trabalho, e de trocas no mercado. Os que trabalhavam com a caça ou criação de animais, ou na lavoura, recebiam salários pagos pelo governo de acordo com o volume trabalhado, que repassava a comida aos cidadãos. Todos tinham direito a porções iguais diárias de comida, então não havia quem passasse fome. Os que trabalhavam na burocracia ou na segurança

também recebiam do governo pelo trabalho realizado. Já outros tipos de trabalhadores, como os que trabalhavam com madeira, pedras ou metais, produziam suas peças e as vendiam no mercado. Nesse caso, pagavam tributos ao governo pelo que vendiam.

Todas as crianças estudavam e, quando cresciam, eram divididos nas suas áreas de interesse, e aprendiam as funções do trabalho como aprendizes dos mestres. Quando os mestres consideravam que os jovens estavam prontos, eles passavam a trabalhar por conta própria.

Todos tinham a oportunidade de acumularem riquezas, contanto que trabalhassem duro e economizassem. Era comum a união de famílias com interesses comuns, para que as riquezas fossem agrupadas. Desta forma e ao longo de gerações formaram-se algumas famílias abastadas pela cidade, que acabaram por controlar o comércio de determinados produtos. Nesses casos o governo intervia para que essas famílias pagassem uma maior carga de tributos em troca de suas riquezas.

Orellana decidiu tornar-se pescador. Não que alguma vez tivesse vontade de trabalhar como um homem comum. Ele nasceu nobre e nunca precisou disso. Mas, como fora obrigado, escolheu uma profissão onde pudesse ficar perto da água. Sempre dava para mergulhar e se refrescar. E podia observar melhor o lago e suas

entradas e saídas. O problema era o cheiro de peixe que entranhava no corpo.

Mas ele não tinha do que reclamar. Trabalhava do nascer do sol ao meio-dia. A produção diária era vendida no mercado, embora a maior parte fosse comprada pelo palácio, para as porções individuais. O dono do barco onde trabalhava lhe pagava semanalmente, repassando o dinheiro que o governo enviava pelos seus peixes.

À tarde ele era um homem livre, e podia conhecer todos os recantos da cidade. Algumas vezes encontrava-se com um professor, e aprendia a ler e escrever o idioma icamiaba. Também aperfeiçoou o tupi, que era tão ou mais falado em Akh'Ar, principalmente no mercado. E, em alguns dias aleatórios, era chamado para conversar com Ci. Ela, sempre curiosa, passava a tarde inteira lhe perguntando sobre a vida e os costumes dos cari. Perguntava sobre a terra, a arquitetura, a cultura e outras tantas coisas daquele povo tão estranho para eles. Aquele era um desses dias, e por isso o espanhol tomava um banho especial e perfumado. Não encontrava a imperatriz fedendo a peixe.

— O tempo acabou, cari.

— Obrigado, Tetucan. — todos lhe chamavam de cari. Tanto a ele quanto aos seus companheiros, que também trabalhavam e

viviam na cidade. Eram um pouco desconfiados com aqueles estranhos branquelos. Mas, aos poucos, se acostumavam. Alguns, até, já arranjavam esposas.

Orellana enxugou-se com um lençol de algodão grosso e limpo, e vestiu sua túnica. Agradeceu a Tetucan, o responsável da casa de banhos que parecia sempre de mau humor, e seguiu para sua casa. Lá, trocou sua túnica por um saiote de linho fino com fios de ouro, que prendeu com um cinturão de couro negro. Calçou as sandálias de couro que ganhara especialmente para serem usadas nos encontros com a Akh'Mé e seguiu rumo ao palácio. Ci o esperava, como de costume, no seu jardim privativo. Uma arara-azul pousava mansamente em seu ombro, alisando seus cabelos com o bico.

— *Cari! Cari! Cari!* — grasnou, voando e empoleirando-se no galho mais próximo.

— Akh'Mé. — disse o espanhol, fazendo uma referência.

— Como vai, Francisco? — perguntou Ci, educada, enquanto sentava-se em sua cadeira de armar. Ela estava, como sempre, deslumbrante. Usava um vestido de linho com tramas prateadas e que quase não cobria os seios. Com o calor daqueles dias, ninguém tinha coragem de se vestir mais do que o pudor recomendava. Fez um movimento com a mão, indicando a cadeira vizinha.

— Muito bem, alteza. Os peixes não me deixam reclamar da vida.

— A abundância sempre foi uma dádiva da natureza aos icamiabas. Bem como a benevolência. Um de seus homens provocou confusão ontem.

— Desculpe-me, alteza. Não sabia disso. — e falava a verdade. Orellana sabia que os rudes mercenários e os poucos soldados espanhóis que sobreviveram e foram capturados com ele não possuíam sua educação, mas pensava que a ameaça de morte a quem não se ajustasse fosse o suficiente para manter todos na linha.

— Arrumou briga. Soltou gracejos para a dona de uma tenda de bebidas. Uma guerreira ouviu, e o expulsou de lá a pontapés. Só o poupei da morte porque estava bêbado e fora de si. Mas ele está preso até segunda ordem.

— Então que fique preso, alteza. Não tolero de meus homens comportamento abaixo das exigências. Todos tem perfeita noção da nossa condição de cativos em seu império. E estamos muito gratos com isso.

— Não era sua opinião que buscava, Francisco. Ele ficaria preso com ou sem sua permissão. Quero apenas que saiba que

estou sendo muito mais bondosa do que deveria com você e seus homens.

— Muito justo, Akh'Mé. — respondeu, cabisbaixo.

— Devo dizer que seu icamiaba está muito bom. Já consegue articular bem as sentenças.

— Agradeço ao meu tutor por isso. Ele tem muita paciência.

— Conte-me, Francisco. Como vocês aprendem a língua do seu povo?

Orellana contou-lhe a história da língua espanhola e do latim, com as suas outras variantes. Disse-lhe que os filhos dos nobres aprendiam as letras com o clero, e que, geralmente, apenas os mais novos e as mulheres se dedicavam à leitura.

— Os primogênitos sempre buscam as artes da guerra para aprender. O pensamento começa a mudar, aos poucos.

— Só os nobres aprendem a ler e escrever? O povo permite que seus governantes não façam nada pela educação deles?

— Os camponeses não possuem voz na minha terra, alteza. Lá, os nobres e o clero governam e são temidos pelos pobres. As terras são de propriedade dos reis, e os camponeses precisam pagar para viver nelas.

— É um pensamento muito estranho esse. Como alguém pode ser dono da terra?



— Pelo direito de nascença, Akh'Mé. Do mesmo jeito que Sua Graça agora governa no lugar do seu pai.

— Mas o meu direito é o de governar e cuidar do povo. Akh'Ar não é minha e nem de ninguém, mas dos deuses.

— Na minha terra, nosso deus deu aos reis o poder sobre a terra e quem vive nela. É esta a sua lei.

Os dois costumavam discutir sobre o povo cari até o cair da noite, quando Ci recolhia-se para os seus aposentos e Orellana voltava para sua casa, não sem antes passar na tenda onde costumava encontrar-se com os seus homens.

Era um lugar pequeno, mas acolhedor, que ficava à beira do rio, próximo ao cais, e costumava ter música e bebidas até alta noite. Uma árvore servia de apoio a uma tenda de armar que protegia da chuva a pequena área onde a bebida era servida. Músicos tocavam atabaques e flautas e alguns se atreviam a cantar, já alegres pelo álcool. Por lá bastava pagar um curupira por uma generosa caneca de cerveja escura, ou de tarubá.

— *Capitán!* — chamou um de seus homens ao vê-lo entrando.

— Como vão? — disse, abraçando-os. Há muito deixaram de ser nobres e camponeses, e tratavam-se como irmãos. Sentavam em volta de uma pedra, que servia como mesa, aproveitando a brisa do começo da noite. Apenas cinco estavam presentes,

comendo peixe frito com cebolas e pão preto, e bebendo tarubá com suco de umbu. Costumava-se cobrar pela comida já preparada, como pagamento ao cozinheiro que a fez.

— Quem foi que desrespeitou a dona da tenda? — perguntou, já sentado e com um copo na mão.

— Juan, capitão. Ele bebeu tarubá demais ontem, e deu no que deu. — disse-lhe um dos homens.

— É um imbecil, isso sim. Sabe que a dona Kadjika tem marido. É uma das coisas mais lindas que já vi na vida, mas tem dono! — gracejou outro. Como eles conversavam em espanhol, não tinham receio de que alguém entendesse.

Todos riram, mas o capitão ficou receoso com aquilo. Sabia que seus homens nunca entenderiam aquela civilização e suas regras estranhas sobre as mulheres. Sempre foram acostumados a vê-las como reprodutoras e casa de diversões. E, ali, elas que mandavam. Eram elas que governavam, que entravam para o exército, que falavam com os deuses. Ali, os reprodutores eram eles.

— Espero sinceramente que este fato não se repita, entendido? Estou cada vez mais íntimo da Akh'Mé, e não quero que ninguém estrague nossos planos! Todos precisam confiar em nós.

— Claro, capitão. Ninguém aqui é burro como Juan.

Os outros afirmaram.

— Capitão, que mal lhe pergunte, como executaremos o plano?

— Tudo a seu tempo, Carlos. Tudo a seu tempo... — disse, por fim, enquanto despejava um longo gole da bebida em sua garganta seca, acalmando-a.

---

— Itagi, meu filho. — chamou Ubiratã, virando-se para o sobrinho — Acenda uma fogueira. Um pouco de comida quente será bom para todos. — o índio anunciou e todos aceitaram o descanso de bom grado. Depois de toda aquela correria, estavam exaustos.

O garoto fez o que o tio pedira. Tom o ajudou a carregar a lenha, enquanto Cher fitava o vazio, sentada ao lado do pai. Ela pensava no quão estranha e magnífica foi a sensação que teve no momento crucial onde o Boitatá lhe atacou. Uma força descomunal, e uma conexão com a natureza que ela não conseguiu entender. Rodava o amuleto entre os dedos, observando-o com

outros olhos. Havia nele alguns desenhos que, agora, Cher pensava serem hieróglifos. De alguma maneira eram parecidos com os que havia visto no totem, encontrado no meio da floresta. *Fiz chover, pensou. E consegui espantar a cobra gigante. Mas como? Foi um clarão tremendo. Talvez um raio! Consegui jogar um raio na cobra!*

Fechou os olhos, mas não para dormir. Queria se concentrar, tentar sentir aquilo novamente. Como ensinara, certa vez, seu professor de ioga (ela teve algumas aulas quando era mais nova, mas não durou muito tempo), esvaziou sua mente de todo e qualquer pensamento. Concentrou-se na sua respiração, tentando deixá-la cada vez mais calma.

Sua irmã apareceu na sua frente, e foi tão real que a despertou.

— O que foi, meu amor? — Bill perguntou, preocupado.

— Claire, pai. Eu a vi! Não sei como, mas acabei de vê-la! Estava escuro, e ela estava na floresta, com Cindy e...

— Calma, meu bem. Você deve ter caído no sono. — disse-lhe.

— Não sei explicar, pai, mas não foi sonho. Simplesmente sei disso. — e, levantando-se, seguiu até a professora. — Jussara, o que você sabe sobre o amuleto? Quero saber tudo!

— Só o que contei até agora, Cher. — respondeu-lhe a índia, sendo sincera. — Sei que ele pode dar força descomunal a quem o porta, e o poder dos quatro elementos da natureza.

— Nada sobre visões?

— Que eu saiba, não. Mas, Cher, o amuleto é muito poderoso, e nem os icamiabas sabem muito a seu respeito. Creio que só a sua avó poderia lhe explicar melhor.

Depois da garota ter contado o que viu, Jussara e Ubiratã ficaram apreensivos.

— É possível. Talvez o amuleto tenha o poder da visão. Se ele controla os elementos da natureza, pode também encontrar algo que esteja nela, se assim o portador desejar. — disse o cacique. — Você viu sua irmã e Cindy, e só elas?

— Foi. Estavam andando na floresta. E estava escuro. Poderia ser que isso estivesse acontecendo agora?

— Creio que mais nada é impossível, Cher. — disse Rud. — Não depois do que vimos agora há pouco.

— Então elas podem ter conseguido escapar das guerreiras. Nós precisamos encontrá-las!

— Concentre-se na sua irmã, Cher. Veja se consegue sentir onde elas estão. — a garota tentou fazer o que Rud lhe pedira, mas a excitação e a ansiedade não deixaram.

Cauã e Guipara voltavam de um reconhecimento. Estavam absortos em uma conversa sobre outras aldeias, quando ouviram um barulho. Silenciosa como uma sombra, Guipara voltou até onde o grupo estava, fazendo sinal para que ninguém falasse. Cauã e Ubiratã puxaram suas armas, enquanto Itagi rapidamente apagava o fogo, recém aceso. Bill abraçou a filha e sentou com ela e Tom. Jussara e Rud seguiram os três índios e pegaram lanças.

Enquanto isso, Claire mandara Cindy calar a boca, já que percebera, também, barulhos vindos de perto. A garota deixou a amiga onde estava, partindo por cima das árvores, pulando de galho em galho, como um macaco. Vislumbrou movimentos não muito longe, e decidiu esperar para tentar ver alguma coisa. Algo lhe dizia que eram humanos. Nove humanos, para ser mais exato. E, agora que prestara atenção no que a terra lhe dizia, percebeu que alguns andavam, e vinham em sua direção. Ela precisava proteger sua amiga, já que provavelmente eram guerreiras atrás delas. Decidiu atacá-las antes de ser atacada.

Com uma agilidade fora do normal, continuou pulando pelas árvores como se não pesasse nada até encontrar a líder, que vinha mais a frente com uma espada em punho. Era uma das guerreiras, como temia. Sem perder tempo, a garota lançou-se em cima dela, mas de alguma maneira a índia pareceu perceber sua aproximação,

e com uma agilidade que a espantou, conseguiu esquivar-se do seu golpe.

Guipara rolou para o lado ao mesmo tempo em que Claire preparava um segundo bote. A guerreira já movimentava a espada na direção da garota, quando Jussara gritou.

— Claire! — chamou, sem acreditar. — Espere, Guipara! — A espada parou no ar, a meio caminho do alvo, quando a atenção de Claire havia se desviado. — É ela! É a Ya'Mé! — disse, enquanto se posicionava entre as duas para deixar aquilo bem claro. Virou-se para a garota, que ainda não entendera como Jussara foi aparecer ali com aquela guerreira, mas baixou sua guarda mesmo assim, e abraçou a índia.

— Que bom ver você, Jussara! — disse, em tupi. — Mas porque andam me chamando de filha da lua? E porque você está andando com essa daí? — apontou para Guipara, que se ajoelhava, enfiando a lâmina de aço icamiaba na terra e baixando a cabeça em respeito.

— Perdoe-me por atacá-la, Ya'Mé.

— Ela nos ajuda, Claire. Não se preocupe, está do nosso lado. E filha da lua é a maneira que os icamiabas chamam as suas princesas. — respondeu a índia, de repente surpresa. — Você também entende icamiaba?!

— Não sei o que é isso, mas devo entender. Ei, onde está minha ir... Espera aí. Você falou princesa?! Então Ara estava certa...

Cher, ao ouvir a voz da irmã, correu em sua direção. Esbarrou na garota, derrubando-a no chão. O muiiraquitã brilhou no pescoço das duas, enquanto se embolavam, rindo. E ambas perceberam que a outra já havia feito a mesma descoberta de que estavam tão ansiosas para contar. E riram disso. Ninguém pareceu entender.

Bill veio logo atrás, e, aliviado, abraçou Claire.

— Tive tanto medo de perder você, meu amor! Tanto medo... — a garota abraçou o pai, que soluçava. — O que aconteceu com você, filha? Está toda suja de fuligem. O seu cabelo! — Bill foi o primeiro a reparar. O cabelo de Claire parecia chamuscado nas pontas.

A garota baixou os olhos.

— Jussara, preciso te contar algo muito triste. — e contou tudo sobre Ara, desde como a garota havia descoberto sobre a sua mãe até a maneira como ela salvou a sua vida. — Eu a cremei com minhas próprias mãos. — continuou, soluçando. — Não sei como, mas consegui. O fogo não me queimou.

— Ela agora está em paz, Claire. Voltou para a mãe. Ela não sabia, mas sua mãe morrera no ataque à aldeia. Ela se sacrificou



por algo muito maior, mesmo que não soubesse realmente disso. — disse-lhe Jussara, também com os olhos marejados. Ara era a sua aluna mais aplicada. Sentiria falta de uma menina inteligente como ela.

Tom deu um abraço apertado nela, que retribuiu sorrindo. Não falaram nada, apenas se abraçaram. O garoto segurou seu rosto com ambas as mãos para se certificar que era realmente ela. Deu um sorriso de orelha a orelha e a abraçou novamente.

Cauã e Ubiratã trouxeram Cindy, que também abraçou a todos, aliviada.

— Bom, acho que agora realmente precisamos de uma fogueira e uma boa comida! — disse Ubiratã, empolgado, ajudando seu sobrinho a reacender a chama.

Enquanto esperavam o mingau, comiam beiju frio com peixe seco e chupavam mangas. Cher contou à sua irmã e à amiga tudo o que descobriu. As duas ficavam mais espantadas à medida que descobriam o motivo do sequestro e do estranho poder que Claire pareceu ter adquirido.

— Somos princesas! Quer dizer, sempre soube que era especial, mas princesa?! — disse Claire, fingindo esnoabar-se.

— Sua alteza real deseja uma bela tigela de mingau? — perguntou Tom, com uma profunda reverência.

— Aceito de bom grado, meu leal súdito. Enquanto como, aproveite e massageie meus pés reais. — respondeu, empinando o nariz.

— Acho que eu morreria envenenado com o fedor que os pés reais devem estar. — brincou o garoto, que viu-se correndo logo depois, com Claire em seu calção.

— Eu vou te mostrar o que é chulé! — disse, rindo.

— O mingau! — reclamou Rud, vendo com tristeza a tigela esparramando-se no chão.

Claire o alcançou sem o menor esforço, derrubando o garoto e caindo logo em seguida por cima dele. Os dois estavam vermelhos e esbaforidos. E ainda riam, quando perceberam a que proximidade seus rostos estavam. Podiam sentir a respiração do outro. E, enquanto os olhos se encontravam, Tom viu-se sem palavras. Foi um silêncio rápido, mas intenso. Muitas das coisas que ele queria dizer pela boca acabaram sendo ditas pelo olhar. Antes da garota levantar-se, ele conseguiu vislumbrar um leve brilho verde em seus olhos. Pensou em segurá-la pelo pulso e de tascar um beijo ali mesmo, e até levantou sua mão em direção a ela, mas Claire já havia levantado, rápida demais. Sua mão fechou-se em punho.

— E nunca mais fale mal do meu chulé. C-como se você estivesse cheiroso... — respondeu, por fim, e voltou para onde todos estavam.

Cher percebeu o quanto a irmã estava vermelha e descabelada, e não conseguiu segurar o riso.

— O que foi?!

— Nada! — apressou-se em responder. Era capaz da irmã bater nela.

O garoto apareceu logo depois, com a mesma cara emburrada, e sentou-se ao lado de Rud para comer o que restou da panela.

O silêncio que se seguiu à chegada dos dois foi constrangedor. Mas foi o suficiente para que Guipara conseguisse ouvir.

## 17: O CARANAÍ DA ÁGUA

O sol ainda não apareceu, mas Orellana já havia chegado ao cais. O *Sereia Fogosa* o esperava, como de costume. E, como de costume, ele era o último a chegar.

— Tá atrasado, branquelo. — resmungou Capitão. Nunca chegaram a lhe dizer o nome dele. Chamavam-no apenas de Capitão. Ou o equivalente a capitão de um barco, na língua dos índios. Era gordo e fedia a peixe mais do que todos os outros. Não era icamiaba. Sua mãe era de uma aldeia longínqua, que fora conquistada e que tornou-se vassala deles. Ele foi tomado por um dos guerreiros ainda pequeno, logo após seu pai ser assassinado. Foi criado na vila de pescadores, onde aprendeu bem o ofício. Tornou-se dono de três barcos pesqueiros, além de uma tenda no mercado que vendia mantas, túnicas e outros produtos produzidos pelos Homens das Montanhas, como eles chamavam os Incas. Capitão comprava a mercadoria de navios mercantes que cruzavam o rio Grande, ao invés de se deslocar até lá. Era uma viagem muito cansativa e perigosa.

Os icamiabas não precisavam das pesadas mantas, já que frio era uma coisa que não conheciam, mas apreciavam coisas exóticas, e compradores nunca faltavam. O próprio Orellana já comprara

uma destas, e usava como coberta para o colchão de palhas de sua cama.

— Perdoe-me, Capitão. É difícil acordar numa noite fresca como essa.

De fato, a noite estava anormalmente fria. Os homens usavam até uma túnica. Capitão resmungou qualquer coisa inteligível, fazendo sinal para que ele subisse a bordo.

O barco saiu rapidamente do cais, levado pelos braços dos remadores até atingir o ponto de pesca mais próximo, que ficava a quase 500 metros da terra firme.

O lago, formado pela cachoeira que havia no extremo oeste do vale, era imenso, tão grande quanto a porção de terra. A nascente ficava no topo das montanhas, e a água caía, ainda um pouco fraca, em um véu majestoso. Era aquela nascente que alimentava o lago e o rio que seguia, por entre fendas e labirintos escondidos, até sair do vale e seguir seu curso, desembocando no rio grande. A queda d'água formava uma correnteza fraca e constante, e só os capitães e as guerreiras sabiam os seus caminhos.

A cidade dourada era famosa por toda a floresta, embora muito poucos foram os que realmente puderam vislumbrá-la pessoalmente, o que aticava as histórias fantasiosas e a cobiça. Outros grandes povos, como os próprios Incas ou os outros

adoradores de Akh que viviam ao norte, como os Maias e posteriormente os Astecas, além de tantas tribos da floresta, sabiam da existência de Akh'Ar, mas nunca se atreveram a atacá-la. Segundo contavam as lendas, aquela era de fato a cidade dos deuses. E os relatos do grande imperador dourado que possuía os seus poderes assustavam ainda mais. Até Ciro I, os icamiabas sempre foram voltados à conquista, e expandiram muito o seu poder. Seu filho, Ciro II, que ficou conhecido como o último dourado, foi um imperador pacifista, e preferiu investir em relações mais diplomáticas com os vizinhos e com as outras grandes cidades. O comércio nunca foi tão próspero, e o cais da cidade precisou ser ampliado, para comportar a quantidade cada vez maior de embarcações, grandes e pequenas, que subiam o rio por dias, só para negociar em seu mercado.

O controle continuava rígido, e só a área do comércio era autorizada aos que não fossem cidadãos. E guardas vigiavam com rigor tanto os comerciantes e suas mercadorias, quanto as negociações. Oficiais do palácio observavam de perto as transações, evitando qualquer problema com comerciantes mais “espertos”. A cidade enriqueceu muito mais com essa política do que com a conquista e o saque de tribos menores. “Chegará o dia em que não haverá mais homens ou mulheres morando na floresta,

e então não haverá mais aldeias para saquear, nem conquistar. E o povo icamiaba cairá.” Foram estas as palavras que iniciaram o discurso do Akh’Ur Ciro II, ao assumir depois dos treze dias de luto pela morte do seu pai. No começo, o conselho ficou temeroso com a abertura da cidade, mas a política de proteção funcionou bem, e eles, por fim, cederam. A enxurrada de novos produtos, dentre comidas, especiarias, tecidos e artesanatos de outros lugares e culturas animou a todos. Até alguns animais exóticos eram comercializados.

Depois de quase duas horas na primeira zona de pesca, o sol havia nascido e o frio ido embora com a mesma rapidez que havia chegado. O suor brotava na testa, enquanto Orellana puxava a rede com os seus companheiros pela última vez.

— A pesca hoje foi boa. Vamos até o ponto três, quero ver se consigo algum boto. Tem um comerciante do sul que quer comprar algumas barbatanas.

— Caçar boto é mal agouro, Capitão. — advertiu um dos pescadores. — O boto é filho de Ara’Ci, a deusa das águas.

— Assim como todos esses peixes que você acabou de roubar dela. — resmungou ele em retorno. — O que estão esperando?! Quero os remos n’água!

O ponto de pesca três era o mais afastado da cidade, quase nos limites rochosos das montanhas. Era também o mais próximo do caranaí do sul, dedicado justamente à deusa das águas. Um belo templo feito em cristal, que parecia flutuar das águas calmas do lago.

— Não se engane, cari. Ara’Ci tem algumas filhas que podem matá-lo só com um canto. Se eu fosse você, ficaria longe daquele lugar. — advertiu um dos companheiros de pesca, quando percebeu que Orellana fitava o lugar. Dizia-se que o templo era guardado pelas filhas de Ara’Ci, monstros que eram metade peixe e metade mulher, que enfeitiçavam os homens e os arrastavam para o fundo do lago. O templo raramente recebia a visita de algum homem.

— Eu tive um cunhado que quis conhecer uma das filhas das águas, e nunca mais voltou. — contou outro pescador.

— Teu cunhado fugiu naquele barco das rameiras tupiniquins, pra não ter que olhar mais na cara daquela tua irmã feia! — contou outro, para riso geral.

— Bom, até eu fugiria naquele barco. — concordou o primeiro, e todos concordaram e riram com ele.



Orellana também sorriu junto com os outros, mas sua atenção estava voltada ao templo. *Tem alguma coisa ali. E vou descobrir o que é, decidi.*

---

— Estamos cercados. — disse. Não teve tempo de pegar a espada, que repousava ao seu lado. Uma flecha trespassou seu braço na altura do bíceps e o prendeu na árvore que havia logo atrás.

Cauã quase conseguiu pegar a sua lança, assim como Ubiratã, e Itagi conseguiu levantar o arco, mas a voz da coniuquiara os fez parar a meio caminho, bem como o resmungo de dor vindo de Guipara. A flecha ainda balançava na ponta das penas.

— Não sejam tolos. — limitou-se a dizer. Em volta do grupo, dezenas de guerreiras icamiabas surgiam como sombras, vistas apenas por conta da fraca iluminação da fogueira. Todas armadas, apontando flechas ou lanças para cada um dos que estavam no grupo.

Mayara caminhou calmamente entre eles, atenta a qualquer movimento brusco. Parou diante de Guipara, sorrindo.

— Não é uma posição muito confortável para uma coniuuiara. Deixe-me ajudá-la, Guipara. — agachou-se e quebrou a flecha próxima ao braço da guerreira, e sem nenhuma cerimônia puxou seu braço para frente. Guipara segurou a dor enquanto pôde, mas acabou gritando mesmo assim. Mayara poderia ter puxado de uma vez, mas preferiu tirar devagar, observando a agonia no rosto dela. Ao terminar, pegou a espada de aço icamiaba e botão de rubi em forma de harpia.

— Creio que isso agora me pertença. — disse, com um pequeno sorriso de canto de boca. Guipara estava um pouco caída para o lado do braço atingido, respirando com força e se segurando para não desmaiar.

As guerreiras treinam a vida inteira para suportar qualquer tipo de adversidade, inclusive a dor. Dentre os treinamentos, passam dias sem comida, sofrem torturas físicas e psíquicas e são flageladas com chicotes e fogo. Mas ali, já cansada e perturbada com tudo que aconteceu naquele dia, ela quase não resistira.

— Espero que você aguente, Guipara. Não gostaria de vê-la partir para o outro mundo. Uma boa guerreira é sempre bem-vinda ao meu grupo.

— Eu permanecerei fiel à Akh'Mé até a morte, traidora. — disse, cuspiendo.

— Que pena. Então apodreça. — ao virar-se, Mayara voltou com tudo e bateu com a espada na cabeça da índia, que desmaiou na hora.

Todos acharam que ela havia batido com o gume, e ficaram aliviados ao verem que a cabeça de Guipara ainda estava no lugar.

— Muito bem. Agora que todos têm a minha atenção, escutem. As herdeiras são agora propriedade da Dama da Noite, e qualquer um que tentar fazer algo estúpido, não importa quem seja, morrerá na mesma hora. Eu só não matei essa daqui porque a minha mestra quer fazer isso pessoalmente. E ela espera nos encontrar logo mais. Guerreiras, apaguem as duas.

Oito dardos voaram da escuridão, e Cher e Claire desabaram sem cerimônia. Bill correu e abraçou suas filhas, levando um chute nos rins e desabando ao lado, gemendo.

— Não se atreva a tocar novamente nelas, seu rato imundo. — ela sabia que o cari não iria entendê-la, mas não se importava. Duas guerreiras avançaram e cada uma puxou uma das garotas para o seu ombro, carregando-as sem problemas. Os outros foram incitados a seguirem-nas sem muita cordialidade. Guipara foi

amarrada nas articulações e amordaçada, antes de também ser carregada.

— Acho que vou me acostumar a essa espada. — disse Mayara, para si, aprovando o perfeito equilíbrio da peça. Um leve sorriso brincou em sua boca.

---

A noite já avançara por tempo suficiente. A lua brilhava fraca, minguante. Praticamente um fio prateado. *Que a deusa continue assim, sem ver nada. Nem ela nem os demais*, pensou Orellana, enquanto espreitava para dentro do cais.

Haviam várias tochas em todos os lugares, iluminando os pátios e os caminhos, mas ele passara tempo suficiente rondando naquele lugar, e já percebera todos os seus pontos cegos. Decorara também quantos guardas haviam em cada canto, e quanto tempo eles levavam para fazer a ronda. Atravessou o longo caminho até os diques sem muita dificuldade. Naquela noite haviam cinco fazendo a ronda noturna, e três deles jogavam um jogo com

pedrinhas e bebiam, enquanto outros dois conversavam sossegadamente ao caminhar pelas ruelas.

O espanhol entrou na água o mais silenciosamente que conseguiu, e nadou até onde o *Sereia Fogosa* estava ancorado. Ele não tomaria a embarcação, que era grande demais. Precisava da que estava logo atrás, uma pequena canoa usada para o transporte de pessoas para fora da cidade. Pela posição do barco pesqueiro, ele conseguiria soltar a canoa e remar para o mais longe possível sem que algum dos vigilantes percebesse. E assim o fez. E, quando estava a cerca de 200 metros do dique, permitiu-se virar para sudeste, em direção ao caranaí. Ele não enxergava praticamente nada, já que a lua era quase nova e o céu estava um pouco nublado, mas conhecia suficiente bem aquelas águas, e não precisava se preocupar com nenhum banco de areia ou rochedo onde pudesse bater. Quando chegasse perto o suficiente da montanha, ele poderia visualizá-la. Passou quase duas horas remando até que vislumbrou a espuma branca das ondulações chocando-se contra a rocha já bem próximas. Seguiu o olhar para leste e vislumbrou um tênue brilho azulado, cerca de 500 metros dele. *O templo. Há uma luz acesa dentro dele*, observou. Haveria alguém lá dentro, de madrugada? Ele esperava que não. Não

queria ter de matar ninguém, embora o fizesse se algum desafortunado estivesse rezando àquelas horas.

Precisou de mais meia hora para chegar no desembarcadouro de pedra que havia na frente do lugar. *É ainda mais bonito de perto*, pensou, maravilhado. Apesar da fraca iluminação azulada que vinha de dentro dar um aspecto fantasmagórico ao local, a beleza era indescritível.

Um imenso cubo de cristal, erguido em cima de um pedaço de pedra, que fora esculpido para ficar plano e era exatamente do mesmo tamanho do templo. Quem olhasse de longe pensaria que o cristal planava por cima d'água, assim como ele pensava. O único pedaço de pedra polida que não estava escondido embaixo do cubo de cristal era o desembarcadouro que ficava na entrada. Um retângulo que não tinha mais de dois metros de comprimento, deixando claro que poucas pessoas por vez poderiam descer ali.

Ao entrar, Orellana percebeu que a iluminação vinha de uma pequena luz que ardia em um fogo azulado, exatamente no centro do templo. A luz bruxuleante tornava as paredes vivas, refletindo-a infinitas vezes. Aquele movimento era tão fluido que parecia...  
— Água. — viu-se dizendo.

— Exatamente. — disse uma voz atrás dele.

O espanhol caiu enquanto virava-se. Viu a dona daquela voz, e ficou entre assustado e maravilhado. Nunca vira mulher mais bela. Possuía uma pele branco-azulada, ou talvez fosse o reflexo da luz. Seus olhos também eram azuis. O rosto, fino e delicado, era delineado por longos cabelos lisos, que deveriam ser loiros ou brancos. Era difícil distinguir alguma cor que não fosse tonalidade de azul naquele local.

— Q-quem é você?

— A pergunta correta, cari, é quem é *você*, que teve a audácia de entrar em meu templo sem a minha permissão.

— S-seu t-templo? — Orellana nunca foi de ficar tão nervoso, principalmente com uma mulher. Nem com Ci ou qualquer outra guerreira.

— Não sou uma mulher, cari. — disse, como se lesse os seus pensamentos. — Esta é apenas a sua visão, pregando-lhe uma peça. Eu apareço diferente para cada um. Como cada um vê o seu ser ideal. — explicou-lhe. Ela possuía o mesmo poder das suas filhas. Cada pessoa a via como mais lhe atraía. — Diga-me, Francisco de Orellana, o que quer em meu templo. Dependendo da sua resposta, posso deixá-lo vivo.

— Ara'Ci. — compreendeu, finalmente. Isso não diminuiu seu nervosismo. Temendo olhar novamente naqueles profundos olhos

azuis, ele ajoelhou-se, baixando a cabeça. — Perdoe-me, rainha das águas, por invadir o seu templo sem a sua permissão.

— O seu perdão dependerá das suas intenções, jovem guerreiro. Você quer sair daqui, libertar-se. Voltar ao seu lar. Mas a que preço? Estará assim disposto? Corromperá a sua alma, capitão Orellana?

*Ela sabe*, pensou. Estava perdido.

— Não me intrometo com os assuntos mundanos dos humanos, cari. Mas não poderei deixar você sair vivo daqui, sabendo o que sei. Você foi tolo o suficiente para entrar. Agora deverá ser inteligente o suficiente para sair.

— O que preciso fazer? — disse por fim.

— Desistir do que deseja. Realmente desistir. E provar que é sincero em sua intenção.

— Como faço?

— Eis o fogo da vida. — Ara’Ci apontava para o centro do templo, onde a chama azulada ondulava mansamente em cima de um pilar de cristal. — Ponha suas mãos nele, e jure que desistirá do que pretende fazer. Se você sobreviver, então fala a verdade.

— E se eu falhar?

— Então o fogo da vida lhe sugará a sua, e a chama ficará ainda mais forte.



— E como colocarei minhas mãos no fogo? Eu vou me queimar.

— Humano tolo, o fogo da vida é feito de água. Porque você acha que não pode viver sem ela? — respondeu, como se fosse a coisa mais óbvia do mundo.

*É claro, pensou, irônico. O fogo é feito de água. Devo estar alucinando.*

Mas, ainda assim, respirou fundo algumas vezes e avançou até a chama. Ao encostar as mãos percebeu que, realmente, a chama não era quente. Relutantemente pôs a mão esquerda dentro dela, e a sentiu *molhada*. Sem acreditar, pôs a mão direita e, enquanto estava com ambas as mãos dentro do fogo da vida, sentia algo estranho em seu corpo. Um sentimento diferente, forte.

— A força da vida agora trespassa o seu corpo, como uma corrente. Sinta-a, cari, pois será a primeira e única vez que fará isso. Sinta o poder da vida em suas mãos.

Ele podia sentir. Era como se nada o atingisse. Agora, sentia-se forte, sentia-se imortal.

— Deve ser assim que a Akh'Mé se sente com a sua pedra. É algo extraordinário.

— Sim, a herdeira dos deuses pode sentir o poder da chama da vida. Agora, cari, esqueça o que pensava em fazer. A herdeira dos

deuses não morrerá com o seu ataque inútil, e isso só causará a sua desgraça. Ela é muito mais forte do que você imagina, e o esmagará com um só golpe.

— Não, ela me ama! Eu vi em seu olhar, desde a primeira vez que me viu. Ela me deseja!

— Ela deseja o que é diferente. O que é novo. Mas não cederá aos seus encantos. Não pode fazer isso, e não fará. E você perecerá em sua cobiça, se não desistir do que quer fazer aqui e agora.

Era difícil pensar no que fazer, e mais ainda achar que não conseguiria. A sensação que a chama dava era intensa demais. Era como se pudesse fazer o que bem entendesse.

— Porque falas a verdade, Ara’Ci?

— Porque a chama da vida me obriga, cari. Assim como a você. Responda-me, agora! — assim como a verdade em suas palavras, a deusa transformou-se em sua real aparência, e o espanhol só não caiu de susto porque suas mãos estavam presas à chama.

A deusa tornou-se uma massa de luz azulada que brilhava intensamente. Sua voz ecoava e reverberava em todas as paredes, amplificada. Ao mesmo tempo que parecia falar de dentro da sua cabeça.

— *Responda, cari. Responda!*

— Eu não desistirei! — respondeu-lhe, fechando os olhos por conta da forte luz. — Ci será minha, assim como o seu poder! Serei Akh’Ur, Filho do Sol, e ninguém me impedirá! — gritou a plenos pulmões, e quando abriu os olhos, o templo estava escuro e silencioso, como quando entrara. Suas mãos ainda pendiam de dentro de um refratário prateado que pousava acima do pilar de cristal. Dentro só havia água, em seu estado normal.

— Devo estar louco. — falou, para si, retirando suas mãos molhadas de dentro do refratário. Elas pareciam absolutamente normais.

Subiu na canoa e remou de volta para o cais, tremendo. O céu dava sinais de clarear, e ele apressou-se. Ao chegar, o dia estava claro e o cais já fervilhava.

— Onde você estava, branquelo?! Atrasado, como sempre! O que estava fazendo no rio?! Queria pescar sozinho?! Quer ter seu próprio barco, é isso?!

Ele não se deu ao trabalho de responder Capitão, subindo no *Sereia Fogosa* e largando a canoa a esmo. *Espero sinceramente ter sonhado.*

A água de dentro do refratário agitou-se, ansiosa.

---

A lua já havia sumido. *O sol está perto de chegar*, pensou Jussara. O céu já demonstrava um azul muito escuro no horizonte, embora em cima deles o preto fosse reinante. *Adiantaria ter esperanças do dia chegar antes dela?*

— Não se preocupem, vermes. A Dama da Noite está a caminho. Vocês percebem como fica frio em sua presença? Pois tremam! — disse-lhes Mayara, como se lesse os pensamentos da índia. A guerreira parecia de excelente humor, mas também transparecia nervosismo. Apesar da pouca luz que a fogueira acesa emprestava aos seus olhos, Jussara percebia que a coniuquiara suava, além de não parar quieta por mais de um minuto.

Cher e Claire continuavam desacordadas. Guipara, amordaçada e atada, gritava palavrões por entre o pano que lhe cobria a boca. Não passavam de borrões sonoros, mas se entendia o que ela queria falar.

Bill estava preso às costas de Ubiratã, bem como Cauã de Itagi e Tom de Cindy. Rud e Jussara ficaram juntos também, ao menos. Os dois entrelaçaram seus dedos, dando força um ao outro.

— Vamos sair dessa, meu amor. Prometo. — sussurrou Rud. Ela também rezava por isso, mas não tinha tanta certeza. O que poderiam fazer?

Protegida pela escuridão, Potira observava. Para uma guerreira icamiaba, seguir alguém na floresta não era difícil, mesmo sem ver por onde a pessoa andou. E assim ela seguiu a herdeira até o grupo que a procurava. Chegou a tempo de ver que várias traidoras as encontraram. Escondeu-se também a tempo, e as seguiu. Foram levadas a um local conhecido. Dizia-se que ali, em meio a ruínas de pedra, ficava uma das masmorras onde os icamiabas mantinham seus prisioneiros, centenas de anos atrás. À época, havia várias cidades icamiabas ao redor de Akh'Ar. Hoje só existem suas ruínas para contar a história. Dizia-se que foi naquele local que Ci aprisionou a sua tia, que conspirou contra e assassinou o imperador Ciro, o último dourado. Segundo contam as lendas, foi lá que ela apodreceu até morrer, e é lá que vive até hoje, na forma do espírito amaldiçoado que aterroriza a floresta.

*Dama da Noite é um nome carinhoso demais para aquela medjia*, pensava Potira. Começaram a chamá-la assim há muito tempo, temerosos de que a medjia se enfurecesse com algum nome feio. Enquanto as aldeias lhe prestassem alguns sacrifícios de vez em quando, ela os deixava em paz. Poucas pessoas sabiam quem

realmente era aquele ser. Dentre os icamiabas, as lendas corriam soltas, e alguns até acertavam; mas as guerreiras sabiam, e partilhavam desse segredo com a Akh'Mé, a coniuquiara de todas elas.

*Talvez tenha sido por isso que algumas bandearam para o lado dela. Talvez pensem que Fula conseguirá o que quer, finalmente. Bem que gostaria de avisar à cidade o que estava acontecendo. Se a Akh'Mé soubesse, cairia pesadamente em cima das traidoras. Talvez até destruísse a medjia de uma vez.*

As traidoras não podiam vê-la, pois o fogo as cegava para a escuridão. Mas Potira não percebera a sorrateira aproximação por trás dela.

— Veja, coniuquiara, o que encontrei. Uma garota curiosa nos espreitando. — a guerreira trazia Potira pelos cabelos, com um punhal dourado apertando sua garganta.

Mayara deu o seu conhecido sorriso de canto de boca.

— Temos mais uma convidada. Que bom saber!

— Você não tem o direito, Mayara! Elas são as herdeiras!

— A única herdeira do poder da pedra é a minha mestra! — desta vez não havia sorriso em seu rosto. — Ela é a herdeira de direito, antes mesmo de Ci!

— Ela é uma medjia! E está morta! Nunca fui com a sua cara, mas não sabia que você poderia ser tão baixa. — disse, cuspiendo na cara de Mayara.

A coniupeiara virou o rosto e retirou o cuspe com as costas de sua mão. Mesma mão que esmurrou o nariz de Potira, quebrando-o.

— Só não mato você aqui e agora porque a Dama da Noite iria gostar de fazer isso pessoalmente. — respondeu, enquanto o sangue pingava do nariz quebrado. — Amarrem-na com Guipara. — disse, por fim. — A Dama da Noite está chegando.

E, de fato, todos sentiram que o clima esfriara. Ventos vindos de lugar nenhum sopravam, cada vez mais fortes e mais frios. Cindy tremia de medo. A garota já conhecia aquela sensação.

Claire e Cher acordavam, ainda tontas. Ambas pensaram ser um pesadelo o que aconteceu, mas suas mãos e pés atados logo denunciaram a cruel verdade. Claire sentiu o frio súbito, e entendeu o que havia. Desta vez o medo tomou conta da sua cabeça muito mais rápido.

— Cher, você acordou? — perguntou, não mais que um sussurro.

— Humm. — murmurou a irmã.

— O frio, mana. Notícia muito ruim.

Cher sentiu, e até sua espinha pareceu tremer. O frio trazia junto uma sensação estranha, um medo escondido. Logo lembrou-se de seus pesadelos, e viu que o seu medo fazia sentido.

— O mesmo frio dos sonhos. — disse à irmã.

— Exato. Mas isso não é tudo. Já tive essa sensação antes. E ela veio acompanhada de...

Claire parou de falar. A névoa se espalhava entre eles.

— ... névoa. — terminou. — Estou com medo de vê-la novamente. — disse, tremendo.

— Ver quem? — Cher perguntou, preocupada. Mas a sua irmã não precisou responder.

Da escuridão profunda surgiu um vulto, que foi se aproximando vagarosamente. Cindy já soluçava. Rud, Bill e Tom não distinguiam o que poderia ser, e Jussara, Cauã, Ubiratã e Itagi não conseguiam acreditar. *Que Tupã nos proteja, rezou o cacique, pois estamos perdidos.*

Ao chegar mais próximo da fogueira, quem ainda não sabia o que encontrar vislumbrou um pelo anil brilhoso de uma pantera negra. Seus olhos, que em circunstâncias reais seriam amarelados, estavam cinzas e opacos. Ao aproximar-se o suficiente, parou. Mayara ajoelhou-se em sua frente, receosa. A última coniuquiara que o fez acabou morta em sua boca. Mas Jupá era burra e



incompetente. Já ela, conseguira. Trouxe as herdeiras até a Dama da Noite.

— Dê-me a traidora, e a sua vida será minha. — a horrível voz da medjia parecia ser sussurrada no ouvido de todos. Quem ainda não tivera a chance de presenciar aquilo achou que estava tendo alucinações, da mesma maneira que Claire e Cindy, da primeira vez.

— A pan-pantera f-f-falou. — anunciou Tom.

— Eu sei. — respondeu Cindy, acuada.

— O que é aquilo?! — Rud estava atônito e tão impressionado quanto os demais.

— A bruxa. A medjia. — respondeu-lhe Jussara, que conseguira com muito custo tirar a mordaca.

— Como a senhora desejar. — Mayara respondeu, levantando-se. Ela mesma avançou até Guipara, já que as suas guerreiras haviam se afastado, com medo da Dama da Noite. Empurrou-a, bem como Potira, e as jogou na frente da bruxa. Ambas caíram com o rosto no chão. O nariz quebrado de Potira latejou em dor, mas ela segurou bravamente. Guipara sentia uma dor lancinante em seu braço, mas também tentava não deixar transparecer. Morreria como uma guerreira, e não chorando.

A coniuquiara puxou as duas pelos cabelos, deixando-as de joelhos.

— Essa daqui, minha mestra, estava à espreita, nos observando. Teve a infeliz ideia de nos seguir. Achei que gostaria de um brinde.

— Uma morte a mais nunca é demais. — disse, satisfeita.  
— Basta, Mayara. Deixe-nos a sós.

— Como quiser, mestra. — a índia se afastou, deixando a pantera com suas presas entregues e indefesas.

A medjia pareceu deixar de lado sua personalidade mais humana e passou a ser um animal novamente. Ao invés de falar, rugiu com força, deixando a todos arrepiados. Mas, ao atacar Guipara, Potira lançou-se contra ela com todas as forças que conseguiu, e ambas caíram rolando no chão, ao lado da guerreira. A pantera levantou-se sem dificuldades, e logo pôs uma pata no peito da índia, impedindo que ela se movesse novamente.

A pesada pata não deixava nem caminho para o ar encher os seus pulmões, mas Potira não se importava. Não tinha medo de morrer. Uma verdadeira guerreira nunca tem. Ela morreria cumprindo o seu dever de proteger com a sua vida as Filhas de Ci. Percebeu que Guipara entendera o seu plano. Ela conseguiu ver o

que Potira jogara na sua frente, enquanto se lançava ao felino.  
*Mãe, nos veremos em breve.* Rezou, enquanto fechava seus olhos.

## 18: FULA

Uma lágrima caiu ao mesmo tempo que a pantera abocanhava seu pescoço. E, com um simples e rápido movimento de cabeça, quebrara-o.

Mas antes de soltar o peso morto em sua mandíbula, ela foi atacada por trás. Em um rápido movimento, uma lâmina cruzou seu pescoço de orelha à orelha, fazendo seu sangue jorrar. Guipara segurava um canivete na sua mão direita, enquanto a esquerda segurava a cabeça do animal morto, jogando-o para o lado. Tanto ela quanto Potira foram lavadas em sangue, mas não se importou. Teve tempo de fechar os olhos da amiga, enquanto duas guerreiras a puxavam com violência.

— Tenho que admitir, Guipara. Você tem coragem. — disse uma delas.

— Tenham, ao menos, a decência de cremá-la. Ela era uma de vocês! — disse-lhes. As guerreiras se olharam, talvez um pouco envergonhadas. Mayara veio logo atrás, bufando.

— Você se arrependerá amargamente disso, sua imbecil. Seria uma morte muito menos dolorosa do que a que você terá agora.

Guipara foi novamente amarrada. Havia cortado suas cordas com o canivete. O mesmo que Claire havia ganhado de presente,

que usou para soltar-se e às suas amigas. O mesmo que deixou cair quando derrubara Potira e fugia. E que ela achara e tomara para si. Era a única arma que a garota lhe deixou.

— A bruxa está morta? — perguntou Claire, com medo da resposta.

— Creio que não. — respondeu-lhe Jussara. — A bruxa usa os animais da floresta para os seus trabalhos sujos. Morreram duas criaturas totalmente inocentes agora. — a índia estava abismada, assim como todos. Não conheciam Potira, mas a forma violenta como morrera deixou a todos chocados.

— Desculpe-me por ter batido em você. — disse Claire em direção ao corpo. — Não sabia que você queria me proteger.

A garota se perguntava porque não conseguia ativar o poder da sua pedra. Cher, parecendo ler seus pensamentos — aliás, como frequentemente acontecia — se fazia a mesma pergunta.

— Acho que o medo nos impede. — disse, sussurrando. — Precisamos nos concentrar, irmã. Mais do que nunca.

Claire concordava com ela. Mas era tão difícil. Como iria se concentrar, com duas pessoas que morreram naquela mesma noite tentando salvá-la? Sentia uma culpa imensa em seu coração. Um pesar que nunca sentira na vida.

O certo é que as duas não tiveram tempo para nada, pois o frio aumentara, bem como o vento.

— Ela está aqui. — disse uma das guerreiras, mal se atrevendo a falar.

---

Dois anos se passaram desde que Orellana e seus homens foram capturados pelas icamiabas. Mal se lembrava da vida sofrível que teve nos meses em que esteve perdido na floresta. Seus homens compartilhavam da sua boa vida. Um deles engravidou uma moça donzela, filha de um ferreiro. E foi obrigado a se casar. Algumas leis ainda sobreviveram à revolução feminista. Uma mulher tinha o direito de constituir família como bem lhe conviesse, e não era mais considerada propriedade do seu pai ou do seu marido. Mas algumas famílias ainda mantinham o costume de casar seus filhos com bons partidos, ou de arranjar casamentos para unirem duas famílias com negócios em comum, ou, nesse caso, obrigar o homem que deflorou sua filha a se casar com ela, embora a mulher não possa ser obrigada a nada disso. Não mais.

Para o azar de Juan, o mesmo que dera em cima da dona da tenda e que ficara preso por cinco luas, a garota apaixonara-se perdidamente pelo cari que a conquistou. Ele só queria levá-la para a cama, mas foi obrigado a se casar. Agora cuida da confecção de pontas de flechas, junto ao sogro.

— Juan está fora, assim como todos aqueles que realmente queiram ficar e constituir família. Tenho certeza que o povo não os punirá pelos erros de outros. — disse-lhes Orellana, na última reunião que tiveram na tenda. Foi ali que finalmente lhes dissera o seu plano, e como poderiam ajudá-lo.

— Mas, capitão, eu quero ajudar. Eu quero voltar para Quito! Tenho esposa e filhos me esperando! — Juan não aguentava mais ouvir a garota passar as noites sonhando acordada com a filha que terá, nem o ignorante sogro que só fazia gritar com ele, enquanto passava o dia suando em bicas ao lado do fogo.

— Você tem uma esposa e um filho lhe esperando aqui também. Passaram-se anos, Juan. Temo que nenhum de nós ainda tenha uma esposa ou filhos aguardando a nossa volta. Em breve o velho morrerá, e você terá o controle de uma das melhores forjas da Akh'Mé. Tem uma mulher bonita esperando um filho seu, e mora em uma terra rica e agradável.

O soldado pensou um pouco, e concordou. Pensando ainda mais, lembrou que era bastante provável que morresse na floresta, tentando fugir. Ali, a vida lhe sorrira algumas vezes. Deveria estar agradecido.

— E você poderá ajudar, Juan. Só precisa se afastar. Você e todos os que queiram ficar. Afastem-se, e nunca mais nos encontrem. Em uma volta da lua nós iremos embora. Será tempo suficiente para não serem associados com a nossa fuga.

Juan e mais dois homens levantaram-se. Orellana já sabia que assim seria. Aqueles dois eram preguiçosos, e acostumaram-se bem demais com a boa vida que levavam como comerciantes. Ambos também trabalhavam para Capitão, mas em suas tendas.

Passou-se um mês desde aquela conversa e, como suspeitava, a Akh'Mé mandara lhe chamar novamente. *Tudo correndo como o esperado*, pensou. Lavou-se na casa de banhos, e colocou o seu melhor linho. Também apertara em seu braço um belo bracelete de ouro, que comprara do Capitão.

O sol se punha por detrás das altas montanhas à oeste do vale, tornando o caranaí do Ar uma silhueta preta em fundo dourado. Foi o único que Orellana não visitou. Aquele era impossível de se chegar. A escada de pedras que havia sido esculpida na montanha praticamente não existia. Seria necessário escalar, além de passar



pelas guerreiras que guardavam a sua base, dia e noite. Mas era um templo pobre, esculpido na própria montanha e sem nenhum adorno. Não chegava nem aos pés do belo caranaí da Água, todo feito em cristal, onde o espanhol conheceu a deusa das águas. *Ou alguma ilusão causada por feitiçaria.* Nem era de perto comparável ao caranaí do Fogo, uma imensa caixa feita de mármore negro, que possuía imensos rubis formando um círculo em volta da grande fogueira que nunca se apagava. *Será que aquela fogueira provoca a verdade, como a feita de água? Ou simplesmente queima?* Ele não teve coragem de pôr as mãos para testar.

Mas, de todos os quatro, o Templo da Terra era, de longe, o mais espetacular. Apontando para o norte, nele havia uma imensa árvore que subiu mais alto que todas as outras do vale. Seu tronco era tão largo que nem vinte homens abraçavam-na por completo. Galhos nodosos espalhavam-se em todas as direções, formando o teto natural do templo. Seu chão era inteiramente de terra negra. Nas suas sombras nenhuma outra planta nascia. O mais impressionante era que as folhas daquela árvore eram douradas. Não como as folhas secas de outono, mas de um dourado vivo, quase brilhante. Sempre que o sol nascia as folhas pareciam refletir a luz, jogando as cores para o chão, formando belos mosaicos que moviam-se ao sabor da brisa.

Orellana sentiria falta de tudo aquilo. Mas a vontade de voltar à Europa e se tornar o maior de todos os conquistadores era maior. Seria conhecido e venerado por todos os reis, que lutariam entre si para lhe dar os melhores favores em troca da localização de Eldorado. Poderia, inclusive, exigir a América para si. Seria o mais novo rei de Akh'Ar, de Quito e de todo o resto daquela terra sem fim.

As duas guerreiras que faziam a guarda no primeiro portão deixaram-lhe passar sem nenhum problema. *Tolas*, pensou. *Mal sabem que essa história de mulher mandando acaba aqui.*

Orellana tinha plena consciência de que, se tentasse fugir com a Akh'Mé viva, com certeza ela o alcançaria. Talvez nem conseguisse sair dos labirintos de água. Mas se Ci estivesse morta, a coisa seria um pouco diferente. A confusão seria tanta no palácio e nas ruas com a notícia da sua morte, que nem notariam algumas pessoas a menos. Claro que ele não poderia atacá-la, se não nunca sairia vivo do palácio. Ela precisava morrer de outra maneira, menos suspeita. *O veneno é a arma das mulheres. Mas, como nessa sociedade os valores são invertidos, não vejo problema em usá-lo.*

O palácio era ricamente adornado em todos os cantos. As paredes eram feitas de pedra, mas de alguma forma brilhavam em dourado. Nunca lhe explicaram como conseguiam aquele efeito,

mas Orellana desconfiava que, de alguma forma, produziam pedras misturadas a ouro. Os icamiabas ainda tinham muitos segredos escondidos. Em uma delas, uma pintura particularmente bela lhe chamou a atenção. Nunca a tinha visto.

— É a história do meu povo. — disse-lhe Ci, atrás dele. — Essa pintura já tem mais de cinco mil anos.

— Akh'Mé. — respondeu, fazendo uma reverência. — Não a vi se aproximando.

— Não se preocupe. Esta parede é mesmo hipnotizante. Venha, Francisco. Precisamos conversar.

Ci levou o espanhol pelos corredores até o seu jardim privativo, onde sempre conversavam. Era a primeira vez que o via de noite. Várias tochas foram acesas, espalhadas a intervalos regulares nas paredes, mas no meio do jardim a única luz era a da lua, que despontava por detrás das montanhas naquele momento.

— Ya'Ci está particularmente bela esta noite. — disse Orellana. — Assim como Sua Graça.

— É muita bondade sua. Mas não lhe chamei aqui para ouvir elogios.

— Houve algo de errado?

— Sim, Francisco. Alguns de seus homens não conseguiram se adaptar ao nosso modo de vida. Nem mesmo com tanta benevolência de minha parte. Cansei disso.

— Mas o que...

— Aquele mesmo indivíduo que havia atacado a dona de uma tenda de bebidas e que casou-se com a filha de um ferreiro. — continuou, interrompendo-o. — Ele foi encontrado bêbado em casa, com a mulher morta a seus pés.

Orellana fingiu bem o espanto.

— A pobre garota estava grávida, e isto torna o assassinato duplamente revoltante.

— Eu não sei o que dizer, Akh'Mé. A vergonha que estou sentindo é muito grande para descrever. — fez a melhor cara de repugnância que conseguiu.

— O julgamento do seu homem será ao nascer do sol. Ele será condenado e perderá a cabeça. E todos os cari, inclusive o senhor, estarão presentes.

— Claro, Sua Graça. Eu mesmo gostaria de dar um fim na vida dele.

— Não será necessário. Posso um carrasco que cumpre bem a sua função. O problema, Francisco, é que eu não sei se o resto de vocês sairá livre amanhã.

— Perdão? — ele continuava mostrando surpresa, mas já esperava por aquilo.

— Quero dizer que, após a execução, todos vocês provavelmente serão novamente presos. Não quero mais problemas com um povo que não sabe ser civilizado.

— Claro, Akh'Mé. Por favor, aceite minhas sinceras desculpas. — finalmente retirou o seu bracelete. — Comprei esta bela peça vinda de uma distante tribo das montanhas do oeste. Por favor, alteza, aceite como uma reparação dos danos que meus homens causaram.

— Não preciso da sua joia, cari.

— Não pela joia, Akh'Mé. Mas pelo valor que esta peça tem para mim. Gastei muitas luas de trabalho nela. É algo que me é muito precioso. Imploro que Sua Graça aceite como um presente e um pedido de desculpas.

— Aceitarei, Francisco. Mas não comprará a liberdade com esse gesto.

— Nem pretendo, Akh'Mé. Conquistarei a sua confiança, juro-lhe. Nem que precise passar anos nas suas masmorras. Com sua licença.

Orellana aproximou-se de Ci com cuidado, e ela estendeu-lhe o seu braço direito, para que ele encaixasse ali o bracelete.

— Ficaré lindo em seu braço, alteza. — comentou, enquanto percebera com um clique, que encaixara-o perfeitamente. Um segundo clique, ainda mais discreto, foi ouvido logo em seguida.

— Ai! Mas o que... — sentiu uma pontada aguda no braço, mas não teve tempo de terminar a sua frase. Caía da cadeira, mas antes o espanhol segurou-a em seus braços.

— Não se preocupe, Ci. O veneno agirá rápido. — disse-lhe, colocando-a gentilmente no chão.

Os olhos dela olhavam incrédulos para os dele. Sentia seu corpo inteiro mole e não tinha domínio dos seus membros. Até a respiração ficava cada vez mais pesada.

— Você é uma bela índia. Adoraria levá-la comigo como minha escrava do prazer, mas não poderia sair daqui com você em meus braços, poderia? — perguntou, roçando os dedos em seus seios desnudos. — E todo esse tempo sem ter uma mulher em minha cama, graças a essa sua infeliz maneira de viver, onde mulheres não sabem o seu lugar... Bem que eu poderia lhe ensinar a respeitar um homem. Mas o tempo é curto. Principalmente para você.

Dos olhos dela caíam algumas lágrimas, enquanto a respiração ficava cada vez mais fraca.

— Chama-se noite-sem-fim. É um poderoso veneno extraído de um lagarto minúsculo que vive nas montanhas. Segundo me disseram, a vítima não sente absolutamente nada. Só um forte desejo de dormir. Para sempre. — continuou, com um sorriso. — Espero que durma bem, alteza. Cuidarei da sua cidade para você, quando voltar aqui com um exército e tomá-la.

Ci estava louca para dizer-lhe que não, que isso não podia acontecer, que ela era a única herdeira do trono, e que ainda precisava ter uma filha para tomar o seu lugar. Queria dar-lhe um murro, uma punhalada em seu coração.

Confiara naquele homem. Confiara o suficiente para abrir sua casa para ele. Gostava de conversar, e até poderia dividir a sua cama com ele. Era diferente, e bonito. Tinha pêlos no rosto, que provavelmente fariam cócegas ao beijá-lo. Como poderia ser tão burra? Como não desconfiou antes?

Sentiu seu coração bater cada vez mais devagar. E as pálpebras mais e mais pesadas. Seria assim que acabaria? Depois de tudo que conquistou? De tudo que sofreu para conseguir formar uma nova sociedade?

Não continuou a pensar em nada disso, pois o seu cérebro só lhe dizia uma única coisa. Queria muito, muito dormir. Ela, obediente, fechou os olhos.

---

A conhecida e aterrorizante sensação de frio e tristeza percorreu a espinha de Claire e fez os pelos em sua nuca eriçarem. *Então é isso. É aqui que morro*, pensou. Olhou fundo nos olhos da irmã, que ainda não conhecera aquela sensação. *Desculpa, mana. Acho que não podemos nos salvar desta vez*; quis dizer-lhe, mas sua voz falhou.

Entre confusos e desesperados, todos pareceram prender a respiração e congelar quando a viram. De dentro da floresta surgiu um brilho branco. Inicialmente fraco, ele logo tornara-se forte o suficiente para chamar a atenção. Todas as tochas apagaram-se com o vento que o seguia, e aquela tornou-se a única fonte de luz. Os galhos das árvores debatiam-se uns nos outros e milhares de folhas negras caíam ao redor deles. Uma névoa espessa cobria o chão, fazendo redemoinhos aqui e ali, sendo soprada para lugar nenhum. Até que o vento parou por completo e só restou o frio; o frio congelante que Claire e Cher sentiam com frequência em seus sonhos.



A intensa luz aos poucos começou a ganhar forma. Uma forma humana. E, pouco depois, percebia-se uma silhueta mais ou menos feminina. Vestia um longo e esvoaçante vestido branco. Sua pele mas parecia feita de papel muito enrugado cobrindo nada mais que ossos, e seus cabelos eram tão brancos quanto o resto, enormes e também esvoaçantes. Mesmo sem vento nenhum, cabelos e vestido ondulavam calmamente, como águas tranquilas de riacho.

A medjia parecia flutuar acima da névoa. Seguia, lenta e constante, com olhos leitosos fixos nas duas caboclas. Mayara e as guerreiras que a seguiam ajoelhavam-se viradas a ela. As cabeças, abaixadas, não viam o que os outros, incrédulos, viam. O som que confirmou que aquilo não era uma alucinação veio logo em seguida.

— Rápido, coniupeiara. A alvorada aproxima-se. Mande as duas entregarem o amuleto. — disse, com uma voz rouca, quase num sussurro. Da maneira que falava, parecia estar bem ao lado da pessoa, junto ao seu ouvido. Era uma sensação horrível.

— Nunca! Elas nunca entregarão, medjia! — gritou Jussara de onde estava. A sua expressão era de ódio.

Pela primeira vez a bruxa desviou a atenção das garotas, olhando para o lado, de onde ouvira tamanho insulto.

— Como atreve-se? — perguntou, mais surpresa que brava. — Esqueceu-se de quem sou, índia idiota?

— Você é uma medjia nojenta que já devia ter morrido há muito tempo! — viu-se dizendo. Não sabia de onde tamanha coragem aparecia, mas o ódio que sentia no coração era combustível suficiente. Ao finalizar sua resposta, ainda cuspiu na direção dela. A expressão da bruxa pareceu ser um sorriso. O que era ainda pior que antes.

— Farei questão de matá-la eu mesmo, guacari. Mas, primeiro, o mais importante. — disse, voltando sua atenção às meninas. — Vocês duas, já! Entreguem-me o maldito amuleto! — ordenou, estendendo uma mão esquelética com unhas enormes e sujas. Cher e Claire não entenderam o que o espectro falara, mas a sua mão estendida na direção delas explicou o suficiente. Elas se olharam. Cher pareceu dizer “coragem, mana. Precisamos fazer isso” ao olhá-la e fazer que sim com a cabeça.

— Fique longe das minhas filhas! — Bill ouviu-se dizendo. Ele estava em estado de choque, assim como a maior parte das outras pessoas presentes. Não sabia mais no que acreditar, nem se estava realmente acordado. Também não entendia o que falavam ali, mas viu aquela velha horrível chegando perto das suas filhas, e pareceu criar coragem para enfrentá-la. — Leve-me, mas deixe elas em paz!

Mayara, pessoalmente, deu um tabefe no rosto dele, fazendo sair um filete de sangue da sua boca.

— Cale a boca, cari!

— Chega! — quem gritou dessa vez foi Claire. — Nós daremos a pedra a ela! Jussara, diga que daremos a pedra!

— Não vou fazer isso, Claire! — a índia respondeu. — Vocês não podem fazer isso!

— Elas vão matar todos vocês se não fizermos! Não posso permitir mais isso! — respondeu-lhe, chorando. — Por favor, Jussara. Não vou aguentar ver mais ninguém morrendo por minha causa! — sua voz era quase um sussurro choroso. Claire retirou o muiquirã do pescoço rapidamente, enquanto esticava a mão para a bruxa.

— NÃÃÃO! — gritou Jussara.

A índia teve suas cordas arrancadas e foi içada bruscamente a vários metros do chão, praticamente sendo dobrada ao meio e gritando de dor. Ouviu-se um tenebroso *crac*, que gelou a todos. Caiu logo após, completamente imóvel.

A bruxa finalizou:

— Cansei dos gritos dessa mulher.



## 19: DESPERTADA

O instinto veio, como da primeira vez que respirou na vida. Sugou o ar com toda a força que tinha, soltando-o logo em seguida para sugar de novo. Começou a ter certa consciência deste ato quando o repetira algumas vezes.

A dor que sentiu em seguida era a prova conclusiva. Ainda vivia. Tentou abrir os olhos, e viu o mundo de uma maneira única. Mesmo no escuro do jardim, percebia as milhares de nuances diferentes das vívidas cores das plantas. Podia ouvir a água avançando lentamente pelo canal ali perto. Era capaz de ouvir até o farfalhar das asas de duas borboletas que dançavam no ar, mostrando-se uma à outra, preparando-se para o acasalamento.

A sua pedra sagrada a salvara mais uma vez.

Levantou-se com um pouco de dificuldade. Seu corpo, mesmo com o poder do amuleto, ainda estava um pouco fraco. *Veneno poderoso. Mas não tanto quanto o poder dos deuses. Você errou, cari. Errou feio*, pensava, enquanto dirigia-se para os corredores do palácio. Uma das guerreiras de sua guarda pessoal a encontrou não muito tempo depois. Percebeu nos castanhos olhos brilhantes que algo estava errado.

— Akh'Mé... — disse, ao vir correndo em sua direção.

— Estou bem, Juína. O cari que veio me visitar. Mande toda a guarda atrás dele e dos seus homens. Espalhe a notícia de que ele tentou matar a Akh'Mé.

A garota arregalou os olhos, sem acreditar no que ouvia.

— Ande, mulher! Ele não pode escapar!

— S-sim, alteza. — respondeu, correndo em direção à saída.

Ci, por sua vez, seguiu em uma direção diferente. Para o norte, ao caranaí onde, sabia, uma grande amiga e conselheira estaria à sua espera.

---

A cena parecia rodar em câmera lenta. Ubiratã e Cauã gritavam e xingavam, desesperados. Cindy fechava os olhos, cheios de lágrimas. Bill, Itagi e Tom estavam em choque, com os olhos vidrados no local onde o corpo de Jussara jazia, inerte.

Rud jogara-se contra sua amada, tentando se libertar das amarras em seus pulsos para sacudí-la, abraçá-la. Mandá-la acordar. Conseguiu com esforço passar suas mãos para frente, e

segurou o rosto dela com força, balançando-o. Parecia falar, mas os sons eram muitos de uma só vez. Um barulho indistinto.

A dor sim, esta era palpável. Quase podia tocá-las. Vinha de todos aqueles que amavam. Uma dor sufocante. Não podiam continuar sentindo-a sem fazer nada. Suas vozes saíram diferentes. Sonoramente fortes. Elas sentiram o corpo esquentar por completo, mandando aquele frio embora. Sabiam que haviam conseguido.

— *Chega!* — disseram, juntas, na língua icamiaba. Desvencilharam-se sem problemas das cordas que as prendiam pelo pulso e pelos tornozelos. E, para surpresa de ambas, uma flecha de ponta dourada zuniu entre as duas, atingindo Mayara no meio do peito. Como só o aço icamiaba era capaz de atravessar dessa maneira o próprio material, a índia soube quem a matou. Tentou respirar uma última vez, mas não conseguiu. Caiu silenciosamente, primeiro de joelhos. Pareceu, no seu último suspiro, se desculpar. Depois deitou-se para morrer.

— Larguem as armas, suas traidoras, e não me façam pedir novamente! — gritou uma mulher, saindo da escuridão no momento em que dezenas de tochas eram acesas ao redor do grupo.

Ao ataque seguiu-se um pandemônio. A bruxa gritou algo indecifrável de uma maneira que os ouvidos de todos pareceram explodir, sumindo logo em seguida. Inúmeras panteras negras e onças-pintadas surgiram, com os olhos cinzas e sedentos de sangue, atacando as guerreiras por todos os lados.

Cher e Claire tiveram um leve vislumbre que as deixou confusas e maravilhadas o suficiente para esquecerem, por um breve instante, de tudo que estava acontecendo. Dentre todas as mulheres que surgiram no meio da escuridão, uma senhora que devia ter seus 60 anos parecia se destacar. A pouca luz das tantas tochas acesas e sua visão melhorada pelo amuleto mostraram que ela vestia uma espécie de roupa dourada e ricamente adornada. Cobrindo todo o tronco uma trabalhada trama de miçangas criava uma cota maleável e quase impenetrável. Alguns fios dourados criavam desenhos dos quatro elementos da natureza, envolvendo um imenso rubi circular, que ficava na altura do coração. Seus braços e pernas estavam protegidos por finas placas que pareciam ouro, também adornados. Na sua cabeça, uma espécie de tiara segurava diversos fios da mesma miçanga nas laterais. Era cravejada de rubis e envolvia sua testa. O rosto era todo pintado de ouro. Ela lutava graciosamente com uma espada, também dourada, e levava em seu pescoço, em destaque, um muiraquitã



idêntico ao delas. Os olhos dela finalmente as encontraram, e as três, por um instante, ficaram chocadas demais para se mover.

As duas irmãs estavam com seus olhos e o muiraquitã brilhando em um intenso verde. Tweekaci não precisava nem perguntar. Os olhos marejaram, bem como os de Cher e Claire.

— M-minhas filhas! Minhas filhas preciosas! — disse, sabendo que as duas entenderiam. Andou firmemente na direção delas, deixando a espada cair ao lado de Cauã. Uma das guerreiras o soltou, dando-lhe um punhal.

— Essa daqui não, guerreiro. Essa é da Akh'Mé. — disse-lhe. Cauã assentiu, tomando o punhal e soltando o resto do grupo.

Tweekaci abraçou as suas netas sem hesitação, tentando acreditar que, de fato, as duas estavam ali. E elas abraçaram-na de volta, chorando de emoção. Não precisaram dizer nada. O mundo acabava à toda volta, mas elas pareceram nem notar.

Ela afastou-se das duas, com um sorriso cansado.

— Guerreiras, protejam as herdeiras! — gritou aos quatro ventos com a força renovada. Em sua mente a profecia vinha à toda, mas não tinha tempo para meditar sobre isso agora. Tinha que resolver o problema com a medjia primeiro.— Preciso da ajuda de vocês, minhas filhas. — disse às suas netas.

Ambas assentiram, e voltaram à realidade. Ao prestarem atenção no que se desenrolava, viram que Tom e Cindy seguravam lanças e protegiam Rud e Jussara, que continuava sem acordar. Elas se olharam, resignadas. Não conseguiram ouvir nada. *Sua pulsação*, pensaram. O professor pareceu não se mover nem quando a batalha estourou do lado dele. Bill parecia perdido e atordoado, e olhava para as filhas com medo. Cauã, Ubiratã e Itagi haviam desaparecido no meio da confusão. Claire percebeu que o indiozinho estava em cima de uma árvore, atirando flechas precisas em alguns dos animais. Viu também que uma pantera corria pelo galho atrás dele, prestes a atacá-lo.

O impulso que deu faria qualquer competidor de salto em altura morrer de inveja. Subiu em um pulo os quase cinco metros que separavam o galho do chão, empurrando-a e caindo junto ao bicho do outro lado. Itagi levou um tremendo susto, mas colocou outra flecha no arco no segundo depois.

Cher foi até o seu pai e o abraçou. Ele continuava gelado.

— Vai dar tudo certo, pai. Eu vou te proteger.

Bill limitou-se a olhá-la, e em seus olhos ela viu terror. Ele estava em choque. Abraçou-o com mais força, tentando acalmá-lo.

— Preciso ir. Tenho que ajudá-las. — disse, ao que seu pai reagiu, segurando com força em seu braço.

— Não posso perder vocês. — disse, num sussurro. — Não posso... — Ele estava pálido e tremia. Cher nunca o viu daquele jeito.

— E não vai. — respondeu-lhe Cher. — Encontramos nossa avó, papai. A última coisa que queremos agora é morrer. A pedra irá nos proteger.

— A pedra. Sua mãe disse a mesma coisa. — desta vez ele pareceu voltar a si. Talvez a lembrança de Cecília fosse um combustível para sua mente. Olhou diferente para sua filha, como se a visse pela primeira vez como uma adulta, dona do seu próprio destino.

— O que a mamãe disse, pai? — Cher perguntou, de repente frágil. O pai nunca conversou sobre ela com as filhas. A emoção bateu forte no peito só pela menção à ela.

— Ela me alertou sobre tudo isso, filha. Ela me alertou, e eu não ouvi. Vocês são a chave, agora eu percebo.

Cher não entendia o que ele falava, mas percebeu que precisava ajudar.

— Tom! — gritou, ao que o amigo veio em sua direção. — Ajude ele, sim? Preciso ajudar as guerreiras.

— Aqui, Bill. Pegue.

Bill segurou a lança e pela primeira vez pareceu ter foco no que estava acontecendo. Olhou fundo nos olhos da sua filha e pôs sua mão nas bochechas dela antes dela desaparecer na confusão. — Eu confio em vocês, meu amor. — disse-lhe. — E sua mãe também confia. Façam o que precisam fazer. E tomem cuidado.

Cher sorriu, emocionada, e no segundo seguinte havia sumido. Bill respirou, segurou com força a lança e seguiu Tom até onde os outros se encontravam.

Cauã lutava no corpo a corpo com uma das traidoras, enquanto Ubiratã afastava com estocadas da sua lança duas onças que tentavam cercá-lo. Uma das guerreiras atirou uma flecha em um dos animais, e o outro correu em sua direção. O cacique aproveitou para ajudar seu irmão, e enfiou sua lança no flanco esquerdo da índia, na altura dos rins. Cauã cortou a sua garganta, e ambos foram ver se todos estavam bem. Encontraram uma pantera tentando atacar Cindy, que não sabia muito o que fazer com a lança. Mas, ao chegarem para ajudá-las, Itagi acertara uma flecha bem no dorso do animal, que tentou fugir, mas caiu morto alguns metros depois.

Claire saía de cima do corpo inerte do bicho que derrubara, morto na queda, e também ia até o seu pai, ver como estava. Esbarrou sem querer em Tom, e o segurou quando ele caía.

— Puxa, garota. Você está forte... — disse-lhe, voltando a se equilibrar e alisando o ombro.

— Deixa de ser mole, babão! — ela respondeu, sorrindo. O sorriso mais lindo que ele já vira na vida.

— É... Claire?

— Oi?

— Toma cuidado, tá? P-por favor...

Apesar do caos que os rodeava, por um momento — um singelo momento — os olhos encontraram-se, e Claire viu em seu amigo muito mais do que sempre havia visto. Em seus olhos, viu toda a sua sincera preocupação. Todo o seu amor.

— Eu vou tomar. — respondeu-lhe, dando outro sorriso, ainda maior. Mas este era diferente. Era, de alguma maneira, provocante.

Ele esqueceu-se completamente de que estava no meio de uma floresta gigante, entre a vida e a morte numa batalha de índias guerreiras contra panteras possuídas. Esqueceu-se que estava perdido, a milhares de quilômetros de casa, que estava sem comer e sem tomar banho. A única coisa que habitava a sua cabeça

naquele momento era o sorriso dela. Ele sorriu de volta, e tentou depositar nele todo o amor que sentia por aquela garota, tão forte e bela.

Claire estava sob o efeito da pedra sagrada. E, da mesma forma que possuía força descomunal e sentidos aguçados, seus impulsos e desejos também eram multiplicados.

Um impulso foi o que precisou. Sua única reação foi aproximar-se dele. E ao chegar tão perto que ambos sentiam a respiração um do outro, ela aproximou-se ainda mais, e encostou seus lábios nos dele. Deu-lhe um beijo simples, mas intenso. Tom sentiu seu corpo inteiro tremer e a sua boca arder. Claire parecia estar pegando fogo, e ele se queimaria feliz. Isso não importava. Nada mais importava naquele momento. Naquele singelo momento de alguns segundos. E tudo voltou ao normal, como num baque surdo e sem graça.

Ele abriu os olhos. Sentira uma espécie de empurrão. Olhou para Claire, e ela lhe retribuiu o olhar, perguntando silenciosamente porque ele a afastara de repente. Ela não entendera. Será que seu beijo foi tão ruim assim? Um filete de sangue saiu da boca dele, enquanto ajoelhava-se, perdendo a força das pernas e tossindo ainda mais sangue. Seu olhar era de medo.

Uma flecha estava fincada nas suas costas, bem na altura do coração. Ela não quis acreditar. Tom tentou lhe dizer algo, mas não conseguiu. Claire viu de onde a flecha veio quase instantaneamente. Uma guerreira, das traidoras, estava atrás dos dois, com um arco vazio na mão. Não chegou a atacá-la, já que Ubiratã dera-lhe uma estocada com a sua lança. O cacique olhou nos olhos da garota, triste. Queria lhe consolar e dizer que tudo ficaria bem, mas não era isso que iria acontecer, e Claire sabia.

Retirou a flecha das costas do amigo, que gemeu de dor, e colocou-o no colo sem esforço. Levou-o com toda a ternura que conseguiu para o lado de Rud e Jussara, e o professor pareceu sair do transe ao vê-lo daquele jeito.

— O que hou...

— Uma flecha. — respondeu, sem esperar que ele terminasse a frase. — Tom, por favor, não faz isso comigo! — a garota chorava. As lágrimas pareciam pequenas esmeraldas brilhantes ao passarem pelos olhos, acesos. — Por favor! Você não! — sua voz quase sumia, mas o brilho nos olhos permanecia forte.

Cindy correu até os dois, sem conseguir acreditar.

— F-finalmente consegui te salvar... — disse ele, com a voz quase sumida, tentando dar um sorriso. — M-meu bolso. — pediu. Claire buscou e encontrou um par de pequenos brincos feitos com

sementes. — Minha p-promessa. — disse, engasgando no sangue que lhe subia à boca. — S-sempre t-te am... Amei. — Puxou todas as forças para aquela última palavra.

Fechou os olhos sozinho. Se tivesse força suficiente, teria tocado no rosto dela, feito carinho como sempre sonhara em fazer. Mas a vida é surpreendentemente irônica, e o fez finalmente se declarar quando já era tarde demais para aproveitar.

*Ao menos consegui beijá-la*, foi o seu último pensamento, antes do cérebro se desligar por falta de sangue, e tudo escurecer.

— Por favor, Tom. Por favor! Você não! Você também não! — repetia, sussurrando, enquanto lágrimas caíam sem vergonha do seu rosto.

— Ah, não... — Cher finalmente percebeu o que havia acontecido. Estava ao lado da avó espantando várias onças de uma vez. Correu até onde sua irmã estava, e o choro veio com facilidade. Parou por um instante, chorando pelo seu melhor amigo. Puxou Claire e a abraçou, já que todos estavam chocados demais para qualquer ação. A irmã soluçava com força. Bill abraçou as duas.

— É uma cena muito tocante. — disse uma voz sussurrada e rouca que fez o ódio subir como fogo no corpo das duas. Algo lá dentro inflamou, e ambas atacaram ao mesmo tempo.



---

As suas folhas douradas eram ainda mais belas quando vistas pelos olhos dos deuses. E haviam centenas de tons diferentes, desde o ouro avermelhado ao mais amarelado, quase branco. Uma brisa perfumada rodopiou à sua volta enquanto ela se aproximava.

Sentou-se na posição mais confortável que encontrou aos pés da Mãe, e fechou os olhos. Tirou as sandálias e enfiou os pés na terra, úmida. Suas mãos tocaram com firmeza as enormes e enrugadas raízes. Ficou daquele jeito por alguns minutos, até ouvir a voz de quem veio procurar.

— O que perturba o coração daquela que carrega o poder dos deuses? — quem falava era uma mulher idosa, com cabelos rajados de cinza prateado e pele enrugada. Era cega e andava com dificuldades. Na sua mão, um cajado ainda mais alto que ela era seu apoio. Vestia uma túnica da cor da terra, e o único adorno que possuía era uma fina linha dourada em volta da cabeça.

— Minha amiga! — disse, levantando-se. Seguiu em sua direção e deu-lhe um abraço apertado. — Eu morri e voltei à vida esta noite, Málakha.

— Eu sei, minha filha. Eu sei. A Mãe me disse o que aconteceu. — respondeu a senhora idosa, sorrindo com poucos dentes na boca. — Mas também me disse que os deuses não a deixariam passar para o outro lado. Seu trabalho aqui ainda não acabou.

— Fico aliviada em ouvir isso.

— Mas não é essa a sua angustia.

— Você me conhece bem, amiga. Nunca tive medo de morrer, e não será agora que terei.

— O problema, então, é com o cari?

Ci assentiu, mesmo sabendo que ela não a veria.

— Eu não sei como me comportarei quando vê-lo.

— Ele não era apenas um homem para você, não é?

— Não, Málakha. É isso que me angustia. Eu não sei explicar como, mas nutria sentimentos pelo cari. Não deveriam existir, eu sei, mas lá estavam, sem que eu permitisse.

— Existem coisas que nem a Akh'Mé pode controlar.

— O ódio que estou sentindo, acho difícil conseguir controlar.

— Cuidado com os seus sentimentos, minha filha. A linha entre o ódio e o amor é muito tênue. E perigosa.

— O que farei, Málakha? É uma questão de tempo até que as meninas o achem. Em breve terei que tomar uma decisão. — Málakha deu um pequeno sorriso ao lembrar que Ci sempre chamou suas guerreiras de "meninas".

— Seja quem você sempre foi. Seja uma guerreira, mas antes de tudo seja a Akh'Mé, a mais poderosa e sábia coniupeiara que jamais houve e haverá. Você é a primeira de muitas que virão. E precisa deixar uma herança de justiça às suas filhas.

— Mesmo que essa decisão não seja a que o meu coração diz?

— O coração da Akh'Mé bate pelo seu povo.

— Ele tentou me matar. Eles tentaram.

— Os cari são fracos e gananciosos. Mas não todos eles. Assim como nas inúmeras tribos que aqui vivem, existem os bons e os maus. Não julgue todos pelo erro de um. Aquele em quem confiava lhe traiu e tentou lhe matar. Castigue-o, seja justa e aplique a lei dos deuses. Mas àqueles que nada fizeram, seja ainda mais justa, e saiba separar o sentimento. Existem dentre eles pais de família. Não são mais cari, e sim icamiabas. Para aqueles que pedirem perdão, dê-lhes o perdão. Para aqueles que seguem o líder, dê-lhes o mesmo castigo. Os deuses lhe ajudarão a aplicar a lei.

— Por favor, venha ao palácio nos primeiros raios da manhã. Gostaria de tê-la ao meu lado no julgamento.

— Como Vossa Graça deseja. Estarei ao seu lado sempre que precisar.

— Eu sei disso. Muito obrigada, amiga.

Ci a deixou com a Mãe e voltou ao palácio, sentindo-se mais forte. O veneno parecia já ter sido expulso de seu corpo. *Ótimo*, pensou. *Não aguento ficar parada*. Voltou ao palácio no momento em que duas guerreiras traziam Orellana pelos braços. Estava com a boca sangrando e com um olho roxo. Sua blusa também indicava que havia uma ferida na barriga, pois estava com um imenso círculo vermelho escuro. Incrédulo, olhou para Ci, que ainda usava o bracelete.

— Você realmente achou que sairia vivo daqui? — juntou as forças que não tinha para parecer indiferente diante dele. O nervosismo parecia quase latente quando o viu. Principalmente machucado daquele jeito. Retirou o bracelete na sua frente com um puxão que o quebrou em dois.

— Como é possível? O veneno era mortal!

— Continua sendo, não tenha dúvidas disso. — respondeu. Perceber que ele realmente não se importava com ela a fez ficar com mais ódio. — Felizmente o poder dos deuses é ainda mais forte. Você não sabe do que sou capaz, cari. Mas saberá. Aos

primeiros raios de Akh, você saberá. — disse, por fim, enquanto cuspiam em seu rosto.

— Tragam todos os cari. Todos serão julgados juntos ao líder.

— Será feito, Akh'Mé. — respondeu Juína, orgulhosa por ter sido a guerreira que encontrara o cari tentando fugir pelos dutos de água.

## 20: O JULGAMENTO

O grito era um. Unia toda dor, sofrimento e ódio que elas sentiam, intensificados pela pedra sagrada. E a natureza correspondia. Os quatro elementos respondiam a cada respiração, a cada batida de coração. A ventania levava o frio embora, a terra queria tremer, as árvores se debatiam. O fogo das tochas atiçava-se, cada vez mais brilhante. E a água caía do céu, com força e determinação. Jorrava sem censura nos corpos sujos e mutilados, nos moribundos e nos mortos. A força era tanta que doía. E elas gritavam.

A bruxa gritava de volta. Nunca pensara na possibilidade das garotas conseguirem destrancar o poder da pedra. Mas elas conseguiram. Seria muito mais difícil, mas ela ainda precisava tentar. As duas não sabiam o que fazer com tamanha força e poder. Ela sim. E essa poderia ser a última chance que teria.

Invocou a energia vital que tomara à força de todas as criaturas até aquele dia. Era o combustível que precisava para se tornar mortal novamente. Palpável, capaz de segurar a pedra e sugar o seu poder. Mas não voltaria a ser uma humana, fraca e velha. Cher e Claire perceberam a mudança repentina no ar, e o grito foi sufocado pelo terror.

Por mais incrível que parecesse, e os que estavam presentes e conscientes ainda acham que pudesse ter sido uma ilusão, começou a nevar na floresta. O vento incessante que soprava contra a bruxa agora vinha à seu favor. Pesadas pedras formadas pela junção dos flocos atingiam com força todos que presenciavam, perplexos, a paisagem tornando-se branca. O frio desceu como uma navalha, apagando o fogo e gelando os corações. E a bruxa transformou-se em seu corpo mortal; e mortalmente feroz.

Diante de todos, ficou de quatro, contorcendo-se e urrando em dor. Os braços e pernas ganharam tamanho de todos os lados, e a cabeça cresceu e mudou de forma, assim como o tronco. Um rabo cresceu atrás, completando a grotesca imagem de um imenso felino, tão alvo quanto a neve que caía sem dó.

A besta rugiu; um som que fez os ossos tremerem mais que o frio. Seus olhos eram de um cinza frio, opaco e sem vida. Ela não mais falava, mas as meninas ouviam sua mente. Um único pensamento: morte.

Atacou sem cerimônias. Cher, o primeiro alvo, subiu como um foguete quase dez metros até sumir por entre as folhas brancas na escuridão. Claire, em um rápido movimento dos braços que mais lembrou um passo de dança misturado com artes marciais, empurrou o grupo com seus amigos e seu pai para longe, usando

a própria terra embaixo deles. Tweekaci tentou avançar, mas foi contida por suas guerreiras. A única coisa que pôde fazer foi gritar, bem a tempo.

O felino voltou-se contra Claire, alcançando-a em um pulo. Ambas rolaram pelo chão, já coberto em branco. A garota a lançou a cinco metros de distância com os pés, enquanto Cher voltava e se jogava em cima dela.

Claire levantou-se e fez o fogo voltar em todas as tochas apagadas, queimando com uma intensidade que não achavam ser capazes de ter. O fogo clareou o suficiente para que a besta urrasse, fechando os olhos. Seu ódio aumentou, e ela conseguiu, com uma patada, jogar Cher contra o tronco de uma imensa seringueira que espatifou-se com o impacto.

— *CHEER!* — gritou a irmã, na sua voz alterada. A árvore caía por cima da garota quando Claire conseguiu saltar em cima dela.

A Dama da Noite aproveitou as duas irmãs juntas e parcialmente indefesas para dar o seu bote final.

— Nelas você não toca! — gritou Cauã, atirando uma flecha que atingiu-a na coxa. Não a machucou, mas conseguiu desviar sua atenção por tempo suficiente. As duas escaparam dos escombros com alguns cortes e atacaram-na. Um redemoinho de



neve formou-se na frente de Cher ao comando das suas mãos, que lançou-o contra a bruxa, enquanto gritava palavras indecifráveis. Várias pedras erguiam-se no ar pelo comando da sua irmã e eram arremessadas contra o animal, que tentava desviar. Mas, ao invés de atacar as garotas, ela correu no sentido contrário, em direção à Cauã. Pelo seu tamanho exagerado, quase o dobro de uma onça adulta, em três passos o alcançou, abocanhando seu braço com dentes enormes que saltavam da boca, como os de um tigre-dente-de-sabre. O índio foi arremessado vários metros no ar até cair, desacordado, em algum lugar na escuridão. O redemoinho atingiu a bruxa, que não conseguiu segurar-se no chão. Ela também foi arremessada até bater com força em uma imensa rocha que surgira logo atrás, desaparecendo no instante após o impacto, despedaçada em centenas.

Cher olhou em volta, desesperada, tentando encontrar Cauã. Sentiu sua pulsação fraca a quase vinte metros dali. Pareceu chegar em menos de um segundo ao seu lado.

— *Você está bem?* — a pergunta foi para tentar reconfortar-se. Sabia que ele não estava. Seu coração batia fraco. O braço mordido, as pernas e várias costelas estavam quebradas, e uma delas perfurou um pulmão. Da mordida jorrava sangue, e um pus

esverdeado formava-se. A carne ao redor parecia entrar em decomposição.

— *O que você fez com ele, bruxa desprezível?!*

Uma longa pausa seguiu à interrogação da garota. Alguns acharam que a bruxa pudesse ter desaparecido. Mas as duas sabiam que não. Ali, nos escombros, ainda podiam sentir a sua energia negra. O imenso coração da besta ainda batia.

— Menina tola! — respondeu, em uma voz fraca e quase sussurrada. — Será assim tão ignorante a sabedoria da pedra dos deuses?

A ironia da bruxa clareou a cabeça de Cher. Antes fosse. Mas, infelizmente, ela sabia o que estava acontecendo com o seu amado. Ele morria.

— Vejo que você não é tão estúpida quanto sua avó, Filha de Ci. Sim, o guacari vai morrer por sua insolência!

— *Cale a boca, desgraçada!* — disse-lhe Cher, fazendo o corpo mole e quase morto do animal erguer-se à frente de todos, flutuando no ar. — *Diga! Diga o que irá salvá-lo!*

A bruxa tentou rir. Respondia em pensamentos, uma vez que seu novo corpo mortal era incapaz de articular palavras.

— E o quê? Você me deixará viver? Eu sou imortal, pivete desprezível! IMORTAL! — o frio e o vento cortante voltaram com

força, mas Cher revidou. Com toda a força que juntou em seu coração, gritou a plenos pulmões e jogou todo aquele vento de volta. Sua irmã veio ao seu lado, segurou sua mão, e fez o mesmo.

A pedrinha no pescoço das duas brilhou com ainda mais intensidade, enquanto um redemoinho se formava em volta delas. Então uma luz branca e muito intensa brotou das duas pedras, atingindo o animal. Seu corpo inerte foi desintegrado, fazendo o espectro surgir novamente. O grito ouvido naquela hora talvez tenha sido o mais pavoroso que a bruxa já dera em toda a sua existência. Depois dele, ela não pôde dar mais nenhum outro.

---

Praticamente toda a população presenciava o evento, aos pés da imensa pirâmide onde a Akh'Mé residia e governava. Esperavam, ansiosos, pelo seu veredicto. Desde o nascer ao pôr-do-sol. Assim deveriam ser os julgamentos na cidade dos deuses, pois seriam aos olhos de Akh.

Ci, ornada dos pés à cabeça em pó de ouro e vestida com um longo vestido feito por milhares de finíssimos fios prateados

representava a justiça suprema, a união entre o sol e a lua. Usava em sua cabeça a tiara que pertenceu à sua mãe. Em suas mãos, o punhal representando o sacrifício e a espada representando a honra. No seu pescoço, brilhando levemente, o muiraquitã sagrado.

Ao redor do trono onde se sentava, os quatro dithres mestres dos caranaís dos elementais, bem como a Dithra-Mae, a grã-sacerdotisa que cuidava do templo do sol, olhavam com perplexidade para o pequeno bracelete dourado, partido em dois, que pousava no pedestal à frente de todos.

À sua direita, Málakha, dithra mestre do templo da terra e maior amiga, parecia ser a única pessoa no recinto a não demonstrar desprezo ou medo com o pequeno grupo de cinco moribundos que acompanhavam seu capitão no julgamento. Assistindo tudo no átrio estavam os membros do governo: intendentess, escribas e feitores se juntavam ao imenso grupo de dithres, guardas e guerreiras que completavam as testemunhas.

Orellana, que fora espancado na madrugada anterior pelas guerreiras, estava com o corpo cheio de hematomas, com alguns dentes faltando e uma perna quebrada, mas mantinha-se de pé, apoiando-se em seu orgulho ferido.

Durante toda a manhã, os dithres mestres proferiram acusações contra os cari. Exigiram a execução imediata de todos os homens que foram capturados junto ao traidor. Quanto à Orellana, exigiram que a Akh'Mé, pessoalmente, o executasse com a força dos deuses. Como exigem as leis icamiabas, foi designado uma sacerdotisa para a defesa dos acusados. Málakha foi a escolhida.

— Dou-lhe o poder de defendê-lo, minha amiga, e então veremos o que acontecerá. — disse-lhe Ci, ao anunciar a defensora.

Málakha concordou com a pena de morte ao traidor, sem contrariar as antigas leis icamiabas, mas pediu a prisão dos outros cari que não participaram ativamente da tentativa de assassinato. E exigiu ainda que fosse dada aos outros cari que aparecessem no futuro a escolha de permanecerem vivendo entre os icamiabas, se assim o desejassem.

— Não podemos confiar neles! — gritou um alto funcionário da plateia, seguido por um coro cada vez maior de apoiadores.

— Eles devem ser expulsos de nossas terras!

— Estão manchando a nossa dignidade com a sua barbárie!

— Por favor, icamiabas, acalmem-se! — disse-lhes Ci. Sua voz ecoava sonora dentro do palácio, e todos calavam-se diante da sua eloquência.

— Assim como qualquer contraventor das leis, o traidor e seus companheiros terão o benefício da defesa em juízo. É um direito de qualquer mulher, homem ou criança que cometa um crime em terras icamiabas, cidadão ou não. E a decisão final caberá ao colegiado dos dithres e à Akh'Mé. — disse, por fim, quando Akh alcançava o alto do céu. Ao levantar-se, todos na sala fizeram o mesmo, saudando-a, enquanto saía para os seus aposentos. O julgamento continuaria após o descanso do almoço.

Ci era lavada por duas criadas, que a ajudavam a retirar todo o pó de ouro do seu corpo. Na segunda parte do julgamento ela não precisaria encarnar o deus-sol, já que a hora de expor os crimes aos deuses passou. A partir de agora, seriam os homens, por intermédio dela, que decidiriam o futuro dos acusados.

Suas aias ajudaram-lhe a pôr um vestido de linho branco e leve, para que ela fosse até o seu jardim particular almoçar. A pequena mesa estava disposta com costelas de javali assadas em óleos aromáticos dos Andes e frutas em calda para a sobremesa. Ela sempre teve um paladar simples. Gostava da comida que o seu povo comia todos os dias, e não da que era servida com pompa no

banquete do salão do palácio, onde naquele momento os presentes no julgamento almoçavam e confabulavam para saber o que seria decidido naquela tarde. Obviamente, todos ansiavam pela morte do capitão Orellana. Muitos nem o conheciam, mas é comum ao ser humano apreciar a desgraça alheia.

Ela agradeceu em pensamento o fato de, ao menos em um banquete de julgamento, ela não ser autorizada a almoçar junto a todos. Nem a Akh'Mé nem o colegiado dos dithres poderiam se misturar até o fim do julgamento.

Seus pensamentos foram deixados de lado quando o seu convidado apareceu. Trajava a mesma roupa surrada que usava quando foi capturado. Mancava e precisava da ajuda de uma guerreira para andar.

— Obrigada, Juína. Agora fique de guarda lá fora. Ninguém pode saber que ele está aqui.

A garota assentiu, deixando Orellana na cadeira postada do outro lado da mesa.

— Eu conheço os meus direitos. Não poderia estar aqui em sua presença, Akh'Mé. — havia desprezo em sua voz.

— Se eu fosse você, Francisco, calaria a boca e só falaria quando eu permitisse. Creio que você pode imaginar do que sou capaz. — a voz constante e tranquila fez a ameaça soar pior.

Orellana apenas assentiu, fazendo o que Ci mandara.

— Eu vou direto ao assunto. O que passou na sua cabeça ao achar que poderia me matar? — perguntou, no mesmo tom.

— Não é certo uma mulher no poder. É contra as leis de Deus.

— As leis do seu deus não têm nenhum poder na minha floresta. Mas não é só isso, não é verdade? Você não é nem um pouco religioso.

— Você tirou a minha liberdade! Tirou a minha glória! — bufou, em uma explosão de fúria.

A expressão de Ci não alterou um milímetro.

— A liberdade que você tinha em Akh'Ar não lhe era suficiente?

Ele não respondeu. Virou o rosto, respirando rápido. Estava vermelho de ódio.

— Glória, você disse. Era o que você veio procurar na floresta, não é? Glória?

Depois de quase um minuto de silêncio quebrado aqui e ali por papagaios e macacos-prego, ele finalmente lhe respondeu.

— Com todo o ouro que existe, só em Akh'Ar, eu seria mais rico que todos os reis da Europa juntos. E ainda existem as pedras preciosas. Toda a madeira, as especiarias. Eu seria imperador do mundo!



— E eu que via uma pessoa tão diferente. — disse-lhe Ci, sincera. — Como me enganei.

— Você não sabe de nada da vida! Cresceu cercada por riquezas e proteção que muitos reis não possuem! Eu sou um nobre, mas a minha família quase perdeu tudo na guerra. Meus pais me enviaram para esta terra miserável, para que eu tivesse um futuro. E eu lutei muito para ter o que tenho! Sou um senhor com mais terras do que a minha família jamais teve! Mas de que isso vale, se não estou na Espanha? Aqui, fui apenas um capitão. E, depois, um prisioneiro de uma *mulher*! Tornei-me um pescador! Você tem noção do quão humilhante isso é para alguém da minha posição?! Ao menos acham que morri. Não seria capaz de suportar, caso descobrissem o que fui obrigado a fazer.

Ci ouviu tudo atentamente. E teve ainda mais pena daquele moribundo.

— Sabe, Francisco, você não seria um pescador para sempre. Mas creio que isso não importe. Sua vida terminou hoje, e toda a sua glória junto com ela. — disse, levantando-se. — Mas, não se preocupe. Nenhum icamiaba se dará ao trabalho de espalhar o que o capitão Orellana tornou-se depois de ser capturado. Você será lembrado pelo que sempre foi. Um hipócrita, mesquinho e pequeno ser humano, que mesmo depois da chance que demos,

ainda não aprendeu a valorizar o bem mais precioso que possui.  
Nos vemos daqui a pouco.

E saiu. Juína a encontrou no meio do corredor.

— Akh'Mé. — disse, fazendo uma reverência.

— Juína, quantos anos você tem?

A pergunta pegou a guerreira de surpresa.

— Vinte, Akh'Mé. A-algum problema?

— Não. Nenhum. Você é uma boa guerreira, Juína. Terá uma grande carreira pela frente. Por favor, leve o prisioneiro de volta à sua cela. Não irei comer. Se quiser, pode aproveitar o almoço.

— Sim, Akh'Mé. E o-obrigado. — fez outra reverência e saiu em direção ao pátio.

*Uma garota de vinte anos tem mais humildade do que um moribundo de quarenta. Quais são os valores desses cari, afinal?*  
Pensava, enquanto voltava ao seu quarto. Ao passar pela janela, teve um vislumbre da cidade que seu pai e todos os seus antecessores ajudaram a construir, e que agora era sua responsabilidade cuidar e fazê-la prosperar.

— Serei digna para o trabalho? — Perguntou-se.

— Só em se fazer esta pergunta, minha cara, você já está a meio caminho de uma resposta satisfatória.

Málakha a aguardava, sentada em um banquinho no canto escuro do quarto. Ci não se surpreendeu. A amiga conhecia os caminhos secretos do palácio melhor que ela.

— Você não deveria me ver antes do fim do julgamento.

— Ah, eu sei. Nem você deveria se reunir com o prisioneiro.

Ci deu um pequeno sorriso.

— Você não veio falar por ele, não é?

— Não, minha amiga. Aquela alma não tem nenhuma salvação no mundo dos homens. Vim por preocupação com você.

— Ficarei bem. — respondeu. — Espero.

— Eu sei que vai. Eu vi. Você é muito mais forte do que até você imagina. Mas a preocupação, ainda assim, existe. Seja justa, pequena. Deixe o seu pai orgulhoso.

— Deixarei. — respondeu, com uma lágrima caindo na bochecha. — Ele, e você.

Málakha deu um sorriso cansado, e tocou seu rosto com a mão, limpando a lágrima com o polegar.

— Você tornou-se uma bela mistura de Ci e Amanaci. — disse-lhe, enquanto saía do seu quarto. Ci passou quase vinte minutos soluçando, lembrando dos seus pais. Foi pensando neles que tomou a sua decisão.



## 21: O PODER

Ao grito seguiu-se um estrondo. Tudo tremeu em um turbilhão de caos. Até as duas caíram, e pareceram apagar por um momento. Claire foi a primeira a despertar.

— Cher, você está bem? — perguntou, ainda deitada, àquela que estava ao seu lado. Ouviu um grunhido de resposta, seguido de uma tosse. Agora ela percebia, havia fumaça no ar. Fumaça densa e negra. Ou talvez fosse só a escuridão do último suspiro da madrugada. O sol estava prestes a nascer.

Ao despertar, Cher levantou em um pulo e caiu logo em seguida, tonta.

— Hei, calma aí. — ordenou-lhe Claire.

— Cauã... — foi só o que ela respondeu, levantando-se novamente. Engatinhou até onde o índio estava. Ele não parecia respirar.

— Não... — uma lágrima passou limpando sua bochecha. Tentou ouvir sua pulsação, mas era tão difícil sem o poder do muiiraquitã! — Por favor, Cauã. Você não! Eu não vou resistir, não vou... — dizia, enquanto tentava fazer massagem cardíaca e respiração boca a boca.

Aos poucos, os sobreviventes despertavam. Bill sentia a cabeça pesada, e percebeu que sua nuca sangrava. Cindy, em choque, continuava de joelhos, fitando o corpo de Tom. Rud fazia o mesmo, mas com Jussara.

Twekaci surgiu na escuridão, enquanto tochas voltavam a ser acesas ao redor do grupo. As guerreiras também despertavam.

— Guipara, espalhe a ordem. Abram um perímetro seguro ao nosso redor. Não temos certeza se a medjia realmente se foi. — disse à guerreira, que estava ao lado de Rud, sem saber o que fazer para ajudá-lo.

— Sim, Akh'Mé. — respondeu, com uma reverência, e saiu. Em poucos minutos as tochas se distanciavam. A Akh'Mé, pessoalmente, acendeu uma tocha ao lado das netas.

— Minhas filhas...

Claire olhou para a avó, desapontada. Não entendeu o que ela dissera.

Twekaci ajoelhou-se ao lado de Cher, que chorava e continuava a fazer massagem cardíaca em Cauã.

— Isso não adiantará, minha filha. Ele foi ferido por magia negra. Só existe uma coisa que poderá salvá-lo.

— Então diga-me, vovó. O que quer que seja, e eu farei. — respondeu. Seus olhos brilhavam novamente.

— Não importa o quê?

— Não.

— Não. — respondeu Claire. Seus olhos também brilhavam na mesma intensidade dos da irmã.

— Só a magia dos deuses poderá salvá-lo. Vocês estão prontas para desistirem do poder sagrado em nome deste índio? Estão dispostas a renunciar ao poder herdado para salvá-lo?

— O que precisamos fazer? — responderam em uníssono. Não para ponderar se valeria a pena, mas para não perderem tempo.

— Entreguem-me o muiraquitã. — respondeu, orgulhosa. Muitos hesitariam diante àquela pergunta.

As duas tiraram a pedrinha do pescoço, e seus olhos pararam de brilhar na mesma hora.

Twekaci segurou uma parte do amuleto em cada mão. Fechou seus olhos e sentiu, depois de muito tempo, o poder. A pedra sagrada brilhou fraca, aumentando gradativamente de intensidade.

A Akh'Mé levantou seus braços lentamente, entoando cânticos em uma língua estranha, que nenhum dos presentes conseguiu entender. Quando suas mãos se uniram, a pedra soltou um brilho branco intenso que pareceu clarear a floresta inteira por um instante, liberando uma onda de calor.

A pedra, inteira, brilhava mansamente na palma da mão da índia.

— Que Ya’Ci, a deusa da noite e da lua, nos dê a graça de salvar a vida do guerreiro que, por tantas vezes, salvou as Filhas de Ci. — terminando a prece, ela abriu os olhos e encostou o talismã no peito do índio.

A pedra acendeu, mas não com a luz esverdeada a que estavam acostumados. Ela brilhou em uma luz amarelada, da cor do fogo. Após alguns segundos Cauã acordou, gritando. Parecia possuído, contorcendo-se em dor.

— Calma, Cauã! — disse Cher, preocupada. O índio gritava cada vez mais. — Vovó, o que está havendo?! — perguntou à Tweekaci, que apenas olhou-a com ternura, pedindo que se acalmasse.

— Calma, meu amor! Vai dar tudo certo. Vai passar, vai passar... — dizia-lhe Cher, com olhos marejados, enquanto o índio gritava ainda mais. Cindy pareceu sair de seu transe, e olhou para onde as amigas estavam. Sua mão não soltava a de Tom. Ubiratã sentou-se ao lado de Cher, acalmando-a.

— Cher, sua avó disse que isso iria acontecer. Só nos resta esperar e torcer para que meu irmão aguente. — disse-lhe, tentando ao mesmo tempo se convencer disso.



Bill foi amparado por Claire, que enfaixou a sua cabeça, ainda tremendo por tudo que aconteceu, enquanto a irmã chorava e Cauã gritava. Os dois ficaram abraçados. Ela não conseguia olhar para o corpo de Tom, estendido ao seu lado. Só conseguia continuar o choro interrompido pela morte dele.

Foram quase três minutos de agonia, até Cauã desmaiar com a dor. A pedra sagrada continuou brilhando com mais e mais intensidade, até ficar inteiramente branca. O corpo de Cauã também estava envolto pela mesma luz que, de tão intensa, ninguém conseguia enxergar mais nada. Então apagou, e o muiiraquitã não mais estava lá.

Twekaci suspirou, resignada. Já sabia que isso iria acontecer.

Cher ficou tão atordoada quanto os que ainda prestavam atenção em tudo que acontecia.

— Akh'Mé, a pedra... — perguntou Guipara, que voltava ao seu lado.

— Eu sei. Era o que precisava ser feito para salvar a vida do guerreiro.

— Sim, Vossa Graça. — respondeu, ainda confusa. O que aconteceria agora?

Cher ficou um pouco receosa, mas ainda assim encostou seus dedos na garganta de Cauã, e suspirou aliviada quando sentiu a

sua pulsação. Claire veio ao seu encontro, abraçando-a com força. Elas se olharam.

— Vai ficar tudo bem. — Cher disse-lhe, encontrando forças de lugar nenhum.

---

Todos esperavam ansiosos pelo veredicto. Akh já havia atravessado todo o seu caminho, e preparava-se para sumir, dando lugar aos deuses da noite. Tanto a corte, que abarrotava o grande salão, quanto o povo, que enchia a praça em frente ao palácio, murmuravam e discutiam sobre o que aconteceria com os seis cari acusados de alta traição e tentativa de assassinato.

Ci passara quase duas horas reunida com os dithres mestres. Sua entrada no grande salão calou todos os presentes imediatamente. Um corno soprado do lado de fora anunciou que a hora chegara, e o povo também calou-se.

A Akh'Mé voltara a segurar o punhal e o cetro, e vestia o mesmo vestido prateado da manhã. O muiiraquitã e os seus olhos brilhavam na mesma intensidade. Com exceção da guarda real,

todos os presentes ajoelharam-se em respeito. Dois sopros do lado de fora, e toda a população fez o mesmo.

— Povo icamiaba. Aqui quem vos fala é a Akh'Mé. Venho anunciar que tenho o meu veredicto. — dizia com a voz que mais parecia um trovão. — Por favor, levantem-se. Que os acusados deem dois passos à frente.

Assim Orellana e seus homens fizeram.

— Muitos aqui gritam palavras de ordem e clamam por uma justiça que está equivocada. — começou Ci. — Equivocada sim, pois não se deve julgar todos pelo erro de um. Não se deve presumir a condição de muitos pela maldade de um.

O burburinho foi inevitável, mas cessou quando a Akh'Mé continuou.

— Não foram os cari que assassinaram meus pais. Não foram os cari que destruíram seu líder, que o traíram. Em quê, eu pergunto, somos melhores que eles? Em quê somos diferentes deles?

“O ódio está no coração de todos os humanos. Não são os cari mais merecedores do castigo do que cada um de nós. E não serão julgados e penalizados por algo que não fizeram parte.”

O falatório foi ainda maior quando Ci pausou a sua fala. Até os homens de Orellana se olhavam, perplexos.

— Por favor, silêncio. — A reverberante voz calou a todos instantaneamente. — Àqueles cari que vivem ou viverão entre nós e que nada tiveram com o atentado, dou a minha palavra de que continuam livres para viver entre os icamiabas como cidadãos. Estão livres até para irem embora, se for de sua vontade. Mas, lembrem-se. As mesmas leis que garantem a proteção e o segredo da Cidade dos Deuses vale para vocês. Aqueles que as quebrarem sofrerão com a sua ira.

Alguns levantaram a voz no meio da multidão, indignados. Foi necessário que algumas guerreiras intervissem. O princípio de confusão foi logo abafado. Ci aguardou calmamente até que não ouvisse mais nada.

— Aos cinco que participaram de alguma maneira do delito, conspirando com Orellana, condeno-os à prisão perpétua nas masmorras de Tekum. E não se enganem, as masmorras daqui parecerão palácios. — Tekum era uma antiga cidade icamiaba que ficava longe de Akh'Ar e era chamada de cidade dos espíritos. Foi para lá que foi enviada Fula, a assassina do pai de Ci.

— E para o mentor e executor da tentativa de assassinato, do meu assassinato, condeno-o à pena máxima. A você, Francisco de Orellana, sentencio a morte. Reze para os seus deuses, se assim o preferir. Terás a sua última refeição e serás sacrificado quando

Ya’Ci estiver no alto do céu. E eu mesma farei questão de empunhar a arma.

Desta vez, a população clamou pela morte de Orellana, gritando e comemorando. Ele, por sua vez, continuava encarando Ci, que retribuía o seu olhar. A corte batia palmas e gritava palavras de ordem para o condenado, que foi levado por duas guerreiras de volta à sua cela. Em todo o tempo ele não disse nada, apenas ficou encarando a Akh’Mé.

Alguns membros do governo vieram parabenizá-la pelo excelente discurso, e ela agradeceu educadamente, não se demorando. Não aguentava as falsas congratulações. Sabia que a grande maioria queria, pelo menos, a expulsão dos cari.

— Você falou bonito, minha filha. — disse-lhe Málakha, quando grande parte já havia deixado o salão. Restavam as guerreiras, que inspecionavam todos os cantos.

— Espero ter feito a coisa certa. — disse, insegura. Málakha era a única que confiava o suficiente para ser sincera quanto a isso.

— Isso só o tempo dirá. Mas você fez o que o seu coração e a sua mente pediram. E isso, com certeza, é a coisa certa. — disse-lhe, com um sorriso. — Preciso voltar ao templo para os preparativos. Esteja forte até o fim, minha filha. Você fará algo que nunca fez antes.

— Não é a primeira vez que tiro a vida de um ser humano. Você sabe muito bem disso.

— A morte pela guerra é uma consequência. Já o sacrifício é algo diferente. Principalmente quando o sacrificado é alguém que nos importamos.

Ci não respondeu. Queria dizer que não importava-se com Orellana, que ele tentou matá-la. Mas não conseguiu. Limitou-se a assentir com a cabeça. Deu um beijo na testa de Málakha e saiu, seguida por suas protetoras. O que Málakha lhe disse a fez pensar. Será que realmente conseguiria?

*Você é forte, Ci. Mais forte do que imagina,* disse a si mesma. Torcia para que fosse verdade.

## 22: A PROFECIA

O sol nasceu na floresta, aquecendo corações e mentes despedaçados. Muita água de uma neve improvável ainda pingava das folhas, embora a chuva já houvesse cessado.

A carroça puxada pelos catetús foi usada novamente. Nela deitavam-se Cauã e os corpos de Jussara e Tom, envoltos por uma manta de folhas. Claire fez questão de cobri-lo pessoalmente. Foi também a garota que fechou seus olhos e limpou seu rosto. O rosto que não mais sorriria.

Das traidoras, algumas conseguiram fugir e outras renderam-se. Foram amarradas da mesma forma que fizeram com os índios guacaris. Andavam atrás do comboio das guerreiras que escoltavam a Akh'Mé, as Ya'Més e os outros. Algumas delas voltaram para o acampamento, afim de libertar os prisioneiros guacaris. Ubiratã também queria voltar e ajudar o seu povo, mas não conseguiu sair de perto da sua família. Itagi ofereceu-se para seguir as guerreiras, e o tio assentiu. O menino amadureceu o suficiente nesses últimos dias.

O grupo seguiu caminhando até o local onde os catetús esperavam. Dois mensageiros aguardavam as ordens, dadas por Tweekaci.

— Voem até Akh'Ar. Avisem que existem feridos, e que deixem tudo preparado. Chegaremos até o meio-dia.

Os dois assentiram, já a meio galope pela trilha, que mais parecia uma estrada aberta na floresta. O grupo, por sua vez, seguiu o caminho que levava até o rio. Demoraram cerca de meia hora até encontrarem o *Boto Dourado*, a bela galé real, atracada em um pequeno lago escondido.

O barco possuía cerca de 70 pés em um corpo delgado que mais parecia uma lança. Tinha uma fileira de dez remos em cada lado do convés, além de um mastro central onde uma vela dourada repousava.

— É a melhor maneira de se chegar em Akh'Ar. — disse Guipara. — O *Boto Dourado* é o nosso barco mais rápido.

— Como eu nunca vi algo parecido? — perguntou Ubiratã, esquecendo por alguns instantes toda a sua dor, maravilhado com a beleza dos adornos em ouro que cercavam todo o casco e o mastro.

— Os barcos grandes raramente deixam nosso território, justamente para não chamarem atenção. Mas, pelo visto, a Akh'Mé não queria perder tempo.

E assim embarcaram, e em menos de cinco minutos já estavam à toda velocidade rio acima.



---

— Está na hora, Ci.

A índia parecia resignada, mas um nervosismo ínfimo insistia em deixar seu estômago revirando. Acenou à Malakha em resposta, levantando-se. Vestia a manta sacrificial feita com milhares de pequenas penas de prata e jade que a tornava a representação de Ya’Ci para, assim, cumprir o sacrifício. Usava também uma tiara com vários cordões prateados que escondiam-lhe o rosto. *E assim ele também me verá pela última vez. Com todo o meu esplendor*, pensava, enquanto dirigia-se ao pátio externo, onde uma multidão a aguardava. Quando o cortejo real cruzou as muralhas e saiu para a cidade, o povo explodiu em gritos de viva e aplausos para a Akh’Mé, a primeira Filha do Sol, que provava o seu valor através da aplicação da lei mais absoluta do povo icamiaba.

Milhares de tochas e fogueiras iluminavam a estrada de pedra que levava ao grande lago. Entre as guerreiras da sua guarda pessoal, que envolviam a Akh’Mé montada em seu belo catetú

caramelo, Ci tentava manter-se firme. *Sou forte o suficiente*, pensava. *Preciso ser*.

O cortejo chegou até a barca de sacrifícios, uma imensa jangada feita com galhos da Mãe, a imensa árvore do caranaí da terra que, diziam, ser a primeira de todas as árvores da floresta. Nela, apenas a Akh'Mé e o prisioneiro embarcariam em direção ao centro do grande lago Ya'Ci-Uaruá, onde ela faria a oferenda aos deuses.

Ci embarcou primeiro, rezando um mantra. Toda a população se calara para ouvi-la. Os ventos e as águas também pararam naquele momento. Com a sua autorização, Málakha também embarcou, levando consigo o punhal dos sacrifícios. Ao se ajoelhar diante dela, a dithra a abençoou e entregou-lhe a arma.

— Não a lembre pelo que ela fez. Não foi o aço que matou seu pai, mas a mão que a empunhava. — disse-lhe baixinho, e só ela ouviu.

De fato, Ci pareceu ter travado ao tentar pegar o punhal das mãos de Málakha. Segundo contavam os antigos, a bela peça tinha a lâmina feita de um metal caído dos céus. Tinha uma cor esbranquiçada e leitosa, como a da lua. Alguns diziam também que ela possuía propriedades mágicas, já que sempre permaneceu afiada como uma navalha e, à luz do luar, parecia brilhar. As

inscrições feitas em todo o seu corpo eram em runas antigas, dos primórdios da civilização icamiaba. Nem os poucos que sabiam falar a língua antiga decifravam aqueles símbolos. Isso ajudou a crescer a lenda de que aquela lâmina tinha poderes. Isso e o fato de ter servido durante toda a história dos icamiabas como a arma sacrificial, tornando-a a lâmina que mais tirou vidas. Inclusive a do seu pai.

A Akh'Mé respirou fundo e a recebeu, fechando sua mão com força no cabo. Málakha desceu da barca, e duas guerreiras empurraram Orellana para dentro. Ci estava de costas para ele e para todos os que presenciavam a cerimônia. Seu olhar estava fixo à frente, para o seu destino. *Vamos acabar logo com isto*, pensou, e as águas lhe obedeceram. Sem remadores, a barca começou a flutuar lago adentro, apenas com os movimentos ondulatórios invocados pelo poder da pedra sagrada.

À medida que a terra ficava mais e mais longe, já não era possível ouvir qualquer coisa ali dita, e Ci sabia disso.

— Espero que você tenha aproveitado suas últimas horas. — disse, ainda sem olhá-lo. — Apenas a luz da lua os clareava àquela distância.

— Espero que você apodreça. — ele era só ódio.

Ela não sabia porquê, mas aquelas duras palavras ditas pelo espanhol ainda doíam em seu coração.

— Não se preocupe. Um dia hei de apodrecer, como todos nós. Mas eu serei lembrada pelo meu povo e por todos os povos da floresta. Daqui a mil anos, ainda cantarão os feitos históricos da primeira Akh'Mé. Quanto a você, Francisco, farei questão de simplesmente deixá-lo morrer na minha cabeça. E, pouco a pouco, você será mais um moribundo esquecido pela história. — ela não sabia se todas aquelas palavras iriam atingí-lo, mas sentiu-se bem em dizê-las.

— Adeus, Francisco. Entrego-o à rainha das águas, para fazer bom proveito das suas tripas. — a um movimento de seus braços, Ci fez duas ondas chocarem-se contra a barca, fazendo o homem vacilar, amedrontado. Quando deu por si e a olhou novamente, ela se encontrava a apenas alguns centímetros. Sem dizer nada, enterrou com força o punhal direto no seu coração. Ele olhou para baixo, vendo seu sangue escorrer pela ferida enquanto Ci puxava a lâmina. Foi um golpe rápido e limpo, que mal deu tempo de sentir. Orellana olhou em seus olhos mais uma vez, e Ci percebeu a sua confusão. Era como se não entendesse porque aquilo aconteceu. Ele ajoelhou-se, tombando para o lado logo em seguida.

— Por favor, Ara’Ci. Leve-o consigo. — Ci sussurrou. Uma onda maior atingiu a barca, varrendo o corpo inerte do conquistador espanhol com ela. A última imagem que o espanhol viu foi o de incontáveis seres estranhos nadando com rapidez até ele. Antes de fechar os olhos, pensou ter visto um vislumbre dos cabelos loiro-esbranquiçados da deusa que conheceu no caranaí.

Na manhã seguinte, Ci observava a cachoeira de perto. Estava sentada ao lado da grande escadaria que levava ao caranaí do ar.

— O nosso caranaí foi o único que o cari não visitou. — disse-lhe o dithre que cuidava do lugar. Era um senhor já muito idoso de nome Kiri. Ci gostava de visitá-lo no topo da montanha, no templo, quando era criança. Ele sempre tinha uma boa história para contar. — Creio que ele não quis subir tantos degraus.

— Talvez não achasse que fosse encontrar algum tesouro lá em cima. — comentou. — Os olhos do cari só enxergavam o ouro e o poder.

— Realmente, lá ele não encontraria nenhuma dessas coisas. — disse-lhe o velho. — Mas talvez encontrasse algo bem mais valioso. Talvez visse, finalmente, a verdade.

— Para ele a verdade não era importante.

— É uma pena, jovem Akh’Mé. É uma pena.

— Kiri, preciso do favor de um amigo.

— Alguns dizem que os filhos do sol não pedem favores. Eles mandam.

Ci não pôde deixar de sorrir.

— Acontece que eu não sou um filho, mas uma filha. As mulheres são mais educadas.

— Neste caso, ficarei imensamente feliz em ser útil. — respondeu, fitando-a. Seus olhos pareciam leitosos, atingidos pela catarata.

— Eu preciso que o templo do ar seja a nova morada da Profecia.

O velho pareceu arregalá-los.

— A Profecia já teve muitas casas nos muitos milhares de sóis em que existe. Tenho certeza que o caranaí do ar nunca foi uma delas. O deus Póro nunca precisou envolver-se com tais assuntos.

— E não é minha intenção fazê-lo precisar. O cari acreditou que o ouro fosse a nossa maior riqueza. Mas haverá o dia em que a cobiça alcançará a nossa cidade, e neste dia, a Akh'Mé precisará ter certeza de que o nosso maior tesouro estará protegido. E é por isso, Kiri, que confio a você guardá-lo em um lugar onde ninguém possa encontrá-lo.

O dithre pareceu pesar cada palavra dita antes de responder.

— É uma tarefa difícil, Akh'Mé. Temo não estar à altura de tamanha responsabilidade.

— Uma amiga certa vez me disse que, só de pensar isso, você seja a pessoa certa. Obviamente, não é a segurança do caranaí *em si* que procuro. E só nós dois, Kiri, poderemos saber do paradeiro dela.

— Há muito não sou jovem, mas ninguém conhece melhor estas montanhas. Encontrarei um lugar, e o deus dos ventos guardará este segredo conosco. Você não tem nada a temer.

— Fico feliz com isso. — respondeu-lhe, dando um beijo na sua bochecha. — Precisa de ajuda para subir?

— Meus ossos já não são os mesmos, é verdade. Mas no dia em que não puder mais subir para o meu lar, temo que estarei morto.

— Achei que a resposta seria essa. — disse-lhe Ci, sorrindo.

Kiri morreu semanas depois daquela conversa, mas cumpriu a promessa feita à Akh'Mé. Em seu leito de morte sussurrou a ela a exata localização do esconderijo. Ela sorriu ao ouvir. A Profecia era como chamavam uma pequena arca onde foram guardados os pergaminhos com os segredos que os deuses deixaram aos icamiabas. Chamavam-na assim pela importante profecia que guardava a respeito do futuro de Akh'Ar e que só os governantes

e os sumo-sacerdotes tinham conhecimento. Retiraram a arca da sua suntuosa câmara dourada no caranaí de Akh e a esconderam nas montanhas rochosas a oeste do vale. Uma réplica foi posta em seu lugar.



## 23: TOM E JUSSARA

Akh brilhava com força no alto do céu quando a embarcação da Akh'Mé saiu da caverna escura para a claridade do lago Ya'Ci-Uaruá. Diversas gaiivotas e outras várias espécies de aves aquáticas que só existiam por lá revoaram com o susto, enquanto descansavam do almoço. O barco navegou mansamente, agora ajudado pelos ventos, até ancorar no cais. A guarda real, liderada por Guipara, desembarcou primeiro. E, enquanto o povo se reunia em volta do espaço que as guerreiras abriram, viram com assombro alguns cari caminhando ao lado da Akh'Mé.

Ao longe, no caranaí de Akh, a Dithra-Mae observava o curioso grupo vindo em sua direção. A visão de duas crianças idênticas fez seu coração quase sair pela boca. Precisou ser amparada, pois ameaçou desabar.

Olhou, espantada, para o servente que a auxiliou a não cair, e ele a largou de imediato.

— P-perdão, minha senhora. — respondeu, ajoelhando-se na sua frente para depois sumir dali.

— Duas meninas. Duas meninas iguais. Não pode ser só uma coincidência. — disse, para si mesma. — Preciso tomar algumas providências.

Enquanto desaparecia, descendo as escadas que davam para o seu salão particular, outra pessoa ouvira atentamente o que ela falara, achando estar sozinha. Um homem alto e magro que passava por perto sem ser anunciado e vira o mesmo que a sacerdotisa. Quase não conseguiu segurar um sorriso malicioso.

---

Já era noite quando finalmente se encontraram. Após chegarem na imensa pirâmide que servia de palácio, precisaram subir os mais de duzentos degraus que levavam aos aposentos privativos. O curandeiro pessoal da Akh'Mé deu a todos chá de sonhos, e eles dormiram quase que instantaneamente.

Abatidos, se juntaram em um belo jardim construído na parte externa daquele nível, onde repousavam os corpos de Tom e Jussara. Ambos estavam limpos, vestidos em belas peças icamiabas e pareciam serenos, como se estivessem dormindo. Em volta de seus corpos muita palha seca, pronta para ser acesa.

Não houve nenhum discurso ou pompa. Assim que todos apareceram, tirando Cauã que ainda estava desacordado, Claire e

Ubiratã se aproximaram com tochas acesas. Deram as mãos e, juntos, acenderam a pira.

Claire abraçou sua irmã e sua amiga, e as três choraram mais uma vez pelos dois que ali jaziam. Ubiratã encontrou conforto num inesperado abraço de Guipara. Rud passou a cerimônia inteira fitando o vazio. Continuava no mais absoluto choque.

— Que Ya’Ci eleve seus espíritos dentre os mais nobres. Aqueles que se foram lutando por Akh’Ar e pelas Filhas de Ci jamais serão esquecidos. — disse Tweekaci. Deu um demorado abraço em suas netas, depois em Ubiratã, e se recolheu. Aos poucos, os presentes foram saindo. O último a permanecer no jardim foi Rud.

— Estamos aqui por você. — disse-lhe Cher, baixinho, antes de sair. Deu um apertão reconfortante em seu ombro.

O professor, uma vez sozinho, olhou para o lugar onde Jussara e Tom agora nada mais eram do que ossos e cinzas, e uma lágrima caiu rolando por seu rosto.

---

Ao acordar, não soube dizer se ainda dormia e presenciava um sonho, ou se havia morrido e estava em um lugar melhor. Repousava sobre uma cama macia, com almofadas na cabeça. Era um lugar fechado, mas haviam imensas janelas por onde a brisa e o sol passavam. E haviam pedaços de pano muito finos que tentavam bloqueá-los, sem muito sucesso. Aquela dança de tecidos o fez adormecer novamente. Sonhou com uma besta gigante e branca, que arrancava o seu braço. Despertou novamente, assustado. Ainda estava no mesmo lugar. Pela luz, pareceu que o sol acabara de nascer. Ou de se pôr; não soube dizer. Sua boca estava seca e rachada, e a cabeça rodopiava. Ao tentar levantar-se, uma dor lancinante cobriu-lhe os sentidos, e a primeira lembrança assaltou-lhe a mente. A medjia realmente o atacara. Parecia que perdera o braço. Olhou-o, preocupado, mas ele estava lá. Parecia intacto, exceto por uma cicatriz com a forma da mordida. Percebeu que estava faminto, e pelo gosto que sentia na boca, deve ter vomitado.

— A quanto tempo? — perguntou ao vento. E este lhe respondeu.

— Dois sóis e duas luas.

Assustou-se com aquela voz repentina. Não via ninguém ao seu lado. Mas um índio apareceu em seu campo de visão. Estranhou suas vestes. Nunca vira um índio se vestir daquele jeito.

— Não se preocupe, guacari. Sou apenas um curandeiro. Você dormiu por dois dias inteiros, e ainda deve estar muito fraco. Não tente se levantar, mandarei trazerem comida e bebida para você.

Ele obedeceu, mas porque realmente não conseguiria se levantar sem desmaiar. Percebeu que, se ficasse quieto, não doía tanto.

Ouviu, alguns minutos depois, a porta do seu dormitório abrindo-se, e viu que era o seu irmão.

— Que alívio vê-lo acordado. — disse-lhe Ubiratã. Trazia um sorriso cansado no rosto.

— Onde estamos? Quem era aquele que estava comigo? O que aconteceu...

— Calma, meu irmão. Contarei tudo. Bom, você provavelmente não acreditará, mas estamos em Akh'Ar.

Cauã arregalou os olhos, incrédulo, mas nada disse.

— Aquele que cuidou de você é um dos curandeiros da Akh'Mé. Seu nome é Maripuana.

— E quanto à Cher? Como ela está? Conte-me o que aconteceu, irmão.

— Contarei. Mas tudo a seu tempo. Primeiro, você precisa comer. Depois conversaremos. Existem outras pessoas que esperaram aflitas pelo seu despertar.

---

— Ele gostaria tanto daqui. — comentou Claire, e novamente começou a soluçar. Cindy limitou-se a abraçá-la. Não sabia mais o que dizer, e acabava por chorar também. As duas passeavam nos bosques do palácio, e haviam parado na beira de um dos vários canais, observando o vai-e-vem das canoas, que carregavam legumes, cereais, peixes, peças de cerâmica e índios para todos os lados. O sol já nascera há algumas horas, e a cidade estava em plena atividade.

— Parece que Cauã acordou. — disse Bill, ao encontrar as duas no jardim.

— Cher deve estar aliviada. Mal saiu de junto daquela cama ontem. — comentou, enxugando as lágrimas.

— Meninas, conversei com Ubiratã e decidimos dar uma volta pela cidade. O que acham? Precisamos espairecer um pouco.

Mudar os ares. — disse. Aos poucos, ele voltava a se centrar. Já haviam chegado há dois dias, mas só fizeram descansar. Ainda não houve tempo para conhecer nada fora do palácio além do que viram quando chegaram.

— Tom não ia querer te ver desse jeito, amiga. — comentou Cindy, tentando soar forte e arrumando seu cabelo atrás da orelha. — Você sabe disso. Além do mais, ele provavelmente iria muito querer desbravar toda essa cidade.

— Com certeza! — respondeu Claire, sorrindo e soluçando. — E ainda iria colocar aquele chapéu idiota! Aliás, ond...

— Aqui está, meu bem. — disse o seu pai, entregando-lhe. — Achei que você iria gostar de ficar com ele.

A garota imitou seu jeito de colocá-lo, alisando a aba, e começou a rir. Deu uma gargalhada gostosa, de fazer doer a barriga. Cindy não aguentou e começou a rir também, juntamente com Bill. Claire sabia que, onde quer que ele estivesse, também estava rindo.

— Essa é pra você, babão. — sussurrou, enquanto saudava o vento com o seu chapéu. — Nunca vou te esquecer. — completou. Os brincos que ele dera balançavam em suas orelhas.





## 24: REVELAÇÕES

Guipara andava como uma louca de um lado para o outro. O intendente-chefe do palácio havia pedido sua ajuda. Ele não tinha a menor ideia do que preparar para as Ya'Més jantarem. Ela também não sabia, mas não disse isso. Ficou feliz em ser útil. Desde que voltou era tratada como uma enferma, o que sempre odiou. Seu braço ainda precisava ficar imóvel, mas ela não.

Conseguiu que os caçadores do palácio trouxessem uma boa caça de capivara, corte de primeira qualidade e muito apreciado em Akh'Ar. Mas ainda não sabia o que fazer com as bebidas, pois o carregamento de tarubá de açaí que encomendara aos melhores mercadores ainda não havia chegado. Os velhos chefes das casas de bebidas queriam dobrar o preço do barril, por conta da alta demanda inesperada. Em toda a cidade estouravam festividades em comemoração à Akh'Mé e à revelação das supostas herdeiras. O povo estava eufórico com as fofocas. Quem eram aquelas duas? Porque seriam as herdeiras?!

— Irina, não me interessa o que aqueles velhos dizem. A coroa pagará quatro uiraçus (moedas de prata) por cada barril, que é um preço mais do que justo. Se aqueles velhos não se dobrarem, digalhes que a guarda real da Akh'Mé os fará uma visita. E, pelo amor

que você tem às suas filhas, eu espero que a cerveja já tenha chegado nas mercadorias da manhã!

— Irei até lá agora mesmo, coniuuiara. N-não se preocupe. A cerveja já está resfriando para a noite. — respondeu a garota, assustada.

— Desse jeito a garota terá um ataque do coração. E você também. — Tweekaci aparecera na frente das duas, que ajoelharam-se na mesma hora.

— Perdoe-me, Akh'Mé. — dissera-lhe Guipara. — Só estou nervosa com os preparativos. Esse jantar precisa ser perfeito.

— E será. — respondeu, com naturalidade. — Irina, faça-me um favor e verifique o que a coniuuiara lhe pediu antes que ela exploda. — a ajudante de cozinha assentiu, assustada com a sua presença, tão próxima.

— Guipara, creio que isto lhe pertença. — a Akh'Mé mostrou-lhe um pequeno muiraquitã com seu nome escrito. — Preciso dizer que o garoto teve muita coragem em fazer o que fez.

— Obrigada, Vossa Graça. Senti falta disto. — respondeu, pegando seu amuleto de volta. — Mas o que Uruaqui fez? — perguntou, curiosa.

— Bom, ele disse-me que não conseguiu convencer as guerreiras que faziam a guarda na entrada do palácio, nem quando

lhes mostrou o seu amuleto, de modo que ele simplesmente escalou a pirâmide e tentou ir até a sala de audiências.

— Ele fez o quê?! — Guipara arfou, sem conseguir acreditar.

— Não se preocupe, o menino não se machucou. — adiantou Tweekaci, percebendo que ela estava para ter um treco. — Mas devo dizer que foi bastante corajoso. Não se intimidou nem quando a guarda o repreendeu na metade do caminho. O que me chamou a atenção até ele foram os gritos que ouvi.

— Mil perdões, alteza. Eu nunca pediria que alguém fizesse isso se não fosse...

— Você não tem nada do que se desculpar, minha filha. Foi graças ao pequeno Uruaqui que reencontrei a minha família.

Ao chamá-la de “minha filha”, a Akh’Mé não sabia que desencadearia uma emoção há muito guardada no peito de Guipara. A índia começou a soluçar e ajoelhou-se novamente aos seus pés.

— Perdoe-me, alteza. Por favor, me perdoe...

— Guipara, que houve?! — Tweekaci se assustara com aquela mudança repentina.

— Eu nunca, nunca quis... — então, contou-lhe tudo.

---

Cecília estava cansada, mas feliz. Feliz como nunca fora em toda a sua vida. Acabara de entregar suas filhas à enfermeira, que as deixaria na incubadora. Imaginou Bill olhando feito bobo as duas pelo vidro do berçário, e não conseguiu segurar o riso, embora fizesse doer cada centímetro do seu corpo. Mas aquela era a melhor dor que alguém poderia ter, pensava. Nem de longe chegava aos pés da imensa felicidade que sentia. Lembrou do que o médico lhe falou, sobre o descanso pós-operatório. Percebeu que estava muito cansada, e adormeceu quase instantaneamente.

Guipara entrara no quarto, sorrateira. Hesitantemente vestia-se como uma cari, embora se sentisse nua sem sua armadura ou suas armas. “Na cidade você não poderá portar suas armas, e deverá chamar o mínimo possível de atenção”, dissera-lhe o pajé guacari, que a acompanhava na viagem. Ela usava calças jeans, o que a deixou sem conseguir respirar direito. Não entendia como as mulheres cari usavam aquelas roupas grossas grudadas daquela maneira nas pernas. Como corriam?! Uma blusa de botões masculina, coturnos, um boné branco e uma mochila berrante completavam o seu visual.

A mestiça dormia em uma cama feita de metal, com vários aparelhos conectados ao seu corpo. *Bruxaria dos cari*, pensou, enquanto localizava o tubo transparente que o pajé lhe instruíra. “Você precisa encontrar um tubo transparente que contém um líquido igualmente transparente e que estará ligado ao braço da mulher. Nele você injetará o produto.” Encontrou-o sem problemas, metendo-lhe a agulha da seringa que trazia dentro da mochila. Despejou todo o veneno, que misturou-se ao soro fisiológico em instantes.

O pajé deixara-lhe claras instruções. "Aplique e suma. Vá até a cria e faça o mesmo. Não demore mais do que o suficiente dentro do quarto". Mas, ainda assim...

— Por que eu acho que te conheço? — perguntara a índia para si mesma.

Apesar de ter falado baixo, Cecília acordou-se e viu uma estranha em seu quarto a lhe encarar. Guipara congelou quando a viu acordada. Não esperava ter que olhar nos olhos da pessoa que mataria. Na verdade, ela nunca havia matado ninguém em toda sua breve vida como guerreira. Claro que foi treinada para fazer o que fosse preciso sem pensar duas vezes, e isso incluía tirar a vida de um ser humano. Na verdade, sentiu-se até orgulhosa por ser

escolhida para um trabalho fora da floresta, quando não tinha nem um ano de formada.

“É um serviço de extrema importância, e a Dithra-Mae precisa de uma guerreira nova. Por isso, Guipara, você foi escolhida. Foi a melhor da sua turma, e com certeza se tornará uma coniuquiara algum dia.” Ainda lembrava-se das palavras quando a conheceu. Nunca achava que conheceria a Dithra-Mae, a principal sacerdotisa, em pessoa. “Você irá para a cidade dos cari com o nosso ajudante. Sua missão, jovem guerreira, é silenciar para sempre uma mestiça e sua cria. Ela é filha de uma desertora e passou a vida inteira dentre os cari, e não toleramos que as icamiabas tenham filhos e vivam entre os cari”, dissera-lhe. Na verdade, Guipara achara a missão forte demais. Tudo aquilo só por causa de uma mestiça? Mas não lhe cabia argumentar, e sim executar.

— Quem é você? — perguntou-lhe a mestiça na língua dos cari.

— Não falo inglês. — respondeu-lhe a guerreira, como foi instruída a falar caso lhe perguntassem algo. Estava nervosa por não ter o seu punhal perto. Se sentiria mais segura.

Cecília percebeu que ela era índia, e tentou uma abordagem diferente. Perguntou-lhe novamente na língua indígena, torcendo que ela entendesse.

— Então você fala tupi? — Guipara sabia que não devia estar ali, e principalmente falando com ela. A essa hora já deveria ter ido atrás da criança, mas havia algo no olhar daquela mestiça.

— Falo, sim. Sou uma cabocla. Aprendi quando criança. Mas quem é você? — Cecília repetiu a pergunta. Fez uma careta de dor com as cólicas que sentia. Cada palavra era uma agulha enfiada na barriga recém-operada.

— Não sou ninguém, mestiça. E, em alguns segundos, você também não será.

— Mas o que... — Cecília não teve muito tempo para perguntas. O veneno começara a agir, e seu estômago doía como se ela tivesse engolido uma faca. Ela se contorceu com a dor, sabendo que não eram só cólicas.

Estranhamente, seus olhos começaram a brilhar, deixando Guipara atordoada. Cecília sentiu suas forças voltarem, e estranhou aquela sensação. Lembrou-se de certa vez, quando criança, também ter sentido aquilo. Ela fugia do cachorro de uma vizinha, que se soltou das amarras e a perseguia. Lembrou de ter se sentido leve, e de correr muito mais rápido do que o animal, que parou a meio caminho e fugiu dela. Aquela lembrança a fez sorrir por um segundo, antes de voltar sua atenção para a índia que estava ao seu lado.

— *Vou repetir pela última vez. Quem é você?* — assustou-se com a sua própria voz. Parecia falar em um microfone.

— Não é possível. Não é possível... — respondeu a índia, que ajoelhava-se na sua frente. — O que foi que eu fiz! Por Ya’Ci...

— *O que você está falando, mulher?! O que foi que você fez?* — e foi aí que Cecília teve sua primeira visão. Viu aquela mesma mulher entrando em seu quarto e injetando algo em seu tubo de soro fisiológico.

— *O que foi isso que você colocou em mim?!* — as luzes do quarto piscaram quando ela perguntou, e a sua voz parecia ainda mais forte.

— Perdoe-me! Por favor, Ya’Mé, perdoe-me! — ao chamá-la de Filha da Lua, Cecília teve a sua segunda visão. Nela descobriu o que aquele nome significava. Viu a sua mãe, que nunca conhecera, e a cidade que governava. Viu uma velha bruxa atacando-a e a destruindo, tomando conta de tudo. E viu a profecia. Ela revelou-se na sua frente. E também o que precisava ser feito. Quando voltou a si, a índia permanecia de joelhos, sem acreditar no que fizera.

— *Guipara,* — disse-lhe, sem saber como havia descoberto que o seu nome era aquele. — *não temos mais tempo. O veneno já corre em minhas veias, e o que me mantém viva é a força dos*



*deuses. Você foi enviada para me matar e matar as minhas filhas, mas você não irá terminar o serviço. Você entendeu?*

— Se eu soubesse quem era, alteza, nunca faria isso! Preferia perder a vida a trair a Akh'Mé! — e falava a verdade. Foi por sua lealdade que aceitara aquela missão. Até então, não sabia que a Akh'Mé havia tido uma filha.

— *Então jure, Guipara. Jure-me que, aconteça o que acontecer, você dirá às traidoras que lhe enviaram que você fez tudo o que elas lhe ordenaram. Diga-lhes que você aplicou o veneno, e que sufocou as crianças. A bruxa, ela precisa acreditar que minhas filhas estão mortas. Você entendeu?!*

— Sim, Ya'Mé. — disse-lhe, levantando-se. — Mas, que bruxa...

— *A medjia. Fula.*

Aquele nome fez os pelos da nuca de Guipara eriçarem. Então era a Dama da Noite que estava por trás de tudo. Cecília deitou-se novamente, visivelmente fraca. Guipara avançou e a segurou.

— *Não se preocupe comigo. Meu tempo aqui já acabou. Falarei com o pai das minhas filhas. Ele as protegerá até que seja a hora. Chegará o dia em que elas voltarão para a floresta e cumprirão o seu destino. Quando este dia chegar, a medjia fará de*

*tudo para destruí-las, e você deverá protegê-las, Guipara. Jure-me também isto, e irei em paz.*

— Juro pela minha vida, Ya'Mé. No que depender de mim, suas filhas crescerão no anonimato, e quando estiverem na floresta, as protegerei com a minha vida.

Uma enfermeira abria a porta do quarto naquele instante, trazendo uma bandeja de remédios. Viu uma garota debruçada ao lado da cama, e a paciente com os olhos brilhando. Deixou cair a medicação, abrindo a boca sem dizer nada.

— *Faça-me um favor.* — disse, olhando a enfermeira nos olhos. Ela pareceu perder momentaneamente o foco. — *Chame aqui o meu noivo. Logo. Eu estou morrendo. E esqueça o que você viu.* — a enfermeira assentiu com a cabeça, e seus olhos voltaram a focar em algo. Fechou a porta do quarto e saiu correndo.

— *Faça isso, guerreira.* — continuou Cecília, como se não tivesse sido interrompida. — *Lembre-se, você fez tudo o que foi mandada a fazer. Ganhe a confiança das traidoras para crescer e tornar-se uma coniupeiara. Você precisa ter influência. Quando a hora chegar, avise à Akh'Mé que suas netas estão vivas. Se ela souber disso antes, poderá ser perigoso. As traidoras poderão destruí-la. Lembre-se que o amuleto sagrado está comigo.* —

quando Guipara olhou em seus olhos, eles já voltavam ao normal.

— *Agora vá, suma daqui antes que seja vista.*

Guipara assentiu, e sem dizer mais nada correu. Antes de desaparecer pela escada de incêndio, olhou em direção ao quarto. Seus olhos encontraram os de um cari muito bonito. Ele parecia atordoado.

---

— Eu não sabia, alteza! Não sabia quem era ela. A Dithra-Mae enviou-me sem nenhuma informação além do necessário, eu...

— CHEGA! Chega, Guipara! Eu não... Não aguento ouvir mais nada. — Tweekaci precisou encostar-se na parede para não cair. Seu peito arfava como se tivesse corrido centenas de quilômetros pela floresta.

— Perdoe-me, Akh'Mé. — disse, uma última vez.

— Saia. Chame alguém da guarda, e mande prendê-la até segunda ordem.

— S-sim, Vossa Graça. — a guerreira fez uma reverência mecânica e saiu.

A cabeça de Tweekaci girava. Ela deslizou até sentar-se no chão. A súbita revelação fez as lágrimas, que nunca caíram antes por sua filha, jorrarem. Ela ainda acreditava, no fundo, que ela estava bem em algum lugar. Que o fato de suas netas terem aparecido era um sinal de que a sua filha descobrira a verdade e, finalmente, voltava para casa. Só não imaginava que a verdade teria lhe custado a vida. *Pelo menos ela cumpriu a sua promessa, pensou. Conseguiu trazer as herdeiras com segurança até aqui. Apesar de tudo, a verdadeira culpa não é dela. Preciso agir o quanto antes.*

Um dos seus guardas pessoais, um índio forte e robusto, corria em sua direção. Jogou a lança que segurava no chão, enquanto ajoelhava-se ao seu lado.

— Akh'Mé! O que aconteceu?! — perguntou, preocupado.

— Uma tontura, meu filho. Ajude-me.

Gerê surgiu na vida de Tweekaci quando tinha apenas 5 anos. Era a primeira vez que a nova Akh'Mé desfilava entre seus súditos, depois de passar os 13 dias de luto pela morte da sua mãe. Quebrando o protocolo, ela decidira também visitar todas as tribos vassalas, e ver pessoalmente como andavam suas provisões e proteção. Os caciques a tiveram na mais alta conta por causa de sua boa vontade. Numa pequena aldeia situada ao norte de Akh'Ar, uma das últimas visitas, Tweekaci quase morrera num bote

de uma cobra venenosa. Um garotinho pulou na sua frente no exato momento em que a cobra voava em sua direção. A primeira reação da guarda pessoal quase o matou, mas a Akh'Mé interveio a tempo. Foi a única que percebera a cobra enrolada no braço do menino. Rapidamente a matou com o seu punhal, mas ela já o havia mordido três vezes. O pajé da tribo disse que o menino não sobreviveria, mas ela não se deu por vencida, e o levou até Akh'Ar para que o seu curandeiro pessoal salvasse a vida dele.

Gerê não só sobreviveu como, misteriosamente, adquiriu resistência a muitos venenos da floresta. Twekaci deu-lhe a opção de viver entre os icamiabas e tornar-se um guerreiro, o que ele aceitou. Sua família foi trazida para viver na cidade, e viraram agricultores. Gerê tornou-se o primeiro guerreiro homem a fazer parte da guarda pessoal da Akh'Mé.

O índio a ajudou a deitar-se em seus aposentos, e chamou Maripuama. Ele deu-lhe um chá de sonhos, e ela acabou cochilando. Mas, antes de adormecer, pediu a Gerê mais um favor.

— Meu filho, avise ao intendente-geral que o jantar de hoje será mantido e que ao pôr-do-sol haverá uma reunião do conselho. E também traga-me Guipara até a reunião. Ela estará nas masmorras.

— Como deseja, alteza. — disse-lhe, fazendo uma reverência.



## 25: O COMEÇO DO FIM

— Oi. — ao vê-la falando tupi, Cauã abriu um sorriso que custou a manter, pois até a mandíbula lhe doía.

— É o muiraquitã? — perguntou. Quando respondeu negando com a cabeça, ele percebera. Ela fora apenas gentil em aprender a saudação em sua língua.

Cher havia entrado com uma bandeja contendo um prato de caldo forte de galinha, um pedaço de pão escurecido e uma caneca de suco de açaí. Cauã sentou-se com muito custo, sendo auxiliado por Ubiratã. O cacique explicou ao irmão o que continha na bandeja e deixou os dois a sós.

Ao perceber que ele bebeu metade do suco e não tocou na comida deixada no seu colo, Cher tentou persuadi-lo.

— Você precisa comer. — disse-lhe. Obviamente o índio não entendeu. Na verdade, ele não parava de olhá-la. — Você quer ajuda? E-eu posso dar as colheradas e... — a garota desatou a falar, como fazia quando ficava nervosa, e Cauã novamente pousou o indicador em sua boca. A garota não pôde deixar de sorrir.

— Eu vou comer, — disse, sem se importar se ela iria entender. — mas primeiro precisamos resolver um assunto inacabado.

Cauã forçou-se a ficar mais perto dela, mesmo que esse movimento fizesse doer todo o seu corpo. Cher inclinou-se em sua direção, e os lábios tocaram-se uma vez mais. Desta vez não houve gritaria nem confusão. O clima estava ameno, uma leve brisa perfumada entrava pela janela vinda dos bosques abaixo, e o melhor beijo que Cher já provara veio com gosto de açaí. Pelo menos naquele momento, sua vida estava perfeita.

---

O sol escondia-se atrás do caranaí do ar, deixando espaço para as primeiras estrelas da noite mostrarem seu brilho. Em toda a cidade tochas eram acesas, iluminando casas e ruas. As tendas de comida e bebidas abriam os serviços com os primeiros fregueses, que chegavam cansados do dia de trabalho. Claire e Cindy voltavam com Bill e Ubiratã do passeio que deveria durar apenas a manhã, mas que levou o dia todo.

Assim que saíram do palácio, pegaram um barco que mais parecia uma gôndola veneziana e seguiram rumo ao mercado. Pelos canais de Akh'Ar podia-se ir a praticamente qualquer lugar



da cidade. Lá observaram com verdadeira fascinação cada detalhe dos tecidos, especiarias e artesanatos à venda. As meninas se impressionaram com as araras multicoloridas que faziam um barulho infernal, e com os saguis que vinham até elas pedir comida. Ao saber quem eram aquelas pessoas, os vendedores se acotovelavam para mostrar as melhores peças e oferecer os presentes mais sofisticados à Ya'Mé e sua amiga. No almoço, comeram tartaruga e camarões de água doce pescados na hora em uma das tendas do mercado. A dona do estabelecimento, uma mulher corpulenta e fedida a peixe, recusou-se a cumprimentar a Ya'Mé, pois não havia se preparado para a ocasião. Não deixou de berrar alguns palavrões ao seu marido, que não a havia avisado de tão ilustre visita, e que nem ao menos havia limpado o lugar. Claire não entendera o que os berros significavam, mas ficou aliviada quando Ubiratã lhe disse que a mulher não viria cumprimentá-la. Deu medo só de ver a maneira como ela despachou o pobre homem.

À tarde eles seguiram para o gigantesco templo que reinava no centro da cidade. O caranaí do sol era o maior e o principal dos templos icamiabas. Entraram e viram a imensa esfera dourada que brilhava com a luz solar e as pessoas que lá rezavam. Um dithe

ordenava a alguns jovens noviços que a esfregassem com mais vigor.

— Akh precisa iluminar a todos nós com o maior brilho que vocês consigam. Esfreguem como se fosse a última coisa a fazer na face da terra! — Ao perceber a entrada do peculiar grupo, aproximou-se.

— Os deuses são muito bons por terem permitido a sobrevivência da nossa dinastia. É um imenso prazer finalmente conhecê-la, Ya'Mé. — disse, fazendo uma saudação fria e de falsa cortesia. Sua voz fez Claire se arrepiar. Ao contrário do resto do povo, o dithre não dobrou os joelhos para ela. Os sacerdotes não se ajoelhavam para os governantes.

— Igualmente, senhor. — respondeu Claire, após Ubiratã ter traduzido o que ele dissera.

— Oh, uma herdeira que não sabe a língua do seu povo. Pergunto-me como imagina conseguir a confiança dele? — para a surpresa de todos, o sacerdote falou-lhe em inglês.

— O senhor sabe a minha língua?

— Criança, não seja tola. Nós vivemos reservados no meio da floresta por opção e proteção. Não é por isso que deixamos de estudar. Todos os dithres aprendem as línguas dos cari. Alguns falam latim e suas variantes, enquanto outros, como eu, preferem

aprender as línguas anglo-saxônicas. Como o seu inglês, caso não saiba.

Algo no modo como falava fez Claire sentir-se amuada.

— Sei muito bem de onde vem a minha língua. *Senhor*.  
— finalizou, tentando pôr desdém na voz.

— Acho melhor continuarmos o passeio. Não iremos mais incomodá-lo. — disse-lhe Bill, com fria cortesia.

O velho apenas olhou-os com uma indiferença irritante e deu-lhes as costas, voltando a reclamar da maneira como duas garotas limpavam as colunas.

— Não se preocupem, aquele velho vive amargo porque nunca conseguiu deixar de ser o responsável da limpeza dos templos. Então desconta em todos. — explicou-lhes Kitara, a guerreira que os acompanhava.

Ao chegarem no palácio, quatro guerreiras os esperavam.

— Vocês foram convocados pela Akh'Mé para comparecerem imediatamente na reunião do conselho.

— Na reunião de um conselho? — Bill perguntou, confuso.

— Parece-me um conselho do governo, pelo que ela disse.  
— respondeu-lhe Ubiratã. — Deve ter acontecido algo.

As guerreiras os levaram até uma pequena sala que ficava logo abaixo do grande salão vazado no topo do palácio. Ela não

possuía janelas e, embora fosse grande e alta, parecia opressora. Estava iluminada por poucas tochas, que esfumavam o ambiente. Entraram pela porta principal, mas perceberam que atrás do cadeirão de carvalho onde a Akh'Mé se sentava existia uma segunda porta, menor.

À frente dela uma enorme mesa circular de grossa madeira de lei estava ricamente adornada por uma pintura que mostrava a floresta como uma espécie de mapa. Além de Twekaci, sentavam-se à mesa Yná, a mestre-de-armas; a coniuquiara da guarda real, a Dithra-Mae, a mestre dos escribas e o mestre das moedas. Para o conselho ficar completo, ainda faltava o intendente-geral, que por causa do jantar ainda não aparecera. Sentados em um estrado próximo, Cher e Rud aguardavam. O professor estava pálido e parecia abatido. Ele não saiu da cama todo esse tempo. Ao entrar no recinto, Claire foi saudada por todos, que se levantaram. A velha Dithra-Mae foi a única que permaneceu sentada, juntamente com a Akh'Mé. Todas as guerreiras que montavam guarda ao redor da sala fizeram-lhe uma reverência. Ela e seu pai sentaram ao lado de Cher, enquanto o professor foi até outro estrado sentar-se com Ubiratã e Cindy. O intendente-geral chegou às pressas logo em seguida.

— Perdoem-me o atraso. Espero não ter atrapalhado tanto. — disse, fazendo uma reverência à Twekaci. — Peço-lhe licença, minha mãe, para finalmente conhecer minhas sobrinhas antes de começarmos a nossa reunião. — ao dirigir a palavra às meninas, falou em inglês com um sotaque bastante carregado. — Creio que vocês devam ser Cheryl e Claire. É um imenso prazer conhecê-las. Sou Akum, seu tio. — disse, com um imenso sorriso nos lábios.

— Tio? Quer dizer, irmão da nossa mãe? — perguntou Cher, ansiosa. Assim como nunca tiveram avós, também nunca haviam tido tios e tias. Seu pai era filho único. O mais próximo de um tio que tinham era justamente o padrinho delas, Rud. Akum sabia falar inglês, já que fora criado para ser um dithre. Desistiu por não aguentar ver sangue.

— Sim, pequena! Veja que graça que são! Muito parecidas com a minha mãe quando era mais nova, mas possuem olhos da cor de uma esmeralda. Belas! — o intendente-geral era um corpulento homem em seus 40 anos. Vestia tecidos coloridos e usava brincos e muitas pulseiras douradas. Ao abraçar as garotas, estas puderam sentir um perfume doce. Akum era o único filho oficial de Twekaci.

— Ótimo, meu filho. Finalmente pôde conhecer as suas sobrinhas. Estávamos a sua espera.

— Mais uma vez, mil perdões, Sua Graça. Mas o banquete de boas-vindas às nossas herdeiras não pode esperar.

— Entendo, meu filho. Não é problema. Não pretendo demorar com esta reunião, afinal. Ubiratã, faça-me o favor, sim?

— Claro, Sua Graça. — respondeu-lhe o cacique, que a ajudaria a traduzir tudo que dissesse.

— Reuni o conselho e abro esta sessão para julgar uma guerreira icamiaba em caráter de máxima urgência. Gerê, por favor, traga a prisioneira.

Ao entrar na sala com Guipara ao seu lado, todos ficaram espantados. Mas quem mais parecia desconfortável era a velha Dithra-Mae, que olhava o tempo inteiro para a porta de saída, como quem quisesse muito ir ao banheiro.

Gerê a deixou no meio da sala, enquanto voltava para o lado de Twekaci.

— Guipara, você tem a chance de confessar o que fez. Tem a chance de explicar a duas crianças o motivo de elas terem crescido sem a mãe. — A Akh'Mé parecia falar com um ódio contido na voz.

Cher e Claire gelaram quando ouviram a tradução. O que Guipara sabia sobre a mãe delas?

A índia voltou seu olhar para as Ya'Més e o pai delas, que a encaravam confusos. Uma lágrima rolou por seu rosto quando começou a contar. Contou-lhes toda a história que havia dito mais cedo à Tweekaci. No rosto das meninas a incredulidade virou perplexidade e revolta. Bill a interrompeu no meio das suas palavras, levantando-se e gritando com ela.

— Como você pôde?!

Duas guerreiras foram até ele, pedindo de forma pouco cordial (empurrando) que se sentasse novamente e aguardasse.

— Perdoem-me, Ya'Més. — pediu a índia, que se ajoelhava. — Fui apenas uma ingênua ferramenta de um complô.

— Guipara, você poderia explicar isso melhor? — perguntou Tweekaci, calmamente.

— Sim, Sua Graça. — a índia levantou-se, e passou a encarar duas pessoas distintas dentro da sala. — Eu era apenas uma novata. Tinha conseguido vaga no corpo de guerreiras há menos de um mês, mas já havia me destacado dentre as minhas colegas de turma. Quando fui convocada pela coniupeiara da guarda real e pela Dithra-Mae para uma missão externa, quase não pude me conter de tanta felicidade.

“A mulher que se diz principal representante dos deuses me ordenou a tirar a vida de uma mestiça que havia dado à luz, e que também tirasse a vida da sua cria.”

— Mas isso é um ultraje! Quem esta traidora pensa que é para me acusar desta maneira?! A Akh'Mé não pode permitir que essa loucura continue! Eu devia...

— Você devia calar essa boca, Hathidja! — Tweekaci levantou-se, ao que todos calaram-se instantaneamente.

A Dithra-Mae ficou tão atordoada com o grito que recebeu que não conseguiu falar mais nada.

Cher estava com repulsa, a ponto de vomitar. Claire olhava incrédula para Guipara, com lágrimas brotando dos olhos.

— Eu ainda tentei argumentar. — continuou. — Não encontrava na minha cabeça um motivo forte o suficiente para cometer tal ação. Mas a coniuquiara ordenou-me que não questionasse os motivos da sacerdotisa, e cumprisse as ordens sem titubear.

Desta vez foi a coniuquiara que a interrompeu. A índia, em um impulso, tentou correr e fugir pela porta dos fundos, mas rapidamente Gerê a imobilizou.

— Largue-me! Você não tem o direito de me tocar, mitshek! — ela o chamou por uma palavra muito feia, que Ubiratã não



soube traduzir. Gerê não moveu-se um centímetro sequer, e Guipara continuou:

— Imaginei que, provavelmente, a cria seria de algum rico comerciante, ou quem sabe de algum homem importante da corte. Também estranhei o meu companheiro de viagem. O pajé da tribo guacari foi o meu tutor na aplicação do veneno que matou a Ya'Mé.

Dessa vez Ubiratã demorou a traduzir, sem acreditar no que ouviu.

— O pajé da *minha* tribo?! Por que ele faria isso?! Não é possível, eu...

— Por favor, cacique. Ouça o que a prisioneira tem a dizer. — disse-lhe gentilmente Twekaci.

— Sinto informar, cacique, mas o seu pajé também estava entre os traidores. — comentou. — Foi ele quem me passou o veneno. — e disse, olhando novamente para as meninas. — Jurei à mãe de vocês que daria a minha vida, se necessário, para mantê-las a salvo. E foi graças a ela que as Filhas de Ci estão vivas e poderão continuar a linhagem.

Depois que duas guerreiras seguraram Guipara pelos braços, Twekaci levantou-se para dar o seu veredicto.

— Minhas filhas, sei que é muito difícil para vocês entenderem, e o que Guipara fez foi imperdoável. Sempre temos a escolha de fazer o certo, independentemente das ordens que recebemos. Mas, ao meu ver, a guerreira tentou se redimir, conseguindo trazer vocês duas sãs e salvas para o meu lado.

“Precisamos ver quem são as verdadeiras culpadas nesta história. Aquelas que estavam por todo esse tempo mancomunadas com a medjia que queria o poder icamiaba para si. Guerreiras, sei que isso será difícil, mas quem ordena é a Akh’Mé. Prendam a Dithra-Mae e a coniuquiara da guarda real por alta traição e assassinato da Ya’Mé. Ambas terão seus julgamentos aos olhos de Akh amanhã. Quanto à Guipara, perderá o título de coniuquiara e seguirá prisioneira até segunda ordem.”

As vinte guerreiras que estavam no recinto fecharam-se contra as duas traidoras, que nada puderam fazer. A velha Hathidja saiu esbravejando que era a representante da deusa Ya’Ci, e que iria fazer cair as estrelas do céu como bolas de fogo na cidade, matando todas as que ousassem tocá-la. A coniuquiara saiu escoltada por cinco guerreiras, e sabia que, apesar de talentosa, não conseguiria escapar.

— Era você no hospital. Era você! Como pôde?! — seus olhos pareciam possuídos. Bill trouxe à tona a recordação daquela fatídica noite, e finalmente tudo fez sentido na sua cabeça. Estava em frente à Guipara, e deu-lhe um tapa no rosto. A índia baixou a cabeça, sem dizer nada.

Aos poucos, a sala foi ficando vazia. Bill saiu abraçado com suas duas filhas e o restante do grupo, que os seguiram. Os membros do conselho ainda conversaram um pouco com a Akh'Mé, perplexos com tantas revelações. Mas, ao final, Guipara encontrou-se a sós com ela. Seus olhos estavam vermelhos e inchados quando Twekaci a encarou de tão perto que a índia sentia a força que emanava dela. Ela ordenou que as duas guerreiras que faziam a guarda da prisioneira esperassem do lado de fora.

— Nunca irei perdoá-la pelo que fez. Entendo sua inocência diante da traição, mas você cometeu assassinato mesmo assim. Você matou a minha filha.

— Eu jamais esperaria seu perdão, Akh'Mé. — disse, sincera. Não conseguia olhá-la nos olhos.

— Mas você terá direito a um julgamento público, e eu acatarei o que for decidido. E não permanecerá como prisioneira nas

masmorras por muito tempo. Amanhã você vai conseguir fugir. Precisarei de toda ajuda possível para o que está por vir.

— Não entendo. — olhou-a novamente, confusa.

— Você acha que o Conselho dos Treze deixará passar a prisão da Dithra-Mae sem nenhuma retaliação?

Twekaci fizera uma jogada inteligente, mas perigosa. Com a confissão de Guipara, mandou prendê-las por traição. A coniuquiara não teria nenhuma força a seu favor, já que a guarda é fiel à Akh'Mé, mas com os dithres era diferente. Os sacerdotes sempre tiveram uma força política muito forte. Em mais de uma vez foram responsáveis diretos pela queda ou ascensão de um novo Akh'Ur ou Akh'Mé. E nunca foram a favor de Ci ou de suas novas leis. Inclusive estiveram ao lado de Fula, defendendo o seu filho como novo Akh'Ur.

— Só a minha confissão não é suficiente. — entendeu.

— Infelizmente, não. Será um escândalo, isso é certo. Com certeza Hathidja perderá o cargo, mas não sei se conseguiremos mantê-la presa sem alguma prova contundente. O pajé guacari morreu, o que nos deixou com você e a coniuquiara como testemunhas. Ambas igualmente acusadas e sob julgamento. Infelizmente, a palavra de uma traidora não terá o valor necessário. — apesar de tudo, Guipara sentiu-se magoada ao ser

chamada de traidora. — Haverá ajuda. Na noite mais fechada, você vai fugir. Esconda-se e aguarde o meu sinal. Minhas filhas ainda precisarão de todos que lhe forem fiéis.

Twekaci já saía da sala do conselho quando Guipara lembrou-se. Claro! Como pôde esquecer? Não eram apenas a Dithra-Mae e a coniuquiara que estavam no caranaí no dia em que fora convocada e recebera sua missão. Aquele era o dia da limpeza!

— Espere, Ak...! — tentou gritar, mas não teve tempo. Uma mão fechou-se sobre sua boca exatamente naquele instante, o que fez seu grito abafar-se. Na mão também estava um pedaço de pano úmido, que exalava um cheiro forte e estranho. Foi a última coisa que Guipara lembrou antes de desmaiar.

## EPÍLOGO

Jean Bressant tentava dormir dentro da cabine da nau francesa onde seguia viagem. O mar nunca foi para ele. Cansou de vomitar e de vomitar novamente durante a viagem. Praguejava contra os monstros marinhos toda vez que expelia até a última gota de bile no mar. A parte boa era a perda de peso. Quando voltasse à Europa, todas as donzelas da sua cidade iriam olhá-lo com outros olhos. Talvez até deixassem que ele as deflorasse, como o seu irmão. Se voltasse. Não tinha muita certeza do que o aguardava naquelas terras hostis.

Uma gritaria generalizada o acordou quando finalmente pegara no sono. Ao sair, percebeu que o dia clareava, e desistiu de voltar para a cama. Puxou o marinheiro mais próximo e perguntou de que se tratava toda a algazarra, ao que ele lhe avisou que os homens haviam capturado uma canoa. Era como chamavam os barcos dos nativos.

Foi ver o achado, encontrando um moribundo estirado. Pelas vestes, podres e carcomidas, viu que tratava-se de um frei. Um dos homens levou o rosto até o nariz, e percebeu que ele ainda respirava. Jean não soube dizer com que milagre, mas o homem estava vivo. Seu rosto, pernas e braços estavam em carne viva,

queimados pelo sol e já meio comidos pelos muitos insetos que depositaram seus ovos nas entranhas. Ele não quis ver como deveria estar o corpo dentro das vestes. Nessas horas não invejava nem um pouco os bravos homens que viajavam para as guerras. Nunca teve estômago para aguentar certas visões; ou cheiros. O odor que subia do corpo quase morto era insuportável. A amurada mais próxima estava contra o vento, o que fez o vômito voltar para o seu rosto enquanto tentava despejá-lo mar abaixo.

Os homens levaram o frei para dentro e lavaram-lhe o corpo, tentando salvar-lhe o que pudessem. Só se deram ao trabalho por ser um homem santo. Caso contrário serviria de comida aos monstros que ali nadavam. Amputaram-lhe o braço direito, que pelo visto fora usado para proteger o rosto do sol. O pé esquerdo também precisou ser removido, pois estava gangrenado. Passou-se uma semana até que chegassem na costa do lugar que hoje conhece-se por Guiana Francesa. A missão de Jean Bressant era o de catalogar com o máximo de detalhes a região, de modo a deixar a coroa francesa a par do cenário que gostariam de conquistar. Na noite seguinte ao desembarque, o frei acordou. Jean foi o primeiro a lhe falar.

— Vejo que o senhor está bem. — era mentira. Talvez não durasse a viagem da volta. A carne apodrecida fora removida, e o

homem estava só pele e ossos. O buraco onde antes havia o olho direito era um abismo negro.

O homem não falou. Apontou para sua boca, onde três dentes mantinham-se não se sabia como, para mostrar que também não havia língua. Ela foi cortada fora. Jean entregou-lhe alguns pergaminhos e um pedaço de carvão. O frei era canhoto, embora tenha aprendido e escrevia com a mão direita. Canhotos não eram bem vistos na sociedade. Agora não tinha alternativa.

*Nosso Senhor é bondoso. Deveria estar morto,* escreveu.

— Talvez o senhor não sobreviva. Essas travessias infernais são péssimas companheiras.

*Nome?*

— Meu nome não é importante, frei. Basta saber que sirvo à França. Não deveria deixá-lo vivo, mas meus homens consideram um milagre o senhor assim estar. Posso eu saber quem és e de onde vinha naquele barquete de índios?

*Temo ter sido o único sobrevivente de uma expedição. Meu nome é Gaspar de Carvajal.*

— Uma expedição espanhola? De qual delas o senhor fala? Nossos amigos espanhóis são bastante ativos nestas terras esquecidas por Deus.



*Servi ao capitão Orellana. Uma boa alma, mas que não deve ter conseguido o que queria.*

— E o que ele queria?

*Ora, senhor, o que querem todos eles?*

---

No meio de uma região quase inabitada de vida animal existe uma grande caverna, meio escondida por rochas e árvores gigantescas. O acesso a ela é quase impossível para o homem, o que a torna um excelente esconderijo para o maior e mais perigoso dos animais. No fundo da caverna existe um imenso lago subterrâneo, onde milhares de peixes e algas fluorescentes fazem um belo espetáculo de luzes. No fundo deste lago, incrustado nas rochas, uma pedrinha verde começou a brilhar.